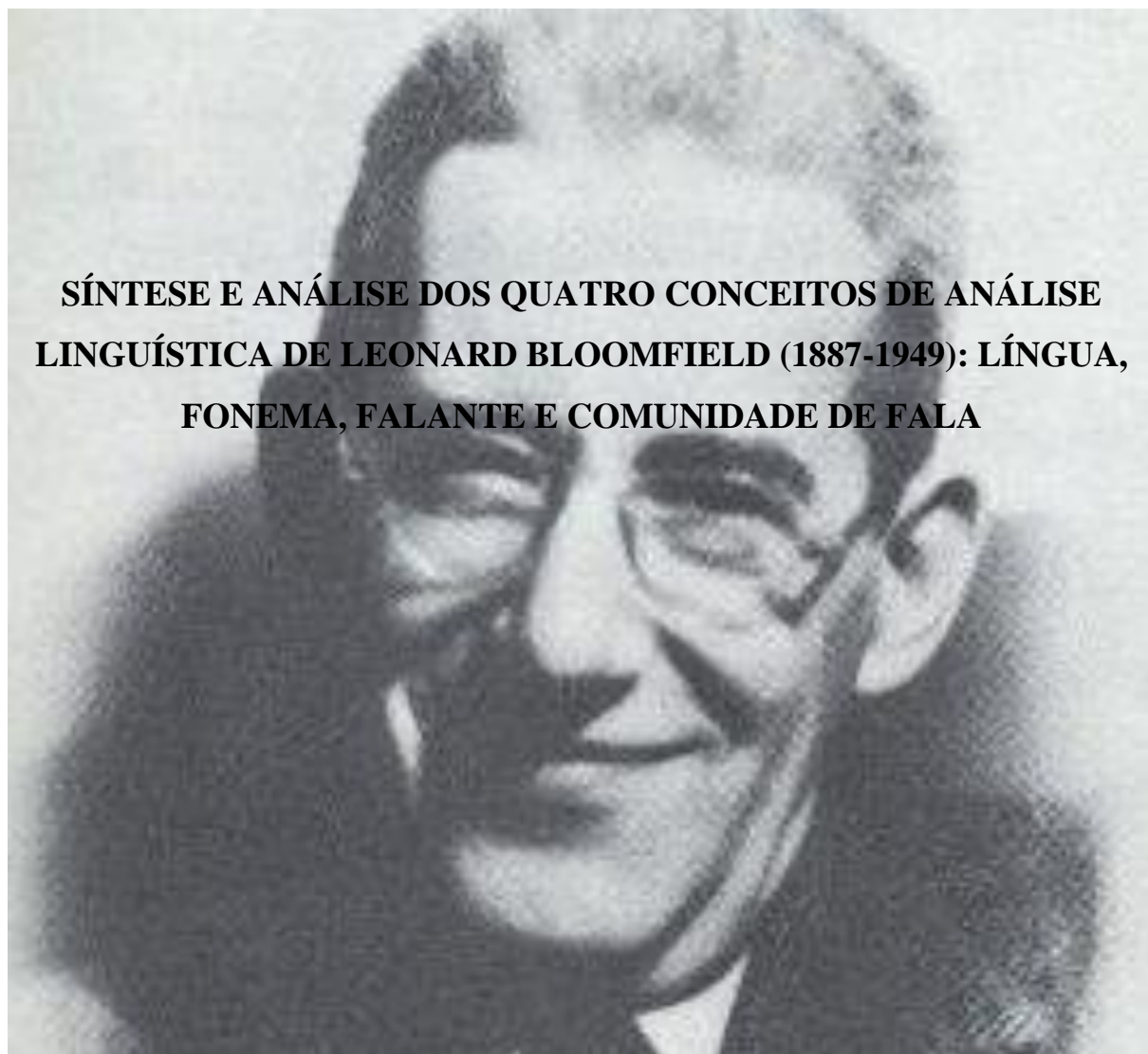




**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA**

**HELDA NÚBIA ROSA**



**GOIÂNIA – GOIÁS**  
**2020/2**

**HELDA NÚBIA ROSA**

**SÍNTESE E ANÁLISE DOS QUATRO CONCEITOS DE ANÁLISE  
LINGUÍSTICA DE LEONARD BLOOMFIELD (1887-1949): LÍNGUA,  
FONEMA, FALANTE E COMUNIDADE DE FALA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística,  
como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de doutora em  
Linguística.

Orientador: Professor Dr. Sebastião Elias Milani

**GOIÂNIA - GOIÁS**  
**2020/2**

**HELDA NÚBIA ROSA**

**SÍNTESE E ANÁLISE DOS QUATRO CONCEITOS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA  
DE LEONARD BLOOMFIELD (1887-1949): LÍNGUA, FONEMA, FALANTE E  
COMUNIDADE DE FALA**

Tese apresentada a Universidade Federal de Goiás, como parte das exigências para a obtenção de título de Doutora em Linguística.  
Goiânia, 18 de dezembro de 2020.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Presidente: Dr. Sebastião Elias Milani  
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários  
Faculdade de Letras – UFG

---

Professora Dra. Greize Alves da Silva  
Programa de Pós-Graduação em Letras – UFT

---

Professor Dr. Daniel Marra da Silva  
Programa de Pós-Graduação em Letras – UFT

---

Professora Dra. Tânia Ferreira Rezende Santos  
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários  
Faculdade de Letras – UFG

---

Professora Dra. Juliana Guimarães Faria  
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários  
Faculdade de Letras – UFG

**SUPLENTE**

---

Professora Dra. Olga Ferreira Coelho Sansone  
Departamento de Linguística  
FFLCH– USP

---

Professor Dr. Leosmar Aparecido da Silva  
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários  
Faculdade de Letras – UFG

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro pela força vivente para prosseguir.

A meus pais, Abadio e Fátima, que sempre apoiaram minha vida estudantil com amor, conselhos, acreditando que eu poderia ser mais e melhor. Sem eles e por eles eu não teria conseguido.

A meus irmãos Renata, Jarbas, Lucas, Walquiria que sempre acreditaram em mim, dando-me força e motivos para continuar nessa jornada árdua. Muito obrigada!

A Cleide, minha cunhada, por ser sempre tão colaborativa. Obrigada!

A meu ex-aluno, colega de profissão e amigo de todas as horas, Cloves da Silva Junior, meu agradecimento incondicional por acreditar mais em mim do que eu mesma. Gratidão pelo tempo gasto em longas conversas telefônicas ou pessoalmente. Grata por você ser um profissional tão competente e confiante numa educação restauradora e transformadora.

A Maria Luiza Carvalho, minha psicóloga, pelo apoio emocional, pelas palavras amigas, pelo incentivo e credibilidade. Você é verso puro, carrega amor e entrega flores por onde passa.

A meu orientador Dr. Sebastião Elias Milani pelo apoio emocional, espiritual, profissional, educacional. Nossas orientações eram mais que simples trocas de informações, foram lições de vida. Gratidão eterna por todo apoio que recebi durante todos esses onze anos de convivência! Esperança num mundo mais digno, convicção de que o ser humano pode e será melhor do que é, sensibilidade, força, fé, inteligência e doação resumem você!

Meus sinceros agradecimentos a professora Dra. Tânia Rezende pelas palavras amigas e de conforto. Você foi e é uma pessoa muito especial na minha vida e de todos que passaram pela sua com certeza.

A meu amigo Evandro Rosa pela ajuda imensurável em vários momentos. Gratidão!

Aos colegas e alunos do Colégio Estadual Carlos Alberto de Deus pelo incentivo, por terem me recebido de volta de braços abertos e pela amizade de longa data.

Aos colegas e alunos da FacUnicamps que acolheram-me e acreditaram no meu potencial enquanto profissional comprometida com a educação e com a formação de novos profissionais. Meu muito obrigada!

*“The most difficult step in the study of language is the first step.”*

Bloomfield (1933, p. 21).

## RESUMO

Leonard Bloomfield (1887-1949), professor, linguista e antropólogo norte-americano. Suas obras *An Introduction to the Study of Language* (1914) e *Language* (1933) são modelos de manuais de linguística, pois Bloomfield teve a intenção de elaborá-los na perspectiva de que pudessem servir como fonte para os futuros linguistas, para tanto, compilou conceitos de estudiosos da língua que pesquisaram sobre fonética, fonêmica, fonologia, morfologia e sintaxe. Além dessas duas *A postulates of Language* (1926) apresenta uma série de axiomas referentes aos temas supracitados. Esmerando-se por compreender, selecionar e organizar as pesquisas feitas pelos comparatistas e neogramáticos, trabalho iniciado a partir da obra de 1914 e concluído com a publicação de 1933. As obras de Bloomfield foram exemplares no que tange à descrição da língua. Bloomfield (1933) fez uma síntese sobre o interesse do ser humano pelo estudo da língua desenvolvido desde a época clássica até o século XIX, procurou demonstrar como a fonética e a fonêmica são relevantes para a compreensão dos conceitos apontados em suas obras. A partir das observações da comunidade de fala, Bloomfield pôde definir, pautado na antropologia e na psicologia, o conceito de fonema. Os linguistas do Círculo Linguístico de Praga consideraram aceção de fonema de Bloomfield a melhor apresentada e, por essa razão, Trubetzkoy incluiu-o no tratado de fonologia do Círculo. Temas como gramática e lexicologia são trabalhados por Bloomfield em suas obras. Com relação aos fonemas e aos taxemas, Bloomfield definiu-os como arranjos gramaticais dispostos em várias combinações e usados diariamente pelos falantes no sentido de formar a língua e apresentar o sentido da palavra. A sintaxe e a semântica apresentam uma lógica admitida pelos falantes de uma comunidade de fala, a fim de efetivar a comunicação, tanto uma quanto outra estão dispostas na comunidade e são reconhecidas pelos seus membros, um estrangeiro teria dificuldades em compreendê-las. Outro fator relevante para a compreensão de como a língua acontece e instala-se na comunidade amparada pela cooperação dos falantes são os empréstimos linguísticos, os quais podem ser culturais, dialetais e íntimos. Eles estabelecem as relações entre comunidades de fala distintas, firmando entre elas uma troca linguística que pode tanto ser benéfica quanto maléfica para a comunidade. Em partes, o falante é quem assume junto com seu grupo social a responsabilidade de tomar uma palavra, uma expressão ou uma sentença por empréstimo, no entanto, por outro lado, quando trata-se de empréstimo íntimo ou intimidador, uma comunidade é tida como mais forte em detrimento de outra que deverá, obrigatoriamente, assumir a língua estrangeira, é uma demonstração de poder. Quanto aos conceitos discutidos por Leonard Bloomfield, em todas as suas obras, há quatro que conduzem todas as discussões iniciadas a partir da observação empírica e do método criado por Bloomfield para a descrição da língua. Sendo assim, os conceitos são referentes à língua, instrumento que difere os seres humanos, tornando-os capazes de transformarem o pensamento em comunicação interpessoal. Os fonemas revelam a identidade do falante e da comunidade, expõe as sutilezas da língua que são observáveis pelos próprios falantes ou por um linguista que tenha a intenção de descrevê-las. A comunidade de fala é o grupo social coeso e unido pela língua e pelos fonemas semelhantes produzidos por seus membros. Um comunidade de fala tem a missão de proteger a língua falada por ela, transmiti-la aos membros mais jovens e preservá-la de modo que seus falantes não se percam em sua própria sintaxe, léxico ou semântica. Os falantes são indivíduos doutrinados para falarem a língua da comunidade, obedecer às regras impostas por ela e não deturpar a ordem dos fatos linguísticos. São eles que fazem a língua acontecer por meio da fala, traço identitário da comunidade, contudo, não estão autorizados a burlar as regras da comunidade sob pena de serem mal interpretados ou incompreendidos. As obras dele concentram-se nesses pilares porque é substancial que toda comunidade possua sua própria língua constituída a partir de peculiaridades inerentes aos falantes que dela fazem uso. Esta tese apoia-se nos quatro conceitos relevantes para a compreensão do indivíduo como parte integrante de um conjunto maior capaz de preservar seus costumes linguísticos por uma questão de manter a identidade do grupo. Bloomfield foi pioneiro no que tange ao reconhecimento do grupo linguístico, a comunidade de fala, fator importante para a linguística do século XX que pode aperfeiçoar o conceito e criar novos ramos da linguística. Em suma, cabe aqui possibilitar o conhecimento e reconhecimento de Leonard Bloomfield como precursor de um novo método linguístico.

**Palavras-chave:** Leonard Bloomfield. Conceitos bloomfieldianos. Identidade linguística. Método empírico.

## **ABSTRACT**

Leonard Bloomfield (1887-1949), American professor, linguist and anthropologist. His works *An Introduction to the Study of Language* (1914) and *Language* (1933) are models of linguistics manuals, as Bloomfield intended to elaborate them in the perspective that they could serve as a source for future linguists, for this purpose, he compiled concepts of language scholars who researched on phonetics, phonemics, phonology, morphology and syntax. In addition to these two A postulates of *Language* (1926) presents a series of axioms related to the aforementioned themes. Striving to understand, select and organize the research carried out by comparators and neogrammatics, a work that began with the work of 1914 and concluded with the publication of 1933. Bloomfield's works were exemplary with regard to the description of the language. Bloomfield (1933) made a synthesis about the interest of the human being in the study of the language developed from the classic time until the 19th century, tried to demonstrate how phonetics and phonemics are relevant to the understanding of the concepts pointed out in his works. Based on the observations of the speech community, Bloomfield was able to define, based on anthropology and psychology, the concept of phoneme. The linguists of the Prague Language Circle considered Bloomfield's phoneme to be the best presented and, for this reason, Trubetzkoy included it in the Circle's phonology treatise. Themes such as grammar and lexicology are worked on by Bloomfield in his works. With regard to phonemes and taxemes, Bloomfield defined them as grammatical arrangements arranged in various combinations and used daily by speakers in order to form the language and present the meaning of the word. The syntax and semantics present a logic admitted by the speakers of a speech community, in order to effect communication, both are arranged in the community and are recognized by its members, a foreigner would have difficulties in understanding them. Another relevant factor for understanding how the language happens and settles in the community supported by the cooperation of the speakers are the linguistic loans, which can be cultural, dialectal and intimate. They establish relations between different speech communities, establishing a linguistic exchange between them that can be both beneficial and harmful to the community. In part, the speaker is the one who assumes with his social group the responsibility to borrow a word, an expression or a sentence, however, on the other hand, when it comes to an intimate or intimidating loan, a community is seen as stronger at the expense of another that must, necessarily, assume the foreign language, is a demonstration of power. As for the concepts discussed by Leonard Bloomfield, in all of his works, there are four that lead all discussions started from the empirical observation and the method created by Bloomfield for the description of the language. Therefore, the concepts refer to language, an instrument that differentiates human beings, making them capable of transforming thinking into interpersonal communication. Phonemes reveal the identity of the speaker and the community, expose the subtleties of the language that are observable by the speakers themselves or by a linguist who has the intention of describing them. The speaking community is the social group cohesive and united by the language and similar phonemes produced by its members. A speech community has the mission of protecting the language spoken by it, transmitting it to the youngest members and preserving it so that its speakers are not lost in their own syntax, lexicon or semantics. Speakers are indoctrinated individuals to speak the language of the community, obey the rules imposed by it and not distort the order of linguistic facts. They are the ones who make the language happen through speech, the identity of the community, however, they are not allowed to circumvent the rules of the community under penalty of being misinterpreted or misunderstood. His works are concentrated on these pillars because it is substantial that every community has their own language constituted by peculiarities inherent to the speakers who use it. This thesis is based on the four concepts relevant to the understanding of the individual as part of a larger group capable of preserving their linguistic customs for the sake of maintaining the group's identity. Bloomfield was a pioneer in the recognition of the linguistic group, the speech community, an important factor for 20th century linguistics that can improve the concept and create new branches of linguistics. In short, it is here to enable the knowledge and recognition of Leonard Bloomfield as a precursor to a new linguistic method.

**Keywords:** Leonard Bloomfield. Bloomfield concepts. Linguistic identity. Empirical method.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1 LEONARD BLOOMFIELD E A LINGUÍSTICA NORTE-AMERICANA</b>	<b>23</b>
<i>1.1 Leonard Bloomfield: Linguista por Opção</i>	<b>25</b>
<i>1.2 O Método: Explicação e Fatos Linguísticos por Meio da Psicologia</i>	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO 2 A APLICAÇÃO DO MÉTODO DESCRITIVO NOS CONCEITOS DE LÍNGUA E FONEMA</b>	<b>45</b>
<i>2.1 A Língua como Instrumento de Comunicação</i>	<b>46</b>
<i>2.2 Apontamentos sobre Fonética e Fonêmica</i>	<b>58</b>
<b>CAPÍTULO 3 OS CONCEITOS DE COMUNIDADE DE FALA E FALANTE</b>	<b>69</b>
<i>3.1 A Definição de Comunidade de Fala, segundo Leonard Bloomfield</i>	<b>69</b>
<i>3.2 A Comum Unidade do Falante</i>	<b>77</b>
<i>3.3 As Funções do Significado para a Comunidade e o Falante</i>	<b>86</b>
<b>CAPÍTULO 4 OS EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS REFORÇAM A IDENTIDADE DA COMUNIDADE DE FALA E DO FALANTE</b>	<b>100</b>
<i>4.1 Dialetoleologia Geográfica e suas Implicaturas na Comunidade de Fala</i>	<b>102</b>
<i>4.2 Empréstimos Culturais e por Intimidade</i>	<b>124</b>
<b>CAPÍTULO 5 A RECEPÇÃO DOS CONCEITOS DAS OBRAS DE LEONARD BLOOMFIEL NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E NO BRASIL</b>	<b>133</b>
<i>5.1 O Conceito de Fonema e sua Ressonância na Linguística</i>	<b>134</b>
<i>5.2 As Reverberações dos Conceitos de Língua e Comunidade de Fala</i>	<b>143</b>
<i>5.3 Os Conceitos de falante e Comunidade de Fala repercutidos na Linguística</i>	<b>165</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>175</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>183</b>



## INTRODUÇÃO

O linguista norte-americano Leonard Bloomfield (1887-1949) conseguiu sintetizar suas pesquisas a partir de quatro temas que são os conceitos de língua, de comunidade de fala, de falante e de fonema. Toda a sua produção intelectual está pautada sobre esses conceitos e configuram um percurso metodológico especialmente criado para compreender o funcionamento de cada um *in loco*, uma vez que as pesquisas tinham cunho empírico.

Ressalta-se, neste trabalho, a importância de dois desses temas condutores de toda a produção intelectual de Leonard Bloomfield e não apenas os dois manuais elencados aqui. Os conceitos de língua e de comunidade de fala condensam toda a obra de Bloomfield e, por esse viés, é possível compreender as pesquisas realizadas por ele e os motivos de terem sido tão relevantes para a linguística do século XX.

Bloomfield veio de uma tradição de filólogos em língua germânica, além de sua proximidade com as pesquisas antropológicas de Franz Boas (1858-1942). Somados, esses conhecimentos, possibilitaram fazer de Leonard Bloomfield um linguista mecanicista e empirista, cuja maior contribuição para a linguística norte-americana foi a criação de um método próprio de pesquisa. O método baseava-se na observação das comunidades de fala com a finalidade de entender o funcionamento delas por meio da fala.

A comunidade de fala é um conjunto de pessoas com objetivos similares e reunidas em torno de um modo de falar semelhante, cujos fonemas possuem traços parecidos e, por essa razão, configuram a identidade linguística da comunidade. Os falantes estão imbuídos na tarefa de ensinar a língua da comunidade aos membros mais novos, bem como de mantê-la, preservá-la, a fim de que a individualidade da comunidade não tenha alterações bruscas.

Além do trabalho de observação *in loco*, Bloomfield compilou os estudos linguísticos dos cinquenta anos anteriores, ou seja, de meados do século XIX até início do século XX. A profissão de professor claramente mostrava que ele estava preparando o caminho para os futuros linguistas e possíveis interessados no assunto. Portanto, o objetivo de ensinar, direcionar o caminho por meio do método criado por ele, está mantido na opção por fazer manuais.

Bloomfield escreveu inúmeros artigos, obras sobre ensino de línguas e outros três textos que destacaram-se pela genialidade com que trabalha os conceitos de língua e comunidade de fala. O primeiro texto foi o *An Introduction to the Study of Language* escrito em 1914, alguns anos depois de Bloomfield ter recebido o título de doutor pela Universidade de Chicago e antes

de ir estudar na Europa onde conheceu linguistas de diversas áreas e estudou novas teorias que permitiram-lhe reformular essa obra mais tarde.

Em 1926, Bloomfield publicou *A set of postulates for the science of language*. Esse texto mostrou que os postulados e os axiomas são referentes às ciências como a Matemática, no entanto, ao trabalhar com esses conceitos, pôde definir o que tem dependência ou interdependência com relação a termos como os morfemas, o sentido, os fonemas, enfim às categorias da fala.

*A set of postulates for the science of language* (1926) não se constitui um manual, mas algumas considerações a respeito daquilo que foi observado nas comunidades de fala. As observações culminaram numa série de descrições e observações sobre o uso da língua e, como os falantes estão habituados a isto, é bastante natural que eles apropriem-se dos morfemas e fonemas para produzirem novas palavras que tanto podem ser criações dos falantes como adaptações feitas a partir de outra língua ou dialeto.

Depois de ter voltado da Europa, Bloomfield publicou o texto *Language* (1933), o qual teve reconhecimento de muitos estudiosos do século XX e XXI, norte-americanos, europeus e brasileiros. Esse texto destacou-se por condensar os conceitos mais relevantes de suas pesquisas, inclusive o de comunidade de fala e o papel do falante. Foi a partir dele que a linguística descritiva amparou-se para destacar os pontos mais relevantes no estudo da fala.

Portanto, o que pretende-se provar é como Bloomfield chegou ao conceito de comunidade de fala e quais os impactos dela para o falante. Algumas perguntas direcionarão a pesquisa, a fim de serem respondidas e analisadas. Em primeiro lugar, comunidade de fala e os falantes fazem parte do mesmo nível de discussão? Qual o papel da língua nesse contexto? Em segundo, o termo comunidade de fala é de responsabilidade de Leonard Bloomfield? Por fim, como Bloomfield associou o fonema à identidade da comunidade de fala?

O entrecruzamento desses questionamentos se dará a partir da Historiografia Linguística. Esta tese se concentrará nos vinte primeiros anos do século XX período em que se destaca a maior parte da produção intelectual de Leonard Bloomfield, principalmente os três textos elencados anteriormente. Tendo como espaço a América do Norte onde Bloomfield nasceu, viveu, estudou e realizou pesquisas que contribuíram para que a linguística daquele período se destacasse da linguística produzida na Europa.

O percurso espaço/temporal possibilitará uma visão mais acurada dos acontecimentos linguísticos, os quais foram pertinentes para as descobertas realizadas por meio de uma metodologia pautada na empiria e que demonstrará resultados pertinentes para os interessados

no assunto e também resultará na ciência da língua, mais especificamente. Sendo assim, estabelece-se um recorte para o que se pretende investigar nessa tese.

A pesquisa desta tese será desenvolvida a partir dos três textos mencionados anteriormente: *An Introduction to the Study of Language* (1914), *A set of postulates of the Science of Language* (1926) e *Language* (1933) e terá cinco capítulos. O primeiro capítulo é uma forma de situar Leonard Bloomfield na linguística norte-americana. Para tanto, Bloomfield será apresentado e também suas motivações para ter tornado-se linguista, sua produção intelectual e como ela se destacou no cenário daquele início de século.

Com essa finalidade, o Estruturalismo Linguístico será destacado porque Bloomfield é considerado, por diversos teóricos da linguística, um precursor do Estruturalismo na América. Justifica-se, pois parte de tudo que foi aprendido deveu-se aos ensinamentos do também estruturalista Franz Boas, nesse caso, constitui-se uma continuidade conceitual e a ruptura metodológica legitima-se pela criação do método empírico de Leonard Bloomfield que possibilitou a configuração dos conceitos de língua e comunidade de fala.

A partir do segundo capítulo, dois temas foram escolhidos para servirem como análise e prerrogativa a respeito do que constituía para Leonard Bloomfield, professor e pesquisador, um paradigma de análise linguística. Os conceitos de comunidade de fala e fala são tomados como pontos de referência para a obra do autor e, portanto, merecem destaque para que seja de fácil compreensão a lógica usada por ele para chegar à definição de ambos.

Além disto, ainda nesse capítulo, é preciso dizer sobre o conceito de língua de Bloomfield. Ele não criou um novo conceito, apenas absorveu conceitos já existentes e moldou-os com a finalidade de esclarecer a íntima relação entre a comunidade e a língua falada por ela. A língua representa exatamente o que a comunidade é, seus preceitos, anseios, costumes. A vida inteira desse conjunto de falantes, isto é, afigura os hábitos dos falantes e transforma-se na identidade deles.

O segundo capítulo tratará sobre os conceitos de língua e fonema em Leonard Bloomfield sob a perspectiva de que os dois são responsáveis pela identidade linguística dos falantes de uma comunidade de fala. A identidade é criada por meio da constituição das diferenças trazidas pelos fonemas que são únicos para cada grupo de falantes, ainda que haja mais de um grupo que fale a mesma língua.

O terceiro capítulo contemplará a importância do fonema e seus traços distintivos na constituição da comunidade de fala. Bloomfield era estruturalista e descritivista, esperava, portanto, que as explicações sobre os fatos da língua fossem dadas por meio de materialidades

condensadas na articulação dos fonemas. Os fonemas conferem certa similitude à comunidade de fala configurando-se em identidade também.

A fonética já tinha um longo percurso, muitos pesquisadores haviam feito trabalhos sobre os sons da língua e descrito o aparelho fonador. As crianças, desde o nascimento, começavam a imitar os sons produzidos pelos seus antecessores, estava provado que elas nasciam com a capacidade física para reproduzir os sons, no entanto, Bloomfield analisou também os traços similares na produção dos sons da comunidade e conseguiu distinguir as peculiaridades do que a fonologia nomeou fonema.

O quarto capítulo terá como fim verificar a identidade linguística do falante por meio dos empréstimos linguísticos. A identidade é o conjunto de características exclusivas de uma comunidade de fala e que é transmitida por meio das gerações, através dos hábitos. Os empréstimos linguísticos agem como agentes estranhos que pretendem minar a estabilidade da comunidade e enfraquecer o caráter identitário, no entanto, o falante e a comunidade são os empecilhos para que isto ocorra.

O falante não pode modificar a língua da comunidade, uma vez que a individualidade é inerente à comunidade e não ao falante. Isto sugere que a língua só pode ser modificada mediante o consenso de todos os falantes nativos de uma determinada comunidade. Ainda que seja somente um empréstimo, caso a comunidade não se interesse por adotá-lo, não pode acontecer como uma forma de garantir que a individualidade da comunidade não seja alterada em nenhuma hipótese.

Enfim, no quinto capítulo, pretende-se demonstrar a recepção dos conceitos de comunidade de fala, língua e falante trazidos por Leonard Bloomfield para os textos de professores de linguística da segunda metade do século XX, bem como das duas primeiras décadas do século XXI. É preciso demonstrar a repercussão desses temas nos Estados Unidos da América e no Brasil, a fim de que resgate-se a notoriedade negada a Bloomfield.

Assim, será possível comprovar a real contribuição dos textos de Leonard Bloomfield até a metade do século XX, quando outras teorias o suplantaram, contudo não se pode negar que o conceito de comunidade de fala não foi abandonado e nem muito menos substituído configurando-se num legado indelével para todas as gerações futuras de linguistas, inclusive no século XXI. Nessa vertente, admite-se o prestígio de Bloomfield entre os estudiosos da linguística e o valor das pesquisas dele.

### *Advertências Teórico-Metodológicas*

Assim como a língua é um produto histórico-social, tudo o que ocupa o universo do falante também o é. O homem é um ser histórico que merece ser estudado, assim como também tudo o que ele produz. A fim de que se alcance a amplitude do conhecimento e do reconhecimento dos significados do homem, sua interdisciplinaridade e característica enciclopédica, nasce o fazer historiográfico e o historiógrafo. Então, para fins pedagógicos, há a necessidade de uma breve contextualização a respeito da historiografia e da historiografia linguística.

A historiografia iniciou-se na história. Os historiadores preocupados com as problemáticas do campo começaram a entender que o texto é uma riqueza potencial a qual acumula as vivências de um povo que devem ser contadas, a fim de que se torne “[...] um patrimônio próprio da memória das sociedades [...]”, de acordo com Malerba (2008). A Teoria da História avançou nos séculos XVIII e XIX, tendo Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) como maior expoente, inserido no grupo dos pensadores alemães que promoviam discussões filosóficas intensas. Nesse período, os historiadores procuravam compreender como as sociedades funcionavam, tentavam explicar a evolução do tempo e sua história.

Karl Marx (1818-1883) compreendia a sociedade e seu funcionamento com relação à economia, à política e à própria constituição social. Marx está na continuidade do trabalho realizado durante o século XIX, mas sua contribuição consiste na materialidade da sociedade de classes. Não contente com o método da história, Wilhelm Dilthey (1833-1911) elevou essa discussão a outro patamar, portanto, pode-se dizer que “o século XX fez avançar a reflexão e, da abertura da história às ciências sociais, resultou a revolução na concepção do tempo histórico e na metodologia da disciplina – e os *Annales* são os exemplos mais distintos desse movimento”, conforme Malerba (2008, p. 12). A escola dos *Annales* aspirava criar a Nova História, livre das divergências individuais e convergida para o desenvolvimento de seu tempo.

Lucien Febvre (1878-1956) e Marc Bloch (1886-1944), ambos franceses, foram os iniciadores da Revolução Francesa da Historiografia. Embora tivessem interesses distintos, Febvre gostava muito de geografia histórica e era especialista no século XVI, enquanto Bloch interessava-se por política contemporânea, conseguiram encontrar um interesse comum por meio dos debates realizados, por eles e outros pesquisadores, na faculdade de Estrasburgo onde trabalhavam, segundo Burke (1997).

As conversas tinham características interdisciplinares a respeito da história, uma vez que pesquisadores de várias áreas puderam participar e contribuir com o resultado delas. Dentre os participantes, encontravam-se o psicólogo social Charles Blondel (1876-1939), o sociólogo Maurice Halbwachs (1877-1945), o estudioso de literatura Henri Bremond (1865-1935), o sociólogo Gabriel Le Bras (1891-1970) e o historiador e arqueólogo André Piganiol (1883-1968).

As discussões estimuladas por Febvre e Bloch foram o primeiro passo para a criação da Escola dos *Annales*. Depois disto, Febvre idealizou um projeto de revista sobre a história econômica que foi abandonado e, em 1928, Bloch trouxe à tona novamente. A intenção era criar uma revista que seria dirigida por Henri Pirenne (1862-1935), historiador influente na criação da historiografia. Como Pirenne recusou a oferta, Febvre e Bloch assumiram como editores.

Originalmente chamada *Annales d'histoire économique et sociale*, tendo por modelos os *Annales de Géographie* de Vidal de la Blache, a revista foi planejada, desde o seu início, para ser algo mais do que uma outra revista histórica. Pretendia exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica. Seria o porta-voz, melhor dizendo, o alto-falante de difusão dos apelos dos editores em favor de uma abordagem nova e interdisciplinar da história (BURKE, 1997, p. 33).

Essa nova abordagem consistia num método novo de se fazer história, contando-a a partir da interdisciplinaridade. Febvre e Bloch romperam com o modelo pré-estabelecido e já aceito para fazer uma nova história e constituir conceitos e métodos próprios para o fazer historiográfico. A preocupação era fugir do lugar-comum de endeuçamento de alguns feitos, objetivando tornar o povo protagonista da própria história. A história passou a ser analisada sob o prisma de todas as outras disciplinas, um ganho para a modernidade.

Os cientistas estavam tão acostumados a ver o mundo sempre sobre o mesmo ângulo, que se esforçavam para caberem nos paradigmas inflexíveis, portanto não sabiam como fazer diferente. No entanto, de acordo com Kuhn (2001, p. 45), “a ciência normal não tem como objetivo trazer à tona novas espécies de fenômeno; na verdade, aqueles que não se ajustam aos limites do paradigma frequentemente nem são vistos”. A historiografia reconstrói a história a partir do contexto da época, focando na interpretação dos fatos e, ressaltando o que estava além dos limites paradigmáticos.

A historiografia está centrada não no fenômeno em si, mas em como é observado e de que modo produz o conhecimento. Prevê rupturas metodológicas com a finalidade de perceber que nem tudo é linear, imutável e inflexível. No prólogo da obra de Burke (1997), Nilo Odália disse que se a história estava submersa no clima de opinião de uma época, em seu contexto,

significava dizer que não era mais possível continuar a fazer história do modo convencional. Os novos historiadores concebiam a história como produto do próprio tempo, rompendo com o passado para cumprir as exigências do novo homem, nesse novo tempo.

A necessidade de que a história fosse mais prática e abrangente partia das novas necessidades do homem, cuja complexidade de emoções, sentimentos e vivências não se podia mensurar de forma tão rasa. Fazer uma nova história seria redescobrir o homem e suas implicaturas na realidade histórica em que se insere. Portanto, os preceitos de Febvre e Bloch, para esse novo momento, estavam evidenciados na eliminação das especificidades e particularidades, na promoção da diversidade de ideias e na interdisciplinaridade, também tinha o intuito de favorecer a união das ciências.

Nesse percurso da historiografia dos *Annales*, foram três as gerações de historiógrafos. A primeira delas surgiu a partir das contribuições de Febvre e Bloch e da criação da revista. A segunda, liderada por Fernand Braudel (1902-1985) historiador, professor da Universidade de São Paulo, que tinha como preocupação situar os “[...] indivíduos e eventos num contexto [...]”, segundo Burke (1997, p. 47). Para ele, os eventos acontecem como “perturbações superficiais”, por isso é preciso que o historiógrafo mergulhe mais fundo.

Após 1968, surgiu uma terceira geração de historiógrafos que não poderia ser ignorada. Seus principais iniciadores foram André Burguière (1938) e Jacques Revel (1942) que assumiram a administração dos *Annales*. Essa geração destacou-se por não ter tido uma liderança ativa e dominante como tiveram as anteriores e também devido às mudanças intelectuais ocorridas no período. Burke (1997, p. 79) trouxe um dado importante ao dizer que “a terceira geração é a primeira a incluir mulheres, especialmente Christiane Klapisch [...] Arlete Farge [...] Mona Ozouf [...] Michèle Perrot [...]”.

Diferente das outras duas, a terceira geração modificou o panorama da própria história ao incluir um diálogo mais aberto e dinâmico na tradição dos *Annales*, que nasceu genuinamente francesa, mas antes mesmo da Segunda Guerra Mundial havia se disseminado por outros cantos como a Bélgica e a Grã-Bretanha. Durante a era Braudel tanto a revista quanto o movimento tornaram-se conhecidos por toda a Europa, depois a América e chegou ao Brasil devido às aulas ministradas pelo próprio Braudel na Universidade de São Paulo (1935-1937). Gilberto Freyre (1900-1987), considerado um conhecedor de várias ciências, foi um dos seguidores dos ensinamentos de Braudel.

Os *Annales* difundiram conceitos, abordagens e métodos para outros campos, derrubaram as fronteiras geográficas e sociais, fizeram história. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, associando a história e a linguística, Konrad Koener (1939), repensou o fazer

linguístico pautado apenas na descrição de fatos da língua para compreendê-la como um produto de um tempo, um espaço determinado e de um falante pré-constituído. Isto é, a língua nasce e acontece em virtude de um contexto e de agentes que usam-na na comunicação efetiva.

Portanto, reconhece-se a necessidade de a realidade linguística estruturada ser estudada sob o prisma da historiografia linguística objetivando o estudo do texto como monumento “[...] reconhecido por representar um pensamento dentro de uma sociedade e por ser produzido em uma língua”, segundo Milani (2011). A escolha da historiografia linguística como aporte metodológico consiste em delimitar um tempo e um espaço, nos quais uma ideia ou um sujeito se enunciou refratando as práticas de uma época e de uma sociedade.

A historiografia reconstrói a história à luz do contexto da época, focando na interpretação dos fatos a partir daí e, por isso, trazendo à tona o que estava além dos limites paradigmáticos. Ela está centrada não no fenômeno em si, mas em como é observado e de que modo produz o conhecimento. Prevê rupturas metodológicas com a finalidade de perceber que nem tudo é linear, imutável e inflexível.

Segundo Koener (2014), quanto às atribuições do historiógrafo linguístico, este deve estar familiarizado com o contexto, com a situação socioeconômica, com os fatores extralinguísticos entre outros fatores que podem ter influenciado na maneira como as ideias linguísticas se colocaram num determinado momento da história. Por outro lado, Carl Becker (1873-1945) defendia a ideia de que há um clima de opinião formado num recorte espaço-temporal que permite que as ideias circulem de um determinado modo e não de outro. Então, Koener resumiu que sobre os pilares lançados por Kuhn e Becker, a Historiografia Linguística assentou-se.

A historiografia linguística que proponho tem uma missão importante a realizar dentro da disciplina como um todo. O facto de a história da linguística poder perfeitamente constituir uma chave muito valiosa para uma melhor compreensão e apreciação da história das ideias em geral só pode reforçar o seu significado (KOENER, 2014, p. 12).

Fundamentalmente, espera-se que o historiógrafo possa reconstruir o ideário linguístico de um determinado recorte temporal. Trata-se, portanto, de estabelecer pela ótica do historiógrafo uma linha de raciocínio contínua que o levará a compreender e escrever a respeito de determinado contexto cultural, social através do tempo para reconstruir um corpus linguístico. Interessa saber onde, como e por que a história da linguística aconteceu de um modo e não de outro dadas as condições para o momento que se insere. Enfim, “[...] a Historiografia da Linguística como disciplina à vocação científica que tem como principais objetivos



descrever, explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural”, de acordo com Altman (1998, p. 25).

Desde as primeiras décadas do século XX, a preocupação com a Historiografia da Linguística foi motivo de preocupação, estudos e discussões, ao que tudo indica, atualmente essa questão já está bem resolvida. Contudo, é preciso ter clareza quando se trata de investigar o conhecimento linguístico, uma vez que ele é bastante recente. No entanto, o interesse pela língua e suas implicaturas surgiu a partir do momento em que o ser humano toma consciência de que possuía uma língua e começou a registrar suas indagações a respeito dela, ou seja, o conhecimento linguístico não está associado ao nascimento da Linguística, mas a tudo sobre os fatos linguísticos já investigados pelo ser humano.

#### *A Historiografia Linguística em Goiás e Minha Afiliação*

A fim de que se possa compreender melhor a Historiografia Linguística no Brasil, é importante dizer que se iniciou na Universidade de São Paulo (USP). Atualmente existe lá um grupo chamado CEDOCH<sup>1</sup> criado em 1994 e coordenado pela professora e pesquisadora Dra. Cristina Altman, um expoente da Historiografia Linguística no Brasil. O grupo tem por fim preparar novos historiógrafos e dar suporte para aqueles que ingressam por esse caminho.

O CEDOCH tem como finalidade promover eventos, organizar banco de dados, catalogação e constituição de acervos relativos ao contexto e produto da pesquisa linguística no país, primordialmente. O grupo é bastante ativo tendo participado e publicado em eventos nacionais e internacionais e seus membros variam de doutores a alunos de iniciação científica.

Em Goiás, outro grupo se destaca pelo pioneirismo e comprometimento com a Historiografia Linguística. O grupo IMAGO foi fundado em 2006 e é coordenado pelo professor e pesquisador Dr. Sebastião Elias Milani, que tem mestrado e doutorado pela USP, mas realiza suas pesquisas atualmente como professor efetivo do Curso de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG). A abordagem desse grupo difere um pouco daquele de São Paulo, pois a metodologia pode ser divergente, já que há sempre ruptura metodológica, embora não fuja dos padrões estabelecidos por Koener.

De acordo com Milani, a historiografia proposta pelo grupo IMAGO prevê a discussão e adaptação de alguns conceitos que o historiógrafo deverá escolher para realizar sua pesquisa.

---

<sup>1</sup> Centro de Documentação em Historiografia Linguística.

Eu pertencço ao grupo de Goiás e filio meus conceitos e metodologia ao viés proposto pelo grupo IMAGO, do qual sou membro. Sendo assim, minha pesquisa será alicerçada pelas diretrizes propostas por Milani (2011).

[...] conceitos de continuidade conceitual e ruptura metodológica, fontes marcadas e não marcadas na obra, instância da enunciação e instância do enunciatário, e as relações indivíduo e sociedade, liberdade e opressão, discurso e língua, conhecimento, sociedade e língua e criatividade, indivíduo e discurso (MILANI, 2011, p. 13).

A historiografia prevista pelo grupo IMAGO tem como prática a ciência linguística e compreende o indivíduo e sua enunciação como um único texto em que se percebe a refração das experiências vividas e, por meio da língua, a cultura é transportada e caracterizada como a essência da realidade vivenciada. O recorte espaço-temporal é imprescindível para que se faça uma boa leitura do contexto e das fontes marcadas e não marcadas no texto, a imanência e a latência dos conceitos, a continuidade e a ruptura.

Assim como o CEDOCH, o grupo IMAGO participou de muitos eventos nacionais e internacionais e fez muitas publicações em periódicos, livros, e-books. Atualmente, conta com membros da graduação e da pós-graduação, também pesquisadores doutores de outras instituições como o Instituto Federal (IF), Universidade Federal do Tocantins (UFT), Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Vários pesquisadores iniciaram suas carreiras acadêmicas por meio do grupo IMAGO e, depois disto foram para outras instituições, inclusive outros estados, continuam fazendo historiografia linguística sob a perspectiva do grupo. Sou membro deste grupo desde 2009, quando ingressei no mestrado da Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. No período que compreende os anos de 2009 a 2011, desenvolvi um trabalho sobre as gramáticas normativas no contexto educacional brasileiro desde 1907, quando a primeira gramática genuinamente brasileira foi escrita por Eduardo Carlos Pereira (1855-1923), até fins do século XX.

Sempre estive participativa no grupo e, em 2017, retornei efetivamente com um projeto de doutorado, também pela Universidade Federal de Goiás. O objetivo era construir uma historiografia sobre Leonard Bloomfield, linguista norte-americano, pouco conhecido no Brasil devido a não tradução de seus textos para a língua brasileira. Era preciso torná-lo um pouco mais notado e atribuir-lhe um mérito que lhe foi negado quando não se popularizou no país.

Além do meu trabalho, dentro do IMAGO, outros trabalhos bastante relevantes foram desenvolvidos como dissertações de mestrado: *A construção dos conceitos de língua e linguagem em Saussure e Benveniste numa perspectiva historiográfica cronológica* (2008), por

Rômulo da S. V. Rodrigues; *A Teoria Glossemática de Louis Hjelmslev numa Perspectiva Historiográfico-Linguística* (2010), por Jonas Pereira Lima; *O Percorso Historiográfico-Linguístico das Paixões* (2011), por Janice Alves Gomes. Teses de doutoramento: *Whitney, Saussure, Meillet e Labov: implicações metodológicas e conceituais da noção de língua como um fato social para os estudos linguísticos* (2012), por Daniel da Silva Marra; *Historiografia-Linguística dos métodos de estudos sobre aférese no Brasil* (2012), por Raquel Peixoto Ferreira Vieira; *Historiografia-Linguística de Émile Benveniste* (2016), Rômulo da S. V. Rodrigues, entre outras publicações como artigos em revistas especializadas e livros.

### *A historiografia de Leonard Bloomfield*

Recolher os documentos, analisá-los à luz da Historiografia, interpretar os contextos e reconhecer as continuidades conceituais e as rupturas metodológicas é a função do historiógrafo. Para esta tese, foram escolhidos três textos de Leonard Bloomfield, já mencionados anteriormente, num recorte temporal de duas décadas quase, de 1914 a 1933, início do século XX, em que o clima de opinião refratava uma sociedade disposta a novas descobertas e interessada em pesquisas linguísticas e antropológicas, numa clara tentativa de compreender melhor o indivíduo e a língua falada por ele.

Nesse contexto, Bloomfield será tratado como continuidade conceitual de vários pesquisadores como Wilhelm von Humboldt (1767-1835), Willian D. Whitney (1827-1894), Franz Boas (1858-1942), Wilhelm Wundt (1832-1920) e Albert Paul Weiss (1879-1931). E ruptura metodológica por ter criado o próprio método de análise e observação da comunidade de fala e modo de descrição da língua.

Sendo assim, pretende-se mostrar que o clima de opinião da época estava voltado para o estudo do indivíduo, da comunidade de fala, da língua falada e dos fonemas particulares de cada dialeto. O ideário linguístico contemplava as questões inovadoras naquele panorama de início do século em que as ideias linguísticas norte-americanas fervilhavam e que Leonard Bloomfield despontava como expoente.

A trajetória do indivíduo, firmado enquanto falante e como integrante de uma comunidade de fala, envolve a todos num mesmo grupo social que pensa, age e fala de forma similar. A comunidade é o espaço para o desenvolvimento da língua e da fala, mantendo e replicando as peculiaridades linguísticas, inclusive fonéticas, sendo regulada pelo

comportamento vinculado ao que é social, prático, cultural, sem isto não haveria comunidade e nem comunicação efetiva entre os falantes.

Com relação à língua, ela é o fator fundamental, o elo entre o indivíduo e a comunidade de fala. Sem a qual não haveria comunicação ou, pelo menos, não uma tão prática e eficiente como aquela produzida por meio dos sons articulados. Bloomfield afirmou que se o indivíduo não tivesse uma língua, ainda assim haveria outras formas de comunicação, contudo, nunca seria uma forma tão produtiva quanto a fala, as palavras condensam toda a significação mesmo as metafóricas.

Os fonemas, sons articulados facilitadores da comunicação entre os seres humanos, é também uma discussão importante para Bloomfield que reconhece as sutilezas as quais diferem os fonemas de uma e outra língua, formando os dialetos. O linguista norte-americano colaborou com a definição do fonema e, por meio da empiria, caracterizou-os como uma composição de feixes significativos e, por uma mudança simples qualquer, podem se tornar um alofone. O conceito de alofone ainda não era conhecido, mas a aplicação dele sim.

As obras em questão, neste trabalho, serviram para colocar Leonard Bloomfield num lugar privilegiado no que se refere ao estruturalismo linguístico americano e à criação de um método próprio de se fazer linguística. No entanto, foi a metodologia fundamentada na psicologia comportamentalista de Wilhelm Maximilian Wundt (1832-1920) e behaviorista de Albert Paul Weiss (1879-1931) que o tornou único naquele contexto.

A interação entre as linguística e psicologia foi muito profícua para os estudos bloomfieldianos. Leonard Bloomfield apropriou-se dos conceitos da psicologia e aplicou-os à pesquisa descritiva da língua e da comunidade de fala, assim foi possível estabelecer uma conexão entre a língua e os falantes bem como a constituição da comunidade como um lugar comum e que configura-se como a identidade daqueles que partilham o mesmo dialeto.

Bloomfield constatou essas aproximações e definiu esses conceitos porque pôde inserir-se nas comunidades de línguas ágrafas ameríndias e desse lugar investigou, analisou, verificou as sutilezas da língua no que tange não somente à fonética e à fonologia, mas também à morfologia, sintaxe e semântica. Os hábitos dos falantes são transmitidos de geração para geração, cada falante é um professor de língua materna em potencial e replica seus conhecimentos aos demais falantes.

A Europa tinha uma tradição linguística e avançava rumo à modernidade, enquanto a América do Norte dava seus primeiros passos alicerçados pela contribuição de Willian Dwight Whitney, o qual colaborou muito nesse sentido. Whitney era professor primário americano que

pesquisava a aquisição da língua e sua constituição junto ao falante. Suas turmas de crianças do ensino infantil serviram como *corpus* para a pesquisa realizada por ele.

O legado de Whitney estendeu-se a Maurice Bloomfield (1855-1928), linguista e tio de Bloomfield. Maurice foi aluno de Whitney e responsável por propagar suas ideias sobre a linguística. Além de Maurice, Franz Boas (1858-1942), antropólogo alemão erradicado nos Estados Unidos da América também foi herdeiro das ideias de Whitney e, posteriormente, construiu seu próprio legado, quando preparou para os estudos antropológicos Edward Sapir e Leonard Bloomfield.

Tanto Sapir quanto Bloomfield começaram por estudar as línguas ameríndias. O primeiro se deteve em estudá-las do ponto de vista estritamente antropológico, já o segundo, preferiu atuar como linguista que empiricamente observou a fala da comunidade linguística e procurou descrever seus hábitos e costumes por um método de análise próprio iniciando, por assim dizer, o estruturalismo linguístico norte-americano.

Em suma, Leonard Bloomfield realizou um trabalho como educador e linguista, foi continuidade conceitual das ideias de Whitney e, por conseguinte, ruptura por ter conseguido, por meio do seu próprio mérito, alavancar as pesquisas linguísticas, sem copiar o modo de fazer dos europeus. Ensinou como fazer e tornou-se um visionário com relação à necessidade de mostrar que a linguística também poderia ser desenvolvida do outro lado do Atlântico.

O governo americano contribuiu para que isto se tornasse uma realidade financiando parte de suas pesquisas. Bloomfield contou inclusive com o apoio das universidades em que trabalhou. Em muitos momentos, sofreu retaliações com relação ao seu modo estruturalista de pensar e de categorizar o que realmente importava saber naquele princípio de século, em que ele dava seus primeiros passos. Noutros momentos foi admirado e conseguiu adeptos de seu método linguístico.

Com ou sem apoio com relação ao que fazia, o que vale ressaltar é que sem ele o caminho teria sido outro bem mais árduo. Bloomfield fez o trabalho de resgatar fontes importantes e arrumá-las, propositadamente, distribuídas, a partir dos quatro temas, que o motivaram a escrever o manual de linguística. Sem sombra de dúvidas, o trabalho que se tem em mãos, tenderá a defender a ideia de que sem ele a Linguística não teria tido os desdobramentos que se tem visto atualmente.

Vários caminhos foram abertos para que subáreas da linguística fossem desenvolvidas. Bloomfield entendia a comunidade de fala como um organismo vivo e mutável de acordo com as regras da língua, via no falante o potencial de manter a língua e produzir os fonemas de modo bastante similar com os demais membros da comunidade com a intenção de manter a unidade

identitária. Estas informações foram benéficas tanto para criar um contraponto e divergir da ideia, como fez Noan Chomsky (1928), quanto para dar continuidade ao que ele já havia começado, como Willian Labov (1927).

## CAPÍTULO 1 LEONARD BLOOMFIELD E A LINGUÍSTICA NORTE-AMERICANA

A Linguística consolidou-se, durante o século XIX, por meio de duas correntes em desenvolvimento: a histórico-comparativa e a filosófico-descritiva. Elas tiveram papel fundamental para que a Linguística figurasse num cenário importante para todos os pesquisadores desse campo. No que se refere à linguística norte-americana, a tendência ainda era de considerá-la recente em face da linguística muito bem desenvolvida na Europa. Encontra-se nesse contexto a contribuição de Leonard Bloomfield para que a América do Norte desse um salto em qualidade com relação às ciências dessa natureza.

Nas obras de Leonard Bloomfield *An Introduction to the Study of Language* (1914) e *Language* (1933) foram sintetizados todos os estudos linguísticos determinados nos séculos anteriores, além de demonstrarem claramente o modelo de análise proposto por Bloomfield e o modo como via a comunidade e tudo o que implicava nela para a comunicação. Por isso, na primeira obra, foi ressaltada a importância de se apresentar “[...] um conhecimento mais amplo de assuntos da língua”<sup>2</sup> (BLOOMFIELD, p. vi, prefácio, 1914).

Bloomfield alegou que as pesquisas, que se faziam antes, entediavam os interessados em estudar linguística, uma vez que só se pautavam na fonologia e na morfologia, contudo sem nenhum rigor metodológico mais acurado. Muitas eram as pesquisas desenvolvidas sobre esses dois assuntos discutidos e vasta a literatura a esse respeito. Bloomfield, portanto, apresentou um novo método que consistia num estudo experimental da língua, justificado pela ótica da psicologia, apontando os significados concretos de modo a instruir novos estudiosos do campo.

Desse modo, foi inserido na pauta dos estudos linguísticos um método de análise e descrição inovador que previa na psicologia explicações para os fatos empíricos observáveis nas suas pesquisas. Para tanto, trouxe à tona, na primeira obra, a teoria comportamentalista estudada por Wilhelm Wundt (1832-1920) e o behaviorismo propagado por Albert Paul Weiss (1879-1931), na segunda.

No prefácio da obra *Language* (1933), Bloomfield afirmou que fez uma versão revisada da primeira porque a ciência da linguagem havia progredido consideravelmente neste intervalo de tempo e também “[...] porque agora os homens da ciência e o público educado atribuem

---

2 “[...] and other related subjects to a juster acquaintance with matters of language” (BLOOMFIELD, p. vi, prefácio, 1914).

maior valor ao entendimento da fala humana”<sup>3</sup> (BLOOMFIELD, 1933, p. XV, prefácio, 1933). Todos queriam compreender a língua, este foi um trabalho de séculos, até que Bloomfield ateu-se à língua e à comunidade de fala, o que não havia sido feito antes.

Sendo assim, o manual *Language* (1933) serviu para ajudar os estudantes de psicologia, filosofia, etnologia, filologia. Bloomfield realmente assumiu um papel importante na história da constituição da linguística ao escrevê-lo. Bem como disse Hockett (em BLOOMFIELD, 1984, prefácio da reimpressão, p. ix), “como tratado, este é um trabalho de referência indispensável para todo linguista profissional”<sup>4</sup>.

O manual *Language* (1933) foi resultado dos estudos acadêmicos de Leonard Bloomfield tanto na América quanto na Europa, além do mais é consequência dos anos como professor universitário de ensino de línguas e das pesquisas feitas a partir da observação dos povos indígenas como os Menomini. Somando toda a sua experiência ao fato de ter tido a intenção de minorar o trabalho dos futuros linguistas, atuando como um facilitador que organizou um manual, com um método de análise próprio, discorrendo sobre todas as fontes do século anterior e que poderiam ser relevantes para os estudos que se faziam naquele momento.

De modo sistemático e estrutural, Bloomfield conseguiu organizar a teoria da linguística a fim de contribuir com os linguistas da época bem como para os que viriam. Fazendo perceber que a linguística estava amparada em questões psicológicas que precisavam ser explicadas pelo viés da língua ou questões linguísticas que seriam explicadas pela psicologia. A bem da verdade, esse era o clima de opinião daquele início de século, a psicologia podia explicar ou tentava explicar tudo ou quase tudo.

Em suma, o capítulo discorrerá a respeito de quem foi Leonard Bloomfield, do ponto de vista da linguística estrutural, de sua carreira acadêmica e de sua contribuição com o método para análise de língua. Vale ressaltar como a inserção da psicologia nos estudos linguísticos constituiu um método inovador de análise, qual a sua contribuição e retribuição para a linguística estrutural norte-americana, e como tornou-se referência para americanos, franceses, ingleses e brasileiros no que tange ao ensino, a modernização e a fixação da linguística no campo científico.

---

3 “[...] because both men of science and the educated public now attribute greater value to an understanding of human speech” (BLOOMFIELD, 1933, p. XV, prefácio, 1933).

4 “As a treatise this is an indispensable reference work for every professional linguist” (BLOOMFIELD, 1984, prefácio da reimpressão, p. ix).



### 1.1 Leonard Bloomfield: Linguista por Opção

Leonard Bloomfield nasceu em Chicago, Estados Unidos da América, no dia primeiro de abril de 1887. Seus pais eram Sigmund e Carola Buber Bloomfield. Aos nove anos mudou-se com a família para Elkhart Lake, Wisconsin, onde seu pai tinha um hotel. Lá, cursou os primeiros anos colegiais, mas devido a sua família desaprovar os métodos didáticos da escola, sua mãe foi sua tutora por um tempo.

Em 1903, ingressou na *Harvard College* e se graduou em três anos. Aos 19, Bloomfield transferiu-se para *University of Wisconsin* a fim de fazer pós-graduação e, ao mesmo tempo, ser assistente de alemão. Dois anos depois, foi para *University of Chicago* para continuar seus estudos de pós-graduação sob a orientação do professor Francis A. Wood (1859-1948).

Leonard Bloomfield, por formação, era filólogo, mas atuou como antropólogo como Edward Sapir (1884-1939), sob a orientação de Franz Boas. No entanto, tornou-se linguista ao longo de anos de estudo e com a ajuda do professor Eduard Prokosch (1876-1938)<sup>5</sup>, que o inspirou na carreira. Durante o funeral do seu mentor, Bloomfield explicou como o professor Prokosch mudou sua vida acadêmica e fê-lo contribuir significativamente com toda uma geração de novos linguistas que iniciariam o século XX.

No verão de 1906, cheguei recém-saído da faculdade, a Madison, para ser procurado por um assistente. Desejando ganhar uma vida acadêmica, não desenvolvi nenhuma compreensão ou inclinação para qualquer ramo da ciência. O gentil professor Hohlfeld delegou Prokosch, um de seus jovens instrutores, para me entreter durante o dia. Em uma pequena mesa na sala de jantar de Prokosch, havia uma dúzia de livros técnicos (parece-me lembrar que a *Old Bugarian grammar* de Leskien estava entre eles) e, no intervalo antes do almoço, Prokosch explicou-me seu uso e conteúdo. No momento em que nos sentamos para a refeição, talvez uma questão de quinze minutos, eu decidi que sempre deveria trabalhar em linguística<sup>6</sup> (BLOOMFIELD *apud* BLOCH *in* FOUGHT, 1999, p. 28).

---

5 Linguista austríaco, especialista em linguística histórica austríaca, indo-europeu, especificamente em línguas do tronco proto-germânico. Foi professor de Alemão em Yale até sua morte em 1938 onde conheceu Leonard Bloomfield.

6 “In the summer of 1906 I came, fresh out of college, to Madison, to be looked over for an assistantship. Desiring to earn an academic living, I had developed no understanding or inclination for any branch of science. The kindly Professor Hohlfeld delegated Prokosch, one of his young instructors, to entertain me for the day. On a small table in Prokosch's dining room there stood a dozen technical books (I seem to remember that Leskien's *Old Bugarian grammar* was among them) and in the interval before lunch Prokosch explained to me their use and content. By the time we sat down to the meal, a matter perhaps of fifteen minutes, I had decided that I should always work in linguistics” (BLOOMFIELD *apud* BLOCH, 1949 *in* FOUGHT, 1999, p. 28).

Nos anos seguintes, Bloomfield continuou seus estudos em Wisconsin e depois retornou para a Universidade de Chicago. Desta vez sob a orientação do professor Francis A. Wood, que escolheu o tema da tese de doutoramento de Bloomfield: *A semasiologic differentiation in Germanic secondary ablaut*, concluída em 1909. Após a conclusão da tese, seguiu para Alemanha a fim de aperfeiçoar seus conhecimentos linguísticos.

Em 1913 e 1914, ampliou ainda mais seus conhecimentos de linguística durante o tempo em que esteve nas universidades de Leipzig e Göttingen; entre os estudiosos com quem ele trabalhou na Alemanha estavam August Leskien, Karl Brugmann e Hermann Oldenberg. Mas, apesar da veneração em que ele mantinha desses homens, era sempre Prokosch quem ele chamava de professor. "No final dos dois anos de escolaridade [em Madison]", escreveu ele, "não conhecia maior prazer intelectual do que ouvir Prokosch (BLOCH, 1949, in FOUGHT, 1999, p. 28)<sup>7</sup>.

Nesse mesmo período, aos 22 anos, Bloomfield estabeleceu relações importantes para sua formação linguística. August Leskien (1840-1916) especialista em Gramática Comparada, mais propriamente nas línguas eslavas e bálticas, um dos protagonistas do grupo dos alemães conhecidos como neogramáticos, teve entre seus alunos Saussure (1857-1913), Bloomfield e Trubetzkoy (1890-1938) para citar alguns ilustres conhecidos da linguística.

Bloomfield também manteve contato com Karl Brugmann (1849-1919), pesquisador sobre fonologia, morfologia e formação de palavras. O resultado das pesquisas de Brugmann foi uma espécie de gramática comparativa em cinco volumes *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*<sup>8</sup>, importante para a compreensão de alguns processos fonológicos e morfológicos sobre vogais longas, ditongos (ie; uo) e entonação no final de sílaba.

Durante sua estada na Alemanha, Bloomfield conheceu Hermann Oldenberg (1854-1920), professor na Universidade de Kiel, em 1898, e em Göttingen, 1909. O estudo sobre o budismo realizado por Oldenberg, publicado em 1881, intitulado *Buddha: Sein Leben, seine Lehre, seine Gemeinde*, baseou-se na língua litúrgica Pali, do tronco indo-europeu, e popularizou o budismo.

Nesses dois anos em que esteve na Alemanha, Bloomfield recebeu influências de vários pesquisadores das questões linguísticas e da psicologia. Por isso, estabeleceu relações profícuas

---

7 "In 1913 and 1914 he further extended his knowledge of linguistics through study at the Universities of Leipzig and Göttingen; among the scholars with whom he worked in Germany were August Leskien, Karl Brugmann, and Hermann Oldenberg. But in spite of the veneration in which he held these men, it was Always Prokosch whom he called his teacher. 'At the end of the two years of pupilhood [in Madison], 'he wrote, 'I knew no greater intellectual pleasure than to listen to Prokosch'" (BLOCH, 1949 in FOUGHT, 1999, p. 28).

8 Esboço da gramática comparativa de idiomas indo-europeus.

entre áreas afins como a psicologia e a linguística. A partir daí, considerou-se capaz de criar um método associando as duas ciências, com o intuito de explicar como a língua é adquirida pelo indivíduo nos primeiros anos de vida e qual o papel dos mais velhos e da comunidade de fala nesse processo de aquisição linguística. Depois desse tempo fora da América do Norte, Bloomfield retornou para lá, começou a lecionar em universidades de renome e continuou escrevendo seus textos.

Antes de sair da América, Bloomfield já havia escrito a obra *An Introduction to the Study of Language* (1914) publicado primeiramente em Leipzig, na Alemanha. Ainda que os temas tratados na obra fossem importantes, ela não recebeu a devida atenção fora dos Estados Unidos, em decorrência do conflito criado pela I Guerra Mundial, entre 1914 e 1918, conforme Hall (1990). Exatamente, em 1914, quando estava lecionando na Universidade Illinois como professor de Filologia Comparada e Alemão, Bloomfield publicou sua primeira obra de linguística em que explicou as teorias aventadas por Whitney, como se confirma no prólogo.

Este pequeno livro é destinado, como o título indica, ao leitor em geral e ao aluno que está iniciando um trabalho linguístico. Seu objetivo é o mesmo, portanto, como o de Whitney's *Language and the Study of Language* e *The Life and Growth of Language*, livros que há cinquenta anos representavam as realizações da ciência linguística e, devido à clareza de visão de seus autores e à discriminação consciente entre fato comprovado e mera suposição, contêm pouco do que não podemos subscrever hoje. Acredito que o grande progresso de nossa ciência no último meio século seja desculpa suficiente para tentar resumir o que agora se sabe sobre a linguagem<sup>9</sup> (BLOOMFIELD, 1914, p. V).

Leonard Bloomfield apresentava a intenção de ser notado como linguista e que sua obra servisse para estudos futuros. Bloomfield sintetizou o pensamento linguístico dos últimos cinquenta anos antes de 1914. A intenção era tornar mais fácil a compreensão por parte daqueles que não assimilavam tais questões como seus alunos e outros estudiosos que se interessassem por esse tipo de assunto.

A fim de estabelecer uma historiografia de sua vida profissional, seguem as seguintes datas: 1909-1910, foi instrutor em alemão na *University of Cincinnati*. Entre 1910-1913, lecionou filologia e alemão na Universidade de Illinois, de 1921 a 1927, atuou como professor de alemão e linguística em *Ohio State University*. Nos anos de 1927 a 1940, foi professor de

---

<sup>9</sup> “This little book is intended, as the title implies, for the general reader and for the student who is entering upon linguistic work. Its purpose is the same, accordingly, as that of Whitney's *Language and the Study of Language* and *The Life and Growth of Language*, books which fifty years ago represented the attainments of linguistic science and, owing to their author's clearness of view and conscientious discrimination between ascertained fact and mere surmise, contain little to which we cannot today subscribe. The great progress of our science in the last half-century is, I believe, nevertheless sufficient excuse for my attempt to give a summary of what is now known about language” (BLOOMFIELD, 1914, p. V).

Linguística em *Yale University*. No verão de 1925, foi assistente de etnologia no Departamento de Minas de Candian. E, por três verões (1938, 1939 e 1940), trabalhou com a equipe do Instituto Linguístico de Ann Arbor (BLOCH *in* FOUGHT, 1999, p. 28)<sup>10</sup>.

Como professor e pesquisador, Bloomfield sobressaía-se no campo profissional para fugir das relações interpessoais. Isto explica que não tenha seguido carreira longa em nenhuma das universidades por onde passou. Era pouco tempo numa e seguia para a próxima oportunidade de emprego. Hall (1990) disse que a introspecção de Bloomfield e até algum desencantamento com a sociedade devia-se a sua vida familiar conturbada com uma avó e dois irmãos com problemas psicológicos, mas o que agravou seu quadro introspectivo foi o suicídio de Marie Bloomfield, sua irmã, em 1923.

Apesar de tudo, a vida profissional progredia e, Bloomfield firmou-se, na linguística, como professor e escritor procurando desenvolver bem seu trabalho. A percepção meio pessimista de Bloomfield levava-o a não acreditar muito na carreira docente e nem tão pouco na de pesquisador, por essa razão seus alunos eram desencorajados de seguir carreira. Ademais, foi um antimilitarista, anticlerical e um não conformista, o que fazia dele um homem de espírito rigoroso, combativo e inflexível, como disse Mounin (1972).

Bloomfield foi um dos signatários da *Linguistic Society of America* criada entre os anos de 1924 e 1925. A *Linguistic Society of America* viria a ser uma sociedade voltada para a linguística com vistas a desenvolver o conhecimento científico da língua. A Sociedade ainda funciona e pode ser acessada *on-line*<sup>11</sup>. Em sua página encontram-se duas revistas: *Semantics and Pragmatics* e *Language*, a última foi fundada por Bloomfield.

A partir dos estudos sobre como a língua funciona na comunidade de fala, Bloomfield certificou-se do caráter social dela e constatou o quão relevante era para os estudos empíricos que se iniciavam. Bloomfield foi o primeiro a nomear a comunidade de fala, ou seja, afirmar que há um lugar onde a língua existe e se desenvolve, o falante é um membro dessa comunidade e responde de forma pessoal e única aos estímulos produzidos.

O profissional que Bloomfield tornou-se e como suas pesquisas repercutiram na linguística formularam a discussão deste texto. É necessário entender, pelo viés da

---

10 “Bloomfield’s teaching career is shown in the barest outline by the following dates: 1909-10, instructor in German, University of Cincinnati; 1910-13, the Philology and German, University of Illinois; 1921-27, Professor of German and Linguistics, Ohio State University; 1927-40, Sterling Professor of Linguistics, Yale University. In the summer of 1925 he served as Assistant Ethnologist in the Candian Department of Mines; for three summers (1938, ’39, and ’40) he was on the staff of the Linguistic Institute in Ann Arbor” (BLOCH, 1949 *in* FOUGHT, 1999, p. 28).

11 Endereço eletrônico da revista: <https://www.linguisticsociety.org/>.

historiografia linguística, a relevância da obra *Language* (1933) como um manual considerado o iniciador da linguística estrutural norte-americana. O levantamento das fontes marcadas produzirá a compreensão do processo de constituição da linguística, enquanto ciência, e do método criado para defini-la como tal.

Bloomfield teve vários trabalhos publicados, era um pesquisador incansável, no entanto, segundo Bloch (in FOUGHT, 1999, p. 33), “em 27 de maio de 1946, no auge de sua carreira, Bloomfield sofreu um derrame que pôs fim à sua vida como pesquisador produtivo - a tudo que dava satisfação e propósito à sua vida como homem”<sup>12</sup>. Ele ficou em estado de coma por oito semanas e as sequelas comprometeram sua saúde a ponto de deixá-lo sem enxergar muito bem, com os movimentos motores afetados e com falhas de memória irreversíveis.

De acordo com o Bloch, as esperanças que Bloomfield tinha de voltar a dar aulas e realizar suas pesquisas foram aos poucos sendo minadas pela precária condição de sua saúde, cada vez mais fraco e mais decadente. Foram anos esforçando-se pela recuperação, para se reingressar no espaço universitário. Por quase três anos, Bloomfield lutou para se recuperar, por fim, foi novamente acamado e, como disse Bloch (em FOUGHT, 1999, p. 34), “morreu pacificamente”<sup>13</sup>, em 18 de abril de 1949, aos 62 anos.

## 1.2 O Método: Explicações de Fatos Linguísticos por Meio da Psicologia

A produção científica de Leonard Bloomfield contribuiu sobremaneira para que a linguística norte-americana fosse reconhecida no cenário mundial. Antes dele, ela era apenas mais uma disciplina humanística que não tinha necessariamente um método científico constituído de postulados, hipóteses e verificação, conforme disse Hall Jr. (in FOUGHT, 1999, p. 55). Ainda nas palavras de Hall Jr., a “maior contribuição de Bloomfield para a linguística como ciência reside no rigor de seu método, que ele aplicou a todos os aspectos do campo”<sup>14</sup>.

Bloomfield foi o primeiro a pensar num rigor metodológico efetivo para demonstrar a possibilidade da descrição linguística e exemplificar os meios de uma abordagem científica que

---

12 “On May 27, 1946, at the summit of his career, Bloomfield suffered a stroke that put an end to his life as a productive scholar – to everything that gave satisfaction and purpose to his life as a man” (BLOCH, 1949 in FOUGHT, 1999, p. 33).

13 “He died peacefully” (BLOCH, 1949 in FOUGHT, 1999, p. 34).

14 “Bloomfield’s greatest contribution to linguistics as a science lay in the rigour of his method, which he applied to all aspects of the field” (HALL JR., 1950 in FOUGHT, 1999, p. 55).

poderia ser utilizada em todos os níveis de análise: fonêmico, morfológico e sintático; Bloomfield conseguiu fazer isto com a publicação da obra *Language* (1933).

A obra em questão estava centrada nas correntes filosóficas, que emergiram no século XIX, criando um contexto verticalizado para as questões ligadas à filosofia, à psicologia e à linguística. Bloomfield associou essas três ciências para inovar o estruturalismo criando o descritivismo americano que, de acordo com Lyons (1987), pode ser considerado uma versão do estruturalismo metodologicamente criada por Bloomfield.

Posto isto, faz-se necessário estudar um pouco mais sobre a filosofia e a psicologia a ponto de discutir e averiguar a importância delas para a linguística e como estão inseridas nas obras bloomfieldianas. *An Introduction to the Study of Language* (1914) e *Language* (1933) discutem a filosofia da linguagem pelo viés do racionalismo, do empirismo e da psicologia como forma de explicar a fala e o comportamento do falante inseridos na comunidade de fala.

Conforme Paul Guillaume (1967, p. 1), “de acordo com a etimologia [...] a Psicologia seria a ‘ciência da alma’”, este objeto metafísico pouco compreendido. Como ciência, a psicologia consolidou-se no século XIX, numa clara tentativa de o indivíduo explicar-se e tornar-se sujeito da história numa visão antropocêntrica daquela realidade. Antes disso, era tão somente um ramo da filosofia sob a influência de Francis Bacon (1561-1626) e René Descartes (1596-1650).

O ser humano é capacitado para lidar com a natureza, dominá-la e usufruir de seus conhecimentos. A empiria é justamente a ligação do homem com a matéria, ou seja, a relação entre o falante e os fonemas particulares de sua comunidade de fala, como analisado por Bloomfield. Já o racionalismo, está na direção oposta à empiria, isto é, são as relações presentes na mente das pessoas que podem ser consideradas ideias inatas e estão propensas a serem investigadas. Portanto, passa a ser também a mente parte do corpo com propriedades próprias e que podem ser averiguadas.

O conceito de dualismo, a distinção entre corpo e mente, foi uma ideia aceita por John Locke (1632-1704), filósofo inglês, representante do empirismo idealizado por Bacon. Contudo, o fato de as ideias não serem providas da experiência foi algo combatido por ele, já que integrava o grupo daqueles que tinham a experiência como fonte de conhecimento, ou seja, a filosofia empirista implantou o dualismo na filosofia ocidental e motivou outros pesquisadores a seguirem o mesmo caminho.

O empirismo adotado por Bloomfield tinha bases psicológicas e sociológicas. Como confirmam Álvaro e Garrido (2003, p. 2), “o interesse pela psicologia social é fruto do desenvolvimento da concepção positivista inaugurada por August Comte, e a disciplina é

descrita como um fenômeno tipicamente norte-americano e como um ramo da psicologia geral [...]”. A psicologia social unificava duas ciências: a psicologia e a sociologia, as quais se baseavam nas observações empíricas de fenômenos concretos o que se denominava positivismo. Bloomfield aplicava esses conceitos na observação da comunidade de fala.

August Comte (1798-1857) tinha interesse em estabelecer os princípios gerais que regiam os fenômenos observáveis. Pautada nesses princípios, a psicologia social também procurava, a partir da empiria, desmistificar costumes e conhecimentos sociais a fim de estabelecer uma reflexão sobre a relação entre indivíduo e sociedade, embora tal preocupação seja longa porque os gregos tinham-na.

Para que se averigüe, de forma mais acurada, uma relação tão complexa quanto a relação entre o falante e a comunidade de fala, a psicologia social recebeu contribuições de áreas como a filosofia e a antropologia. Este fator tornou-a uma disciplina mais sólida, a partir da segunda metade do século XIX, momento em que os debates acerca dessa nova ciência eclodiam em toda parte, desde a Europa até a América. Na França, os rumos da psicologia social culminaram numa nova metodologia científica.

[...] a sociologia de Émile Durkheim, em cujo conceito de *representação coletiva* encontramos um claro antecedente da *teoria das representações sociais* (Moscovici, 1961, 1981); os trabalhos de Gabriel Tarde sobre a imitação que exerceram grande influência na psicologia social no início do século XX; e os estudos de Gustave Le Bon sobre a psicologia das massas (ÁLVARO; GARRIDO, 2003, p. 3).

O conceito de representação coletiva de Émile Durkheim (1858-1917) conectou-se diretamente à argumentação de que a língua é o que há de comum entre os falantes da comunidade e o que a diferencia das demais, por meio de uma série de fatores que vão desde a preferência de um determinado tipo de esporte até os mitos e crenças que circulam por ela. Para Durkheim, que tinha Comte como fonte, a sociedade é um fato observável, similarmente considera-a uma “[...] entidade independente dos indivíduos que a constituem”, conforme disse Álvaro e Garrido (2003, p. 17).

Assim também é para Bloomfield que observava e analisava os fatos ocorridos na comunidade com a finalidade de compreender a conexão existente entre ela e o indivíduo que a constitui e, que não pode modificá-la conscientemente, pois há o controle das leis sociais que a língua impõe. A psicologia explica, em partes, a união da comunidade e o apagamento das individualidades, uma vez que não importa, para a constituição de uma língua, a individualidade do falante, mas a comunidade é que assume o papel de indivíduo, pois se difere das demais.

Em todas as pessoas que compartilham a mesma comunidade, há algo em comum que Durkheim chama de *consciência coletiva*, uma vez que todos os indivíduos estão fortemente ligados pelos aspectos comuns como a língua, o conhecimento partilhado e a cultura. O conceito de consciência coletiva de Durkheim retoma o conceito humboldtiano de espírito nacional. As acepções levam a crer que este era o clima de opinião do século XIX. Há, na coletividade, um empenho em se comunicar que leva a todos a compreenderem as mesmas regras linguísticas, inclusive no que se referem aos fonemas.

Numa visão linear em que os conceitos se complementam e se sobrepõe, tem-se o termo *positivismo* que aparece pela primeira vez nas obras de August Comte (1798-1857) publicadas entre 1830 e 1842, em que se chegava à conclusão de que o desenvolvimento histórico da ciência possuía três estágios, os quais Álvaro e Garrido (2003, p. 4, grifos dos autores) identificam como “o estágio *teológico* [...] tenta explicar a realidade recorrendo a agentes sobrenaturais, o estágio *metafísico*, no qual os agentes sobrenaturais são substituídos por forças abstratas [...] e o estágio *positivo* [...] a ciência se limita a determinar [...] as leis da natureza”. Justamente no terceiro estágio que se percebe que tudo é relativo.

A comunidade é capaz de criar suas próprias regras tanto sociológica quanto linguisticamente. A sociologia de Comte explicou as variantes sociais e as leis regentes da comunidade, enquanto a linguística de Bloomfield detectou pela observação da fala que a proximidade entre a comunidade e o indivíduo era relevante para compreender como a língua funcionava. Tanto a sociologia quanto a linguística exigiam um método que viabilizasse a observação, a experimentação e a comparação para constatar divergências e convergências na comunidade e na língua por meio da cultura.

Gabriel De Tarde (1843-1904) sanou um problema criado pelo conceito durkheimiano de *consciência coletiva*. Ele era criminologista, estatístico e sociólogo e considerava que os processos psicológicos dos indivíduos eram resultados de “reações recíprocas entre as consciências” (TARDE, 1904, p. 42 *apud* ALVARO; GARRIDO, 2003, p. 10). Essa vertente passou a considerar a imitação como um fator psicológico do indivíduo que retrata o coletivo. Ele unia em análises os atos individuais e as relações interpessoais para justificar que Durkheim estava errado quando se referia à coerção dos fatos sociais, enquanto tudo não passava de simples imitação.

Conforme Álvaro e Garrido (2003, p. 10), “para Tarde, portanto, o comportamento social não é o resultado da influência unidirecional da coletividade sobre o indivíduo, mas de um processo de influência recíproca entre as consciências que surgem no contexto de interações espontâneas”. A interação espontânea entre os indivíduos da sociedade gera a imitação e produz



a intersecção das consciências individuais. O século XIX e início do XX estavam reflexivos a respeito dessas questões que influíram demasiadamente nos estudos bloomfieldianos e na linguística de forma geral.

Os pesquisadores em linguística tinham interesse em estabelecer uma definição e reconhecer a aplicação da língua na comunidade de fala, sendo assim as relações indivíduo/língua, língua/comunidade de fala e indivíduo/comunidade de fala cabiam como foco das pesquisas. As pesquisas de Leonard Bloomfield estavam alicerçadas nesse tripé que primava pela compreensão da interação entre o indivíduo, a língua e a comunidade de fala. Estas relações perpassam pelo conceito de cultura que, para os franceses, era um fator determinado historicamente.

As relações estabelecidas entre a comunidade de fala, o indivíduo e a língua foram assuntos tratados por Leonard Bloomfield e, sobre os quais trataremos nessa tese. Portanto, o que se nota é que a obra *Language* (1933) está inserida num contexto de influências sociais, psicológicas, linguísticas e culturais que confirmam toda a conceituação feita neste capítulo. O estudo que se propõe é puramente teórico, enquanto no quinto é inteiramente empírico, pois se trata da observação feita através das concepções bloomfieldianas.

A Alemanha contribuiu com as discussões a respeito desse novo modo de fazer ciência e relacionou-o ao desenvolvimento das ciências sociais. Johann Gottfried von Herder (1744-1803) afirmou, segundo Wainberg (p. 90), que “[...] a cultura é fator mediador à percepção humana”, assim a forma de olhar do indivíduo estaria sempre eivado pelo egocentrismo. Uma vez que a arte, os costumes e a cultura de cada povo só serão valorizados pelo mesmo povo aos quais pertencem. O caráter nacional define as sociedades divididas em pequenas células que vão se modificando no decorrer da história.

A singularidade cultural é diretamente proporcional às diferenças individuais, ou seja, indivíduo e cultura implicam-se mutuamente e interferem naquilo que emana da coletividade. Para Bloomfield (1933), a cultura de um povo diz muito sobre ele e sua língua. A esfera cultural agrega os indivíduos de uma comunidade e segrega as outras comunidades porque um povo não aceita uma cultura estrangeira. Este é um fator inadmissível, praticamente a imposição da morte da consciência coletiva desse povo ou do espírito nacional. A morte da cultura de um povo extermina-o, por consequência.

Ao mesmo tempo, consolida-se, na Alemanha, em meados do século XIX, a psicologia experimental. Um dos primeiros que elevou a psicologia ao patamar de ciência foi Johann Friedrich Herbart (1776-1841), para eles, a psicologia pode ser empírica e não experimental. Em português, de acordo com Milhollane e Forisha (1972), as palavras *empírico* e *experimental*

são complementares e não opostas como está dito. A explicação mais plausível é que tenha havido um erro semântico porque em alemão, a palavra em questão tem duas conotações: ou se refere à experiência que está imediatamente posta para o observador, ou se refere a uma experiência já passada.

Assim sendo, pode-se dizer que “para o comportamentalista a aquisição e acumulação de experiência é o foco”, conforme apontam Milhollane e Forisha (1972, p. 38). Bloomfield importa-se com a aquisição do conhecimento por meio da imitação, com a memória daquilo que já se conhecia e com o conhecimento adquirido. A imitação se dá pela observação atenta do falante, que com isto aprende algo, como está em Bloomfield (1914) ou quando diz que “[...] as crianças são especialmente imitadoras em seus primeiros contatos fora do círculo familiar imediato”<sup>15</sup> (BLOOMFIELD, 1933, p. 476).

O conhecimento está na comunidade, é partilhado por seus membros através da memória, que é a língua, a qual, por sua vez, influi na vida da comunidade e vice-versa. Por isso, segundo Locke (1999), o método de estudo da língua tem que ser a empiria porque comprovará o caráter social dela. As palavras são ideias na mente do indivíduo e, só poderão adquirir significado porque, em primeiro lugar, elas têm sua essência dividida entre outros falantes. Em segundo lugar, o ser humano só fala aquilo que realmente é, aquilo que as coisas realmente são. Como está no *An Introduction to the Study of Language* (1914), há sempre um ponto de intersecção na mente do falante e do ouvinte para que haja a comunicação.

O significado de todos os enunciados, em outras palavras, não se deve ao valor emocional com o qual eles podem ser usados, mas apenas para sua associação, na mente do falante e do ouvinte, com certos conteúdos materiais da experiência. Esta associação deve ser formada por todos os membros da comunidade antes que ele possa falar ou entender o que é falado (BLOOMFIELD, 1914, p. 76-77)<sup>16</sup>.

Os significados, as palavras, as gírias, os jargões, todas as expressões presentes na língua só podem existir a partir do momento em que sua significação e enunciação sejam partilhadas por todos os membros, já que a experiência propicia isto. É na convivência entre os membros da comunidade de fala que se constituem esses contratos sociais firmados por todos. Como disse Bloomfield (1933, p. 37-38), “grandes grupos de pessoas compõem todos os seus

---

15 “[...] children are especially imitative in their first contacts outside the immediate family circle” (BLOOMFIELD, 1933, p. 476).

16 “The significance of all these utterances, in other words, is due not to the emotional value with which they may be used, but only to their association, in speaker's and hearer's mind, with certain material contents of experience. This association has to be formed by every member of the speech-community before he can speak or understand what is spoken” (BLOOMFIELD, 1914, p. 76-77).

enunciados do mesmo estoque de formas lexicais e construções gramaticais”<sup>17</sup>, a língua vai se cristalizando na cabeça do indivíduo desde os primeiros anos de vida. O indivíduo não nasce com ela, mas a obtém pela imitação, já que a língua de uma comunidade de fala é um conjunto estável de hábitos adquiridos.

A explicação linguística não dispensava a compreensão psíquica dos acontecimentos associando o dueto: língua e sociedade. O comportamento do indivíduo implicava nos hábitos linguísticos da comunidade e o contrário também era verdadeiro. John Stuart Mill (1806-1873), filho de James Mill (1773-1836), um escocês defensor do radicalismo filosófico e também historiador, propagou a psicologia estrutural no século XIX. Ambos iniciaram a teoria psicológica precursora do behaviorismo e comportamentalismo, a teoria *Associacionista*, a qual vinha de uma linhagem de pensadores como Locke, David Hartley (1705-1757), David Hume (1711-1776) e estavam ligados à corrente positivista e ao empirismo.

De acordo com Alkon (in FOUGHT, 1999, p. 100), “foi Hartley quem aproveitou a noção de associação como a principal lei da vida mental, estabelecendo assim com firmeza a filosofia do associacionismo, que foi desenvolvida no século XIX por James Mill e seu filho John Mill”.<sup>18</sup> Na psicologia estrutural, estava contido tanto o dualismo cartesiano quanto a ideia de associação elementar trazida pelos Mill. Nesse contexto, só mais tarde o behaviorismo e o comportamentalismo surgiram como uma contestação da teoria tradicional.

O behaviorismo considerou que apenas o comportamento humano era viável para o estudo, portanto, Bloomfield não se preocupou com o dualismo cartesiano, a separação entre corpo e mente. Na língua tudo é uma questão de imitação e hábito, segundo Bloomfield (1914), a criança balbucia imitando os sons produzidos pelos pais mais velhos. Num primeiro estágio, apenas mexe com a boca sem emitir nenhum som para, quando estiver pronta, repetir os fonemas realizados pelos pais.

Bloomfield foi motivado pelas correntes sociológicas, psicológicas e linguísticas que alicerçaram o conhecimento do século XX. Importa estabelecer alguns pontos comuns em toda essa discussão. Em primeiro lugar, apesar de todas as coisas existirem apenas na comunidade e por meio da língua, Bloomfield trabalhou com a noção de indivíduo como membro da comunidade de fala. Em segundo lugar, compreende-se que os métodos experimental e

---

17 “Large groups of people make up all their utterances out of the same stock of lexical forms and grammatical constructions” (BLOOMFIELD, 1933, p. 37-38).

18 “It was Hartley who seized upon the notion of association as the principal law of mental life, thus firmly establishing the philosophy of Associationism which was brought to fullest development in the 19th century by James Mill and his son John Mill” (ALKON in FOUGHT, 1999, p. 100)

empírico foram amplamente difundidos com a intenção de compreender, testar e conduzir as ciências como a sociologia, a psicologia e a linguística ao mesmo *status* das outras.

Esse contexto filosófico e psicológico paira sobre as obras bloomfieldianas tornando-as um apanhado de todas as áreas externas à linguística, a fim de impulsioná-la à posição de ciência. Desse modo, Bloomfield estabeleceu-se, nesse cenário linguístico, por ter conseguido conectar todas essas teorias e associá-las à linguística, a fim de explicar como a língua acontece no ser humano, como é usada a seu favor para interagir com a comunidade em que vive e de que modo ela se faz tão imprescindível para o indivíduo, para torná-lo um constituinte da comunidade de fala.

Reconstruindo o clima de opinião em que as obras de Bloomfield foram escritas e remontando o cenário sócio-histórico-cultural, percebe-se como essa conjuntura favoreceu o reconhecimento da linguística como ciência e o método estruturalista descritivista como aporte para o nascimento de uma nova linguística na América do Norte. Toda essa discussão está bem fundamentada por Bloomfield na obra *Language* (1933), permitindo que outros linguistas do século XX tomassem conhecimento das teorias linguísticas desenvolvidas por um meio mais fácil e compilado metodologicamente.

Para a linguística, os trabalhos de Bloomfield (1914 e 1933) foram de suma importância para o seu desenvolvimento, uma vez que explicou a língua pelo viés da psicologia e rejeitou as interpelações teleológicas e lógicas dos fatos linguísticos. O método usado por ele fez a diferença e distinguiu o seu manual dos demais elaborados naquele mesmo período. O fato de a psicologia ter sido usada para explicar fatos linguísticos nunca antes elucidados, tornou o método bloomfieldiano uma inovação e a psicologia teve seu momento de relevância no campo da linguística.

Ainda que os campos estivessem separados, psicologia e linguística, Bloomfield estabeleceu uma intersecção entre eles tanto na primeira quanto na segunda obra. As teorias de Wilhelm Wundt (1832-1920) e Albert Paul Weiss (1879-1931) impactaram o pensamento bloomfieldiano, ele mesmo admitiu tais influências. Os três mudaram o modo como o mundo era visto e possibilitaram que o estudo sobre a língua fosse amplamente discutido sobre o viés metodológico que esteve pautado na “psicologia para os povos”, de Wundt, e na teoria behaviorista, de Weiss. Assim, constituiu-se, por meio da empiria, um método bloomfieldiano próprio que associava a linguística e a psicologia procurando explicações linguísticas por meio da psicologia.

Willian M. Wundt, filósofo e psicólogo alemão, considerado um dos fundadores da psicologia experimental, deflui na linguística modificando a forma como os linguistas,

liderados por Bloomfield, fizeram seus estudos linguísticos. Aluno de Johannes Muller (1801-1858) e Hermann von Helmholtz (1821-1894), Wundt estudou cada vez mais sobre a psicologia como uma disciplina formal científica de cunho experimental e independente e, assim, inseriu o valor de uma historiografia social na tradição do pensamento psicológico. O projeto de Wundt era definir a psicologia como uma ciência autônoma inserida num projeto maior, a filosofia, a fim de unificar as ciências humanas e naturais.

À psicologia, nesses moldes, cabia a função de investigar uma parte da experiência chamada de imediata e servir como complementação às ciências da natureza. Wundt promoveu a associação entre a filosofia e a psicologia, naquilo que se referia à parte social como os mitos e as religiões vindas do povo e para o povo. Uma concepção também voltada para a língua e como era desenvolvida na comunidade, moldando-a e dando forma à cultura. Não obstante, não foi o que ocorreu, pois os alunos dele corromperam a teoria quando começaram a dissociar as duas ciências, filosofia e psicologia, e aplicá-las separadamente.

O grande feito de Wundt foi ter criado um método capaz de relacionar os processos mentais mais complexos como a memória e o pensamento. Destarte, percebe-se a necessidade de promover a diferenciação entre a psicologia experimental e a chamada psicologia para os povos (*Volkerpsychologie*<sup>19</sup>), a qual se dedicava aos processos mentais por meio de um método histórico-comparativo.

Em sua *Volkerpsychologie*, Wundt toma a mente como um fenômeno histórico, um produto da cultura e da linguagem de um determinado povo que não poderia ser explicada em termos individuais, mas sim em termos coletivos. Por essa razão, detém-se no estudo da língua, da arte, dos mitos e dos costumes, como forma de compreender a mente. Em síntese, haveria uma íntima relação entre a mente humana e a cultura, entre o indivíduo e o contexto cultural no qual ele se desenvolve (TORRES; NEIVA, 2011, p. 15).

Tudo está previsto na coletividade, tanto os mitos quanto as crenças, a arte, o costume e sempre permeados pela língua, fio condutor de todo o processo que regula a mente humana levando-a à apreensão daquilo que é vivenciado e/ou sentido. O elo entre o pensamento e o mundo cultural estabelecido pelos autores supracitados e nomeado de “íntima relação” é a língua. Uma vez que produz as memórias do indivíduo, organiza o pensamento e os transformam em ações inerentes apenas aos seres humanos.

Para Guillaume (1967, p. 321), “por meio da linguagem, o pensamento se torna fato social. A linguagem é essencialmente, um fato de interação social”, cujo maior interesse é a relação que o falante tem com o ouvinte fazendo-o mudar de opinião inclusive ou

---

19 Termo alemão que significa “Psicologia para os povos” ou “Psicologia social e cultural”.

compartilhando suas crenças e mitos. Reforçando a tese de que a língua, conforme disse Bloomfield (1933), é um fator puramente social.

Wundt e a teoria da psicologia social exerceram forte influência no período em que as obras de Bloomfield foram escritas, mais especificamente *An introduction to the study of language* (1914). Ele próprio admitiu isto ao dizer que “[...] a minha psicologia geral e linguística inteira depende de Wundt; só espero que não tenha deturpado sua doutrina”<sup>20</sup> (BLOOMFIELD, 1914, p. vi). Bloomfield considerou que o comportamento social refletiria comportamentos linguísticos verificados na comunidade de fala e que estes conhecimentos poderiam ser passados de geração em geração por meio da imitação e da repetição. Há uma estreita relação entre experiência e movimento, segundo Bloomfield (1914).

A intenção de associar linguística e psicologia era antiga, contudo algumas lacunas desse estudo só puderam ser preenchidas com a publicação da obra *Language* (1933), conferindo equivalência à língua e à comunidade de fala. Para Bloomfield (1933), a língua pertence ao indivíduo, membro de uma comunidade, que se apropria dela para emitir seus pensamentos. O comportamentalismo bloomfieldiano prova que o indivíduo é o que é devido à língua recebida dos pais e repassada de geração em geração.

Os hábitos adquiridos podem ser observados empiricamente validando os métodos produzidos por Wundt para a psicologia experimental. Em vista disto, Bloomfield podia observar e analisar fatos e comportamentos linguísticos desenvolvidos pela comunidade como um todo. Desse modo, a língua está apta a fazer com que a interação indivíduo/comunidade de fala seja produtiva e até os movimentos corporais passem a ter um significado.

A forma como a língua é adquirida pelo novo membro da comunidade era uma preocupação tanto de Bloomfield quanto de seus seguidores. Primeiro porque fazia parte do contexto da evolução científica da obra *An introduction to the study of language* (1914) naquele início do século XX, segundo porque era preciso compreender que a língua está no indivíduo, no entanto, só pode ser estudada em comunidade.

A própria psicologia reconhece que não há pensamento que não seja coletivo porque quando se fala, toma-se um posicionamento que conecta o falante com a comunidade e com o ouvinte. É possível reconhecer uma relação íntima entre a língua e seus interlocutores, uma vez que, sem ela, eles não existiriam enquanto membros da comunidade, produto da cultura. Portanto, segundo Guillaume (1967, p. 324), “a linguagem serve, primeiro, para comunicar esse

---

20 “[...] I depend for my psychology, general and linguistic entirely on Wundt; I can only hope that I have not misrepresented his doctrine” (BLOOMFIELD, 1959, p. VI).

pensamento. Mas serve também para pensar”, um exercício que permite transformar fatos linguísticos observáveis e concretos em uma série de caracteres abstratos.

Relativo às implicaturas wundtianas na obra de Bloomfield nota-se que o linguista usou o esquema de observação de gestos e comportamentos animais e humanos tratados por Wundt, logo no início do *An Introduction to the Study of Language* (1914). Era o comportamentalismo emergindo e fornecendo um aparato metodológico mais favorável para a linguística do que para a psicologia estrutural. Os processos mentais para os animais são resultado de um processo físico, é como um cão que ouve um ruído qualquer e late como resposta a esse estímulo.

No mundo animal, todo processo mental é acompanhado por um processo físico correspondente. Alguns desses processos físicos são movimentos expressivos. A investigação mostrou que os movimentos expressivos são mais diretamente coordenados com o elemento emocional presente em todo processo mental<sup>21</sup> (BLOOMFIELD, 1914, p. 1).

A atuação behaviorista de Albert Paul Weiss, psicólogo e amigo de Bloomfield, permitiu que, de algum modo, o vínculo entre a linguística e a psicologia se materializasse na segunda obra, *Language* (1933). Weiss nasceu em Steingrund, Alemanha, contudo sua família mudou-se para os Estados Unidos da América, logo após seu nascimento, onde estudou, se graduou e pós-graduou em Psicologia por influência de seu professor Max Friedrich Meyer (1873-1967) também alemão transferido para os Estados Unidos como professor de Psicologia Experimental.

Weiss e o professor Meyer conheceram-se na Universidade do Missouri onde Weiss interessou-se pelos aspectos fisiológicos e psicológicos da filosofia, não obstante seus interesses estavam diretamente ligados ao papel exercido pela língua no comportamento do ser humano. Weiss tornou-se um behaviorista experimental, portanto estudou como a língua funciona unindo dois processos inerentes ao ser humano. A abordagem feita com relação à língua auxiliou Bloomfield (1933) na compreensão de como ela funciona na comunidade de fala.

No que tange aos processos analisados por Weiss, o primeiro diz respeito à parte física, a articulação dos fonemas, e o segundo, à parte mental, combinação entre língua e pensamento que culmina numa forma de comportamento como nenhuma outra. Assim, há sempre um estímulo vocal sonoro que faz com que surja uma resposta proveniente da mente do receptor.

---

21 “In the animal world every mental process is accompanied by a corresponding physical process. Some of these physical processes are expressive movements. Investigation has shown that the expressive movements are most directly co-ordinated with the emotional element that is present in every mental process” (BLOOMFIELD, 1914, p.1).

A língua reflete com desenvoltura o que se passa no pensamento das pessoas e é por ela que a mente pode ser estudada.

O behaviorismo de Weiss não era o mesmo proposto por John B. Watson (1878-1958), psicólogo considerado o fundador do comportamentalismo ou behaviorismo na América do Norte. De acordo com Watson (1913), o behaviorismo procurava examinar o comportamento de animais e pessoas com a finalidade de compreender a relação entre estímulo e resposta. A teoria behaviorista propunha o controle e previsão do comportamento, não poderia mesmo ser relacionado ao campo linguístico.

A psicologia, como o behaviorista vê, é um ramo experimental puramente objetivo da ciência natural. Seu objetivo teórico é a previsão e o controle do comportamento. A introspecção não é parte essencial de seus métodos, nem o valor científico de seus dados depende da prontidão que eles se prestam à interpretação em termos de consciência<sup>22</sup> (WATSON, 1913, p. 158).

A fala não pode ser controlada, conquanto a língua seja capaz de controlar os falantes por meio de seus mecanismos. O behaviorismo, tal como proposto por Watson, não teria muita utilidade no que se refere ao estudo da língua, uma vez que não se pode prever e controlar um ato comunicativo. É possível, no entanto, de acordo com Weiss, prever uma resposta dependendo do estímulo que o falante recebe.

Em virtude disso, a proposta de Weiss era estudar o fenômeno físico ligado à língua e, como materialista, entender os fenômenos linguísticos estéticos e éticos, visto que, na verdade, nem ele nem Bloomfield seguiram a doutrina behaviorista ao pé da letra. Sapir também pensava do mesmo modo, segundo ele, “em outras palavras, devemos estudar o hábito da língua das pessoas - o modo como as pessoas falam - sem nos preocupar com os processos mentais que podemos conceber para fundamentar ou acompanhar esses hábitos (SAPIR *apud* FRIES *in* FOUGHT, 1999, p. 99). Interessava ao linguista reconhecer quais hábitos linguísticos as pessoas repetiam e repassavam aos filhos e não o processamento da língua na mente humana.

A essência dos estudos de Weiss era a observação do comportamento por meio do estímulo e da reação (S – R)<sup>23</sup>. Um gato quando se sente acuado, em resposta pode agredir fisicamente quem o acuou. Um falante quando recebe um estímulo, uma provocação, formula no pensamento uma resposta a contento, ocorrendo através de uma forma física disposta na

---

22 “Psychology as the behaviorist views it is a purely objective experimental branch of natural science. Its theoretical goal is the prediction and control of behavior. Introspection forms no essential part of its methods, nor is the scientific value of its data dependent upon the readiness with which they lend themselves to interpretation in terms of consciousness” (WATSON, 1913, p. 158).

23 Em inglês, os termos são Stimulus (S) e Reaction (R).



língua. Weiss era um materialista e tentava provar que, apesar de a língua não ser física, é amparada por meios materiais.

Para tanto, o que se intentava era o estudo do lado físico da língua, o lado acústico apresentado sob os parâmetros das ciências exatas, numa tentativa de fazer com que a linguística fosse uma ciência. Tanto para Weiss quanto para Bloomfield, o movimento mecânico era importante para a realização da comunicação, mais precisamente quando o ouvinte recebe as ondas sonoras, decodifica-as e as processa mentalmente para compreender o falante.

Os mentalistas crêem na língua não-física, elaborada no pensamento que pode vir através de um conceito, uma imagem, uma vontade e que o processo é o mesmo quando o ouvinte recebe as ondas sonoras, de acordo com Bloomfield (1933). Para os mentalistas há um estado preexistente da língua e todos comungam dele, desse modo fica fácil a comunicação.

O mentalista, portanto, pode definir o significado de uma forma linguística como o evento mental característico que ocorre em todos os falantes e ouvintes em conexão com a expressão ou audição da forma linguística. O orador que pronuncia a palavra maçã teve uma imagem mental de uma maçã, e essa palavra evoca uma imagem semelhante na mente de um ouvinte. Para o mentalista, a língua é a expressão de ideias, sentimentos ou volições (BLOOMFIELD, 1933, p. 142)<sup>24</sup>.

Em todos os falantes, ocorre o mesmo evento linguístico que remete a um significado. Bloomfield negava essa ideia, pois era um mecanicista assim como Weiss. Sendo assim, para os dois, as imagens mentais e as vontades eram representações dos movimentos corporais reinterando o que disse Wundt. Portanto, os significados não podem ser iguais para duas pessoas ou não podem ser os mesmos em dois momentos distintos da vida de alguém. Quando alguém diz que se sente cansado, pode dizer com vários tipos de entonação e significação.

- (1) processos em grande escala que são muito semelhantes em pessoas diferentes e, tendo alguma importância social, são representados por formas convencionais de fala, como por exemplo, eu estou com fome (zangada, assustada, arrependida, feliz; minha cabeça dói, e assim por diante);
- (2) contrações musculares de pequena escala obscuras e altamente variáveis e secreções glandulares, que diferem de pessoa para pessoa e, tendo importância social imediata, não são representadas como formas convencionais de fala;
- (3) movimentos silenciosos dos órgãos vocais, tomando o lugar dos movimentos da fala, mas não perceptíveis para outras pessoas (“pensando em palavras”§ 2.4) (BLOOMFIELD, 1933, p. 142-143)<sup>25</sup>.

---

24 “The mentalist, therefore, can define the meaning of a linguistic form as the characteristic mental event which occurs in very speaker and hearer in connection with the utterance or hearing of the linguistic form. The speaker who utters the word apple has had a mental image of an apple, and this word evokes a similar image in a hearer’s mind. For the mentalist, language is the expression of ideas, feelings, or volitions” (BLOOMFIELD, 1933, p. 142)

25 “(1) large-scale processes which are much the same in different people, and, having some social importance, are represented by conventional speech-forms, such as I’m hungry (angry, frightened, sorry, glad; my head aches,

Cada indivíduo responde ao mesmo estímulo de forma diferente, no entanto todas as respostas são previsíveis de acordo com a comunidade de fala que é sempre dominante, pois tudo o que existe é devido à comunidade. Tudo o que for inerente à língua é de cunho social. No que se refere ao ato comunicativo, mesmo o que não for linguístico, as respostas físicas, como a dilatação das pupilas ou o tremor das mãos em alguma circunstância, ainda assim passa pelo crivo social e apenas adquire significação num contexto coletivo. As respostas provindas do estímulo podem variar desde uma articulação sonora até um comportamento corporal como a felicidade estampada nos olhos de uma criança ao receber um presente ou o desgosto de alguém que tem um objeto seu violado por outrem.

O esquema behaviorista de Estímulo – Reação (S-R) é chamado por Weiss de biofísico e biossocial, respectivamente, de acordo com Belyi (in FOUGHT, 1999). Os estímulos vão ocorrer primeiro no falante e depois no ouvinte. Nunca acontecerão do mesmo modo e com a mesma intensidade em todas as situações para todos os indivíduos. O falante emite um estímulo sonoro que é captado pelo ouvido do ouvinte e transformado em conhecimento e, não necessariamente, a compreensão do mesmo fato será igual para os dois.

A língua, deste ponto de vista, sendo um fenômeno de natureza estímulo-resposta, é, [...] caracterizada por movimentos produtores de sons dos órgãos da fala, ondas sonoras resultantes e vibração dos tímpanos do ouvinte, a serem designadas como possuidoras de qualidades biofísicas. Ao mesmo tempo, a língua sendo um marcador do status social do indivíduo deve ser designada como biossocial. Em outras palavras, segundo Weiss, a língua é um fenômeno que possui dois aspectos: biofísico e biossocial (BELYI in FOUGHT, 1999, p. 117)<sup>26</sup>.

Os neurônios processam a informação que será transmitida por meio das ondas sonoras que vibram o tímpano do ouvinte. Esse processamento depende do aspecto social da língua e também do modo de produção dos fonemas, cada comunidade tem seus próprios hábitos fonêmicos. Weiss estava certo em procurar explicações no campo da física e Bloomfield apropriou-se disto para falar a respeito do ato que assente que a língua seja vista como uma

---

and so on); (2) obscure and highly variable small-scale muscular contractions and glandular secretions, which differ from person to person, and, having a immediate social importance, are not represented conventional speech-forms; (3) soundless movements of the vocal organs, taking the place of speech-movements, but not perceptible to other people (“thinking in words,” § 2.4)” (BLOOMFIELD, 1933, p. 142-143).

26 “Language from this point of view being a phenomenon of stimulus-response nature is, in that part which is characterized by sound-producing movements of the organs of speech, resultant sound waves and the vibration of hearer's eardrums, to be designated as possessing biophysical qualities. At the same time language, being a marker of the social status of the individual is to be designated as biosocial. In other words, according to Weiss language is a phenomenon possessing two aspects: biophysical and biosocial” (BLOOMFIELD, 1933, p. 117).

metodologia que “[...] permite que um falante faça uma reação (R) quando outro tem o estímulo (S)”, como disse Bloomfield (1933, p. 24)<sup>27</sup>.

Ainda consoante Bloomfield (1933, p. 32), “esses mecanismos são estudados em fisiologia e, principalmente, em psicologia. Estudá-los, especialmente sobre a língua, é estudar a psicologia da fala, a psicologia linguística”<sup>28</sup>. Não é da competência do linguista estudar os problemas da língua relacionados à fisiologia e à psicologia, uma vez que essas são competências do psicólogo. Contudo, as descobertas realizadas pelo linguista são valiosas para o psicólogo.

Então fica a dúvida, inclusive inquirida por Belyi (1967) no início do artigo sobre a influência de Weiss sobre Bloomfield, ao questionar se não foi Bloomfield, com suas descobertas sobre as línguas indígenas nunca estudadas, quem teria influenciado Weiss a seguir por esse caminho em que associa o conhecimento da psicologia behaviorista de estímulos e respostas ou reações, ao que acontece numa interação comunicativa entre os animais em geral.

O fato de Bloomfield ter escrito a obra *An Introduction to the Study of Language* (1914) antes que Weiss tivesse publicado seu primeiro texto *The Mind and the Man-Within* (1919), remete à apropriação do conceito da psicologia para explicar um fenômeno linguístico que, no caso, acontece devido à estreita relação entre ambos possibilitando que pensassem juntos na solução apresentada por Bloomfield na obra *Language* (1933).

O comportamentalista, Wundt, influenciou mais diretamente na primeira obra, já no manual *Language* (1933), segundo Murray (in FOUGHT, 1999, p. 271)<sup>29</sup>, “Bloomfield frequentemente citou Weiss, mas o quão essencial seu behaviorismo foi para a linguística de Bloomfield é uma questão de contínua controvérsia”. Basta saber que Weiss apenas se valeu de um método de outra ciência para aplicá-lo à linguística. Bloomfield sustentou sua teoria no sistema psicológico de Wundt a fim de discutir em termos simples, como é o caso da aquisição da língua pela imitação e pelo hábito, porque a língua é soberana e está acima do próprio indivíduo.

Ao escrever a obra *Language* (1933), Bloomfield “[...] aprendeu que podemos buscar o estudo da língua sem referência a qualquer doutrina psicológica”<sup>30</sup>, de acordo com Lepschy (in FOUGHT, 1999, p. 220). Apesar disto, em toda a extensão da obra *Language* (1933)

27 “[...] enables one person to make a reaction (R) when another person has the stimulus (S) (BLOOMFIELD, 1933, p. 24).

28 “These mechanisms are studied in physiology and, especially, in psychology. To study them in their special bearing on language is to study the psychology of speech, linguistic psychology” (BLOOMFIELD, 1933, p. 32).

29 “Bloomfield frequently cited Weiss, but just how essential his behaviorism was to Bloomfield's linguistics is a matter of continuing controversy” (MURRAY, 1993 in FOUGHT, 1999, p. 271).

30 “[...] he has learnt that ‘we can pursue the study of language without reference to any one psychological doctrine’” (LEPSCHY, 1982 in FOUGHT, 1999, p. 220).

encontram-se explicações advindas da psicologia para fatos linguísticos. A questão do estímulo-resposta foi uma das contribuições da psicologia de Weiss para a linguística bloomfieldiana. O fato de o indivíduo aprender pela imitação e cópia são suscitados no texto a todo o momento, claramente uma contribuição de Wundt.

O método estruturalista de descrição linguística de Leonard Bloomfield construído pelo viés das teorias filosóficas, sociais e psicológicas deu resultado. Atualmente, Bloomfield é lembrado por esse feito tanto na América do Norte, onde os linguistas o têm como ponto de partida quanto no Brasil. Nenhuma das obras de Leonard Bloomfield (1914, 1926 e 1933) foi traduzida no Brasil, nem por isso os linguistas brasileiros desconsideraram a genialidade dele quanto ao método elaborado e aplicado à linguística. Um método incomum para a época porque associava duas áreas aparentemente não complementares, mas que, pela empiria se justificavam.

## **CAPÍTULO 2 A APLICAÇÃO DO MÉTODO DESCRITIVO NOS CONCEITOS DE LÍNGUA E FONEMA**

Leonard Bloomfield dedicou-se ao estudo da língua no que tange à parte mais material, aquilo que refere-se à fonética e a fonêmica, mais particularmente. Neste capítulo, pretende-se expor como Bloomfield trabalhou esses temas, por vezes coligindo pesquisas já realizadas e outras vezes demonstrando a abordagem dos assuntos tratados, a partir do que pôde ser aprendido durante sua inserção na comunidade de fala. O diferencial de Bloomfield, nesse campo, consiste na possibilidade de testar suas descobertas e comprovar os estudos realizados por outros pesquisadores.

Um professor tem a preocupação em orientar seus alunos e tornar suas vidas acadêmicas menos complicadas com relação aos estudos, esse foi o papel de Bloomfield com relação ao ensino de língua. Algumas vezes, na obra *Language* (1933), ele chama a atenção do futuro linguista ou do curioso sobre a questão da língua para o quê e como fazer quando trata-se de linguística descritiva. Inclusive o fato de ele ter elaborado vários manuais de linguística corrobora com a profissão escolhida por ele: linguista e professor.

Notavelmente, Bloomfield impulsionou a área da linguística norte-americana e, desse modo, serviu como fonte para autores que concordavam e refutavam suas ideias. Em virtude de sua experiência como professor e pesquisador, Bloomfield elaborou manuais sobre o ensino de segunda língua a pedido do Governo norte-americano que incumbiu o exército de orientar seus soldados a disseminar a língua inglesa por onde passassem. Além desses, outros manuais foram escritos por ele com a intenção de ensinar.

As obras *An Introduction to the Study of Language* (1914), *A Set Postulates* (1926) e *Language* (1933) tratam sobre fonética e fonêmica, numa clara referência à observação de Bloomfield com relação a oralidade manifestada pela produção dos sons vocais. Toda essa produção acadêmica de Bloomfield torna evidente sua preferência pelo estudo da língua aplicada à comunidade de fala e suas particularidades, bem como compreender a evolução dos estudos linguísticos no século XIX. Segundo Fries (1970 in Fought, 1999), Bloomfield foi um grande contribuinte da linguística, pois ninguém fez como ele e rejeitou os métodos pré-científicos do estudo da língua.

O escopo do material linguístico usado por Bloomfield era significativo mais bem desenvolvido porque o tratamento científico dado previa a progressão da linguística amparada na observação e descrição da língua viva. Nas obras de 1914 e 1933, Bloomfield rememora

estudos realizados durante os séculos anteriores tentando ensinar a seus alunos coo estas pesquisas foram feitas, sobre a importância delas para a ciência linguística e quais modificações, nesse sentido, poderão ser realizadas de modo a tornarem as pesquisas mais assertivas.

Na primeira parte deste capítulo, haverá a síntese dos estudos bloomfieldianos sobre as questões que abrangem a língua. Também será importante ressaltar como os outros pesquisadores contemporâneos dele ou seguidores de outras épocas a fim de discutir sobre tais questões. Na segunda parte, serão elencados os estudos fonéticos e fonêmicos desenvolvidos a partir dos gregos até os neogramáticos, o conceito de fonema e como ele contribui para a pesquisa da língua da comunidade de fala.

### *2.1 A Língua como Instrumento de Comunicação*

O conceito de língua e os estudos realizados no sentido de entendê-la foi uma preocupação dos pesquisadores desde a Grécia antiga até os neogramáticos, como Bloomfield. Era preciso perscrutar os documentos escritos para entender a procedência e o parentesco das línguas, a fala, os sons da fala. Na obra *An Introduction to the Study of Language* (1914) Bloomfield faz uma comparação entre os seres humanos e os animais e chega à conclusão de que ambos têm comunicação, mas os seres humanos possuem características distintas porque dominam os sons articulados.

As sensações assemelham os seres humanos e os animais, porque são primitivas e não racionais. Segundo Bloomfield (1914, p. 1), “no mundo animal todo processo mental é acompanhado de processos físicos correspondentes”<sup>31</sup>, os animais, assim como o homem em seu estado bruto, correspondem a estímulos que condiciona-os a uma resposta como um pássaro com fome que busca comida ou um ser humano enraivecido que se defende usando a força.

Contudo, a língua humaniza o indivíduo, garante-lhe, ao contrário de apenas imitar tal qual os outros animais no seu modo de ser, a socialização, a exposição daquilo que pensa por meio da fala. A língua é a vida do indivíduo, significa sua inserção fora dos limites da sensação

---

31 “In the animal world every mental process is accompanied by a corresponding physical process” (BLOOMFIELD, 1914, p. 1).

e da emoção pura, isto é, “os efeitos da língua são notáveis e incluem muito do que distingue o homem dos animais [...]”<sup>32</sup>, de acordo com Bloomfield (1933, p. 3).

Parece evidente que todos os homens, por toda história da humanidade, conseguiram expressar seus pensamentos, sentimentos e emoções por meio da fala. Segundo Whitney (2010, p. 18), “[...] a linguagem é natural do homem”, para Sapir (1949, p. 11), falar “parece tão natural ao homem quanto andar, e pouco menos do que respirar”, essa é a natureza do indivíduo que ao nascer é inserido no grupo linguístico, coloca-se na condição de comunicador de suas ideias reforçando que o pensamento existe porque o indivíduo fala e o inverso também é verdadeiro.

Se em comunidade ou sozinho, o indivíduo fala pensando e pensa falando, mesmo estando sozinho, ele fala, dado que é preciso comunicar-se. No entanto, só em comunidade a língua é reconhecida como parte fundamental dos indivíduos, uma vez que a “[...] fala só se desenvolve socialmente, condição gerada pela necessidade humana de ser entendido e compreendido [...]”, como afirma Milani (2012, p. 45). O indivíduo é reflexo do meio e só existe em decorrência disto.

O fato de Bloomfield ser professor implicava no discernimento a respeito da língua ensinada pela escola como uma necessidade de estudar língua no currículo educacional. A língua “certa”, cheia de regras e exceções conhecidas apenas pela escola. Essa não é a mesma língua da comunidade de fala, a qual importa-se não com as características estruturais da língua mas com a efetiva comunicação entre os falantes. A não ser algum indivíduo escolarizado questionando sobre problemas linguísticos que, geralmente, atém-se ao que é certo ou errado na fala ou como uma construção frasal pode ser melhorada, ninguém mais importa-se a não ser com o ato de falar. Pode-se dizer, então, que a língua estava sendo estudada a partir de uma concepção de escrita rígida, pré-estabelecida e que não corresponde à língua do povo, conforme disse Bloomfield (1914).

No século XIX, estudou-se a língua cientificamente, porém o conhecimento chegava ao indivíduo por meio da tradição gramatical, a doutrina escolar. Na obra *Language* (1933), Bloomfield fez uma compilação dos estudos sobre a língua iniciando pelos gregos, que estudaram a própria língua e descreveram pormenores da língua falada. De acordo com Bloomfield (1933, p. 5), os gregos “[...] descobriram as partes da fala de sua língua, suas

---

32 “The effects of language are remarkable, and include much of what distinguishes man from animals [...]” (BLOOMFIELD, 1933, p. 3).

construções sintáticas, como especialmente as de sujeito e predicado, e suas principais categorias flexionadas: gêneros, números, casos, pessoas, tempos e modos”<sup>33</sup>.

A discussão sobre a relação entre as coisas e as palavras surgiu dos estudos realizados pelos gregos, especificamente, Platão (427-347 a. C.) quando escreveu o *Crátilo*, diálogo em que o filósofo discute o que é o nome e a palavra. Estava sendo estabelecida, nesta obra, uma relação que teria como resultado um trabalho entre os indivíduos de uma mesma comunidade. Como explicou Bloomfield (1933), as discussões promovidas pelo Diálogo *Crátilo*, de Platão, possibilitaram a percepção de que os analogistas acreditavam na língua natural, num primeiro momento, e, depois, regular e lógica, enquanto os anomalistas apontavam as irregularidades estruturais dela.

O estudo da língua passou por vários estágios desde os gregos antigos, Dionísio da Trácia (século II a. C.) e Apolônio Discolo (século II a. C.) ensinaram sobre gramática a partir dos poemas épicos, a *Ilíada* e a *Odisseia*, e dos trabalhos de Aristarco de Samos (310-230 a. C.). As generalizações sobre a língua, no século XVIII, estavam relacionadas ao fato de a língua ser um presente de Deus como reforçavam as teorias conhecidas “bow-bow”, sons naturais ou a imitação de gritos que expressam emoção em seres humanos e animais; “ding-dong”, a origem da língua foi atribuída às ações simbólicas de produção sonora e seu significado e “pooh-pooh”, o nascimento da língua ocorreu através da evolução de gestos e sons espontaneamente expressivos, segundo Bloomfield (1933).

Para Mounin (1989), há a quarta teoria consiste nas emissões de ruído que acompanham o esforço da escola, a chamada teoria “yo-he-ho”. Desse modo, algumas teses sobre a origem da língua poderiam concentrar-se em explicações desde a aquisição da língua pela criança, nas formas linguísticas dos povos primitivos até na patologia da língua. Sendo assim, as teses filosóficas argumentam que a língua é inata e adquirida, resultado de uma invenção intencional, como acredita Bloomfield (1933).

Os romanos contribuíram com o estudo sobre a língua na medida em que imitaram o modelo grego, Donato (320-380 d. C.) e Prisciano (500 d. C.) construíram gramáticas latinas e seus textos foram usados durante a Idade Média ao mesmo tempo em que o latim transformava-se nas línguas românicas (francês, italiano, espanhol), conforme Bloomfield (1933). Características da gramática latina foram descobertas pelos filósofos escolásticos, embora os

---

33 “They discovered the parts of speech of their language, its syntactic constructions, such as, especially, that of subject and predicate, and its chief inflectional categories: genders, numbers, cases, persons, tenses, and modes” (BLOOMFIELD, 1933, p. 5).



romanos tenham contribuído menos para este estudo, conseguiram diferir os substantivos e adjetivos.

De toda colaboração, nesse sentido, a *Grammaire Générale et Raisonnée* do convento de Port-Royal (1660), destacou-se como uma doutrina que persistiu até o século XIX, como está em Bloomfield (1933). A Gramática de Port-Royal, como é mais comumente conhecida, descreveu a manifestação do pensamento do indivíduo, não era puramente um manual de gramática, mas “[...] é sem dúvida um ponto de referência importante na história da evolução dos estudos gramaticais”, de acordo com Bruno Basseto e Henrique Graciano Murachco, no prólogo da 2ª edição (ARNAULD; LANCELOT, 2001, p. XXXIII).

Durante a Renascença, as pesquisas gregas voltaram a interessar aos estudiosos da língua. Segundo Bloomfield (1933), a era da exploração trouxe um conhecimento superficial concernente às muitas línguas do mundo, através dessa constatação, sacerdotes iniciaram seus estudos linguísticos a partir dos livros religiosos. O alerta era para o fato de eles não terem competência para compreenderem sons estrangeiros, portanto equívocos podem ter havido. A partir da necessidade comercial e também turística, ampliou-se a imprescindibilidade da criação de dicionários e gramáticas que suprissem essas exigências.

As línguas clássicas, o grego, o latim e o sânscrito, viabilizaram a compreensão e comparação entre as línguas, um dos princípios linguísticos desenvolvidos no século XIX, momento em que havia o interesse em descobrir o parentesco entre as línguas indo-europeias. O método comparativo ajudou a compreender algumas similaridades linguísticas a começar pelas terminações flexionais dos verbos do sânscrito, grego, latim, persa e germânico, pesquisa desenvolvida por Franz Bopp.

Foi o conceito do parentesco das línguas que racionalizou os estudos linguísticos; o ponto de partida foi a revelação do sânscrito aos sábios ocidentais; o conhecimento dessa língua – além de possibilitar facilmente, pelo menos em certos casos, a análise da palavra em seus elementos constitutivos – dava acesso à obra dos gramáticos hindus, tesouro de observações precisas, particularmente instrutivas no tocante à classificação dos fonemas e às teorias da raiz e da formação das palavras (LEROY, 1977, p. 31).

Leonard Bloomfield resgatou a teoria comparatista como forma de sintetizar e dar formato aos estudos linguísticos num período pós-guerra em que os Estados Unidos estavam interessados em investir nessa área e impulsionar novas pesquisas. Era preciso avaliar como sucedeu a comparação entre as línguas e, por isso, percebeu-se, no que tange à derivação e à descoberta de suas origens, muitos enganos. Muitos pesquisadores achavam que o latim era uma língua que coexistia de modo inalterado com as línguas românicas, as quais representavam

corrupções aleatórias da primeira. Com o entendimento a respeito desses equívocos surgem as famílias de línguas que são amplamente estudadas e pesquisadas por estudiosos europeus, tornando-se uma doutrina linguística inquestionável.

O século XVIII desenvolveu-se muito, no que tange ao conhecimento sobre língua, filosoficamente conseguiram traçar diferenças estruturais entre elas, embora os sons da fala e os símbolos do alfabeto fossem de difícil compreensão para o momento. As famílias de línguas modernas foram substituindo as de línguas antigas, então foram surgindo as famílias europeias de línguas como o grupo germânico, o grupo românico e o grupo eslavo.

A linguística da Índia é mais antiga que a da Europa ocidental e desde o início se desenvolveu seguindo uma linha autóctone de estudos, tendo alcançado o seu período de apogeu muito cedo na história [...] A linguística da Índia não foi de orientação histórica, ainda que suas raízes estivessem nas mudanças por que passam as línguas no decorrer do tempo (ROBINS, 1979, p. 108).

Muito antes de a linguística descritiva dedicar-se aos domínios da fonética, fonologia, gramática e sintaxe, os indianos já pesquisavam e aprimoravam-se sobre esses temas, realizando pesquisas incomparáveis em fonética e gramática, por isso o método usado por eles era superior ao que os europeus criaram para lidar com os mesmos assuntos. A linguística da Índia surgiu como uma necessidade de preservação dos textos religiosos dos vedas e da tradição oral. Os indianos ensinaram os europeus a analisar as formas do discurso por comparação entre as partes constituintes.

Para demonstrar todo o caminho percorrido pelos filólogos, antropólogos e linguistas, no que se refere ao estudo da língua, cabe acrescentar que Bloomfield (1933) fez uma pesquisa minuciosa de todo o período de desenvolvimento da história da linguística recuperando fontes e biógrafos, um trabalho notável que possibilitou aos estudantes de linguística obter um panorama geral dos estudos da língua. Segundo Bloomfield (1933), as línguas antigas, o grego, o sânscrito e o latim, foram estudadas por William Jones (1746-1794) e, para esta pesquisa, o ano de 1786 foi o mais proveitoso, uma vez que o parentesco entre as línguas estava sendo pesquisado com o auxílio do método comparativo.

Assim sendo, algumas formas linguísticas recuperadas remontavam a “língua mãe”, as mudanças sonoras provocavam a mudança dos hábitos do falante e concretizavam-se em palavras ou frases modificadas foneticamente. Ao comparar-se as línguas, semelhanças fonéticas iam aparecendo como configurações delas, uma estratégia para estabelecer e denunciar as relações entre elas, mais próximas ou mais distantes fazendo pensar que havia estágios de evolução da língua.

[...] a metáfora evolucionista cumpria e ainda cumpre uma função central na descrição clara dessas relações. Por ela era possível especificar as relações temporais, com o estabelecimento de diferentes gerações (língua-mãe e línguas-filhas), e também expressar a discretude observada entre certos grupos de línguas (entre as diversas famílias não seria possível estabelecer parentesco) (MOURA; CAMBRUSSI, 2018, s/p).

Para enfatizar a importância do método comparativo, Bloomfield (1933) traçou uma sequência temporal de comparatistas que tiveram suas pesquisas reconhecidas, serviram como ponto de partida para que entendessem-se aquele momento histórico e alicerçassem a linguística. Quando escreveu *Language* (1933), a intenção era fazer um manual, o levantamento de dados que remetiam a pesquisadores e suas pesquisas e como foram recebidos pela classe de linguísticos e estudiosos da língua presentes em cada momento histórico era imprescindível.

Bloomfield (1933) disse que, nessa linha de sucessão, tem-se, em 1816, Franz Bopp que tratou sobre os verbos do sânscrito, grego, latim, persa e germânico. Em 1818, Ramus Rask mostrou que as palavras em germânico tinham forma regular em algumas línguas indo-europeias. Em 1819, Jacob Grimm publicou o primeiro volume da *Deutsche Grammatik* e, em 1822, a segunda edição e mais três volumes foram publicados em 1826, 1831 e 1837, respectivamente, o quinto volume versava sobre sintaxe.

Em 1833, Bopp publicou uma gramática comparativa do indo-europeu. August Friedrich Pott (1802-1887), entre 1833 e 1839, lançou a primeira edição do *Etymological Investigations*. As décadas do início do século XIX foram de sucessivas descobertas e inúmeros manuais foram escritos neste período e logo tornaram-se antiquados como a gramática de Bopp que mesmo com as novas edições foi substituída pelo *Compendium of the Comparative Grammar of Indo-European Languages* (1861), de August Schleicher. Depois disto Karl Brugman e Berthold Debrück (1842-1922) publicaram, em 1886, *Outline of the Comparative Grammar of the Indo-European Languages*, cuja segunda edição data de 1897 a 1916, conforme Bloomfield (1933).

À medida que o trabalho prosseguia outros tratados mais detalhados voltaram-se para os diferentes ramos da família indo-europeia à maneira do grande tratado de Grimm sobre o germânico. Friedrich Diez (1794-1876) iniciou o estudo dos indicadores das línguas românicas com a *Grammar of the Romance Languages* (1836-1844); Johann Kaspar Zeuss (1806-1856) abriu o campo das línguas célticas com a *Grammatica Celtica* (1853); Franz von Miklosich (1813-1891) escreveu a *Comparative Grammar of the Slavic Languages* (1852-1875)<sup>34</sup>(BLOOMFIELD, 1933, p. 16).

---

34 “As the work went on, other, more detailed treatises were devoted to the separate branches of the Indo-European family, in the manner of Grimm’s great treatise on Germanic. Friedrich Diez (1794-1876) began the serious study of the Romance languages in his *Grammar of the Romance Languages* (1836-1844); Johann Kaspar Zeuss (1806-

Muitos trabalhos tinham sido desenvolvidos e outros estavam progredindo. Os estudos sobre língua estavam dando trabalho a uma grande parte dos pesquisadores dispostos a realizar esse serviço. Willian Dwight Whitney, estudioso americano que, em 1867, escreveu *Language and the Study of Language* e, em 1874, *The Life and Growth of Language*, ambas tiveram grande repercussão, pois o próprio autor escreveu-as também noutras línguas além do inglês.

A guisa do desenvolvimento da linguística, Bloomfield (1933) continuou selecionando pesquisadores e suas respectivas pesquisas para comprovar os esforços para compreender a língua e a origem da linguística. Hermann Paul surgiu, em 1880, com a publicação do *Principles of Linguistic History* com sucessivas edições, a quinta foi em 1920. August Leskien estudou a respeito das línguas bálticas, ainda outros pesquisadores sentiram-se atraídos por outras línguas fora da família indo-europeia. Tinham a finalidade de elaboração de um levantamento filosófico da fala humana e, por isso, tornou-se ininteligível porque estava permeado de noções filosóficas que já não faziam mais sentido naquele momento.

Bloomfield (1933) reconheceu como o melhor tratado de linguística geral *On Language*, de Wilhelm von Humboldt (1836). Publicado em 1861, o tratado sobre a estrutura da língua de H. Steinthal (1823-1899) também teve lugar de destaque. A pesquisa realizada por G. von der Gabelentz (1840-1893) era bem menos filosófico e se referia à ciência da língua. Wilhelm Wundt escreveu, em 1900, o tratado sobre psicologia social.

Otto Bohtlingk (1815-1904) fez uma edição europeia moderna da gramática de Panini, em 1851. Friedrich Müller (1834-1898) publicou um guia da ciência linguística entre os anos de 1876 e 1888, já, em 1905, Franz Nikolaus Finck (1867-1910) realizou um ensaio teórico e um pequeno volume sobre a descrição e análise da língua. Um estudo descritivo baseado na pesquisa histórica e na generalização filosófica em 1910, como havia feito Saussure em suas palestras na universidade que foram convergidas em livros, em 1915, após sua morte.

Assim, o trabalho realizado por Bloomfield consistiu em determinar quais foram os trabalhos e pesquisadores relevantes para a constituição da linguística. Sem sombra de dúvidas acrescentou muito na utilidade de suas obras. Em suma, segundo Bloomfield (1933, p. 21), “a ciência linguística surgiu de preocupações relativamente práticas, como o uso da escrita, o

---

1856) opened the field of the Celtic languages in his *Grammatica Celtica* (1853); Franz von Miklosich (1813-1891) wrote a *Comparative Grammar of the Slavic Languages* (1852-1875)” (BLOOMFIELD, 1933, p. 16).

estudo da literatura e, principalmente, de registros mais antigos e a prescrição de um discurso mais elegante [...]”<sup>35</sup>.

A escrita, para Bloomfield (1933, p. 3), era um método de análise imperfeito e a “linguística, o estudo da língua, está apenas no início”<sup>36</sup>, sendo assim, o estudo da escrita não deveria ser uma inquietude já que nem todas as comunidades desenvolveram-na, mas todas falam. O uso da escrita serve para estabelecer diferenças entre uma forma de língua mais espontânea de outra mais bem cuidada. Fora da tradição europeia outras nações elaboraram gramáticas que tratavam da língua clássica com a finalidade de assimilar os textos religiosos e também preservar a língua. Bloomfield (1933) expôs que árabes, judeus e chineses avançaram muito no que refere-se ao estudo de língua criando gramáticas ou compêndios de lexicografia, como preferiram os chineses.

Bloomfield (1933) concordando com Whitney (2010) avaliou que a escrita influencia pouco ou nada a fala da comunidade, porquanto é uma forma de forjar a língua, fazendo-a ceder aos caprichos da gramática que normatiza e regula essa variante. Os indivíduos devem aprender formalmente a nova forma da língua na escola que doutrina e legitima o emprego dela, simultaneamente, a fala é a real produção do indivíduo, a escrita nunca será.

Com relação às línguas indígenas e ao próprio Inglês, corpus de análise de Bloomfield, o importante era observar a fala e o comportamento dos indivíduos em comunidade, porque os falantes são estimulados, por meios extralinguísticos, inclusive, a desenvolverem a fala que faz parte do “[...] organismo social [...]”<sup>37</sup>, segundo Bloomfield (1933, p. 28), organizado a partir de um grupo de falantes selecionados para estabelecerem a comunicação interna na comunidade, por compartilharem os mesmos sons, sinais e o mesmo espaço de convivência. Formando os hábitos e costumes compartilhados e que são refletidos a partir da língua falada, molde do pensamento de adultos e crianças, fatos explicados pela teoria behaviorista em que os indivíduos são submetidos às condições que possibilitam o discurso.

A língua é usada num evento prático de comunicação que permite que os falantes, imbuídos nessa tarefa, possam compreender-se até mesmo por meios não linguísticos. Bloomfield (1933) assinalou que existem eventos práticos que antecedem o ato de fala e outros que o sucedem, os dois eventos são mediados pelo discurso. O fato de alguém estar com fome

---

35 “Linguistic science arose from relatively practical preoccupations, such as the use of writing, the study of literature and especially of older records, and the prescription of elegant speech [...]” (BLOOMFIELD, 1933, p. 21).

36 “Linguistics, the study of language, is only in its beginnings” (BLOOMFIELD, 1933, p. 3).

37 “[...] social organism [...]” (BLOOMFIELD, 1933, p. 28).

e salivar ao ver um alimento na mão de outro pode, permitir que os actantes interajam no sentido de oferecer o alimento ao outro ou esperar que ele peça, depende da intimidade entre os interlocutores.

Os sinais visuais, auditivos, olfativos, gustativos, que fizeram com que o discurso fosse suscitado, constituem eventos práticos precedentes do discurso, enquanto a proximidade entre os falantes permitem-lhes pedir ou não, negar ou ceder ao pedido do outro compondo os eventos práticos posteriores. Por isso, a fala não se limita apenas à oralidade dos sons articulados, das palavras e frases, mas envolve todo um contexto que deve ser considerado para efetivar o uso da língua de modo viável.

Assim, de acordo com Bloomfield (1933, p. 23), “a ocorrência de um discurso (e, como veremos, a palavra) e todo o curso de eventos práticos antes e depois dele dependem de toda a história de vida do falante e do ouvinte”<sup>38</sup>, dependem do conhecimento de mundo dos actantes, caso um deles não compartilhem do mesmo conhecimento, o ato de fala não acontecerá com a mesma eficiência. Os sentidos do texto são criados desde a leitura do mundo do falante e do ouvinte somando-se a isto o conhecimento linguístico, totalizando o conhecimento adquirido pela práxis.

A natureza arbitrária das expressões de fala deve-se diretamente ao princípio fecundo que torna possível a comunicação por meio de tais expressões. Se cada falante reagisse a cada experiência de tal forma que nenhum traço de sua história anterior afetasse a reação, a comunicação seria impossível<sup>39</sup> (BLOOMFIELD, 1914, p. 82).

O conhecimento de mundo dos falantes dizem muito a respeito do tipo de comunicação que estabelecem. As circunstâncias do discurso são reconhecidas de forma linguística e extralinguística, motivando os actantes a corresponderem a elas de modo coerente. Os animais, diferentemente dos seres humanos, não estão suscetíveis a tais circunstâncias, porque, de acordo com Bloomfield (1933, p. 27), “até certo ponto alguns animais recebem estímulos uns dos outros”<sup>40</sup>. A organização das formigas no formigueiro ou a dança das abelhas a procura de alimentos, de notam que a comunicação entre eles é possível.

---

38 “The occurrence of a speech (and, as we shall see, the wording of it) and the whole course of practical events before and after it, depend upon the entire life-history of the speaker and of the hearer” (BLOOMFIELD, 1933, p. 23).

39 “The arbitrary nature of speech-expressions is directly due to the fruitful principle which makes communication by means of any such expressions possible. If each speaker reacted under each experience in such a way that no trace of his earlier history affected the reaction, communication would be impossible (BLOOMFIELD, 1914, P. 82).

40 “Up to a certain point, some animals respond to each others stimuli” (BLOOMFIELD, 1933, p. 27).

Contudo, apenas o ser humano consegue comunicar-se independentemente de mímicas, gestos, pantomimas, o funcionamento dos órgãos fonadores certifica que a fala é o modo mais viável de comunicação entre os humanos. Em termos de comunicação, o ser humano é completo, sabe comunicar-se de várias formas, dominando até os sons articulados. Os seres humanos agrupam-se para sobreviver e é por convenção social que acordam sobre a língua que falarão, sobre, inclusive, como realizarão os fonemas vocálicos.

Para Bloomfield (1933), um grupo social humano é a designação dada para comunidade, uma vez que o grupo social representa uma ordem superior a todas as outras. Então, os estímulos devem ocorrer via comunidade de fala para que, em forma de discurso ou eventos práticos, tenha-se uma resposta reconhecida e aceita pelo grupo, se não for assim, correrá o risco de não ser considerada uma resposta plausível ou se a fala estiver prejudicada de alguma forma o ouvinte pode não receber o estímulo corretamente, uma pessoa com gagueira tem dificuldades de comunicação.

A língua, como verifica-se em Bloomfield (1933), consiste num complexo de hábitos derivados dos sucessivos estímulos que o falante recebe ao longo da vida caracterizando os usos feitos dela. Outra forma de estudar as respostas dos indivíduos é observá-las no conjunto, visto que cada indivíduo corresponde diferentemente aos estímulos, isto é, as ações e reações dos indivíduos são variáveis ao passo que apresentam-se constantes quando em grupo.

Bloomfield observou empiricamente a comunidade de fala e não, necessariamente, o indivíduo, que poderia apresentar inconstância de um para outro, desse modo, “[...] vale a pena registrar todas as declarações de discurso em uma grande comunidade, [...] devemos predizer quantas vezes uma expressão específica, como Bom dia ou Eu te amo ou Quanto custa a laranja hoje? seriam faladas num número fixo de dias”<sup>41</sup>, como recomenda Bloomfield (1933, p. 37). O estudo dos hábitos da comunidade poderia oferecer ao linguista um resultado mais preciso sobre as mudanças que vão ocorrendo na língua.

De forma pontual, a psicologia apropria-se da observação acurada da língua, a fim de descrever os tipos individuais operando na comunidade, já o linguista não está preparado para analisar o indivíduo, mas o modo como a língua desenvolve-se e perpetua-se na comunidade de fala por meio dele. De acordo com Bloomfield (1933), uma análise psicológica feita por um

---

41 “If we found it possible and worth while to register every speech-utterance in a large community, we should doubtless be able to foretell how many times any given utterance such as Good-morning or I love you or How much are oranges today? Would be spoken within a fixed number of days” (BLOOMFIELD, 1933, p. 37).

linguista extrapolaria os conceitos linguísticos e abrangeria questões mais de cunho espiritual, segundo disse Bloomfield (1933).

O trabalho linguístico deve encontrar combinações válidas para a fala e que formem um padrão. Assim, o linguista observador poderá certificar-se de que os hábitos de fala de uma comunidade dizem muito a respeito dela, mas que aquele que observa a fala não tem condições de resgatar e entender mudanças ocorridas antes disto. Para Bloomfield (1933, p. 38), “a esse respeito, no entanto, a ciência da linguagem é afortunada, porque métodos de estudo comparativos e geográficos, novamente através da observação em massa, fornecem uma boa parte do que devemos esperar obter das estatísticas”<sup>42</sup>.

A ciência linguística apresenta uma posição privilegiada em detrimento das demais porque a língua, segundo Bloomfield (1933, p. 38), “[...] é a mais simples e fundamental das atividades sociais (ou seja, particularmente humanas)”<sup>43</sup> e o linguista se encontra numa posição similar porque as atividades linguísticas desenvolvidas em comunidade são rigidamente padronizadas, facilitando o trabalho do pesquisador. A língua, a fala, o grupo de pessoas que vale-se dos mesmos fonemas, morfemas, lexemas, sintaxe e práxis fazem parte da vida do falante e da comunidade de fala.

O indivíduo pode ser estimulado a falar, de forma direta ou mesmo indireta, pois há atos de fala que não exigem nenhuma resposta imediata, porém estímulos que deixam o falante mais receptivo, mais sensível a estímulos posteriores. No entanto, esse refinamento e intensificação dos estímulos requer uma interação linguística excessiva, como a “[...] educação ou a cultura, ou qualquer nome que escolhermos, depende da repetição e publicação de uma vasta quantidade de discurso”<sup>44</sup>, conforme Bloomfield (1933, p. 41).

A comunidade produz atividades humanas que são demonstradas por meio da fala. Não se trata de um agrupamento de indivíduos da mesma raça, que pertencem a um mesmo grupo étnico, mas um grupo de pessoas que partilham a mesma variante linguística, pessoas que encontram-se num mesmo grupo, falam de um modo particular, fazendo com que essa prática seja concretizada por meio da transmissão linguística de geração para geração.

---

42 “In this respect, too, the science of language is fortunate, however, because comparative and a geographical methods of study, again through mass-observation, supply a good deal of what we should hope to get from statistics” (BLOOMFIELD, 1933, p. 38).

43 “[...] language is a simplest and most fundamental of our social (that is, peculiarly human) activities” (BLOOMFIELD, 1933, p. 38).

44 “Education or culture, or whatever name we choose to give it, depends upon the repetition and publication of vas amount of speech” (BLOOMFIELD, 1933, p. 41).



As pesquisas com os povos indígenas, produzidas por Bloomfield e pelo grupo de antropólogos, comprovam que a herança linguística é uma prática que se repete em cada comunidade, formando uma identidade linguística. Os indivíduos de uma dada comunidade não produzem seus discursos de forma mais eficaz ou com mais talento que outras, pois todos os membros de uma mesma comunidade têm a mesma condição. Importa saber que toda língua cumpre o papel de comunicar e é efetiva para toda situação.

Os indivíduos fazem suas próprias escolhas linguísticas e podem ser julgados por isso. Os próprios falantes serão incentivados a eleger a melhor e a pior forma de língua, estabelecendo quem usa uma variante mais formal e aceitável pelo grupo e quem usa uma variante informal e que sofrerá preconceito por isso. Todas as línguas do mundo variam e todas têm uma variante pertencente à elite e, por essa razão, a melhor forma de comunicação é aquela escolhida para perpetuar a língua na forma escrita.

Os falantes, sejam eles de uma mesma comunidade ou de comunidades distintas, têm um único objetivo: a comunicação. Então, “as possibilidades de comunicação são aprimoradas e os limites da comunidade de fala são ainda mais obscurecidos por outro fator muito importante, a saber, o uso de línguas estrangeiras pelos indivíduos”<sup>45</sup>, conforme Bloomfield (1933, p. 54). Os limites geográficos de fronteira não impedem que os povos de uma comunidade comuniquem-se na língua de outra comunidade, apesar de ser difícil, já que os fonemas não se realizam da mesma forma em duas línguas distintas.

A síntese sobre as línguas feita por Bloomfield (1933), em suma, ressaltou a importância e relevância da língua na interação entre os indivíduos que vivem numa comunidade de fala e para o grupo que se forma a partir dela. Nas palavras de Bloomfield (1933, p. 6), “a língua foi uma invenção de heróis antigos, ou então o produto de um espírito místico do povo”<sup>46</sup>. Toda a experiência vivida pelo falante contribui para que ele fale a língua da comunidade, se não fosse assim, não seria possível haver comunicação, consoante Bloomfield (1914). A língua está disposta no espírito do povo e tem papel significativo para a constituição da comunidade linguística.

---

45 “The possibilities of communication are enhanced and the boundaries of the speech-community are further obscured by another very important factor, namely, people’s use of foreign languages” (BLOOMFIELD, 1933, p. 54).

46 “Language was an invention of ancient heroes, or else the product of a mystical Spirit of the Folk” (BLOOMFIELD, 1933, p. 6).

## 2.2 Apontamentos sobre Fonética e Fonêmica

A fonética e a fonêmica são ciências que desenvolveram-se ao longo do tempo, enquanto os estudiosos da língua tentavam explicá-la a partir de sua materialidade, os sons vocais. Leonard Bloomfield realizou estudos nessas áreas e resgatou fontes para seus textos, no entanto, sua real contribuição foi a definição do fonema. Antes disto, o fonema era definido como o som da letra, Bloomfield foi mais longe ao perceber, por meio da observação empírica, que letra e fonema não eram correspondentes. A letra não passava de uma forma de representação dos sons, até meio canhestra, visto que uma letra pode ser usada para mais de um som e também o contrário pode ocorrer. Isto posto, o tema mais relevante da obra de Leonard Bloomfield é o fonema e como ele é debatido pela fonética e pela fonêmica.

Ao tratar sobre os sons da fala, Bloomfield (1933) conseguiu concretizar todo seu antimentalismo e caracterizar o materialismo mecanicista. Consistia numa clara atitude exercida na mesma direção que Whitney, pesquisar a fala humana empiricamente. O som articulado produz no ouvinte um processo físico, a elaboração de um pensamento, um conceito, uma imagem e, finalmente, uma resposta como estava previsto pela behaviorismo.

Para ter mais clareza com relação ao desenvolvimento da fonética e da fonêmica, é necessário voltar a alguns autores e conceitos produzidos desde os gregos. Mesmo sem a compreensão a respeito do fonema e sua funcionalidade, eles reconheciam a diferença entre a língua que falavam e as línguas bárbaras faladas pelos estrangeiros ou até mesmo os dialetos formados a partir de sua própria língua.

Trata-se, neste subcapítulo, sobre a aplicação das duas teorias nas obras bloomfieldianas, e como a fonética e a fonêmica eram vistas sob a ótica deste linguista. Bloomfield exemplifica situações corriqueiras da fala produzidas pelos americanos e também pelos ingleses, neste trabalho, para melhor compreensão, serão discutidos exemplos do funcionamento da língua brasileira em detrimento da língua portuguesa. Comparações entre o que foi a fonética e a fonêmica para Bloomfield e a visão a respeito delas atualmente, depois de toda a evolução ocorrida desde o Círculo Linguístico de Praga que modificou o pensamento a respeito deste assunto no século XX.

De acordo com Leroy (1977, p. 55), “o cavalo de batalha dos neogramáticos foi então, desde o início, a proclamação de ‘leis fonéticas’ para cujo prestígio contribuiu circunstâncias favoráveis”. Leonard Bloomfield era de formação neogramática e, por isso, dedicou parte de suas pesquisas empíricas à compreensão e aplicação de seus conhecimentos sobre fonética e

fonêmica desde a observação das línguas indígenas até a constituição da língua inglesa nos Estados Unidos e na Inglaterra.

Sendo assim, Bloomfield escreveu seus textos baseados nos conceitos da fonética, a qual estuda a produção física do fonema, como ressoa pelo aparelho fonador do falante e é recebido pelo aparelho auditivo do ouvinte. Um evento puramente físico, preciso que produz a língua e torna-a palpável. A teoria behaviorista emergente, no final do século XIX e início do XX, previa que, ao ser estimulado, o falante poderia discursar a respeito de algo que incitaria no ouvinte uma resposta a contento. O ouvinte poderia variar a resposta dependendo da escolha lexical feita, porque cada indivíduo tem uma maneira única de usar a língua e a comunidade aceita uma gama de significados de uma mesma palavra e certifica-os como uma forma legítima daquela variante.

Segundo Bloomfield (1933, p. 77), “o foneticista não pode nos dizer quais características são significativas para a comunicação e quais são irrelevantes. Um recurso que é significativo em alguns idiomas ou dialetos pode ser indiferente em outros”<sup>47</sup>. No laboratório de fonética, as diferenças são percebidas, as formas linguísticas de fala são analisadas e suas diferenças ressaltadas como na palavra *tijolo* [tʃiˈzolu] e *tijolos* [tʃiˈzɔlus], em que a distinção do fonema vocálico com relação ao timbre é provocada pelo plural da palavra. Já em *almoço* [awˈmosu] e *almoço* [awˈmɔsu], a abertura ou não do fonema vocálico produz uma diferença quanto à classificação morfológica da palavra que, no primeiro caso, trata-se de um substantivo e, no segundo, um verbo.

Cada língua possui um número finito de fonemas. Cada fonema pode ser dividido em particularidades que o compõem e diferenciam-no dos demais, fazendo com que as palavras também possam assumir significados distintos, propiciando uma comunicação efetiva. Bloomfield (1933, p. 78) afirmou que “a fim de reconhecer as características distintivas das formas em nossa própria língua, precisamos apenas determinar quais características do som são ‘diferentes’ para fins de comunicação”<sup>48</sup>. Para tanto, criou-se o alfabeto fonético que consiste em descrever como cada fonema se realiza e, então, cada um recebe um símbolo para designá-lo.

---

47 “The phonetician cannot tell us which features are significant for communication and which features are immaterial. A feature which is significant in some languages or dialects, may be indifferent in others” (BLOOMFIELD, 1933, p. 77).

48 “In order to recognize the distinctive features of forms in our own language, we need only determine which features of sound are “different” for purposes of communication” (BLOOMFIELD, 1933, p. 78).

Reconhece-se a necessidade de estabelecer uma tabela fonética a que cada língua se adequará, pois não há linearidade fonética de língua para língua, nem tão pouco dentro da mesma língua. A variante linguística coloquial e a padrão podem estabelecer formas distintas para a realização de uma mesma palavra como *colher* > *cuié*, transformação de fonema palatal em oral, ou transformação de um fonema surdo em um sonoro *cuspir* > *guspir*; ou ainda a transmutação de um fonema oral em um nasalizado, *mortadela* > *mortandela*. Esses e vários outros casos podem ocorrer de modo a influir sobre a língua falada que se comporta de forma diferente da escrita.

O som articulado produzido pelos indivíduos e que conduz a comunicação entre eles, recebeu o nome de fonema. De acordo com Bloomfield (1926, p. 157), “um mínimo de característica vocal é um fonema ou som distinto”<sup>49</sup>, um pequeno traço distintivo é capaz de diferenciar um /f/ e um /v/. Como disse Mounin (1972, p. 108), “fonemas não são átomos universais, são em sua totalidade um conjunto de feixes de traços distintivos, segundo Bloomfield (1933).

A quantidade e o tipo de fonemas são variáveis de língua para língua. Conforme Bloomfield (1926, p. 157), “o número de fonemas diferentes em uma língua é um pequeno submúltiplo do número de formas”<sup>50</sup>, assim as diversas posições da língua, dos lábios, bem como a abertura total ou parcial da boca concorrem para o tipo de fonema e sua realização. Assim como a duração da produção do fonema, o volume em que é produzido, o tom e a posição dos órgãos fonadores não podem sofrer modificações de qualquer maneira. O tom, por exemplo, é medido a partir da colocação de uma simples palavra na frase, *John* é o exemplo usado por Bloomfield (1933, p. 115) podendo ser *John? John! John*.

Conforme Bloomfield (1933) a fonética acústica não mostrará, por meio das ondas sonoras, a importância de um fonema, que só pode ser identificada quando inserida numa interação comunicativa real, quando falante e ouvinte estiverem conscientes da variação acústica que o fonema pode sofrer. Por meio da aceitação social, o fonema se concretizará para a comunidade de fala, e poderá tanto aceitar uma chiante quanto uma sibilante.

As formas da língua são compostas por fonemas e constituem fatos empíricos para todas as línguas observadas, de acordo com Bloomfield (1926). A definição e classificação do fonema foi um importante marco da obra bloomfieldiana, uma vez que, como Bloomfield lida com a

---

49 “A minimum same of vocal feature is a phoneme or distinctive sound” (BLOOMFIELD, 1926, p. 157).

50 “The number of different phonemes in a language is a small sub-multiple of the number of forms” (BLOOMFIELD, 1926, p. 157).

comunidade de fala e os falantes, fica fácil identificar as sutis diferenças que os mantêm individualizados e formam a identidade deles. Somente em comunidade as diferenças materializam-se.

Os estudos fonéticos e fonêmicos avolumaram-se no período. Em virtude disto, pode-se concluir que a fonética passou por quatro estágios bem delimitados, de acordo com Juul e Nielsen (1989). O primeiro deles desenvolveu-se com a gramática filosófica preocupada com as letras e com a representação dos sons das línguas. Então, foram criados os alfabetos, como o latino, que ainda hoje serve para alicerçar a escrita de várias línguas que, como disse Bloomfield (1914), pode até ser encarado como um problema. Não há letras o suficiente para todos os fonemas da língua inglesa, e, na verdade, não há correspondência total entre letras e fonemas para nenhuma língua.

Nesse período filosófico, o interesse estava centrado nos sons da fala, era preciso descrevê-los e compreendê-los. Desde então, surgiu a preocupação em estudar a física e a fisiologia da fala, o que só ocorreria no século XVIII, quando a tecnologia da época possibilitaria a criação de máquinas capazes de entender os sons articulados e analisá-los. Apesar da limitação tecnológica, o entusiasmo dos estudiosos da língua impulsionou as pesquisas nesse campo.

O desenvolvimento da linguística comparada e da linguística histórica proporcionou um crescimento considerável da fonética. Ramus Rask (1787-1832) dedicou-se às questões fonéticas e os neogramáticos também fizeram muito com relação à abordagem física e fisiológica da fonética fornecendo uma base científica sólida para a linguística. A partir de meados do século XIX, a linguística histórica, por meio da comparação das línguas ou dos dialetos estudados com a finalidade de demonstrar as “[...] continuidades genuínas de idiomas antigos, mas também com um objetivo mais prático: o de elevá-los ao status de línguas reais, criando uma prática de ortografia”<sup>51</sup>, consoante Juul e Nielsen (1989, p. 44).

A ortografia gerou muitas controvérsias e, por isso, foi necessário estabelecer uma convenção. A intenção era perceber que “a forma escrita [...] tende a preservar a forma fonética da língua [...]”<sup>52</sup>, conforme Bloomfield (1914, p. 288). A escrita eficazmente conserva a língua por muito tempo até foneticamente, isto facilita para o falante e também para o linguista investigado.

---

51 “[...] genuine continuations of ancient idioms, but also with a more practical aim: that of raising them to the status of real languages by devising a practical orthography” (JUUL; NIELSEN, 1989, p. 44).

52 “The written form thus tends to preserve the phonetic form of the Language [...]” (BLOOMFIELD, 1914, p. 288).

A fonética, no século XIX, foi muito bem desenvolvida pela escola britânica, embora também demonstrassem interesse nessa área tanto os franceses quanto os alemães. Eduard Sievers (1850-1932) deu um salto relevante com relação aos estudos sobre fonética ao escrever, em 1876, *Grundzüge der Lautphysiologie*<sup>53</sup> que primava pela fonética descritiva com uma perspectiva estática, ocupando-se do estudo dos sons numa determinada época, ou seja, sincronicamente, consoante Bloomfield (1933).

Na França, o trabalho mais relevante foi o de Paul Passy (1859-1940) que tanto atuou como professor de fonologia quanto editor do periódico *Le maître phonétique*<sup>54</sup>, um jornal sobre a fonética das línguas vivas. Como disseram Juul e Nielsen (1989), foi no país de Passy que desenvolveu-se a fonética experimental, também chamada por Otto Jespersen (1860-1943) de *machine phonetics*.

Conforme Lopes (2000, p. 97), “[...] os fundamentos da Fonologia (ou Fonêmica, como preferem dizer os anglo-saxões) se estabeleceram a partir do segundo decênio do século XX, na Europa e nos Estados Unidos da América do Norte”. O Círculo Linguístico de Praga reuniu vários linguistas que interessavam-se pelo assunto e puderam contribuir com a expansão do tema pelo mundo. Nos Estados Unidos, foram os linguistas Edward Sapir (1884-1939) e Leonard Bloomfield que, embora trabalhassem separadamente, contribuíram com a propagação da fonologia entre os estudantes de linguística, inclusive brasileiros. Sobre a recepção do conceito de fonema de Bloomfield (1933) e sua aplicação fonêmica tem-se o subcapítulo 5.1 desta tese.

Para Bloomfield, era preciso isolar o significado dos enunciados, assim sobraria a parte mais material, objeto de estudo da fonética. Ainda como ele aponta, essa ciência podia ser dividida em fonética fisiológica, o estudo dos movimentos produtores do som, e fonética física ou acústica, estudo das ondas sonoras resultantes do processo de fala. Na época, ainda não era possível estudar a reação do tímpano do ouvinte com relação às ondas sonoras. Consoante Callou e Leite (1993, p. 11), “[...] à fonética cabe descrever os sons da linguagem e analisar suas particularidades articulatórias, acústicas e perceptivas”, uma vez que desconsideram-se as relações paradigmáticas e as combinações sintagmáticas também.

A fonética articulatória ou fisiológica “[...] investiga e classifica os sons da fala em termos da maneira como são produzidos pelos órgãos da fala [...]”, consoante Lyons (1987, p. 71). Ela consiste na forma mais antiga de investigação dos sons, pois remonta a antiguidade

---

53 Princípios de Fonologia (1876).

54 O mestre fonético.

indiana em que investigava-se a língua litúrgica, o Sânscrito, e ainda é usada na atualidade porque é muito eficaz do ponto de vista da produção dos sons pelo aparelho fonador. A fonética acústica averigua as propriedades físicas das ondas sonoras produzidas pelo falante e como propaga-se até o ouvido do ouvinte. Este é um método moderno, trabalha com aparelhos como o espectógrafo que confere mais acuidade ao trabalho desenvolvido. E, por fim, a fonética auditiva também de tradição grega.

Maurice Grammont (1866-1946) foi aluno de Michel Bréal (1832-1915), de Jules Gilliéron e de Ferdinand Saussure e estudou línguas indo-europeias na Universidade de Berlim, na Alemanha. Grammont fundou o laboratório de fonética experimental na Universidade de Montpellier, na França, tornando-se responsável pelas pesquisas que elevaram os estudos fonéticos. Grammont é fonte confessa de Leonard Bloomfield, o qual descreveu detalhadamente como era o processo de investigação da fonética acústica. Segundo Bloomfield (1933, p. 75), “esta fase do estudo da língua é conhecida como fonética (fonética experimental, fonética laboratorial)”. Após o Círculo Linguístico de Praga, o grande expoente da fonética passa a ser Roman Jakobson (1896-1982).

Para melhor averiguação dos processos que constituem os sons, os aparelhos laboratoriais começaram a ser utilizados com a intenção de inspecionar e observar os órgãos produtores da fala. O laringoscópio, o raio-x ou as fitas de papel coloridas (estilo carbono) permitiam uma visão mais acurada a respeito dos órgãos, como a língua, os lábios e os dentes e até o pomo-de-adão, se comportam na produção/realização de um fonema aperfeiçoando a fonética fisiológica, conforme aponta Bloomfield (1933).

O quimógrafo e os discos fonográficos eram usados pela fonética acústica para registrar as variações das ondas sonoras. Apesar de toda essa tecnologia do início do século XX, não era tarefa simples gravar, ouvir e analisar o conteúdo dos discos, mas era a forma mais viável de realização desses estudos. Ainda de acordo com Callou e Leite (1993), a fonética articulatória é mais simples e pode ser aplicada com mais facilidade em países que não possuem os aparatos tecnológicos exigidos pela fonética fisiológica.

Bloomfield trabalhava com a fonêmica vista como a forma característica de abordagem da pronúncia adotada pelos norte-americanos. “A fonêmica é a parte da Linguística Descritiva que se encarrega unicamente de descrever uma língua”, de acordo com Hill (1972, p. 18), era sobre a descrição da língua e suas nuances que Bloomfield ocupava-se quando escreveu a obra, *Language* (1933), ressignificando o modo de fazer linguística em toda a América do Norte.

Segundo Silva (2011), a fonêmica é utilizada para identificar os fonemas e a organização sonora de uma língua seguindo os pressupostos de tendência estruturalista. O principal expoente

foi Kenneth Pike (1912-2000), linguista e antropólogo norte-americano responsável por diferir fonêmica ou fonologia, conhecimentos alicerçados nos sons da língua sobre o significado, e fonética, estudo objetivo desses sons.

Nas obras de Bloomfield, *An Introduction to the Study of Language* (1914) e *Language* (1933), trabalha-se com a perspectiva de associação entre a parte material e imaterial da língua, os sons produzidos pelas cordas vocais, laringe, glote, palato e como esse som transforma-se em contato com o ouvido, provocando um estímulo que exige uma resposta. O primeiro manual descreveu o funcionamento físico da realização dos sons e o modo como o indivíduo produz os sons da fala, mais voltado para a fonética.

Já no segundo, tratou-se um pouco sobre a fonética da fala, mas contemplou também a fonologia quando referia-se aos tipos de fonemas e como eram realizados de forma diferente por falantes de localidades geográficas distintas. Bloomfield não foi o primeiro a discutir sobre variação linguística, mas o esclarecimento que ele deu sobre o assunto propiciou que um ramo importante da linguística, a Sociolinguística, se tornasse interessante para outros estudiosos do século XX.

Devido a sua formação antropológica e suas pesquisas em línguas indígenas, a metodologia usada por Leonard Bloomfield foi a empiria. Ele observou como o falante comportava-se diante da comunidade de fala, visto que é próprio do indivíduo apenas o aparelho fonador, a realização dos fonemas é uma variante social constituída pelo conjunto de indivíduos de uma comunidade e, portanto, devem ser estudados por meio de coleta de dados práticos e verificações laboratoriais.

As pesquisas fonéticas e fonêmicas revelam a tendência ao positivismo de Bloomfield confirmado por seu antimentalismo definido pelo clima de opinião como o determinismo denominado mecanicismo ou fisicalismo, segundo Karl Marx (1818-1883) e Frienderich Engels (1820-1895) definido como materialismo mecanicista. Segundo Mounin (1972, p. 121), a atitude de Bloomfield “consta primeiramente de um esforço, exercido na mesma direção de Whitney, tentando tornar a análise linguística tão científica quanto possível, delimitando-a em seu próprio terreno”.

A linguística, enquanto ciência, definiu um objeto material de estudo: o fonema. Consoante Lyons (1987), Bloomfield certamente estabeleceu o caráter científico da linguística na América do Norte pautado no empirismo e no positivismo, pois era adepto do reducionismo, ou seja, acreditava que a simplificação poderia ser um modo coerente de explicar sua teoria. Nesse sentido, para Bloomfield (1933), a única certeza material da língua são os fonemas, os sons articulados decodificados pelo ouvido humano. Bloomfield não se cansou de dizer que os



hábitos imitados pelos falantes de um mesmo grupo fazem com que esse grupo tenha traços semelhantes, isto é, a fala mostra-nos que as semelhanças audíveis unem o grupo e fazem com que um falante reconheça o outro bem como as diferenças podem distingui-lo dos demais grupos.

O pensamento é moldado pela língua e os fonemas constituem a materialidade apropriada pelos falantes para a comunicação, de acordo com Humboldt (1999, p. 108), “a forma fônica é a expressão que a língua dá à ideia”<sup>55</sup>. Aos linguistas, cabe explicar a relação entre o que é ouvido e como o pensamento formula respostas para isto. Bloomfield (1933) disse que o mundo é composto por situações de fala que favorecem a inter-relação entre os falantes. Se um falante diz algo, sua fala produz um efeito no ouvinte e este, por sua vez, produzirá uma resposta.

Bloomfield remete-se aos eventos sucessivos de um ato de fala, em que três momentos ou eventos são distinguidos (A) referentes à situação do falante; (B) expressão do som da fala e o impacto deste no ouvido do ouvinte e (C) a resposta possível do ouvinte, como se lê em Bloomfield (1933, p. 74). Dos três eventos, apenas A e C são constituintes do mundo real porque equivalem a todo o conhecimento que falantes e ouvintes possuem.

Os momentos dos eventos descritos acima estão particularmente ligados ao que Weiss (apud DINNEEN in FOUGHT, 1999, p. 298) postulou a esse respeito ao dizer que um indivíduo é estimulado a falar. Os sons emitidos por sua fala produzem estímulos que propiciam certas reações por parte dos ouvintes, constituindo-se num hábito adquirido por todo falante de uma mesma comunidade de fala. São os sons articulados que produzem um significado e estimulam a reação do ouvinte, daí dizer que são três fatores indissociáveis.

A psicologia, em particular, nos dá esta série: para certos estímulos (A) uma pessoa reage falando; sua fala (B), por sua vez, estimula seus ouvintes a certas reações (C). Por um hábito social que toda pessoa adquire na infância das pessoas mais velhas com quem convive. A-B-C estão intimamente correlacionados. Dentro dessa correlação, os estímulos (A) que causam um ato de fala e reações (C) que resultam dele, estão intimamente ligados, porque cada pessoa age indiferentemente como falante ou como ouvinte. Estamos livres, portanto, sem mais discussão, para falar de características vocais ou sons (B) e de características de estímulo-reação (A-C) da fala<sup>56</sup> (DINNEEM, 1995 in FOUGHT, 1999, p. 298).

---

55 “La forma fónica es la expresión que la lengua otorga a la idea” (HUMBOLDT, 1999, p. 108).

56 “Psychology, in particular, gives us this series: to certain stimuli (A) a person reacts by speaking; his speech (B) in turn stimulates his hearers to certain reactions (C). By a social habit which every person acquires in infancy from his elders. A-B-C are closely correlated. Within this correlation, the stimuli (A) which cause an act of speech and reactions (C) which result from it, are very closely linked, because every person acts indifferently as speaker or as hearer. We are free, therefore, without further discussion, to speak of vocal features or sounds (B) and of stimulus-reaction features (A-C) of speech” (DINNEEM, 1995 in FOUGHT, 1999, p. 298).

O diagrama de Bloomfield é fiel ao que Weiss propôs porque, Bloomfield correlacionou o ato de fala à psicologia, uma vez que linguística e psicologia, naquele período, estavam intimamente ligadas. Pautados sobre a relação entre as duas ciências, os pesquisadores tentavam uma explicação plausível para o fenômeno da fala e como era a recepção dos fonemas pelo ouvinte. Isto é, sem um estímulo, o falante não pronuncia nada e o ouvinte não terá nenhuma reação e nem sequer haverá uma intersecção entre as duas ações que se concretizará na comunidade de fala.

Sendo assim, segundo Bloomfield (1933), dos três eventos mencionados, apenas A e C constituem o mundo real, porque correspondem a todo o conhecimento adquirido ao longo da convivência em comunidade por parte do ouvinte e do falante. Quanto à B, representa exatamente o corpus de estudo do linguista, ou seja, o som da fala definido por Bloomfield (1933, p. 74) como “[...] um meio que nos permite responder a situações que de outra forma não nos afetaria ou para responder com mais precisão [...]”<sup>57</sup>, como Whitney (2010), já havia alertado, há outras maneiras de se responder a algum ato comunicativo que não seja pelo som articulado.

Contudo, o som articulado é a maneira mais assertiva, rápida e com uma margem de erro menor na comunicação, porque o indivíduo está totalmente submetido à decodificação do som. Bloomfield (1914) argumenta que se tivesse sido negado ao indivíduo o direito de usufruir dos sons articulados, as outras formas de comunicação sugeridas por Whitney seriam adequadas às necessidades dos falantes, porém, elas não são capazes de demonstrar todas as sensações do indivíduo, assim como o som articulado produzido de maneira engenhosa pelo aparelho fonador, um conjunto de órgãos emprestados para esse fim.

Em suma, o falante/ouvinte pode transmitir todo seu conhecimento a partir da língua que pronuncia e todo o mundo do falante/ouvinte estará implícito na fala. Os falantes nativos de uma determinada língua conhecem todo o universo dela e têm condições de sabê-la por inteiro. A língua cumpre seu papel social, o falante parte de uma variedade de estímulos que produzem uma imagem acústica a qual sai pela boca do falante em forma de sons articulados que cumprem o papel de estimular dois sistemas nervosos para estabelecer-lhes o contato de forma harmônica e organizada. O ato de fala consiste numa sucessão de ondas sonoras irrepetíveis pronunciadas por um falante e captadas por um ouvinte. Numa comunidade de fala,

---

57 [...] a means which enables us to respond to situations that would otherwise leave us unaffected, or to respond more accurately to situations that otherwise might prompt less useful responses” (BLOOMFIELD, 1933, p. 74).

os sons são fisicamente diferentes, mas funcionais, pois tendem a ser reconhecidos e decodificados pelos membros da comunidade.

A prática e a experiência, isto é, o treino que o indivíduo faz desde o nascimento, transforma o material acústico em respostas possíveis para o estímulo produzido. Conforme Fries (in FOUGHT, 1999, p. 91), “apenas quando sequências de sons vocais são captadas ou reconhecidas como encaixando-se em padrões recorrentes, elas tornam-se o material da linguagem [...]”<sup>58</sup>, os sons articulados devem fazer sentido para todos os indivíduos de uma comunidade, se o ouvinte não compreende bem a articulação sonora do falante, a comunicação não se efetiva.

Ao linguista, não cabe mensurar todas as situações em que a fala pode acontecer. Se fosse possível, haveria uma relação entre a situação de produção da fala e a resposta do ouvinte, A e C, como significado para qualquer enunciado. Desse modo, a linguística, segundo Bloomfield (1933), atuaria nos planos fonético e semântico de modo ideal. Sendo assim, ele considerou o significado para que fosse possível estudar a materialidade porque não haveria grandes novidades e não seria preciso fazer estudos mais aprofundados do contexto comunicacional. Os apontamentos feitos, com relação à descrição da língua, por Leonard Bloomfield, foram relevantes até meados do século XX.

Tornou-se dolorosamente comum dizer que eu, ou melhor, todo um grupo de estudantes de línguas dos quais eu sou um, não presto atenção ao significado ou o negligencio, ou mesmo que nos comprometemos a estudar a língua sem sentido, simplesmente como som sem sentido. Não é apenas um assunto pessoal que está envolvido nas declarações a que me referi, mas algo que, se permitido desenvolver, irá prejudicar o progresso da nossa ciência, estabelecendo um contraste fictício entre os estudantes que consideram o significado e os que negligenciam ou ignoram isso. A última classe, até onde eu sei, não existe (FRIES in FOUGHT, 1999, p. 87)<sup>59</sup>.

O excerto acima é parte de uma carta que Bloomfield enviou a um amigo de Charles C. Fries, cujo nome não é revelado. Nessa parte, há uma explicação sobre a acusação de que ele e seus seguidores não consideravam o significado, como dito, a linguística não tinha recursos suficientes para estudá-lo. O objetivo de Bloomfield era claramente estudar o som articulado sem preocupar-se com o significado, configurando seu método de estudo.

---

58 “Only as sequences of vocal sounds are grasped or recognized as fitting into recurring patterns do they become the stuff of language [...]” (FRIES in FOUGHT, 1999, p. 91).

59 “It has become painfully common to say that I, or rather, a whole group of language students of whom I am one, pay no attention to meaning or neglect it, or even that we undertake to study language without meaning, simply as meaningless sound... It is not just a personal affair that is involved in the statements to which I have referred, but something which if allowed to develop, will injure the progress of our science by setting up a fictitious contrast between students who consider meaning and students who neglect or ignore it. The latter class, so far as I know, does not exist” (FRIES in FOUGHT, 1999, p. 87).



## CAPÍTULO 3 OS CONCEITOS DE COMUNIDADE DE FALA E FALANTE

Os dois conceitos trabalhados neste capítulo são de suma importância para compreender a atividade desenvolvida por Bloomfield durante sua inserção nas comunidades indígenas na América do Norte. Comunidade de fala e falante foram temas elencados por Whitney (2010), contudo não como fez Bloomfield e a diferença entre eles está no fato de o último ter coparticipado da vida da comunidade e, assim, saber definir qual o papel dela e também do falante para o ato comunicativo.

Whitney é lembrado aqui porque sabe-se que ele serviu como fonte para Bloomfield e, mais do que isto, Bloomfield começou sua carreira estudando as obras de Whitney e conversando com seu tio Maurice sobre todos os ensinamentos de Whitney a respeito de suas pesquisas linguísticas. Levando-se a acreditar que Bloomfield foi influenciado pelo modo de fazer de Whitney, no entanto, não se deixou levar pelas explicações dele e quis, ele próprio, fazer as suas.

Desse modo, Leonard Bloomfield foi a campo, observou de perto a relação entre a comunidade e o falante e verificou que estes eram temas imprescindíveis para a compreensão do processo contínuo de transmissão e preservação da língua. Os falantes são os responsáveis por manter na comunidade uma forma de fala específica, portanto, é por meio da fala que a identidade da comunidade se concretiza.

Sendo assim, esse grupo coeso de pessoas tem sinais de fala similares e não importa a individualidade presente no falante, pois não tem valor algum para o contexto do grupo. As atividades humanas válidas na comunidade são aquelas que podem ser notadas em todos os membros, se não estiver no todo, simplesmente não existe para a comunidade.

A discussão, que se proporá aqui, é relevante, uma vez que tais conceitos não se tornaram obsoletos, ainda estão sendo empregados para definir o objeto de estudo de alguns ramos da linguística. Além do mais, foi por eles que Bloomfield sobressaiu-se como linguista e pôde entender que a língua não é mutável e nem tão pouco pertence a um único indivíduo, seja ele mais escolarizado ou não.

### *3.1 A Definição de Comunidade de Fala*

Os sons produzidos pelos falantes de línguas distintas divergem, pois são particularidades de uma comunidade de fala, a qual foi definida por Bloomfield (1933, p. 42)

como “[...] um grupo de pessoas que interagem por meio da fala”. Os falantes precisam falar uma mesma língua com os mesmos tons, pronúncia e significados reconhecidos pelo grupo.

Desse modo, as atividades dos seres humanos surgem a partir dos ajustes dos indivíduos, ou seja, a comunidade, é possível que isto ocorra desde que a língua de todos os integrantes da comunidade seja mesma, se não for pela língua, não há atividade humana, nem formação de um grupo. Portanto, Bloomfield (1933) garante que a comunidade de fala é o mais importante grupo social.

Em toda a história da humanidade, as pessoas estão agrupadas com a finalidade de se tornarem mais fortes, ter mais chances de sobrevivência, ajudarem-se mutuamente. Mesmo antes de o homem possuir uma língua e dominar os sons articulados, era preciso conviver em grupo. Os desenhos rupestres justificam essa afirmativa, já que contam aventuras heroicas de um povo e, ainda hoje são utilizados para entender um pouco mais sobre aquelas civilizações.

Viver em sociedade era um fator preponderante para que os seres humanos se reconhecessem como iguais. A partir do momento em que os sons articulados são dominados pelo homem, seus feitos poderiam ser contados e recontados em qualquer lugar para quem quisesse ouvir, diferente dos desenhos rupestres, estáticos, imóveis e sempre contando uma história igual.

O caráter social da língua advém de discussões que se avolumaram durante os séculos XIX e princípio do XX e estava amparada por todos os filólogos, filósofos, sociólogos e psicólogos. Pode-se afirmar que o clima de opinião da época deixava evidente que a língua não poderia existir fora do núcleo social. Esse era o ponto de partida para trabalhos como o de Leonard Bloomfield que previam uma observação do meio social em que o indivíduo estava inserido, era preciso definir, nomear o grupo social para que pudesse, enfim, existir, já que se não tem nome, não existe.

No século XIX, a nomenclatura para referir-se ao grupo de falantes continuava sendo a palavra sociedade usada por Whitney (1884, p. 404), “a fala não é uma posse pessoal, mas social; pertence, não ao indivíduo, mas ao membro da sociedade”<sup>60</sup>. E, no século XX, por Antoine Meillet (1921, p. 113), “cada sociedade também tende a constituir classes distintas, e como os membros de cada uma dessas classes tendem a viver entre si, separando-se das outras

---

60 “Speech is not a personal possession, but a social; it belongs, not to the individual, but to the member of society” (WHITNEY, 1884, p. 404).

classes, falam línguas diferentes [...]”<sup>61</sup>, dialetos distintos caracterizados pelo modo de falar de cada grupo ou sociedade.

Contudo, havia uma razão lógica para que nenhum desses pesquisadores tenham conseguido nomear mais assertivamente o conjunto de falantes de uma mesma língua. A intenção de todos era unicamente identificar a língua escrita, estabelecer relações entre as propriedades linguísticas encontradas em cada sociedade ou nação, estudar os aspectos fonéticos das línguas e, enfim, descrevê-las. Nenhum deles, a não ser Whitney, fez um trabalho investigativo com relação à língua falada.

As pesquisas estavam alicerçadas nos textos escritos em sua maioria, e essa realidade só mudou depois que Franz Boas iniciou um trabalho de formação antropológica nos Estados Unidos influenciando muitos estudiosos até a metade do século XX. O propósito era investigar as línguas ameríndias e compreender a origem e variação das ideias universais incrustadas na história de cada povo.

Conforme Boas (2004, p. 33, grifo do autor), “o objetivo de nossa investigação é descobrir os *processos* pelos quais certos estágios culturais se desenvolveram. [...] Queremos saber as razões pelas quais tais costumes e crenças existem [...]”. A partir dessa nova forma de pesquisa, surge a necessidade de conhecer um pouco mais a fundo os falantes de uma língua a fim de que, inseridos no contexto de vida e experiências locais, os pesquisadores pudessem fazer seus trabalhos.

A concepção do conjunto de falantes e sua representação foi aos poucos mudando, ou seja, sendo mais apropriadamente caracterizado. Os antropólogos nomearam-no de grupo social porque havia atuação de causas sociais sobre ele, numa intensa relação com a língua daquele povo especificamente. O formato era de um grupo unificado pela língua, pela cultura e pelas crenças, o qual compartilhava os mesmos interesses e se mantinha num mesmo lugar.

Bloomfield participou efetivamente da formação antropológica americana, foi um dos discípulos de Boas. No entanto, pode-se dizer que sua lealdade aos ideais dos antropólogos não foi como a de Sapir. Bloomfield aproveitou-se de algumas noções básicas da antropologia como o estudo do indivíduo submerso no mesmo ambiente que os falantes para criar um método próprio de investigação que consistia em estar inserido no contexto social do grupo de falantes,

---

61 “Toute société tend aussi à constituer des classes distinctes, et au fur et à mesure que les membres de chacune de ces classes tendent à vivre entre eux, en se séparant des autres classes, ils se donnent des parlens différents [...]” (MEILLET, 1921, p. 113).

observar suas interações comunicativas e compreendê-las por meio do mecanicismo e do behaviorismo.

As possibilidades de interação dos falantes por meio da fala são compelidas por leis de causa e efeito. Os indivíduos precisam de uma motivação para se expressarem verbalmente, que tanto pode ser visual, olfativa, sonora, tátil, gustativa. A língua possui mecanismos estáticos que são suscitados pela memória do falante para formulação dos textos produzidos como respostas aos estímulos. Todo esse acervo de informações está guardado e conservado pela comunidade de fala.

Desde a obra *An Introduction to the Study of Language* (1914), Bloomfield parte do pressuposto de que os falantes estão conectados pela comunidade de fala. As crianças, ao nascer, se integram ao grupo tradicionalmente formado pelos adultos, que têm a função de garantir os significados das palavras e expressões e assegurar que os fonemas sejam semelhantes para todos os falantes da mesma comunidade como forma de preservação dos interesses linguísticos dela.

As experiências dos indivíduos são compartilhadas pela comunidade de fala da qual fazem parte e não serão as mesmas para outra comunidade, pois a individualidade está na comunidade coesa e una e não no falante. Segundo Bloomfield (1914, p. 84), “[...] uma série de experiências que são classificadas juntas em uma comunidade de fala podem não ser classificadas juntas, ou podem formar apenas uma pequena parte de uma classe maior, ou podem ser distribuídas de alguma outra forma em outra comunidade de fala”<sup>62</sup>. Nunca do mesmo modo. Em suma, Bloomfield compreendeu o sentido real da formação do grupo que não se constituía apenas numa sociedade, mas uma comum unidade formada a partir da língua.

Bloomfield (1914) teve a intenção de entender a relação entre o novo membro e a comunidade de fala. Existe, neste espaço, uma lógica psicológica determinada pelo comportamento dos falantes que preveem, em primeiro lugar, que para ser membro da comunidade, é preciso falar a mesma língua que os demais membros, por isso todos os falantes se comprometem com o ensinamento por meio da tradição, do hábito e da imitação.

Em segundo lugar, para que o novo membro seja aceito, é preciso que ele compreenda os dispositivos criados para o funcionamento daquela língua naquela comunidade. Se se tratar de um indivíduo de outra comunidade que, por algum motivo, teve de adequar-se à nova língua,

---

62 “[...]a number of experiences that are classed together in one speech-community may not be classed together at all, or may form but a small part of a larger class, or may be in some other way distributed in another speech-community” (BLOOMFIELD, 1914, p. 84).



ele não será totalmente aceito pela comunidade que o acolhe porque nunca saberá realizar os fonemas da nova língua como um nativo. Então, sempre haverá algo que o confirme como um estrangeiro naquela comunidade, mesmo que opte por adotá-la como sua.

Já novo membro, uma criança recém nascida, paulatinamente, aprende a se comunicar por meio dos movimentos expressivos, dos gestos e linguagem corporal para, enfim, chegar aos sons articulados. Desde os primeiros dias de vida, a criança estabelece uma relação comunicativa com os familiares mais próximos e depois com os demais membros da comunidade. Com o passar do tempo, sua inserção na comunidade se expande para outros ambientes além da casa onde mora, assim. Com treino e dedicação, os adultos ensinam-lhe a língua, a qual ela aprenderá imitando os membros da comunidade.

Bloomfield estabeleceu uma relação de proximidade com as comunidades assistidas por ele, viveu na comunidade, conseguiu observar todas as nuances da língua falada e descrevendo-as uma a uma. Portanto, pode-se afirmar que o trabalho de campo realizado por ele, autorizou-o a definir o conjunto de pessoas de modo mais pontual, inclusive, estipulando a fala como a engrenagem que move a comunidade, uma vez que estão previstas nela todas as possibilidades comunicativas entre os falantes.

Ainda interessado em entender mais a respeito do grupo, Bloomfield dedicou um capítulo inteiro da obra *Language* (1933) para conceituar, explicar e exemplificar a comunidade de fala. No início do capítulo, diferencia sociedade e comunidade de fala quando afirma que todos os ajustes realizados pelo ser humano têm a finalidade de formar uma sociedade, uma convivência, mas o que de fato une os falantes e forma uma comunidade de fala é a língua. Não é que os agrupamentos socioeconômicos e políticos não tenham relação com a comunidade, o fato é que o verdadeiro agrupamento de pessoas é aquele formado por falantes de um mesmo dialeto.

A língua converge todas as outras atividades, sem ela nenhum outro agrupamento seria possível. Segundo Bloomfield (1933), os falantes e a comunidade de fala operam por meio da fala a qual assegura a identidade da comunidade. Nesse contexto, falante e comunidade de fala se fundem. Complementam-se. Não se pode dissociá-los porque são únicos e objetivam afiançar que a língua falada seja preservada. Uma comunidade de fala deve ser forte o suficiente para impor sua língua a outra, se necessário for, porque a assimilação de uma comunidade inteira é possível quando ela não tem condições de se impor como falantes de uma mesma língua. A força do grupo e o empoderamento que ele pode ter provém da língua.

As crianças aprenderão a língua ensinada desde o seu nascimento. Se conviverem com a comunidade dos pais, aprenderão a língua deles, se forem adotadas por outra comunidade,

falarão a língua da outra comunidade como língua materna. Os estímulos produzidos para possibilitar a fala desenvolverá mecanismos adequados para que a criança aprenda a língua com a qual convive cotidianamente.

Os estímulos sempre ocorrerão via comunidade de fala para que, em forma de discurso ou eventos práticos, seja concebida uma resposta reconhecida e aceita pelo grupo. Se não for assim, correrá o risco de não ser considerada uma resposta plausível ou se a fala estiver prejudicada de alguma forma o ouvinte pode não receber o estímulo corretamente. Uma pessoa com gagueira tem dificuldades de se comunicar e o ouvinte pode ter dificuldade em decodificar a mensagem corretamente.

A familiaridade traduzida por meio dos estímulos constantes recebidos pelos falantes fazem com que a língua materna seja aprendida e ensinada, pois é o que ocorre na comunidade, de modo muito natural e quase imperceptível. O novo falante vai aprendendo sobre a língua à medida que cresce e desenvolve-se exercendo o papel de orientador e aprendiz da língua de sua comunidade. Um filho aprende a falar com o outro, não, necessariamente, é uma tarefa apenas dos pais ou adultos mais velhos com os quais ele convive.

A fim de uma explicação mais específica sobre esse aprendizado durante os primeiros meses de vida do novo membro da comunidade, Bloomfield descreve qual é o processo de aprendizagem pelo qual a criança passa. De acordo com Bloomfield (1933, p. 29), “sob vários estímulos, a criança emite e repete sons vocais. Esta parece ser uma característica herdada”<sup>63</sup>, nesse sentido, a criança produz um ruído qualquer que a mãe ou outra pessoa possa interpretar como “água”, “quero”, “xixi”, mas que pode não fazer nenhum sentido com os sons produzidos normalmente pela comunidade. Ainda assim, a mãe consegue compreendê-lo pela intimidade desenvolvida com o filho.

Ao fazer isso e ofertar à criança o que ela queria ou pediu, a mãe reforça o aprendizado e incentiva-a a continuar tentando. Nesse exercício de ensinar, ela repete o som produzido e faz com que a criança o memorize, assim, todas as vezes, que se fizer necessário, a criança usará os mesmos sons. Houve um estímulo no tímpano da criança e criou-se um hábito, o qual a impulsiona a produzi-lo mais vezes até que o treino possibilite a produção do som articulado.

A mãe enfatizará esse hábito quando repetir o mesmo som produzido pela criança para dizer alguma coisa. A interação entre mãe e filho propiciará que a criança imite os sons produzidos pelos adultos, assim quanto mais próxima da fala real da comunidade os sons

---

63 “Under various stimuli the child utters and repeats vocal sounds. This seems to be an inherited trait” (BLOOMFIELD, 1933, p. 29).

produzidos pela mãe forem, mais fácil será para que a criança aprenda-os corretamente. Conforme Bloomfield (1933, p. 30), “[...] cada língua parece conter certas palavras infantis que se assemelham ao balbucio de uma criança - palavras como mamãe, dada [...]”<sup>64</sup>, isto ocorre porque os adultos entendem que são necessárias para o processo de ensino-aprendizagem da criança.

Ainda consoante Bloomfield (IDEM, IBDEM), “a mãe, é claro, usa suas palavras quando o estímulo apropriado está presente. Ela diz boneca quando está realmente mostrando ou dando a boneca ao bebê”<sup>65</sup>. Os estímulos são tanto sonoro quanto visual, desse modo a memorização e o hábito são mais fáceis de serem administrados pelo membro infantil. A associação da voz da mãe e a visualização da boneca são fundamentais para que a criança fixe mais rapidamente e com maior facilidade os sons, as palavras, as frases.

Outros hábitos podem surgir, a partir de momentos significativos para a criança, como a hora do banho, o momento de dormir, depois de ter comido, associados alguma ação sugerida pela mãe. Caso a mãe sempre ofereça um cobertor quando vai colocá-la para dormir, sugere a criança a pedi-lo sempre que o evento se repetir, mesmo que a representação, ou seja, o próprio objeto, não esteja presente. Bloomfield (1933) diz que quando isto ocorre, a criança está entrando na fase da abstração ou fala deslocada, não há mais a necessidade de o objeto físico estar presente naquele momento.

A fala da criança será aperfeiçoada à medida que os falantes mais velhos, com quem ela tem maior proximidade, endossarem ou não o que ela está dizendo. Ainda que a fala seja imperfeita, os adultos se empenharão para compreendê-la e como recompensa pelo esforço de ter tentado, darão a ela o que foi pedido. Se a variação dos sons produzidos pela criança for muito grande em relação aos sons originais da língua, a punição será não receber o que foi pedido.

Nesse esforço contínuo, a criança vai aos poucos se desenvolvendo e aprendendo a falar, ainda que não seja estimulada visualmente, e, desse momento em diante, estará apta a aprender com seus fracassos. A função da comunidade de fala, desde os falantes mais próximos da criança, como a mãe, é justamente a de orientar, incentivar por meio de estímulos, recompensar pelos acertos e punir pelos erros. Assim, a comunidade se manterá coesa linguisticamente porque esse é um processo que durará a vida inteira.

---

64 “Grown-ups seem to have observed this everywhere, for every language seems to contain certain nursery-words which resemble a child’s babbling — words like mama, dada [...]” (BLOOMFIELD, 1933, p. 30).

65 “The mother, of course, uses her words when the appropriate stimulus is present. She says doll when she is actually showing or giving the infant his doll” (BLOOMFIELD, 1933, p. 30)

Entender como a criança aprende o funcionamento da língua foi uma das atividades desenvolvidas por Bloomfield em observância da comunidade. Ao fazer esse exercício, ele pode compreender o funcionamento da comunidade de fala e como seus membros estão empenhados em continuar cuidando da sobrevivência dela, pois a deles, enquanto falantes, está condicionada à existência da comunidade.

Devido a inconstância que um e outro indivíduo de uma mesma comunidade pode apresentar, Bloomfield preferiu ter como objeto de pesquisa a comunidade de fala por ela apresentar-se de forma mais linear e constante. Desse modo, as semelhanças poderiam ser relacionadas, descritas, decompostas, analisadas, e por fim, corresponderem à identidade da comunidade de fala, representarem os traços indelévels e intrasferíveis que configuram um grupo como esse.

Outros momentos relevantes do discurso da comunidade também foram descritos. Bloomfield (1933, p. 37) disse que “[...] vale a pena registrar todas as declarações de discurso em uma grande comunidade, [...] devemos predizer quantas vezes uma expressão específica, como Bom dia ou Eu te amo ou Quanto custa a laranja hoje? seriam faladas num número fixo de dias”<sup>66</sup>. Os hábitos dos falantes são melhor estudados e detalhados por meio do discurso proferido, a entonação, os gestos que acompanham a fala, se compreendidos como partes de um todo, poderiam dar ao linguista um resultado mais preciso sobre as mudanças que vão ocorrendo no dialeto da comunidade.

Pelo didatismo bloomfieldiano, percebe-se que ele está orientando os demais linguistas nessa tarefa de serem continuadores de seu método. Então, caberia ao linguista observador, a incumbência de descrever os hábitos linguísticos da comunidade de fala, um trabalho consciencioso da sua importância para o desenvolvimento do estudo do uso da fala na comunidade.

A atividade de observação suscitaria a necessidade de interpretar a língua também sob o ponto de vista da psicologia, assim como foi feito. No entanto, Bloomfield (1933) alerta para o fato de que nem linguistas nem psicólogos deveriam se aventurar a fazer esse tipo de análise sob a penas de extrapolar os conceitos linguísticos.

As combinações linguísticas válidas numa comunidade configuram-se num padrão observável que define-a em detrimento das demais. Assim, o linguista observador certificará

---

66 “If we found it possible and worth while to register every speech-utterance in a large community, we should doubtless be able to foretell how many times any given utterance such as Good-morning or I love you or How much are oranges today? Would be spoken within a fixed number of days” (BLOOMFIELD, 1933, p. 37).

que os hábitos de fala de uma comunidade dizem muito a respeito dela, mas que aquele que observa a fala não tem condições de resgatar e entender mudanças ocorridas antes disto. Para Bloomfield (1933, p. 38), “a esse respeito, no entanto, a ciência da língua é afortunada, porque métodos de estudo comparativos e geográficos, novamente através da observação em massa, fornecem uma boa parte do que devemos esperar obter das estatísticas”<sup>67</sup>.

As atividades da comunidade de fala, sejam quais forem, acontecem por meio da língua e se desenvolvem em decorrência dela. Sendo assim, uma comunidade não se trata de um agrupamento de indivíduos da mesma raça, que pertencem a um mesmo grupo étnico, mas um grupo de pessoas que partilham a mesma variante linguística, pessoas que se encontram num mesmo contexto sócio, econômico, político, educacional, falam de um modo particular, fazendo com que essa prática seja concretizada por meio da transmissão linguística de geração para geração.

### 3.2 A Comum Unidade do Falante

A língua é o que unifica o grupo, identifica-o como uma singularidade entre os demais, já a comunidade de fala, composta por falantes que colaboram para que os eventos comunicativos efetivem-se. Os falantes, por sua vez, são indivíduos vistos a partir de suas semelhanças com o grupo e não suas singularidades, porque a igualdade promove o pertencimento do indivíduo como membro da comunidade.

Para a comunidade de fala, o falante torna-se imprescindível, pois sem ele não se poderia confirmar a língua falada por esse grupo específico, o qual serve como ponto convergente em que os falantes sentem-se à vontade para disseminar a língua e torná-la motivo de orgulho para os nativos. De acordo com Bloomfield (1914), as experiências dos indivíduos na comunidade podem suscitar gestos, dêiticos consistindo num processo de associação reconhecido por outro falante da mesma comunidade.

Comprovando que os falantes têm em comum muito mais do que apenas os sons articulados, mas uma gama de sons, gestos, expressões corporais que são codificadas por todos

---

67 “In this respect, too, the science of language is fortunate, however, because comparative and a geographical methods of study, again through mass-observation, supply a good deal of what we should hope to get from statistics” (BLOOMFIELD, 1933, p. 38).

os membros da comunidade de fala. Um falante estrangeiro teria que deduzir o significado desse conjunto de elementos significantes compartilhados pelos falantes nativos.

Em algum tempo de convivência e com muita dedicação em aprender a língua, como será visto no próximo capítulo, o estrangeiro atingirá um grau de compreensão próximo ao do nativo, nunca igual ao dele. Apesar de não parecer possível, os sons articulados são mais fáceis de serem compreendidos do que os pequenos gestos, intenções, significações de que a língua é feita.

O falante aceita a fala da comunidade sem questionar, porque a língua falada pelos demais membros da comunidade é formada pelas experiências vividas em grupo. De acordo com Whitney (2010), no que se refere à relação entre o falante e a comunidade, aquele acomoda-se a um molde elaborado por essa por uma questão de vínculo e consciência de que não se pode mudar o que tornou-se identidade.

Sendo assim, o membro da comunidade apropria-se das classificações, abstrações e pontos de vista advindos do coletivo. Esse conjunto de caracteres formadores da língua culminam nas vivências comunitárias, abstrações compreendidas pelos falantes e “[...] à medida que o falante individual recebe seus hábitos da comunidade, os motivos individuais não entram em ação, mas apenas afetam a comunidade como um todo”<sup>68</sup> (BLOOMFIELD, 1914, p. 17), portanto, tudo está posto a partir da experiência em grupo.

As individualidades não funcionam na comunidade. De acordo com Bloomfield (1914), um falante normal nem tenta modificar a língua da comunidade, nunca diverge dela, está sempre em consonância com o grupo, uma vez que tem convicção de que, caso fale de modo distinto, poderá não ser compreendido e, como a comunicação é o que interessa para os falantes de uma língua, não seria inteligente fazer um caminho contrário.

Dado este fato, durante a fala, as transferências de significado ocorrerão de modo que devem ser partilhadas por todos os outros membros para que a comunicação se efetive. Se se tratar de um falante nativo, as transferências ocorrerão naturalmente, caso contrário, será necessário algum esforço. Portanto, o papel do falante é garantir que os significados sejam comuns a todos, além de propagar a língua da comunidade. Como foi explicado no item anterior, ao se referir à mãe que incentiva o filho a falar e, assim que a criança compreende o que deve ser feito, não cessa mais o processo de imitação dos falantes mais experientes até o fim da vida.

---

68 [...] as the individual speaker receives his habits from the community, individual motives do not come into play, but only causes affecting the community as a whole (BLOOMFIELD, 1914, p. 17).

Sabe-se ser constante o movimento de inovação tanto quanto no sentido oposto, a conservação e manutenção da tradição. A forma da língua da comunidade é facilmente identificada pelo falante. Há um sistema de mecanização e repetição das categorias linguísticas de uma comunidade, o qual promove a comunicação entre os falantes e a significação do discurso proferido. Conforme Bloomfield (1914), “o falante normal, entretanto, aceita cegamente as categorias de sua língua. Se reflete sobre eles, geralmente termina por supor que são formas universais de pensamento”<sup>69</sup>.

O indivíduo tem um forte vínculo com sua nação e com toda a humanidade, desse modo, “[...] a individualidade discreta nada mais é do que uma manifestação da existência condicionada do ser humano [...]”<sup>70</sup>, conforme Humboldt (1990, p. 53). Firmando entre o falante e a comunidade um acordo selado pela imitação e repetição das categorias pré-dispostas na língua. Sendo assim, não há discussão entre o que a comunidade propõe como língua e o que o falante entende, já que são a mesma coisa.

Para Bloomfield, o falante é visto como um imitador, alguém que habitualmente reproduz o modo de falar do grupo. Então, é possível vê-lo como uma engrenagem que move a comunidade e sem ele, ela não teria vida e, do mesmo modo, sem a língua não seria viável a comunicação. A simbiose entre ambos é o que produz a engenhosidade da língua e promove a comunicação.

Os significados são reforçados pelos falantes que usam a língua e atribuem valores atribuídos para cada fonema, palavra ou expressão. Nesse caso, há uma ligação psíquica entre o falante e o ouvinte que permite decifrar e compreender as metáforas, os dêiticos, o contexto comunicativo, que ocorre pela transferência de significação entre um movimento e uma experiência do falante. Como disse Bloomfield (1914, p. 78), “[...] as formas de língua devem sua função inteiramente à sua associação com experiências na mente dos falantes”<sup>71</sup>, a interação entre a mente do falante e do ouvinte faz-se necessária, à medida que denota toda a intenção linguística e também a função das formas da língua.

Ambos, falante e ouvinte, devem fazer parte de um mesmo contexto, isto é, de uma mesma comunidade de fala para que não haja distorções na compreensão do ato comunicativo. Desse modo, para Bloomfield a língua é um evento prático, não se trata de estudar os

---

69 “The normal speaker, however, blindly accepts the categories of his language. If he reflects upon them at all, he usually ends by supposing them to be universal forms of thought” (BLOOMFIELD, 1914, p. 69).

70 “[...]la individualidad discreta no es sino una manifestación de existencia condicionada de los seres dotados de espíritu” (HUMBOLDT, 1990, p. 53).

71 “the forms of language owe their function entirely to their association with experiences in the speakers' minds” (BLOOMFIELD, 1914, p. 78).

monumentos escritos, mas a pronúncia do falante e o modo de recepção dos sons no ouvido do interlocutor. A língua forma o pensamento tornando-se um fator social, enfim, uma expressão verbal.

A comunidade sempre se dará entre interlocutores, inseridos num contexto social, que explica a necessidade de atentar-se, perceber, imaginar e agir com relação a algo, como uma atitude do indivíduo que julga alguma coisa ou alguém, conforme Guillaume (1966). A psicologia compreende o indivíduo falante como parte do todo, implicado no contexto social, então alguém fala e suscita uma resposta em outrem.

Esta forma de reconhecimento do falante e da fala está associada à psicologia, dado que os behavioristas viam os indivíduos a partir de suas semelhanças. Além do mais, Weiss propôs que o processo de estímulo/resposta usado pela psicologia, fosse aplicado no contexto de interação entre os interlocutores do discurso, justificando que as respostas dos ouvintes partem sempre de um estímulo causado pelo falante.

Além de "controlar" as respostas, o homem desenvolveu um sistema de respostas vocais, a língua. Essas respostas vocais servem de estímulo para os companheiros do falante: os membros de uma comunidade de fala cooperam, por meio da linguagem, apesar da descontinuidade de seus sistemas nervosos individuais. Os efeitos dessa mediação entre os sistemas nervosos de indivíduos separados são tão amplos que qualquer pessoa que tentar explicar o comportamento humano e deixar de lado a língua certamente cairá em pseudoexplicações animistas populares, ou então fornecerá um quadro incompleto<sup>72</sup> (BLOOMFIELD, 1931, apud HOCKETT, 1987, p. 159).

Nesta homenagem póstuma a Albert Paul Weiss, Bloomfield afirma que apesar de ele não ter sido um linguista, reconheceu a necessidade de se estudar a língua e o falante. Para Weiss, a língua explicava os fenômenos relacionados à conduta e às realizações humanas que tinham sido atribuídas à forças não físicas até aquele momento. O estímulo é uma provocação física que resulta numa resposta, esse processo liga os interlocutores do discurso, nesse caso, não se pode deixar de lado a língua, caso se pretenda tecer elucubrações sobre o comportamento humano.

O behaviorismo estuda os indivíduos para entendê-los como parte da comunidade, visto que as semelhanças iguala-os. Já a antropologia procura compreender a cultura, a sociedade, a língua, sem contudo, duvidar da importância do indivíduo. Implica dizer, inclusive, que a

---

72 In addition to 'handling' responses, man has developed a system of vocal responses, language. These vocal responses serve as stimuli to the speaker's fellows: the members of a speech-community co operate, by means of language, in spite of the discontinuity of their individual nervous systems. The effects of this mediation between the nervous systems of separate individuals are so far-reaching that anyone who tries to explain human behavior and leaves language out of account, is sure to lapse into popular animistic pseudo-explanations, or else to give an incomplete picture (BLOOMFIELD, 1931, apud HOCKETT, 1987, p. 159).



aparência física do indivíduo é afetada pela comunidade, de acordo com Boas (2004). Stocking Jr. (2004) analisando o indivíduo pela ótica da psicologia, disse que o indivíduo só pensa, age e sente como membro da comunidade de fala a que pertence, confirmando que a antropologia e a psicologia concordam em muitas coisas.

A parceria entre a antropologia, a psicologia e a linguística possibilitou a Bloomfield uma compreensão mais acertada a respeito do falante. “Assim, a descrição fisiológica e acústica dos atos da fala pertence a outras ciências que não a nossa. A existência e interação de grupos sociais mantidos juntos pela linguagem é garantida pela psicologia e antropologia”<sup>73</sup> (BLOOMFIELD, 1926, p. 154). Estas ciências cooperaram para decifram o indivíduo e suas implicaturas no conjunto social, assim como os antropólogos já vinham fazendo.

Muitos decidiram ingressar na antropologia [...] impregnados do espírito fundamental da pesquisa antropológica, que consiste em apreciar a necessidade de estudar todas as formas da cultura humana [...] A origem multifacetada da antropologia reflete-se na multiplicidade de seus métodos (STOCKING Jr., 2004, p. 55).

A antropologia era uma forma natural de recolher as histórias dos povos por meio da tradição oral, muitos pesquisadores da área da história ou da psicologia, ou dos estudos da língua aventuraram-se por descobrir realidades culturais e sociais a partir dos relatos. Respalado pelo método da antropologia, que previa a inserção no contexto da comunidade, Bloomfield conseguiu uma percepção privilegiada do falante e, assim, certificou-se de que a comunicação entre os indivíduos acontece partindo de um estímulo visual ou auditivo prevendo uma resposta do ouvinte, como estava previsto pelo behaviorismo, ramo da psicologia.

Os eventos práticos são importantes para o desenvolvimento da interação entre o falante e o ouvinte, é a partir deles que a fala, mais propriamente dita, evolui e revelam-se como a identidade do falante e, por conseguinte, da comunidade de fala. Mesmo que se trate de momentos em que a fala seja partilhada por dois indivíduos pertencentes à mesma comunidade, não se pode prever a resposta que será dada devido ao estímulo causado. Psiquicamente, os indivíduos agem de formas distintas, pois são seres únicos, ainda que todas as respostas estejam dadas na língua, porém qual delas será escolhida não há como prever.

Há uma coesão entre os falantes e a comunidade, inegavelmente, então ambos, em conjunto, decidem que língua deverá ser usada, quais palavras serão empregadas e, inclusive, o momento mais propício para usar esta ou aquela palavra ou expressão. Bloomfield (1933)

---

73 ” Thus, the physiologic and acoustic description of acts of speech belongs to other sciences than ours. The existence and interaction of social groups held together by language is granted by psychology and anthropology” (BLOOMFIELD, 1926, p. 154).

disse que algumas palavras não devem ser usadas inadvertidamente, porque trazem significados não tão polidos, isto é o que ele chamou de *tabu forms*.

Desse modo, o falante fará uma escolha para usar a língua mais adequada para o momento, visto que em alguns requer maior polidez e outros nem tanto. A predileção por um tipo de língua que se adapte melhor à situação é da competência do falante. Por isso, o significado é uma atribuição do mundo do falante. Segundo Bloomfield (1933), o significado parte da compreensão do falante a respeito dos sons da fala do enunciador e da resposta dada em função do estímulo recebido. O significado é a decodificação dos fonemas, mas também refere-se à aplicação das palavras no texto, tanto uma quanto outra definição passa pela cognição dos falantes.

Os estímulos provocados pelos falantes para a obtenção de uma resposta são parte da constituição dos estudos da língua. O falante decifra o significado, entende-o e depois, o conhecimento adquirido concretiza-se com a aquiescência da comunidade. Se o indivíduo é único e possui características próprias que o distingue dos demais, o conhecimento pertencente a ele é singular com relação aos demais integrantes da comunidade. Em vista disto, tudo o que o falante conhece ou não e vivenciou definem o que o falante é e sabe.

Expressões da língua inglesa como “coach potato”, pessoa que passa o dia em frente à televisão, e, da língua portuguesa, “acordar com a avó atrás do toco” são especificamente reconhecidas por falantes que, de algum modo, experienciaram situações típicas, portanto, requeriam esse entendimento. Àqueles que não foram expostos à necessidade desta compreensão, não há o que faça-os compreender a aplicação destas duas expressões. O significado faz parte da necessidade que o falante tem de usar determinado termo, expressão, frase.

Em suma, depreende-se, portanto, a impossibilidade de um indivíduo possuir todo o conhecimento científico e de todas as coisas, não é viável atribuir um significado a cada forma de língua. O indivíduo restringe-se a seu universo linguístico, porque o significado é meramente uma abstração, de acordo com Bloomfield (1933). O falante reconhece o que precisa para entender e significar para incluir-se na comunidade de fala, pois primeiro os conceitos e significados são aceitos pela comunidade e depois entram para a individualidade do falante.

A extensão real do conhecimento humano é muito pequena [...] Podemos definir com precisão o significado de uma forma de fala quando esse significado tem a ver com alguma matéria da qual possuímos conhecimento científico. Podemos definir os nomes dos minerais, por exemplo, em termos de química e mineralogia, como quando dizemos que o significado comum da palavra inglesa salt é "cloreto de sódio (NaCl)" e podemos definir os nomes de plantas ou animais por meio dos termos técnicos de botânica ou zoologia,

mas não temos uma maneira precisa de definir palavras como amor ou ódio, que dizem respeito a situações que não foram precisamente classificadas - e estas últimas são na grande maioria <sup>74</sup> (BLOOMFIELD, 1933, p. 139).

Os significados são criados pela comunidade de fala e autorizados pelos falantes que são os mais competentes para isto. O conhecimento do indivíduo perpassa pelo contexto behaviorista em que os estímulos do ambiente culminarão em uma resposta linguisticamente estruturada do mundo do falante. De acordo com o behaviorismo, os estímulos provocados pela pergunta produzem uma resposta significativamente apropriada para o momento em que é elencada.

O processo de conhecimento ou reconhecimento do falante/ouvinte acontece por meio da interação interpessoal em que haverá uma explicação de um conceito desconhecido ou mesmo uma ilustração ou exemplificação material dele. A comunicação entre os falantes deve acontecer, mesmo se não houver o som articulado, os gestos ou o fato de apontar para algo podem estabelecer a relação comunicativa. Esta tática serve tanto para as crianças no início do aprendizado, quanto para os adultos. Desse modo, o que era desconhecido começa a fazer sentido e, aos poucos, torna-se convencional.

A declaração de significados é, portanto, o ponto fraco no estudo da linguagem, e permanecerá assim até que o conhecimento humano avance muito além de seu estado atual. Na prática, definimos o significado de uma forma linguística, onde quer que possamos, em termos de alguma outra ciência. Onde isso é impossível, recorremos a dispositivos improvisados<sup>75</sup> (BLOOMFIELD, 1933, p. 140).

A linguística não estava preparada para estudar as subjetividades do falante, porque sempre esteve interessada em explicações que consideravam as semelhanças encontradas no grupo justificando, assim, o desenvolvimento da fonética, fonologia, morfologia e sintaxe, embora esta última ainda não estivesse totalmente dissociada da morfologia. Nesse sentido, era preciso amadurecer as ideias semânticas para que o significado pudesse ser, de fato, pesquisado.

---

74 “The actual extent of human knowledge is very small, compared to this. We can define the meaning of a speech-form accurately when this meaning has to do with some matter of which we possess scientific knowledge. We can define the names of minerals, for example, in terms of chemistry and mineralogy, as when we say that the ordinary meaning of the English word salt is 'sodium chloride (NaCl),’ and we can define the names of plants or animals by means of the technical terms of botany or zoology, but we have no precise way of defining words like love or hate, which concern situations that have not been accurately classified —and these latter are in the great majority” (BLOOMFIELD, 1933, p. 139).

75 “The statement of meanings is therefore the weak point in language-study, and will remain so until human knowledge advances very far beyond its present state. In practice, we define the meaning of a linguistic form, wherever we can, in terms of some other science. Where this is impossible, we resort to makeshift devices” (BLOOMFIELD, 1933, p. 140).

Então, em virtude de os estudos semânticos estarem apenas no introito, Bloomfield optou por compilar pesquisas já realizadas por outros com o intuito de divulgar as leituras e propor uma forma didática de os linguistas futuros entenderem o percurso da linguística. Assim, a parte material da língua foi privilegiada por Bloomfield em razão de existirem muitos estudos a esse respeito.

Além do mais, é a materialidade da língua que individualiza o falante, só ele consegue realizar os fonemas a seu modo, e ao mesmo tempo generaliza e forma a identidade da comunidade. O trabalho dele resumia-se à fonêmica, morfologia e sintaxe, contudo a sua mais significativa contribuição foi o campo da fonologia, assunto que será tratado mais tarde.

No mesmo período em que Bloomfield realizava suas pesquisas entre as tribos ameríndias e escrevia a obra *Language* (1933), iniciava-se uma movimentação no sentido de discutir sobre o significado posto na língua. A teoria semântica, aos poucos, ia avançando e o trabalho do dinamarquês, Louis Trolle Hjelmslev (1899-1965), um dos fundadores do Círculo Linguístico de Copenhage, o primeiro a estudar semântica, mais precisamente, destacou-se. A teoria da Glossemática desenvolvida por ele incrementou os estudos sobre o texto possibilitando a compreensão do significado por meio de duas grandezas que, unificadas pela função semiótica, puderam abranger a compreensão textual: o conteúdo e a expressão.

No entanto, Algirdas Julius Greimas (1917-1992) resumiu o pensamento de toda uma geração contemporânea a Leonard Bloomfield, que acreditava que a semântica tinha sido posta de lado, não apenas pelos bloomfieldianos, mas por todos aqueles que pesquisaram linguística no século XIX e início do XX. A teoria semântica era bastante recente e não havia encontrado ainda solidez suficiente como a fonética e a gramática.

Greimas se questionava a respeito do merecimento da semântica em receber o *status* de disciplina linguística, porque não se podia afirmar para ela um objeto e um método próprios, tornando-se realmente complicado lidar com as questões semânticas. A concepção linguística apoiada no behaviorismo impactou a semântica, para Greimas (1966, p. 13), pois ficou “conhecida a famosa definição do signo linguístico dada por Bloomfield: ‘uma forma fonética que tem sentido’ (p. 138), ‘um sentido do qual nada se pode saber’ (p. 162)”, em suma, realmente a semântica é a “parente pobre da linguística”, resumiu Greimas (1966, p. 12).

A linguística estrutural seguiu, no seu desenvolvimento, a mesma ordem de prioridade. A Escola de Praga fundamentou solidamente a fonologia; a Escola de Copenhage, que a seguiu imediatamente, preocupou-se com a elaboração da teoria linguística que procurava aplicar à renovação dos estudos gramaticais. O esquecimento da semântica é patente e voluntário [...] pergunta-se ainda hoje [...] se se tem o direito de considerar a semântica como uma disciplina linguística (GREIMAS, 1966, p. 12-13).

Cada língua tem uma estrutura semântica particular, podendo variar de falante para falante, porém tal estrutura não podia ser mensurada como o fonema, era apenas “uma substância psíquica”, como disse Greimas (1966, p. 13), portanto, a sua delimitação e compreensão estava bastante comprometida. Bloomfield (1933) estava certo ao dizer que para que se estudasse a semântica da língua era necessário conhecer tudo o que o falante conhecia do mundo, sua sabedoria, sua posição histórica, política, social, educacional, ou seja, um contexto muito abstrato e praticamente inalcançável.

Por isso, Bloomfield (1933) defendia que a gramática e o léxico eram imprescindíveis na inteligência da língua falada pelo indivíduo, uma vez que, não bruscamente, ela muda com o tempo e seus significados só podem ser resgatados a partir dessas duas categorias. As crianças aprendem o léxico e a gramática devido às explicações dadas pelos adultos que detém a língua. O mesmo vale para um estrangeiro, o qual não sabe o significado de determinada palavra e, para auxiliá-lo, o nativo procura explicar por meio da descrição do objeto a que a palavra se refere, ou se souber a tradução na língua estrangeira, opta pela tradução e simplificação.

Como já dito por Wundt, é a comunidade de fala que se modifica e, por consequência, a língua por ser uma instituição social. Tais mudanças causam certas instabilidades que provocam variações reconhecidas por qualquer falante que as ouça. Tanto a escrita quanto a cultura podem, de algum modo, reter a memória da palavra e seu significado, mas como a fala é sempre ágil e momentânea, pode ser que, em certo momento, o efeito duradouro da língua não seja mais válido. Nesse caso, assume outro significado para aquela mesma comunidade, daí a necessidade de se treinar os membros para compreender os significados.

Como disse Camara Jr. (1980, p. 219), “levando-se em apreço a importância da aquisição infantil da língua para a evolução, é importante focalizar os processos de educação das crianças, ou seja, a maneira por que elas adquirem as tradições sociais do grupo”. As crianças aprendem a falar imitando os adultos que convivem com ela, muitas vezes copiam até a articulação fonética despreocupada da família, por esse ângulo, cabe à instituição escolar a tarefa de ensinar a norma que é estabelecida pela coesão social do grupo a que ela pertence e que, por sua vez, conterá as evoluções linguísticas.

O falante produz significados a partir de uma expressão corporal ou por meio do som articulado e transmite-os às gerações seguintes para preservá-lo e dar continuidade à língua da comunidade. Contudo, o significado não tem necessariamente de ser concreto, a abstração dita num enunciado remete a um significado desvendado pelos interlocutores do discurso. Em suma, o falante e a comunidade estabelecem os significados como se verá a seguir.

### *3.3 As Funções do Significado para a Comunidade de Fala e o Falante*

Por tudo já dito relativo ao significado, a relação do falante e da comunidade é intrínseca e pertinente ao contexto que ambos compartilham. Por essa razão, os significados podem ser construídos de modo denotativo e conotativo. No que diz respeito à função denotativa, assumida pelo dicionário, toda língua possui um vocabulário disponível para fornecer todos os significados que um falante nativo ou estrangeiro quiser a respeito dela e, por isso, as palavras têm significados conhecidos, uma vez que não há um contexto a ser considerado.

Ao que Bloomfield (1933, p. 142) chama de “fala deslocada”, relaciona-se à função conotativa. Ao saber o significado da palavra dado pelo dicionário, pode-se empregá-la de maneiras diferentes, conotativamente, a fim de se produzir interpretações outras, distintas do habitual. Tais sentidos das palavras podem ser assumidos num contexto real de fala que só pode ser interpretado a partir de um ato comunicativo. Assim, algumas formas linguísticas e expressões de fala acontecem e só existem em determinada comunidade, podendo, às vezes, assumir outra significação noutra comunidade.

Consoante Bloomfield (1933), toda língua tem um número limitado de fonemas reconhecidos pelos falantes e associados a um número limitado de significações. Então, os falantes estão prontos para se comunicar, bem como os ouvintes para responder ao evento da comunicação, uma vez que ambos compartilham os mesmos significados, sejam denotativos ou conotativos, das formas gramaticais.

Em alguns casos, em que a comunicação não se efetiva, pode-se dizer que houve um descompasso entre aquilo que foi dito pelo falante e o que foi compreendido pelo ouvinte, normalmente o mal entendido é desfeito no ato da fala que é momentânea e permite retificação. As crianças, por conhecerem apenas um fragmento do repertório da língua, uma vez que vai sendo adquirido ao longo da vida, estão propensas a errar em algumas atribuições de significado.

Os significados são apontados por Bloomfield (1933) como um exercício de realização da língua, quanto mais prática o falante tiver, mais fácil será entender o todo. Muitas palavras são ditas em sentido real e, às vezes, quando o ouvinte não consegue identificar as intenções comunicativas do falante, procura aplicar outras concepções de significado. Dado que, para que o significado seja compreendido, é preciso muito mais do que decifrar a palavra e reconhecer sua acepção, deve-se atentar para o modo de dizer do falante, a intenção quando diz, fatos extralinguísticos importam nesse contexto.

Palavras podem ser empregadas como sinônimos não perfeitos, homonímia ou metáfora, sendo que as particularidades de cada enunciado devem ser levadas em consideração, em vista disto Bloomfield (1933) está falando de um desvio do uso do significado dicionarizado muito comum. “Registre-se, antes de tudo, a possibilidade da ‘transferência ou em termos gregos, a METÁFORA em sentido lato (gr. Metáfora), por meio da qual um semantema, num dado discurso e dado contexto, sai do seu âmbito de significação para outro”, de acordo com Câmara Jr. (1980, p. 117, grifo do autor). O sentido primário da palavra cede lugar a outro de sentido transitório, o qual recebe o nome de linguagem figurada. Assim, o indivíduo, inserido num contexto próprio de fala, prático saberá diferenciar um e outro significado.

Por isso, normalmente, se diz “cabeça de cebola”, “dente de alho”, “pé da mesa” expressões empregadas fora do uso denotativo, ou seja, “muitas formas linguísticas são usadas para mais de uma situação típica”<sup>76</sup>, conforme disse Bloomfield (1933, p. 149). Além dessas expressões já cristalizadas, encontram-se também outras de sentido metafórico como definir o homem como um “lobo”, uma mãe “coruja”, um “macaco velho que não mete a mão em cumbuca”. “O leitor poderá adicionar exemplos praticamente sem limite; não há furo maior do que a enumeração e classificação dessas ‘metáforas’”<sup>77</sup> (BLOOMFIELD, 1933, p. 149), elas aparecem na fala da comunidade e, às vezes, se cristalizam perdendo a característica de linguagem figurativa para os falantes mais novos como as crianças em fase de aquisição linguística.

Desse modo, constituem-se os significados normais e os significados marginais. Por significado normal, Bloomfield (1933) entende-o como o sentido que a palavra dicionarizada traz e, no que se refere aos significados marginais, o sentido figurativo. Então, todo falante, em primeira instância, toma a palavra em seu sentido normal, a não ser que uma situação prática o leve a considerar outros sentidos, o sentido marginal. De acordo com Bloomfield (1933, p. 150), “um significado transferido é linguisticamente determinado por uma forma que o acompanha”<sup>78</sup>, ao dizer que um homem é “gato”, atribui-se um sentido diferente de chamá-lo “gatão”, o aumentativo, nesse caso, influi na significação da forma linguística.

É provável que cometamos o erro de pensar que os significados transferidos de nossa língua são naturais e até inevitáveis na fala humana - quanto mais, como também aparecem em outras línguas europeias. Este último, no entanto, é meramente resultado de nossas tradições culturais comuns; embora os significados transferidos ocorram em todos os idiomas, os específicos em qualquer idioma não devem ser tomados como

76 “Very many linguistic forms are used for more than one typical situation” (BLOOMFIELD, 1933, p. 149).

77 “The reader will be able to add examples practically without limit; there is no greater bore than the enumeration and classification of these ‘metaphors’” (BLOOMFIELD, 1933, p. 149).

78 “In some cases a transferred meaning is linguistically determined by an accompanying form” (BLOOMFIELD, 1933, p. 150).

garantidos. Nem em francês nem em alemão se pode falar do olho de uma agulha ou de uma espiga de grãos. Falar do pé de uma montanha parece natural para qualquer europeu, mas seria absurdo em Menomini e, sem dúvida, em muitas outras línguas<sup>79</sup> (BLOOMFIELD, 1933, p. 150).

A cultura e a vida da comunidade desenvolvem suas próprias metáforas, logo cada comunidade de fala tem uma maneira diferente de retratar os conceitos figurativos concernentes à língua. Uma palavra ou expressão assume, na prática, significados e conteúdos que não podem ser compreendidos por um falante estrangeiro a não ser que ele tenha uma convivência efetiva com a comunidade de fala. Em virtude disto, um falante nativo compreenderá toda a essência da língua que fala, enquanto o estrangeiro vagueia pela compreensão rasa daquilo que não é tomado como denotação.

Aplica-se também a essa situação, os significados restritos, que são os motivados por uma experiência prática que não pode ser prevista. Segundo Bloomfield (1933), a própria língua reconhece e aplica esses significados como em *blackbird* ou *blueberry*. Um conjunto de palavras serve para incluir certas outras como “gato” que tanto pode significar felino doméstico como pode se estender a tigres e leões, no entanto, a palavra “cão” não assume esse mesmo papel, mas, metaforicamente, no Brasil, pode significar “demônio”, “diabo”. Sendo assim, concorda-se com Bloomfield (1933, p. 151) ao dizer que “[...] os falantes de uma língua não distinguem um significado central e um marginal nos casos em que um estranho pode ver dois valores situacionalmente diferentes [...]”<sup>80</sup>.

As conotações validadas pelas classes sociais de maior prestígio são bem mais aceitas que aquelas das classes de prestígio inferior, denotando que a posição social do falante implica nessa perspectiva, conforme Bloomfield (1933). Conclui-se, portanto, que o indivíduo, participante de uma comunidade, quando fala, suscita no ouvinte uma resposta e uma interpretação do significado a que se refere na fala. Esse significado é partilhado pelos membros da comunidade e são repassados aos mais jovens comprovando o caráter behaviorista da língua.

As línguas, de forma geral, possuem uma quantidade finita de fonemas que representam unidades significativas fixas, as combinações fonéticas reais e restritas discutidas por

---

79 “We are likely to make the mistake of thinking that the transferred meanings of our language are natural and even inevitable in human speech — the more so, as they appear also in other European languages. This last, however, is merely a result of our common cultural traditions; while transferred meanings occur in all languages, the particular ones in any given language are by no means to be taken for granted. Neither in French nor in German can one speak of the eye of a needle or of an ear of grain. To speak of the foot of a mountain seems natural to any European, but it would be nonsense in Menomini and doubtless in many other languages” (BLOOMFIELD, 1933, p. 150).

80 “Often enough the speakers of a language do not distinguish a central and a marginal meaning in cases where an outsider might see two situationally different values [...]” (BLOOMFIELD, 1933, p. 151).



Bloomfield. Quando o falante pede que o seu ouvinte responda a uma situação, de acordo com Bloomfield (1933, p. 158), “[...] esta situação e as respostas a ela são o significado linguístico da forma”<sup>81</sup>. Num evento real de fala, numa afirmação como “Eu estou com pressa”, infere-se que as diferenças fonéticas sejam irrelevantes, já que em português do Brasil é costume simplificar as formas lexicais. Provavelmente, o falante diria “Tô cum pressa” ou “Tô curridu” e o ouvinte ainda assim responderia prontamente.

As situações dos falantes é outro fator irrelevante por se tratar de uma situação não semântica e, por fim, cada significado linguístico é único em cada língua. As situações comunicativas descritas por Bloomfield (1933) não podem ser comprovadas e verificadas, uma vez que, para tanto, seria necessário conhecer mais a respeito dos fatores extralinguísticos que envolvem o falante. Os falantes cooperam entre si de modo que os sinais de língua sejam validados e consolidados pela comunidade de fala transformando-se na real preocupação do linguista, tanto com a descrição linguística quanto a cooperação dos falantes.

Os significados vão acontecendo à medida que se comutam fragmentos do enunciado linguístico para testar o reconhecimento das diferenças por parte dos falantes/ouvintes. As formas linguísticas foram descritas, por Bloomfield (1933), como arranjos significativos que constituem a gramática da língua. Configuram-se quatro maneiras de organização dessas formas, sendo a primeira a ordem dos constituintes de uma palavra, em que o sufixo só pode ser colocado após a raiz e o prefixo antes dela. Assim, tem-se “felizmente” ou “infeliz”, mas nunca “mentefeliz” ou “felizin”.

Do mesmo modo, ocorre com os componentes das sentenças em que é possível dizer “Marcos confirmou com Pedro” ou “Com Marcos, Pedro confirmou”, no entanto, “Com confirmou Marcos Pedro”, jamais. Bloomfield (1933, p. 163) lembra que “às vezes, as diferenças de ordem têm valores conotativos [...]”<sup>82</sup>, mas não é esse o caso. Um exemplo que ilustraria a diferença de significado baseada na ordem das palavras, seria a anteposição ou posposição do adjetivo “pobre” com relação ao substantivo.

Sabendo-se que nas línguas latinas o adjetivo, em sua maioria, é posposto ao substantivo, quando este papel inverte-se, não em todos os casos, há alteração de sentido. Configura-se a criatividade do falante em dizer “pobre homem”, atribuindo ao adjetivo o

---

81 “[...] this situation and the responses to it, are the linguistic meaning of the form” (BLOOMFIELD, 1933, p. 158).

82 “Sometimes differences of order have connotative values [...]” (BLOOMFIELD, 1933, p. 163).

sentido de “coitado, digno de pena”, ao dizer “homem pobre”, o significado é alterado e passa a ser “desprovido de dinheiro, sem recursos financeiros”, ocorre então uma mudança estilística.

A modulação consiste na segunda forma de organização dos sentidos da fala, portanto está vinculada ao uso dos fonemas secundários, os quais são representativos da fala, pois se referem à tonalidade ou estresse que são estendidos pelos enunciados inteiros, não importando se são contornos significativos ou não, segundo Harris (1969). O fonema secundário está na entonação de sentenças interrogativas ou exclamativas, isto vale para quase todas as línguas. A terceira forma é a modificação fonética, isto é, uma mudança ocorrida nos fonemas primários.

Em português brasileiro, é recorrente a deslateralização do fonema consonantal /ʎ/ e a substituição pelo fonema vocálico /y/ como em *telha>teya*, *trabalho>trabayó*, *velho>véy*. Como está em Marroquim (1934, p. 87), “Lh perde o som molhado, deixa de ser vibrante. É fenômeno geral entre o povo: mio, fio, atrapaiá (r), imbuiaá (r), teia. Às vezes despalataliza-se: mulé, le, por mulher, lhe”. Há uma diferença entre a fala das pessoas escolarizadas que, em geral, costumam não fazer esse tipo de pronúncia, embora possa ocorrer, quanto aos não escolarizados, a despalatalização é uma regra.

Bloomfield (1933) refere-se a essas formas como alternantes básicos porque aparecem sob certas condições. No caso dos exemplos citados anteriormente, são formas estigmatizadas e que aparecem mais na fala de pessoas não alfabetizadas. A quarta forma consiste na seleção de modelos significantes, visto que um arranjo deles poderá resultar em significados diferentes. Conforme Bloomfield (1933, p. 164), “as formas que, quando faladas em tom exclamativo, têm o significado de chamada [...] podemos chamá-la de [...] ‘expressões substantivas pessoais’ [...] quando ditas em tom final exclamativo, têm o significado de comando, compõem [...] ‘expressões infinitivas’”<sup>83</sup>. Exemplificando as expressões substantivas pessoais tem-se vocativos como “Marcos!”, “Menino!”. Já para as expressões infinitivas, comandos, ordens: “Corra!”, “Beba!”.

Em qualquer língua, um enunciado pode ser descrito em formas lexicais e gramaticais. Um arranjo de um ou mais fonemas constitui um morfema. Do mesmo modo, qualquer forma complexa, de acordo com Bloomfield (1933), pode ser descrita em formas constituintes imediatas e taxemas em que as formas constituintes são organizadas. Quanto às formas

---

83 “The forms which, when spoken with exclamatory final-pitch, have the meaning of a call [...] we may call it the form-class of ‘personal substantive expressions’ [...] when spoken with exclamatory final-pitch, have the meaning of a command [...] form-class of ‘infinitive expressions’” (BLOOMFIELD, 1933, p. 164)

gramaticais, estão dispostas em três grandes grupos: tipo de sentença, construção de formas complexas, substituição convencional.

Uma palavra pode ser pronunciada sozinha e não como parte de uma forma maior. Isto posto, pode-se usar o fonema secundário, um ponto de exclamação e, então, tem-se uma expressão substantiva exclamativa, isto é um tipo de sentença. Uma construção acontece quando duas ou, às vezes, mais formas são ditas juntas instituindo uma forma complexa, visto que “[...] as características gramaticais pelas quais são combinadas constituem uma construção”<sup>84</sup>, de acordo com Bloomfield (1933, p. 169). A terceira classe de formas gramaticais é a dos substitutos que pode sobrepor uma classe inteira de outras palavras como em “**John** está aqui”, “**O policial** está aqui”, “**Ele** está aqui”.

O importante é a seleção das partes significativas e constituintes de uma sentença ou uma palavra para que a significação seja suficiente. Conforme Bloomfield (1933, p. 161), “um morfema pode ser descrito foneticamente, uma vez que consiste em um ou mais fonemas, mas seu significado não pode ser analisado no escopo de nossa ciência”<sup>85</sup>, por comparação, um fonema pode ser comutado com outros e, a partir daí, formar outras palavras. Ainda assim, não se pode atribuir significado e sentido a um fonema porque a parte significativa da palavra é o semema, por isso “o linguista afirma que cada semema é uma unidade de significado constante e definida, diferente de todos os outros meios, incluindo todos os outros sememas, na língua, mas ele não pode ir além disso”<sup>86</sup> (BLOOMFIELD, 1933, p. 162).

Fonemas e taxemas são arranjos gramaticais que aparecem em várias combinações. São as menores unidades significativas para o léxico e para a gramática, respectivamente, combinações abstratas que podem ser repetidas, porém não apresentarão, em qualquer ato de fala, o mesmo sentido. Seu emprego depende do contexto em que esteja inserido, fazendo sentido no todo, muito raramente quando isolados. Então, um fonema ou um taxema são formas linguísticas sujeitas a serem aprendidas pelos hábitos linguísticos do falante, porquanto “os arranjos significativos de formas em uma língua constituem sua gramática”<sup>87</sup>, de acordo com Bloomfield (1933, p. 163).

---

84 “[...] the grammatical features by which they are combined, make up a construction” (BLOOMFIELD, 1933, p. 169).

85 “A morpheme can be described phonetically, since it consists of one or more phonemes, but its meaning cannot be analyzed within the scope of our science” (BLOOMFIELD, 1933, p. 161).

86 “The linguist assumes that each sememe is a constant and definite unit of meaning, different from all other meaning, including all other sememes, in the language, but he cannot go beyond this” (BLOOMFIELD, 1933, p. 162).

87 “The meaningful arrangements of forms in a language constitute its grammar” (BLOOMFIELD, 1933, p. 163).

A comunicação entre os indivíduos de uma mesma comunidade de fala só é possível porque eles relacionam as unidades gramaticais e os significados, como afirma Rosa (2011). Tanto as formas gramaticais, fonemas e morfemas, quanto o signo linguístico são convencionados e não haveria outra maneira para que se efetivasse a intercomunicação. Muitas vezes, o tom de voz é o suficiente para fazer entender se há alguma intenção subliminar no contexto comunicacional. O falante nativo consegue apreender e decodificar as minúcias linguísticas que aprendeu desde a mais tenra idade.

Sendo assim, as formas táticas que incluem a modulação da voz ao se pronunciar o sinal de pontuação de uma sentença, ou o simples fato de a sentença ser constituída por um verbo no imperativo como *Vá!*, em oposição a um substantivo como *Marcos!* constituem unidades das formas gramaticais. Por se tratar de um manual, Bloomfield (1933) alerta para o caso de muitos estudantes de linguística terem sido enganados porque as características formais da gramática não são simplesmente os fonemas e suas combinações transcritos meramente como arranjos de formas fonéticas.

Os morfemas constituem signos mínimos que não podem ser segmentados em unidades menores, apenas são definidos como formas livres e presas. As formas livres funcionam de modo a constituírem sozinhas um enunciado, a forma “faz”, por exemplo. As formas presas funcionam como afixos e só podem significar, se em contato com uma forma presa, que lhe dará suporte, “re- faz”, “des- faz”. Bloomfield (1933) reconhece esses dois tipos de morfemas.

Ao definir os critérios utilizados na identificação dos vocábulos formais em português, Mattoso Camara Jr. (1970, p. 69-71) retoma Bloomfield, distinguindo as **formas livres** (*free forms*, aquelas com autonomia discursiva e que não precisam de outras para atualizar os significados que têm) das **presas** (*bound forms*, as que só carregam significados quando agregadas a outras, no seu interior (GONÇALVES, 2019, p. 18) (grifos do autor).

Em suma, as formas gramaticais chamadas livres são pronunciadas sozinhas e tem significação própria, as formas presas têm sentido, se numa combinação de radical e afixos, por exemplo, isoladas não dizem muito. Camara Jr. (1970) teve o manual *Language* (1933) como fonte e acrescentou mais uma unidade formal da língua além das anunciadas por Bloomfield que é a forma dependente, a qual funciona em conjunto com outra forma livre, mas é considerada solta. É o caso do artigo, “**a** casa”, ou do pronome, “falou-**se**”.

Conceitua-se forma dependente, de acordo com Camara Jr. (1970, p. 70), como “[...] uma forma que não é livre, porque não pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente; mas também não é presa, porque é suscetível de duas possibilidades para disjuntir da forma livre a que se acha ligada [...]”. As formas proclíticas e enclíticas seriam as formas

dependentes, podem inclusive mudar de posição “se vê” ou “vê-se”, conforme regra pré-determinada pela gramática normativa.

Bloomfield (1933, p. 178) diz que “como apenas formas livres podem ser isoladas na fala real, a palavra, como forma livre mínima, desempenha um papel muito importante em nossa atitude em relação à língua. Para os propósitos da vida cotidiana, a palavra é a menor unidade de fala”<sup>88</sup>. O linguista avalia a condição das formas gramaticais associadas à fala livre e individual da comunidade de fala, assim sendo, a ideia de forma livre e palavra podem coadunar em algum momento.

No caso de muitas línguas, no entanto, é impossível distinguir consistentemente, por um lado, entre frases e palavras e, por outro lado, entre palavras e formas presas. O linguista não pode esperar indefinidamente pela chance de ouvir uma determinada forma usada como sentença - ou seja, falada sozinha. Algumas formas raramente são tão usadas<sup>89</sup> (BLOOMFIELD, 1933, p. 179).

Como Bloomfield (1933) explicou, é complicado criar uma situação em que a forma presa possa ser pronunciada sozinha. Em que momento um falante daria como resposta artigo definido “o” ou o indefinido “uma”? Seria preciso criar um contexto bem elaborado para que essas unidades aparecessem significativamente como formas que pudessem corresponder a uma sentença. Ao contrário dela, a forma absoluta ou independente aparece isolada na sentença e não perde o sentido. Ao se dizer apenas “João!”, tem-se uma forma independente que funciona perfeitamente no contexto sem maiores complicações ou exigências por parte do ouvinte. Em “João ouviu tudo!”, “João”, a mesma forma independente de antes, assume o papel de forma incluída porque faz parte de um contexto mais amplo.

A morfologia e a sintaxe não estão totalmente separadas, pois ambas lidam com conceitos muito similares, uma vez que a morfologia descreve formas significativas enquanto a sintaxe encadeia os elementos da oração. Em suma, o vocábulo pode tanto constituir uma forma lexical e, assim ser objeto de estudo da primeira, como uma sentença, justificando o estudo da sintaxe.

Retomando o exemplo anterior “João ouviu tudo”, ao mesmo tempo que, morfologicamente, “João” é uma forma livre, capaz de comunicar-se sem nenhum auxílio, faz

---

88 “Since only free forms can be isolated in actual speech, the word, as the minimum free form, plays a very important part in our attitude toward language. For the purposes of ordinary life, the word is the smallest unit of speech” (BLOOMFIELD, 1933, p. 178).

89 “In the case of many languages, however, it is impossible to distinguish consistently, on the one hand, between phrases and words and, on the other hand, between words and bound forms. The linguist cannot wait indefinitely for the chance of hearing a given form used as a sentence — that is, spoken alone. Some forms are rarely so used” (BLOOMFIELD, 1933, p. 179).

parte também de um contexto mais amplo que é a sentença, isto é, “João” é o sujeito da oração. Portanto, a língua é muito mais que articular sons e agrupar morfemas formadores de palavras, a fim de que se possa compreender a língua de uma comunidade de fala, basta saber que as situações cotidianas e pragmáticas refletem condicionamentos psicológicos, sociais, culturais do falante e se fixarão no contexto mais amplo da comunidade de fala.

Os tipos de sentenças inserem-se no campo da sintaxe, a qual traduz um arranjo convencional de formas linguísticas que servem à comunicação. São ditados pela entonação e tom da sentença, podendo ser apreendidos pelo ouvinte que compreenderá que duas sentenças são complementares por fazerem sentido justapostas, a parataxe. “Esse uso de fonemas secundários para marcar o final das sentenças possibilita uma construção conhecida como parataxe, na qual duas formas unidas por nenhuma outra construção são unidas pelo uso de apenas um tom de sentença”<sup>90</sup>, conforme Bloomfield (1933, p. 171). O falante compreende que as duas sentenças estão apenas justapostas e há um sentido estabelecido entre elas mesmo que não esteja explícito.

O fonema secundário existe em muitas línguas e é o que marca a modulação das sentenças, o tom em que são ditas, se são afirmativas, exclamativas ou interrogativas. Outras formas enfáticas dos tipos de sentença podem ocorrer por conta do fonema secundário, uma característica da modulação. Em línguas como o inglês e o português, a entonação e o stress mais alto produzem o efeito de ênfase, como mudar a ordem das palavras também produz o efeito desejado. Na sentença: “É meu, o caso!”, há uma inversão para destacar a palavra mais relevante e que contém a informação principal. Noutras línguas, o francês é um exemplo, o estresse não importa tanto.

As línguas comportam-se de forma diferente. No que tange aos tipos de sentenças, cada qual tem uma forma de provocar ênfase, fazer uma pergunta, uma exclamação, uma dúvida. Há línguas em que não é admissível diferir palavras e sentenças e o linguista, de acordo com Bloomfield (1933), que mais uma vez faz uma intervenção didática, não pode esperar ganhar gratuitamente as respostas esperadas, pois a forma correta de saber o comportamento de determinada língua é por meio da pesquisa antropológica. Apenas os ouvintes podem dar respostas acertadas a respeito do que se investiga.

---

90 “This use of secondary phonemes to mark the end of sentences makes possible a construction known as parataxis, in which two forms united by no other construction are united by the use of only one sentence-pitch” (BLOOMFIELD, 1933, p. 171).

A sintaxe e a morfologia eram separadas por uma linha bastante tênue. De acordo com Bloomfield, a gramática foi construída respeitando essas duas categorias e perpetuou-se, embora a sintaxe ainda não tivesse seus limites totalmente fixos, assim como a semântica. As palavras e as sentenças são estudadas tanto pela morfologia quanto pela sintaxe, a diferença é que a sintaxe não contém fórmulas presas, vinculadas de seus constituintes imediatos.

Em certas comunidades, as elocuições sucessivas são iguais ou parcialmente iguais. Um estranho necessitado na porta diz que *Estou com fome*. Uma criança que comeu e apenas quer adiar a hora de dormir diz *Estou com fome*. A linguística considera apenas as características vocais que são semelhantes nas duas elocuições, e apenas as características de estímulo-reação que são semelhantes nas duas elocuições. Da mesma forma, *O livro é interessante* e *Ponha o livro de lado* são parcialmente semelhantes (o livro). Fora de nossa ciência, essas semelhanças são apenas relativas; dentro dela, eles são absolutos<sup>91</sup> (BLOOMFIELD, 1926, p. 154).

O axioma acima remete à significação e o modo como os interlocutores compreendem os enunciados sintáticos. A sintaxe constitui-se de formas livres, palavras e frases, que, de acordo com Bloomfield (1933, p. 184), “são organizadas por taxemias de modulação, modificação fonética, seleção e ordem”<sup>92</sup>. Em exemplos como *Maria morreu*, *José caiu* ou *Os cavalos correram*, taxemas de seleção apresentam expressões nominais como *Maria*, *José* e *os cavalos* e expressões verbais: *morreu*, *caiu*, *correram*, que se configuram como formas livres. Nessas formas livres, há sempre um *ator*, termo usado por Bloomfield, para designar quem desempenha a ação proposta pelas expressões verbais.

As posições definidas pela sintaxe, como sujeito e predicado, são definidas por Bloomfield (1933) como ator e ação denominados constituintes imediatos e intercambiáveis da sentença. Há palavras que são colocadas apenas na função de ator, enquanto outras apenas na posição de ação. As primeiras têm função nominativa, posto que sejam os atores da função finita do verbo, referente à segunda classe de palavras, as indicativas da ação. Assim como os constituintes da sentença são formas livres, para separá-las, o falante faz pausas entre uma e outra que perfaz o tom de pausa.

A parataxe, sequência de justaposição frasal em que o tom de pausa pode unificar as informações e fazer com que o ouvinte infira uma significação. As formas semiabsolutas são

---

91 “Within certain communities successive utterances are alike or partly alike. A needy stranger at the door says I’m hungry. A child who has eaten and merely wants to put off going to bed says I’m hungry. Linguistics considers only those vocal features which are alike in the two utterances, and only those stimulus-reaction features which are alike in the two utterances. Similarly, The book is interesting and Put the book away, are partly alike (the book). Outside of our science these similarities are only relative; within it they are absolute. This fiction is only in part suspended in historical linguistics” (BLOOMFIELD, 1926, p. 154).

92 “[...] arranged by taxemes of modulation, phonetic modification, selection, and order” (BLOOMFIELD, 1933, p. 184).

um caso especial de parataxe e outra forma é parênteses, uma sentença explicativa inserida no meio de uma conversação: *O menino, aquele que bateu no meu filho, acabou de descer a rua.* Há também uma pausa para que o ouvinte compreenda a explicação. Bloomfield (1926, p. 155) diz que “[...] uma forma é um recurso vocal recorrente que tem significado, e um significado é um recurso estímulo-reação recorrente que corresponde a uma forma”<sup>93</sup>. A forma das palavras e os fatores extralinguísticos estimulados pelos actantes do discurso perfazem o significado linguístico.

Entre outras coisas, a modulação, a modificação fonética, *sandhi* responsabilizam-se pela compreensão da sentença, que pode ser analisada, não só por seus constituintes mediatos, mas também por formas variadas como o dativo e o acusativo, taxemas de seleção e formas livres como as expressões nominativas e de ação. A taxemia de seleção indica a posição em que a palavra encontra-se e define qual a função dela na frase. Observe os exemplos da língua portuguesa:

*A casa* parecia mal assombrada. (expressão nominativa)

Marcos comprou *a casa* mal assombrada. (expressão acusativa)

A taxemia de seleção, como vê-se nos exemplos acima, é bastante comum na sintaxe tendo em vista que o arranjo da sentença ocorre devido à colocação das palavras. Antes, no latim, as declinações definiam a classificação das palavras, se pertenciam ao nominativo, dativo, acusativo e assim por diante. A sintaxe é a escolha não aleatória de palavras para formar uma sentença, é ordenada e segue o ritmo das seleções feitas pela comunidade de fala. Leonard Bloomfield tinha um lugar de fala privilegiado por ser professor e pesquisador de línguas e, por isso, estava imbuído numa questão linguística muito recente, a semântica.

Ao discutir o plano das unidades significativas por meio da comutação, Bloomfield revelou preocupação em unir a sintaxe e a semântica. Não é sobre as formas que ele trabalha, contudo sobre o sentido que elas provocam nas sentenças. Sobre o posicionamento *actor-action* que constitui uma classe de formas livres, as quais são separadas pelo falante por meio de uma pausa. A sintaxe, segundo Hill (1972), foi por muito tempo negligenciada pela escola linguística norte-americana e a significação era um instrumento insuficiente e impreciso.

Tanto a sintaxe quanto a morfologia incluem a construção. No primeiro caso, de frases, no segundo, de palavras e das partes formadoras delas. De acordo com Bloomfield (1933), as construções morfológicas são mais elaboradas que as da sintaxe, porque a morfologia exige

---

93 “Thus a form is a recurrent vocal feature which has meaning, and a meaning is a recurrent stimulus-reaction feature which corresponds to a form” (BLOOMFIELD, 1926, p. 155).



uma ordem que não pode ser modificada, não permitindo variações da posição dos termos constitutivos da sentença. A sintaxe é determinada pela fala e fixada pela escrita. Nenhum falante faria uma inversão dos termos, pois todos, por meio da repetição e da cópia, reconhecem que os falantes que vieram antes tinham uma sequência determinada, reconhecida e imitada pelos demais falantes.

A língua escrita é sempre mais exigente com relação a isso, ainda assim a língua falada, em casos de sintaxe e morfologia, não deturpa a ordem da comunidade de fala. Os falantes usam a língua e estão cientes da necessidade de preservar o modelo instituído pela comunidade, ambos, falantes e comunidade instituem uma forma não dissociativa com um único intuito: preservar e manter a língua de modo mais exato possível, a transmissão da língua, para o falante, nunca apresenta diferenças substanciais daquela língua aprendida por ele na infância.

As regras da comunidade para a sintaxe e a morfologia são inabaláveis, ainda que seja verdadeiro afirmar que a língua muda, todas mudam, como disse Bloomfield (1926). A advertência feita por Bloomfield (1933) é com relação ao estudante de linguística que pode não ser tão experiente e esquecer que as formas presas são partículas das palavras e não formam o todo, por isso devem ser consideradas como constituintes carregadas de significação e que fazem parte da estrutura da palavra.

Bloomfield (1933) promove uma discussão a respeito das relações exocêntrica e endocêntrica das palavras no contexto da frase e, com o intuito de esclarecer melhor os conceitos, há um aprofundamento deles com exemplos da língua inglesa e de outras línguas como o Menomini. Os tipos linguísticos podem ter formas compostas por aglutinação e justaposição, há relação entre os membros da composição à medida que os mesmos formam uma relação exocêntrica ou endocêntrica. Segundo Pike (in FOUGHT, 1999, p. 83), a forma exocêntrica é uma construção em que dois ou mais termos combinam-se numa sentença, portanto “em uma construção exocêntrica, deve-se separar os constituintes imediatos cortando a frase na junção das duas [...]”<sup>94</sup>. O exemplo ilustra a questão “João (expressão nominativa)/ correu (expressão verbal)”.

A relação endocêntrica é subordinativa. Nesse caso, haverá um termo que será núcleo e outro que se subordinará como um atributo ou um qualificador ou um modificador. Numa expressão endocêntrica, a secção dos termos se dará sem que o termo núcleo e o subordinado separem-se. Em, *O leite fresco servirá para o bebê*, o qualificador “fresco” não pode se separar

---

94 “In an exocentric construction, one should separate the immediate constituents by cutting the phrase at the juncture [...]” (PIKE, 1943 in FOUGHT, 1999, p. 83).

do núcleo da expressão nominal, então “leite fresco”. Pike (in FOUGHT, 1999, p. 84) continua dizendo que “rotular uma frase como exocêntrica ou endocêntrica nem sempre pode ser feita por ‘regra de ouro’, pois nenhum dos critérios pode ser pressionado demais por causa da sobreposição de classes de forma”<sup>95</sup>.

Esse estágio de análise prova a mínima diferença entre morfologia e sintaxe, por isso o linguista trata sobre as similaridades entre as duas, como foram escolhidas para configurarem na gramática e como estão presentes em todos os tipos de línguas. Sendo assim, Bloomfield (1933) explica sobre as expressões substantivas que encontram-se no domínio do substituto, uma subclasse, referem-se a um campo de palavras substituíveis por outras que representam um domínio similar. O pronome *eu*, pertence ao domínio das expressões nominativas e pode ser substituto de outra expressão de igual valor, porque a equivalência de um substituto é determinada gramaticalmente.

As expressões nominais substitutas estão separadas em duas subclasses: a primeira, as pessoais como os pronomes *ele, ela, quem*, e a segunda, impessoais, pronomes como *aquilo* ou *isso*, em português. Além disso, os pessoais são classificados em gênero e número. A substituição não pode ocorrer de forma aleatória, mas coordenada de acordo com algumas regras impostas pelo próprio funcionamento da língua. O pronome pessoal reto, *eu*, só pode substituir o falante do enunciado, apesar de estar no singular, não poderia substituir uma expressão qualquer também no singular. As circunstâncias práticas do uso da língua criam as condições para que as substituições ocorram sem causar prejuízos à compreensão.

Substitutos podem ser de dois tipos: os anafóricos, recentemente mencionados, que apontam para um elemento da mesma espécie, e a limitação que identifica o indivíduo dentre os outros, pois é um substantivo definido, declarado. A anáfora pode ocorrer com os pronomes de terceira pessoa, os quais retomam algo que já foi enunciado anteriormente. Os anafóricos ou dêiticos são relativos à proximidade do objeto com o falante ou ouvinte, remetem à compreensão espacial. Os demonstrativos podem tanto ser dependentes quanto independentes, no primeiro caso, substituem o nome, no segundo, por clivagem, realça o que se diz anaforicamente.

Adjetivos, pronomes interrogativos, os numerativos (todos, um, dois...), os advérbios podem ser anafóricos ou dêiticos. Os substitutos dêiticos ou anafóricos estão associados a certas funções sintáticas como o predicativo. Outro caso é com relação aos relativos que indicam que

---

95 “The labeling of a phrase as exocentric or endocentric cannot always be done by “rule of thumb”, since none of the criteria can be pressed too far because of overlapping form classes” (PIKE, 1943 in FOUGHT, 1999, p. 84).

a frase em que estão inseridos é uma forma incluída ou completiva. As palavras estão ligadas diretamente às funções sintáticas e, desse modo, formam os enunciados que vão preenchendo o ato discursivo. E, por fim, o que Bloomfield (1933) chama de nomes substitutivos, isto é, os dêiticos. O pronome do caso reto *ele* substitui perfeitamente um substantivo de significação abstrata.

Enfim, a afirmação que diz respeito a Bloomfield e seus seguidores não se importarem com o significado das palavras, no que concerne ao mundo do falante e, por conseguinte, da comunidade de fala, não é verídica. Bloomfield fez uma ressalva dizendo que não tinham sido realizadas pesquisas suficientes para que a significação fosse um caminho tão afirmativo quanto à fonêmica, por exemplo. No entanto, ele já tinha noção dos caminhos que os linguistas do futuro percorreriam para lidar com o sentido das palavras.

Dali em diante, o desenvolvimento das teorias semânticas eclodiram no século XX, inclusive, a partir dos apontamentos do próprio Bloomfield (1933), que resumiu todos os estudos realizados por filólogos e linguistas do século XIX, nesse sentido. Resgatou fontes e conceitos e ampliou-os, ou seja, acrescentou suas observações, contribuiu com a fonologia no sentido de ter dado um conceito para o fonema, constatou a proximidade entre a morfologia e a sintaxe e, também foi capaz de compreender a importância da semântica para a língua oral de uma comunidade de fala e a intercomunicação dos falantes.

## **CAPÍTULO 4 OS EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS REFORÇAM A IDENTIDADE DA COMUNIDADE DE FALA E DO FALANTE**

Os empréstimos fazem parte do aparato linguístico estabelecido entre a comunidade de fala e o falante. Eles ocorrem à medida que o falante julga necessário emprestá-los de outra língua ou de outra comunidade com a finalidade de enriquecer seu próprio vocabulário e, por conseguinte, o arcabouço lexical de sua comunidade. Leonard Bloomfield não foi exatamente um dialetologista, mas um estudioso do assunto, uma vez que lidava diretamente com tais questões, enquanto observava o *modus operandi* do falante e da comunidade que estavam sob sua observação.

Este capítulo tratará sobre como, segundo Bloomfield, os empréstimos acontecem, a recorrência deles e por que são tão importantes ou discriminatórios para as comunidades que os importam e exportam. Será significativo entender a variação da língua e dos empréstimos linguísticos de uma comunidade para outra que estão diretamente relacionados à identidade da comunidade e dos falantes, por conseguinte.

As particularidades fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas formam a identidade linguística da comunidade de fala. Os falantes procuraram meios de manter a comunidade do grupo sob a perspectiva da transmissão de geração para geração por imitação e hábito a fim de conservar e perpetuar o dialeto local. O trabalho de transmissão da língua foi minuciosamente discutido pela *Volkerpsychologie* de Wundt, como já mencionado neste trabalho.

A discussão proposta por Wundt lidava com questões psíquicas de ordem social porque, de acordo com Stocking Jr. (2004, p. 51), “[...] a psicologia do indivíduo deve ser tratada pelos dados de uma psicologia social”. Há uma conexão indissolúvel entre os falantes e a língua, podendo remeter-se à psicologia dos povos de Wundt justificando as similaridades morfológicas, lexicais, fonológicas e semânticas, tornando a comunidade uma, de acordo com Vendryes (1921). Posto que o desenvolvimento da língua de uma comunidade obedece às leis gerais e demonstra suas regularidades, como disse Meillet (1921), mesmo que trate-se de um dialeto, refere-se ao modo único de comunicação de uma comunidade de fala que tem em seus falantes a base para as mudanças ou conservação linguística.

Os empréstimos linguísticos são um modo de fazer com que a língua evolua, no entanto, algumas vezes, não são bem aceitos pela comunidade e, com isso, a forma linguística anterior é conservada. Assim, servem como forma explícita ou uma tentativa de mudança que ingressa na língua via um falante mais culto que os demais. Tais formas passam pelo crivo de qualidade

e adequação das normas socialmente linguísticas daquela comunidade e, se aprovadas, são inseridas na língua cotidiana do povo, caso contrário, não serão mais utilizadas e cairão no ostracismo.

Todo falante é um imitador e também um imitado e, por isso, a comunidade adota uma variação linguística que nunca cessa de ser copiada, segundo Bloomfield (1933). Claramente, ajustes vão sendo feitos ao longo da vida da comunidade, mas nunca no sentido de alterar o dialeto drasticamente. Bloomfield (1933) definiu dialeto como uma forma de fala própria de uma comunidade.

Um grupo pode ser considerado uno por usar fonemas com os mesmos traços como o retroflexo, ou o mesmo léxico, ou ainda o mesmo valor semântico é empregado para um conjunto de palavras. A palavra “moleque” é comumente usada no falar carioca para designar “menino, garoto de pouco idade”, enquanto que no goiano, a forma lexical em questão assume significação pejorativa “menino de rua, indivíduo de má índole, canalha”, sendo assim, só pode ser usada em circunstâncias apropriadas.

Desse modo, os empréstimos linguísticos são parte do léxico de uma determinada comunidade que são imitados por outra comunidade. Ocorrem por difusão cultural, como uma via de mão dupla a não ser que uma comunidade não tenha nada para ensinar. Já o empréstimo íntimo, costumeiramente, é unilateral, uma vez que se supõe que uma nação tenha mais para doar que a outra, segundo Bloomfield (1933).

Os empréstimos íntimos são impostos por meio de uma língua considerada de maior prestígio, língua superior, em detrimento de uma língua de menor prestígio, língua inferior. À vista disto, o que ocorre é a dominação de uma língua sobre a outra, por ser uma delas a detentora de um saber específico que será emprestado e, nesse caso, os falantes não têm muita opção a não ser adotar os signos da língua de empréstimo. A nação de maior poder social, econômico, político dita as regras numa negociação, por exemplo, o mesmo acontece com referência às línguas.

Dentro de uma mesma comunidade, haverá um grupo de maior prestígio linguístico que poderá pressionar o grupo de menor prestígio a aceitar como certa a sua língua. Isto ocorre de modo bastante claro, e sem grandes preocupações na sociedade moderna, basta observar como a escola age com relação ao ensino/aprendizagem de língua materna. A criança, quando vai para escola, detém uma língua que deverá ser substituída pela língua *certa*, a qual apenas a escola tem acesso. Assim, durante toda a vida acadêmica desse indivíduo, ele se aterá, freneticamente e sem êxito, no exercício de aprender, escrever e falar a língua dita e aceita como certa.

A língua falada pelas crianças, quando matriculadas na escola, representa a comunidade de fala de onde ela veio. A comunidade tem sua própria vida refletida na fala de seus membros que tanto são enriquecidos por ela quanto enriquecem-na. Assim, de acordo com Vendryes (1921, p. XIV), a comunidade de fala tem “[...] caráter próprio que marca indivíduos com semelhanças contingentes”<sup>96</sup>, ou seja, os falantes de um mesmo dialeto terão marcas próprias e indeléveis que possibilitarão serem reconhecidos em qualquer parte do mundo.

A parte mais importante e realmente relevante da língua, para Bloomfield (1933), é a fala onde o certo e o errado inexistem porque lida-se com a espontaneidade do falante frente aos acontecimentos cotidianos. Como pesquisador de línguas ágrafas, Bloomfield não considera a escrita relevante para o estudo descritivo da língua, tarefa a que ele se propõe.

Se as línguas são ágrafas ou não, o que importa saber é como a língua pode ser eficiente para o falante que a usa, ao se referir às mudanças sonoras, por exemplo. Nota-se que nenhum falante, de nenhuma língua, sabe ao certo como e quando a língua evoluiu. Então, neste capítulo, virão à tona conceitos e metodologias utilizadas no século XIX para compreender como funciona a questão dialetal e os empréstimos linguísticos. A noção de ruptura metodológica aparecerá porque Bloomfield não seguiu uma metodologia aplicada por outros, ele tem sua própria.

#### *4.1 Dialectologia Geográfica e suas Implicaturas dentro da Comunidade de Fala*

Leonard Bloomfield sempre esteve à frente de seu tempo, por conta disto seguiu numa vertente diferente dos demais estudiosos em dialectologia da época. O interesse por essa área era vasto e algumas novidades surgiram por todos os lados, principalmente com relação ao grupo de linguistas americanos. Para falar sobre dialectologia, Bloomfield introduziu os termos *sub-standard speech*, *local dialect*, *dialect geography*, *dialect area*, *isoglosses* e *dialect atlases* que aparecem logo nas primeiras páginas da obra, *Language* (1933).

Os termos elencados anteriormente estão distribuídos em todos os trabalhos de Leonard Bloomfield e, na obra *Language* (1933) foram apresentados em toda a sua extensão. Bloomfield pôde fazer isto porque seu método partia da antropologia, que primava pela observação pessoal e próxima do pesquisador com a comunidade de fala. A pesquisa linguística bloomfieldiana

---

96 “[...] une nation a an caractère propre qui marque les individus de ressemblances contingentes” (VENDRYES, 1921, p. XIV).

está assentada na empiria, na investigação da língua em movimento, por isso a dialetologia era um tema importante com o qual Bloomfield deveria tratar.

Diferente dos demais, Bloomfield faz a apresentação desses termos ao longo do texto, os outros linguistas preferiam apresentar toda a parte de descrição linguística e só depois acrescentar o estudo sobre dialetologia, propondo uma segregação das duas aplicações. Bloomfield opta pelo contrário e este fato é justificado devido ao interesse dele pelo assunto e devido a sua pesquisa estar assentada sobre a empiria, a observação dos indivíduos e de suas línguas individuais, além do funcionamento delas dentro do ambiente da comunidade de fala.

Apesar de sua dedicação pela dialetologia, Bloomfield não realizou por si mesmo pesquisas nessa área, não escreveu nada a esse respeito, a não ser releituras de dialetólogos notáveis por suas pesquisas e, desse modo, conseguiu autoridade suficiente para abordar o assunto. A dialetologia está diretamente ligada à *performance* do indivíduo e à memória da comunidade de fala. A forma singular com que os falantes desenvolvem a língua conferem-lhe uma identidade indelével, fixando-se na comunidade de fala e perpetuando-se pela habitual imitação dos falantes. Ademais, esse capítulo tratará sobre as questões das mudanças fonéticas dos dialetos, como ocorriam e o modo de agir dos falantes diante delas.

As pesquisas sobre as línguas e suas semelhanças perduraram por todo o século XIX e obtiveram êxito, particularmente porque o campo da fonologia e da lexicologia era amplamente estudado. Contudo, a metodologia de pesquisa comparatista, que desenvolveu-se a partir de textos escritos, não foi o foco das pesquisas do século XX, quando os pesquisadores estavam preocupados com as pesquisas a partir das línguas vivas, ágrafas ou não, e foi por esse caminho que Bloomfield seguiu.

Nesse contexto, pode-se citar o italiano Graziadio Ascoli (1829-1907) como o primeiro a reconhecer a necessidade do estudo da dialetologia. Ascoli pesquisou os dialetos italianos, enfatizou a importância de se estudar a língua falada pelo povo e fundou, em 1872, o *Archivio Glottologico Italiano*. Na França, Gaston Paris (1839-1903) também destacou-se por fazer um trabalho semelhante, assim essas outras leituras sobre as particularidades da língua começaram a ser relevantes a partir do final do século XIX.

Os pesquisadores norte-americanos ocupavam uma posição de vanguarda nesse cenário porque se dispuseram a estudar as línguas ameríndias ainda em uso no continente americano por meio de um recorte temporal e espacial concomitante. Por isso, a obra e o legado de Franz Boas foram tão importantes naquele momento. De acordo com Stocking Jr. (2004, p. 9), Boas “[...] remodelou a antropologia americana e definiu as principais linhas de seu subsequente desenvolvimento até a metade do século XX”, não há dúvidas de que o trabalho dele tenha

influenciado no modo de fazer pesquisas de Leonard Bloomfield, percebe-se nele o ponto de vista antropológico suscitado por Boas.

Os pesquisadores norte-americanos dissociaram-se da tradição europeia e, então, tiveram que criar seus próprios métodos de análise. A crítica ao trabalho deles veio com base no fato de que sobressaíram-se e destacaram-se, nesse campo, porque foram forçados a agir assim. No entanto, se foram ou não forçados, não se pode negar a eles e à antropologia, a única ciência que tinha condições, naquele tempo, de estudar uma língua ágrafa, “sem cultura” como disse Leroy (1977), o mérito de terem sido pioneiros no estudo de línguas ainda em uso e mesmo que não tivessem um produto escrito.

[...] métodos um tanto diferentes dos que tem curso na Europa; houve, sem dúvida, a censura provocada pela última guerra, mas além desta circunstância fortuita, há também o fato de que a estrutura *sui generis* das línguas indígenas, que são língua sem história e às quais não se aplica o esquema gramatical herdado da Antiguidade clássica, suscita problemas de ordem particular; quando colocados diante de uma língua desconhecida, os pesquisadores, privados de qualquer recorrência a um sistema preestabelecido, veem-se, com efeito, forçados a identificar e a classificar os segmentos que conseguem isolar, de onde a importância dada à estrutura de preferência à função (LEROY, 1977, p. 181-182).

Os norte-americanos notabilizaram-se por terem representado uma ruptura metodológica, já que “preocupados com a descrição não se ativeram à mudança. Bloomfield, ele próprio, considerou possível determinar as causas ou as condições da mudança por não serem observáveis”, conforme aponta Matos e Silva (2008, p. 41). O resultado foi um método histórico de reconstrução interna da língua comparando os dialetos indígenas. Era possível considerar a evolução e variação das línguas reproduzindo etapas históricas desse processo como recomendava o estruturalismo norte-americano.

[...] os estruturalistas americanos, que a esse aspecto da pesquisa se dedicaram, se situam em posição semelhante à dos comparatistas europeus da primeira metade do século XIX. O próprio Bloomfield fez, pelo menos, um trabalho desse tipo, utilizando como objeto de estudos as línguas algonquinas da América do Norte; note-se que L. Bloomfield foi discípulo de F. Boas (MATOS E SILVA, 2008, p. 41).

Por tudo o que foi dito sobre as pesquisas dialetológicas, Bloomfield escreveu na obra *Language* (1933) três capítulos sobre o assunto. São eles: o capítulo dezenove, *Dialect Geography*, o capítulo vinte e dois, *Flutuation in the Frequency of Forms* e, por último, o vinte e sete, *Dialect Borrowing*. Do mesmo modo, o capítulo vinte, *Phonetic Change* retrata a configuração do dialeto dentro da comunidade de fala. Todavia, o assunto tratado nesses capítulos, em especial, também pode ser encontrado em toda a extensão da obra de Leonard Bloomfield, desde o capítulo três, *Speech-Communities*.



Além de desses três capítulos específicos escritos em 1933, Bloomfield, em 1926, escreveu alguns postulados sobre fonologia, morfologia e sintaxe e na última parte do texto, é feita uma súpula sobre linguística histórica. Na primeira premissa, ele diz que a língua muda deixando um espaço considerado seguro para que as pessoas contemporâneas possam se comunicar. Os dialetos são formados, as mudanças fonéticas ocorrem, no entanto, como se verá nesse subcapítulo, os falantes adaptam-se à realidade sem contudo sentir a mudança bruscamente.

A implicatura das mudanças fonéticas nos dialetos leva o falante a reconhecer-se como pertencente ao grupo, identificando-o como membro da comunidade e formando sua identidade linguística. Neste subcapítulo, pretende-se discorrer a respeito dos capítulos concernentes ao tema dialetologia, será uma síntese do pensamento bloomfieldiano sobre o assunto. A começar pelo capítulo dezenove em que Bloomfield expõe o resultado das pesquisas sobre dialetologia, isto é, os atlas linguísticos produzidos na Alemanha, Itália, França dentre outros menores. Há um relato de como foram feitos e quais os dialetólogos envolvidos nesse processo. Inclusive, Bloomfield fala sobre sua experiência como revisor desses textos baseado no conhecimento adquirido a partir de suas pesquisas de campo.

Quando procura-se estudar os dialetos, é necessário compreender a relação dos falantes e da comunidade de fala, a formação do dialeto em determinado lugar é motivado por características próprias. De acordo com Moulton (in FOUGHT, 1999, p. 170), “[...] ele [Bloomfield] também conhecia e usava estudos que seriam desconhecidos para qualquer estudante casual de dialetologia”<sup>97</sup>, destacando-se como estudioso da área e conhecedor dos preceitos considerados para um dialetologista.

Uma parte considerável do capítulo dezenove foi destinada ao trabalho de Gesinus Gerhardus Kloeke (1887-1963), linguista e dialetólogo holandês. Kloeke pesquisou os dialetos holandeses dos séculos XVI e XVII e as influências deles para os dialetos do século XX. Seu trabalho mais notável foi *Hollandsche expansie* (1927), revisado por Leonard Bloomfield em 1928. Durante a revisão, a única consideração de Bloomfield a respeito do trabalho foi com relação à falta de cuidado sobre coincidência dos fonemas nas palavras. Segundo Moulton (in FOUGHT, 1999), a fala dialetal deve ser observada a partir dos fonemas e sistemas fonêmicos e não em termos fonéticos como sugeria Kloeke.

---

97 “Beyond this he also knew, and used, studies that would have been unknown to any casual student of dialectology” (MOULTON, 1987 in FOUGHT, 1999, p. 170).

Faz-se necessário ser um conhecedor da comunidade à qual pretende-se estudar, é preciso conhecer a cultura, a estrutura da língua, enfim, estar inserido no contexto local. Conforme Bloomfield (1933, p. 324), “para registrar e estimar uma forma local, porém, precisamos conhecer seu padrão estrutural em termos do sistema fonêmico do dialeto local”<sup>98</sup>, com essa afirmativa, Bloomfield chama a atenção sobre como consertar a parte problemática do trabalho de Kloeke, cujo trabalho era puramente fonêmico, mas foi tratado como se fosse fonético. Bloomfield retoma esse trabalho na obra *Language* (1933) para demonstrar de que modo deveria ser entendida a questão de uma palavra ter reconhecidamente um fonema similar ao de outra num determinado recorte temporal e espacial, enquanto noutro momento não.

Bloomfield então dedicou cerca de três páginas, incluindo um mapa, a uma discussão do trabalho de Kloeke. Sem perceber, Kloeke estava lidando com um tópico puramente fonêmico: desenvolvimentos sucessivos, se anteriores /u:/ especialmente nas palavras 'mouse' e 'house', onde hoje essas duas palavras mostram em algumas áreas o mesmo fonema de vogal, em outras áreas diferentes fonemas vogais. Porque este era um problema fonêmico<sup>99</sup> (MOULTON in FOUGHT, 1999, p. 170).

As ideias de Kloeke ficaram mais claras depois que Bloomfield (1933) escreveu sobre elas, até por causa do conhecimento sobre fonêmica que facilitou a compreensão dos dialetos e das variantes dialetais. Kloeke não pode ser inteiramente culpado por não ter conseguido atingir esse nível da discussão, uma vez que ele e outros dialetologistas não tinham conhecimento suficiente sobre fonêmica. Caso ele tivesse, não haveria razões para não tê-lo usado.

A partir de suas ideias sobre o tema, Bloomfield antecipou uma preocupação de todo dialetologista, o interesse pela variação, apesar de discuti-la sob o ponto de vista histórico, ressaltando as formas mais antigas da língua e verificando como elas estão sendo substituídas por novas formas que vão sendo aceitas pela comunidade. Nas palavras de Bloomfield (1933, p. 393), “[...] agora estamos preocupados apenas com a afirmação de que as formas que não são explicadas pela correlação fonética entraram na língua em vários momentos”<sup>100</sup>, procurando compreender em quais momentos as palavras, sem correlação fonética, entraram na língua.

---

98 "In order to record and estimate a local form, however, we need to know its structural pattern in terms of the phonemic system of the local dialect" (BLOOMFIELD, 1933, p. 324).

99 “Bloomfield then devoted some three pages, including a map, to a discussion of Kloeke's work. Without realizing it, Kloeke was dealing with a purely phonemic topic: successive developments if earlier /u:/ especially in the words for 'mouse' and 'house', where today these two words show in some areas the same vowel phoneme, in other areas different vowel phonemes. Because this was a phonemic problem” (MOULTON, 1987 in FOUGHT, 1999, p. 170).

100 “[...] now [in chapter] we are concerned merely with the claim that the forms which are not accounted for by phonetic correlation, got into the language at various points in time” (BLOOMFIELD, 1933, p. 393).

As leis fonéticas explicam o aparecimento de uma determinada palavra que foi modificada, ao longo do tempo, por algumas fórmulas sonoras que justificam a evolução lexical. Vários linguistas reconstruíram uma forma lexical que se legitimaram posteriormente pela descoberta de um novo texto. Segundo Vendryes (1921, p. 51), “dados dois dialetos, cada um da mesma língua, de acordo com suas próprias leis, o aspecto fonético é revelado pelo conhecimento dessas leis”<sup>101</sup>, este é um trabalho realizado por linguistas, pois o falante nativo modifica a palavra, mas não sabe explicar como, quando ou porque ocorreu.

Bloomfield pesquisou sobre as descobertas de Jules Gilliéron (1854-1926), linguista francês que ocupou-se em explicar os casos de homonímia que podiam dificultar a compreensão de uma palavra em regiões diferentes. O exemplo dado é sobre a palavra latina *gallus* que tanto poderia significar “galo” quanto “gato” dependendo da região observada. O termo que modifica-se de região para região apresenta-se como uma variação da língua, seria o caso da palavra pesquisada por Gilliéron. Sendo assim, será importante estudar o capítulo vinte e dois da obra *Language* (1933), por se tratar de variação linguística.

As línguas possuem certo grau de estabilidade e de mutabilidade que é investigado pelos dialetólogos. É assim que surge a variação linguística, constituída por Mollica e Braga (2012, p. 10), como um “[...] fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes”, as quais são reconhecidas pela comunidade de fala. A variação envolve, principalmente, o evento da fala porque a escrita será sempre estática por ser uma língua perpetuada como a “forma correta” da fala como consta nas gramáticas normativas. Os empréstimos são uma forma de variação linguística ocorrida dentro da comunidade de fala impulsionados por um falante ou um grupo deles. Na obra *Language* (1933), Bloomfield destacou três tipos de empréstimos: o cultural, por intimidade e o dialetal.

Atualmente, acreditamos que a mudança real ocorreu entre um grupo relativamente pequeno de falantes e que, depois disso, a nova forma se espalhou por empréstimos linguísticos na grande área. Somos levados a essa opinião pelo fato de que as isoglossas para formas paralelas não coincidem. Uma divergência como a das isoglossas das vogais em *mouse* e *house* na Holanda (§ 19.4) se encaixa em nossa classificação de empréstimos linguísticos, mas não em nossa classificação de mudança fonética. Alguns estudantes veem nisso uma razão para desistir de nossas classificações e insistem que uma “mudança fonética” se espalha dessa maneira irregular<sup>102</sup> (BLOOMFIELD, 1933, p. 479).

---

101 “Étant donnés deux dialectes, issus chacun d'une même langue suivant des lois propres, l'aspect phonétique en est révélé parla connaissance de ces lois” (VENDRYES, 1921, p. 51).

102 “At present, we believe rather that the actual change occurred among a relatively small group of speakers, and that after this, the new form spread by linguistic borrowing over the large area. We are led to this opinion by the fact that isoglosses for parallel forms do not coincide. A divergence like that of the isoglosses of the vowels in *mouse* and *house* in the Netherlands (§ 19.4) fits into our classification of linguistic borrowing, but not into our

Os falantes de forma consciente espalham as mudanças fonéticas e, com o tempo, a forma original perde-se. Sendo assim para que essa forma seja recuperada e o fenômeno seja explicado, é necessário que um linguista faça esse trabalho. Os estudos realizados com base na linguística histórica resgata formas esquecidas e modificadas, a partir dessas pesquisas puderam provar, por exemplo, que o inglês padrão não era um tipo de língua mais antiga.

O inglês padrão não era proveniente da língua literária, mas do dialeto local, assim sendo, o padrão “[...] é a forma moderna não do inglês antigo literário, mas do velho dialeto local de Londres que se tornou primeiro uma língua provinciana e depois nacional [...]”<sup>103</sup>, de acordo com Bloomfield (1933, p. 321). Comprovando que as línguas nascem e, pelo uso, tornam-se língua nacional de alguma nação, ou seja, é um processo evolutivo porque nenhuma língua nasce com o *status* de padrão.

Ao passo que as isoglossas não são linhas coincidentes, pode-se afirmar que resultarão particularidades às quais serão tratadas não como uma extensão idêntica. Segundo Vendryes (1921), mesmo que todos os falantes de uma região falem a mesma língua, seria apenas no sentido de reconhecerem-se como autônomos dessa língua porque de comunidade para comunidade haveria diferenças notáveis no que tange à fonética, à gramática e ao vocabulário. Os membros mais próximos formam um grupo que tende a ser diferente dos demais grupos falantes da mesma língua, porque “[...] os dialetos afastam-se entre si rapidamente”, de acordo com Sapir (1949, p. 137).

Isto ocorre devido à necessidade de a comunidade de fala firmar-se como única e com características próprias e incomuns se comparadas às outras. Dessarte é formada a identidade linguística de um povo e, em todas as línguas, é possível verificar esse fenômeno. Muitos pesquisadores detiveram-se no estudo da linguística histórica na tentativa de comparar as línguas a procura de regularidades fonêmicas, fizeram atlas de dialetos, como o realizado pelo alemão Georg Wenker (1852-1911) na região do Reno em Dusseldorf e da Alemanha setentrional e central.

Os atlas serviam para delimitar a extensão territorial que falava a mesma língua ou apontar as diferenças linguísticas encontradas nesse espaço. Além do atrás, durante o século XIX, foram várias as gramáticas com a intenção de descrever e verificar a correspondência dos

---

classification of phonetic change. Some students see in this a reason for giving up our classifications, and insist that a "phonetic change" spreads in this irregular fashion" (BLOOMFIELD, 1933, p. 479).

103 “[...] is the modern form not of literary Old English, but of the old local dialect of London which had become first a provincial and then a national standard language [...]” (BLOOMFIELD, 1933, p. 321).

fonemas e das formas flexionadas com uma versão mais antiga da língua. Um exemplo foi a gramática bávara de Johann Andreas Schmeller (1785-1852), em língua inglesa, a publicação da gramática de Joseph Wright e, também dele, o *Dicionário de Dialetos Ingleses*, como disse Bloomfield (1933).

O esforço desses pesquisadores consistia na análise da fonologia, da morfologia e da sintaxe da língua, um trabalho árduo que demandava tempo. Ainda assim, os dados fonológicos foram colhidos e, em alguns momentos, havia o registro de diferenças lexicais e gramaticais marcantes. Jules Gilliéron (1854-1926) destacou-se no período, embora tenham sido feitos atlas italianos, dinamarqueses, catalunhos entre outros.

Os territórios eram divididos em isoglossas de diferentes formas que raramente coincidem, ressaltando as diferenças fonéticas, lexicais ou gramaticais. A partir da comparação entre as isoglossas, as línguas foram sendo pesquisadas e os dialetos podiam ser caracterizados com mais precisão. Dessa maneira, era mais fácil rastrear as diferenças dialetais e compreender os pormenores das línguas pesquisadas com a finalidade de objetivar as incongruências estabelecidas pelos dialetos, partiam-se dos registros escritos de uma língua anterior, cujas semelhanças promoveram a mudança linguística ao longo do tempo, segundo Bloomfield (1933).

Através do método comparativo, foi possível remontar a forma antiga da língua e entender a moderna, as mudanças fonológicas foram as que mais demandaram mão de obra. Casos de fonética ou correspondência fonética foram estudados por pesquisadores como Rask e Grimm, ambos se ocuparam em observar as correspondências entre o germânico e o indo-europeu, como será estudado no capítulo quatro. Desse modo, as mudanças fonéticas aconteceram ao longo do tempo modificando a língua e inserindo novos dados.

Ao se acreditar que as semelhanças linguísticas são herdadas da tradição dos hábitos de fala dos falantes, infere-se que as diferenças entre as formas semelhantes são devido a eles, portanto as mudanças ocorrem tanto pelas diferenças quanto pelas similaridades. O processo de mudança fonética tem sido estudado desde o século XVIII, mas foi no início do século XIX que as diferentes formas foram classificadas e relacionadas, a fim de comprovar o bom funcionamento do método de classificação que leva a crer que os dados coletados foram o resultado de um processo de mudança real.

Ainda que se considere que as leis fonéticas sejam simples, elas podem influir sobre a morfologia como forma de correção de um desequilíbrio fonético ou um ajustamento leve, o que acarretarão mudanças estruturais profundas, como disse Sapir (1949). Consoante Vendryes (1921, p. 51), “as leis fonéticas são a base de todo trabalho etimológico. O etimologista que o

ignorasse, faria um trabalho inútil”<sup>104</sup>, posto que essas leis poderiam justificar por que razão as palavras de uma língua sofrem alterações a ponto de modificarem-se e, às vezes, nem serem reconhecidas pelos falantes.

Bloomfield (1933) explicou e exemplificou que as mudanças fonéticas ocorreram por meio da comparação de dados, reforçou que os comparatistas fizeram um excelente trabalho identificando no Sânscrito, no Grego e no Latim as formas residuais que comprovavam a conexão histórica entre elas e o mesmo aconteceu com relação às línguas derivadas de cada uma dessas línguas-mãe. Observou-se que as línguas-filhas receberam características da língua-mãe e essas correspondências caracterizaram a descendência.

Quando os sons articulados não encontram correspondência ou similaridade numa outra língua à qual está sendo comparada, quer dizer que não pertenciam à mesma família linguística. Segundo Bloomfield (1933), August Leskien descobriu que o encontro de formas residuais poderia resultar em formas não residuais e contraditórias eliminando as falsas etimologias e comprovando que a mudança fonética é um fator regular.

Em oposição à hipótese comparatista, estão os neogramáticos que afirmaram que “a mudança fonética é independente de fatores não fonéticos, como o significado, a frequência, a homonímia [...]”<sup>105</sup>, consoante Bloomfield (1933, p. 353-354). Para os neogramáticos, esses fatores poderiam ser incisivos para a mudança fonética também, o que para os comparatistas era um absurdo, uma vez que eles defendiam que “leis fonéticas não têm exceções”<sup>106</sup>, de acordo com Bloomfield (1933, p. 354).

Hugo Schuchardt (1842-1927) foi um dos opositores da nova hipótese neogramática. Os opositores afirmavam que as semelhanças não configuravam um tipo reconhecido de correspondência fonética devido a um desvio esporádico ou, simplesmente, por não ter ocorrido uma mudança sonora. A língua evolui independentemente do uso que os falantes fazem dela e não há como delimitar tal evolução.

M. Schuchardt, que foi o primeiro a reconhecer a continuidade das áreas linguísticas e a descartar a noção vulgar de dialetos com limites fixos, critica essa grave falta de método. Um idioma comum, um *Ursprache*, como dizemos em alemão, só é encontrado sob certas condições e, para provar sua existência, é necessário ter concordâncias de um tipo muito particular. Acima de tudo, não devemos atribuir a uma comunidade antiga o que vem de desenvolvimentos paralelos, mas independentes (MEILLET, 1921, p. 103).

---

104 “Les lois phonétiques sont à la base de tout travail étymologique” (VENDRYES, 1921, p. 51).

105 “The limitations of these conditioned sound-changes are, of course, purely phonetic, since the change concerns only a habit of articulatory movement; phonetic change is independent of non-phonetic factors, such as the meaning, frequency, homonymy [...]” (BLOOMFIELD, 1933, p. 353-354).

106 “Phonetic laws have no exceptions” (BLOOMFIELD, 1933, p. 354).

Na obra *Language* (1933), sobre as pesquisas fonéticas, ainda são citados Georg Curtius (1820-1885) e Hugo Schuchardt (1842-1927), historiógrafos como Humboldt, que consideravam controversa a hipótese de que a mudança dos sons é puramente fonética e não está conectada a fatores como o significado, a frequência, a homonímia. Os defensores dessa ideia eram os neogramáticos, porque coube a eles, segundo Coutinho (1976, p. 134), “[...] a tarefa de sustentar [...] o conceito de que as leis fonéticas são princípios absolutos, cujo rigor científico pode ser facilmente observado”.

A contribuição de Schuchardt foi além do reconhecimento da não homogeneidade da língua, fato que contribuiu enormemente para os estudos dialetais visto que, mais tarde, ele cooperou com a sociolinguística. A mudança fonética não se encaixava em tipos reconhecidos de correspondência fonética, como acreditavam os neogramáticos, nesse caso, considera-se que pode haver uma ocorrência ou desvio esporádico de mudança sonora.

Por isso, as pesquisas de Rask e Grimm colocaram um pouco de ordem nisto tudo, embora Karl Adolf Verner (1846-1896), ao criar a lei de Verner, tenha conseguido preencher algumas lacunas deixadas por Grimm e confirmar a hipótese dos neogramáticos, quando trataram sobre as discrepâncias das formas germânicas, a partir da observação de que o fenômeno descrito por Grimm ocorria apenas em sílabas acentuadas.

Nesse sentido, conclui-se, nas palavras de Bloomfield (1933, p. 369), que “a mudança fonética [...] é uma mudança de hábitos de realizar movimentos produtores de sons”<sup>107</sup>, esse tipo de mudança só é relevante se afetar o sistema fonêmico da língua passando a fazer parte dos hábitos linguísticos da comunidade de fala. Os falantes não fazem a comparação dos sons anteriores com os atuais, contudo conseguem identificar as diferenças no padrão fonético sem saber identificar onde e porque ocorreram.

Além disso, as mudanças fonéticas acarretarão diferenças semânticas, caso a palavra sofra alguma alteração fonética que não pode ser mais recuperada. Desse modo, é comum que o falante considere que esta forma tenha um novo significado porque será vista como uma nova palavra. Portanto, consoante Bloomfield (1926, p. 164), “os fonemas de formas analógicas e palavras emprestadas podem ser alterados de modo a se adequar aos padrões de som da língua”<sup>108</sup>, a mudança de som é um acontecimento histórico, num tempo definido, e num

---

107 “Phonetic change [...] is a change in the habits of performim sound-producing movements” (BLOOMFIELD, 1933, p. 369).

108 “The phonemes of analogic forms and loanwords may be changed so as to fit the sound patterns of the language” (BLOOMFIELD, 1926, p. 164).

conjunto finito de falantes, de acordo com Bloomfield (1933). De modo algum, a mudança fonética altera o significado e a produção dos fonemas maternos de um indivíduo, que pode, mesmo após muito treino e esforço, acompanhar a língua adquirida, lembrar-se dos fonemas de sua própria comunidade de fala.

Não se trata de o falante lembrar-se dos fonemas maternos, uma vez que jamais serão esquecidos, pois formam a identidade do falante a fim de inseri-lo numa comunidade de fala específica. Sendo assim, mesmo que esse falante conviva num país estrangeiro e fale uma língua estrangeira, não há chances de ele conseguir pronunciar perfeitamente os fonemas daquela língua por melhor imitador que seja. A história conta que as mudanças linguísticas, usualmente tratadas como mudança sonora, segundo Bloomfield (1933), vão alterando-se à medida que o falante permite que aconteça, podendo, por exemplo, um fonema linguodental ser produzido no mesmo ponto de articulação que um uvular. Isto ocorreu na Nortúmbria inglesa, no Dinamarquês, no sul da Noruega e no Sueco.

Durante algum tempo, o processo de palatalização na língua portuguesa, em que palavras latinas como *filio*, passavam por um processo de ditongação [filyo] e, em seguida, pela palatalização [filho], um processo muito frequente e comum em português, contudo, atualmente, no português do Brasil, já não é mais. Palavras como *filho*, *milho*, *mulher* passaram por um processo de despalatalização como se demonstra em *filiu* > *fiiu* > *fiu* > *fi*, pelo menos na fala isto já tem tornado-se recorrente.

As mudanças fonéticas são o resultado dos hábitos linguísticos da comunidade de fala, portanto todas as línguas estão sujeitas a elas. Desse modo, os fonemas vão sendo redistribuídos, reorganizados, simplesmente desaparecem ou são acrescentados pelos processos de assimilação, dissimilação, metátese, haplologia e outros. A questão apontada por Bloomfield (1933) procura encontrar nas formas residuais alguma uniformidade ou correlação que confirme a suposição da mudança fonética ou a correspondência fonética entre as línguas.

Todo o esforço para compilar textos sobre dialetologia e inclui-los na obra *Language* (1933) justifica-se porque Bloomfield pesquisou a fala, verdadeira identidade da comunidade de fala, por isso não há uma língua certa ou errada, contudo uma língua que atende aos anseios do indivíduo. Nesse sentido, a antropologia ajudou a entender o indivíduo em seu *habitat*, no espaço e que ele pode realizar suas negociações comerciais, participar de um ambiente religioso, ir à escola, comunicar-se para manter-se vivo, exercitar o pensamento e a língua de modo coeso.

Não era um método recorrente dos estudiosos da língua, observarem-na sob a perspectiva da fala, a maior parte das pesquisas linguísticas iniciava-se com a língua escrita.



Em pesquisas anteriores, os comparatistas e neogramáticos minimizaram as pesquisas dialetais porque a intenção, naquele momento, era estabelecer semelhanças entre as línguas parentais e não, necessariamente, observar a fala do indivíduo e as realizações linguísticas específicas de uma comunidade.

Desconsideravam a fala em detrimento da escrita por tratar-se de uma forma mais fácil de elucidar as questões pendentes, não era necessário fazer pesquisas de cunho empírico, lidar com uma língua pronta era o melhor caminho. O fato de Bloomfield estar inserido nas questões linguísticas e para-linguísticas de uma língua viva e em movimento foi o ponto crucial e marcante de toda a sua produção intelectual. Os gramáticos do século XVIII estudaram a língua escrita com a intenção de fazer emergir diferenças locais fruto do descuido dos falantes e provar que a língua literária e a da classe alta eram fiéis aos padrões linguísticos, segundo Bloomfield (1933).

Leonard Bloomfield seguiu um caminho contrário e constatou que toda a energia do falante era empregada na fala. As experiências de cada falante enriquecem a comunidade e torna a língua necessária em virtude de outras formas de comunicação. Para Gilliéron (1921), os padrões sociais influíam sobremaneira na possibilidade de diferenciação dos dialetos. A língua literária da França, segundo ele, estava confinada aos intelectuais sociais, políticos e religiosos do país. Por isso a necessidade de se pesquisar a variação da língua, inclusive nas camadas sociais, então, os primeiros dicionários de registro dialetal datam do final do século XVIII, contudo os estudos nessa área se avolumaram no final do século XIX. A questão era justificar e compreender as diferenças para compreender como o dialeto tinha preservado algumas formas extintas na língua padrão. Uma explicação plausível seria que o dialeto não consentia intervenções como o padrão, pois tinham pouca interferência externa, como afirmou Bloomfield (1933).

Um dialeto relativamente uniforme é considerado um padrão, segundo Bloomfield (1926). Isto quer dizer que a língua padrão está em constante vigilância, ou seja, a necessidade de ter sempre o *status* de perfeita e certa, fez com que as correções e hipercorreções acontecessem durante todo o seu processo evolutivo. De acordo com Viaro (2011, p. 219), “chama-se hipercorreção ou ultracorreção um tipo específico de analogia em que o falante, diante de duas variantes conhecidas, infere uma regra, a qual se aplica em casos nos quais não costuma haver variação”, então os falantes se incumbem do papel de observadores e hipercorretores, mas não é, de fato um processo feito conscientemente, por isso, o resultado são mudanças e modernizações que as distanciam do dialeto e não poderão ser explicadas por um falante comum, sem que haja um estudo histórico evolutivo dessa língua.

Os dicionários de dialetos servem como registros daquilo que está sendo dito pelos falantes locais e que não fazem parte da língua padrão do lugar. Por isso, foram registradas apenas as palavras diferentes daquelas do uso padrão, sem nenhuma precisão fonética, nenhuma preocupação com a pronúncia dos fonemas. Já as gramáticas dialetais, segundo Bloomfield (1933), limitavam-se a confirmar a correspondência entre os fonemas das formas flexionadas com um estágio anterior da língua. No entanto, a história só pode ser contada se se leva em conta todo o contexto espacial, uma vez que as palavras poderão ser realizadas de formas diferentes numa mesma área.

O Brasil, por ser um país vasto territorialmente, comporta muitas realizações fonéticas distintas. O fonema não é realizado da mesma forma em todo o território, além disso, há diferenças lexicais e semânticas que constituem as variedades linguísticas de cada região do país, quiçá de cada cidade. Os dialetos e as variações linguísticas tinham que receber um tratamento diferenciado para que chegar à compreensão dos estágios por que a língua passou.

Os estágios anteriores de uma língua deveriam estar relatados nos dicionários dialetais com a finalidade de esclarecer para os interessados por que caminhos percorrer. Destarte, o registro de uma forma linguística exige do estudante de línguas uma preparação para maior eficácia do produto. Em virtude disto, determina-se o padrão fonético do dialeto para só então fazer as comparações e afirmações a respeito dele. As pronúncias de variantes ou tipos gramaticais ou lexicais podem ser atuais com ou sem diferença de denotação. A observação atenta do linguista apontará para as mudanças ocorridas na língua durante o tempo e configurarão as variantes dialetais, impreterivelmente, relevantes para a história.

Portanto, o atlas do dialeto é importante pois ressalta e justifica as diferenças performáticas entre as comunidades de fala. Os dados coletados pelo atlas são praticamente de cunho fonológico e algumas diferenciações gramaticais marcantes, fatos e dados, os quais o falante local jamais conseguiria transcrever com fidedignidade numa grafia que a representasse, mesmo se tratando de sua pronúncia. O falante não tem consciência da qualidade dos fonemas que reproduz, a não ser que esteja em comparação com outros. Um goiano sabe perfeitamente que seus fonemas são diferentes dos fonemas realizados por um carioca ou um gaúcho, nem por isso saberia descrevê-lo. O falante está no nível empírico das realizações práticas, portanto ele apenas segue o mesmo padrão imposto pela comunidade.

Bloomfield explicou que a fim de que se delimitasse melhor a área de realização de uma determinada palavra, era necessário demarcar o local em que os fonemas eram produzidos formando as isoglossas. Logo, percebeu-se que as formas são raramente coincidentes ao longo

de toda a extensão da isoglossa, já que “[...] cada palavra tem sua própria história<sup>109</sup>” (BLOOMFIELD, 1933, p. 328). Às vezes, as palavras podem, num dado momento, apresentar uma única forma e depois separarem-se e distinguirem-se por alguma razão.

Ao que tudo indica, a língua da comunidade de fala moderna está à mercê de várias implicaturas concomitantes à evolução do mundo. Na condição em que a língua se encontra atualmente, há sempre alguém apto a fazer uma correção ortográfica ou mesmo de concordância, pois o que mais importa é a língua dos cultos e letrados, assim, qualquer novo elemento que surgir pode sofrer uma modificação lenta e gradual. Os falantes menos cultos e não letrados não se preocupam com a rigidez da escrita, simplesmente falam e, desse modo, produzem novos dialetos, enquanto a classe instruída preserva a língua de sempre.

Tanto no primeiro quanto no segundo caso, a natureza das forças que atuam sobre a mudança da língua ocorre pela vontade de seus falantes, por meio dos órgãos de fala que emitem sons variados conforme a conveniência, de acordo com Whitney (1884). Mesmo que a mudança linguística parta de um indivíduo, é preciso a aquiescência da comunidade para a admissão da nova forma sugerida.

A mudança linguística deve ser gradual, e quase insensível enquanto estiver em andamento, devido ao assentimento geral pode ser apenas ganho lentamente, e pode ser obtido por nada que esteja muito longe do uso anterior, e que, portanto, parece forçado, arbitrário ou ininteligível. A influência coletiva de todas as analogias estabelecidas de uma língua é exercida contra qualquer inovação ousada [...] <sup>110</sup> (WHITNEY, 1884, p. 44).

Nenhuma mudança linguística destoará daquilo que a comunidade está acostumada, das regras preestabelecidas para que a inovação não pareça estranha. Tudo que o indivíduo sugerir, qualquer que seja a inovação, partirá daquilo que ele reconhece como sua língua, tanto os afixos quanto os morfemas verbais, nada poderá ser totalmente novo sob a pena de não significar para os demais membros da comunidade e prejudicar a comunicação entre eles.

As inovações devem partir do grupo, onde a comunicação é possível e, portanto, é notória a necessidade de uma estrutura linguística específica para aquela comunidade pautada no contexto da experiência. De acordo com os dialetologistas, nenhuma mudança linguística atingirá a comunidade de fala por completo, até porque há subgrupos que a compõe. As palavras mais frequentes são mais afetadas pelas mudanças sonora e lexical, no que refere-se às

---

109 “[...] every word has its own history” (BLOOMFIELD, 1933, p. 328).

110 “Linguistic change must be gradual, and almost insensible while in progress, for the reason that the general assent can be but slowly gained, and can be gained for nothing which is too far removed from former usage, and which therefore seems far-fetched, arbitrary, or unintelligible. The collective influence of all the established analogies of a language is exerted against any daring innovation” (WHITNEY, 1884, p. 44).

mudanças sonoras, podem ocorrer de modo abrupto provocando o desconhecimento do significado da forma, devido a algumas pessoas não estarem ambientadas com elas.

Nesse caso, será necessária uma explicação prévia do falante. Em consonância com as leis fonéticas, as mudanças ocorrem porque o falante tende a simplificações que corroborem para facilitar a fala e a identificação com o modelo anterior da língua. Os metaplasmos são exemplo de que as mudanças ocorrem de modo rápido, então a troca de um fonema surdo por um sonoro ou a vocalização representam o quanto o falante e a língua devem estar em harmonia.

Todas as línguas mudam com o tempo e, de acordo com Naro (in MOLLICA; BRAGA, 2012, p. 43), “esta mudança a longo prazo, através dos séculos, não se processa de maneira instantânea e abrupta, como se numa determinada manhã a população inteira acordasse falando de maneira diferente da do dia anterior”, por isso os falantes não conseguem distinguir se falam ou não diferente de uma época anterior, pois as mudanças são sempre suaves e sem nenhum trauma para o falante.

Portanto, os dialetos preservaram algumas características da língua anterior que havia desaparecido da língua padrão. Para não perder esse estágio evolutivo da língua, “por volta do século XVIII, começaram a aparecer os dicionários de dialetos, que mostravam as peculiaridades lexicais do discurso não padronizado”<sup>111</sup>, segundo Bloomfield (1933, p. 321). Era uma forma de mostrar que o padrão não era o tipo mais antigo da língua, pois surgiu em condições históricas peculiares de dialetos locais.

De acordo com Bloomfield (1933), as gramáticas dos dialetos locais limitavam-se a afirmar a correspondência dos fonemas e das formas flexionadas com as de um estágio mais antigo da língua. Essa é uma forma de provar que as inovações individuais estão asseguradas pelas possibilidades oferecidas pela língua, nunca por uma determinação do indivíduo que impõe sua língua aos demais.

Os dialetos preservam as formas extintas da língua padrão, poderia dizer até que algumas formas da língua permanecem inalteradas. Com isto, observava-se que eles estavam livres das misturas de onde vinha o padrão, porque representavam um estágio mais puro e antigo da língua. Ao mesmo tempo, o dialeto pode ser confundido com o sotaque que uma pessoa apresenta por morar numa ou noutra região, assim, os estrangeiros não podem ser confundidos com um nativo. Muito embora algumas pessoas afirmem que conseguem assumir o sotaque de outra comunidade, os nativos daquela localidade nunca reconhecerão isto porque um

---

111 “Toward the end of the eighteenth century there began to appear dialect dictionaries, which set forth the lexical peculiarities of nonstandard speech” (BLOOMFIELD, 1933, p. 321).

estrangeiro não será hábil o suficiente para fazer essa substituição mesmo que queira, já que sua identidade está em jogo.

O estudo dialetal é bem antigo e tem a intenção de encontrar nos dialetos locais a regularidade fonêmica que foi quebrada com a língua padrão. Em 1876, Georg Wenker (1852-1911) começou a pesquisar sobre os dialetos na região do Reno em Dusseldorf, mais tarde sua pesquisa foi estendida para uma área mais ampla e, em 1881, foram publicados seis mapas correspondentes à primeira parcela de um atlas de dialetos da Alemanha setentrional e central. Wenker teve ajuda financeira governamental e, para as traduções dos mais de quarenta e oito dialetos locais, contou com a colaboração de alguns professores, conforme aponta Bloomfield (1933).

No início do século XX, eram três as principais formas de estudos dialetais. A lexical, a mais antiga delas, prevê que os dicionários de dialetos incluam em seu *corpus* formas e significados diferentes do uso padrão. Posteriormente, era necessário incluir no dicionário palavras fora do uso padrão com precisão fonética e cuidar de definir bem os significados, mais tarde, acrescentou-se um esquema fonêmico para cada tipo de fala local e, em conjunto, um estudo fonológico era indispensável.

Na obra *Language* (1933), Bloomfield resume alguns trabalhos com essa alcunha e nomeia os responsáveis por eles. Sendo assim, de acordo com o autor, Johann Andreas Schmeller (1785-1852) pesquisou a *performance* do povo bávaro o que culminou na gramática bávara publicada em 1821, este foi o primeiro e mais completo trabalho nesse campo. Em inglês, Alexander John Ellis (1814-1890) pesquisou a fonologia dos dialetos de língua inglesa e publicou cinco volumes do *Ellis's Early English Pronunciation* (1874), nessa obra são comparados William Shakespeare (1564-1616) e Geoffrey Chaucer (1343-1400). Joseph Wright (1855-1930), professor de Filologia Comparativa em Oxford, sagrou-se por escrever, entre os anos de 1898 e 1905, uma gramática que tinha como extensão o *English Dialect Dictionary*.

Nessa vertente, a geografia dialetal, naquele início do século XX, expandiu-se e surgiram mais atlas de dialetos que descreviam as isoglossas e mapas de distribuição, forma clara e compacta de descrever um dialeto local. O valor do mapa dialetal dependia muito da completude com que os dialetos foram registrados, quanto mais específica a pesquisa mais completa é a história contada por ela. O dialetólogo deve conhecer o padrão estrutural do sistema fonêmico local, as várias pronúncias variantes, os tipos gramaticais e lexicais, a diferença criada pela conotação.

Na pesquisa que estava sendo realizada no período, apareceram várias gramáticas dialetais mostrando a relação dos sons e inflexões de alguns dialetos locais. Cada uma das

línguas sofreu deslocamentos de estrutura em muitas de suas formas, devido à mistura de dialetos. As gramáticas de dialetos locais limitam-se, em grande parte, a afirmar a correspondência dos fonemas e das formas flexionadas com as de um estágio anterior da língua, segundo Bloomfield (1933).

A história dos dialetos só pode ser contada a partir da conexão da área como um todo, detectando se a característica foi alterada ou não apenas na medida em que a mudança atingiu ou não os falantes do dialeto local. Os mapas dialetais eram produzidos a partir de um mapa de distribuição que, de acordo com Bloomfield (1933, p. 323), “[...] é a forma de declaração mais clara e mais compacta”<sup>112</sup>, a qual organiza e descreve os dialetos locais. O conjunto desses mapas consiste num atlas de dialetos que permite comparar as distribuições de diferentes características dos diferentes mapas.

Para registrar uma forma, é preciso conhecer o padrão do sistema fonêmico do dialeto local. Pronúncias variantes ou tipos gramaticais ou lexicais podem ser atuais, com ou sem diferença de denotação, as quais podem ser relevantes para a história da mudança que as produziu. O atlas de dialeto é um empreendimento e, na prática, pode ser que falhe em um ou outro aspecto. Os dados coletados para o atlas são basicamente fonológicos exceto por diferenças lexicais ou gramaticais marcantes que o informante nunca conseguiria transcrever numa grafia que representasse a pronúncia local.

Conforme Bloomfield (1933, p. 324), “os dados para o atlas francês foram coletados por um foneticista treinado, Edmond Edmont”. Edmont (1849-1926) era um comerciante francês que se interessava por questões lexicais de sua cidade natal, Saint-Pol-sur-Ternoise. Sozinho, fez suas pesquisas dialetais e publicou o *Lexique saint-polois* (1880). Depois disto, foi trabalhar com Jules Gilliéron que o havia incentivado para continuar pesquisando e publicando os resultados. Juntos conseguiram fazer o atlas linguístico da França entre 1902 e 1914.

Bloomfield (1933) faz uma crítica à coleta de dados do período dizendo que por mais que o ouvido de Edmont fosse bom, o padrão fonológico de cada lugar tem uma variável que não pode ser descrita de modo particular e isento de erros por um único pesquisador. Portanto, os resultados para fonética e léxico são incompletos. Os atlas estavam sendo desenvolvidos em toda parte como o italiano publicado por Karl Jaberg (1877-1958) e Jakob Jud (1882-1952), em 1928, além desse, outros menores foram surgindo.

Existem atlas menores para a Suábia (por H. Fischer, 28 mapas, publicados em conexão com um tratado cuidadoso, em 1895), para a Dinamarca (por V. Bennicke e M. Kristensen, 1898-1912), para a Romênia (por G. Weigand,

---

112 “[...] is the clearest and most compact form of statement” (BLOOMFIELD, 1933, p. 323).

1909), para a Catalunha (por A. Griera, 1923 e seguintes), e para a Bretanha (por P. Le Roux, 1924, p.). Outros atlas estão em preparação, incluindo uma pesquisa da Nova Inglaterra sob a direção de H. Kurafh. Um observador sozinho pode cobrir uma pequena parte de uma área, como fez Karl Haag em seu estudo sobre um distrito no sul da Suábia (1898); ou então, ele pode restringir-se a um ou dois aspectos, mas segui-los por um distrito maior, como fez G. G. Kloeke em seu estudo dos fonemas vocálicos das palavras *mouse* e *house* na Holanda e na Bélgica (1927)<sup>113</sup> (BLOOMFIELD, 1933, p. 325).

Os atlas deram origem a muitos estudos, mais precisamente, às pesquisas feitas por Gilliéron e seu grupo baseado no atlas francês. Ferdinand Wrede (1863-1934) realizou várias pesquisas na mesma área contemplando os dialetos alemães. O conhecimento estava confinado às condições que prevaleciam nas áreas estudadas. Para dividi-las, propuseram recortá-las em isoglossas, verificando que, geralmente, cada uma dessas áreas apresenta uma combinação única de formas, cada uma delas pode também aparecer em algumas localidades vizinhas.

Nas isoglossas, raramente as formas coincidem ao longo de toda a extensão, uma vez que são delimitadas pelas características fonéticas, lexicais ou gramaticais, isto é, cada palavra tem sua própria história. Somente a expansão cultural poderia manter o equilíbrio entre as isoglossas. O resultado final do processo de disseminação é a completa submersão das formas antigas, já que uma mudança linguística uniforme dentro de uma área justifica-se pelo nivelamento geográfico. A geografia dialetológica evidencia a antiga extensão das características linguísticas que persistem como formas de relíquia, especialmente quando um recurso aparece em forma de distritos separados por uma área compacta em que um elemento falado é recorrente. Segundo Bloomfield (1933), isto significa que aquela era uma área sólida antes disto.

Tudo o que refere-se aos registros falado e escrito, difere-se de uma para outra região, pode ter sido influenciado pelas fronteiras políticas, pela cultura ou pelas condições sociais. As fronteiras políticas conduzem à uniformização da fala e as culturais são fatores que concordam com as barreiras geográficas. As questões sociais representam a densidade da comunicação e o relativo prestígio de diferentes grupos sociais, as fronteiras sociais atrairão, com o tempo, linhas de isoglossas. Fatores de prestígio nos falantes e de significado em cada dialeto não permitem

---

113 “Smaller atlases exist for Swabia (by H. Fischer, 28 maps, published, in connection with a careful treatise, in 1895), for Denmark (by V. Bennicke and M. Kristensen, 1898-1912), for Roumania (by G. Weigand, 1909), for Catalonia (by A. Griera, 1923 ff.), and for Brittany (by P. Le Roux, 1924 ff.). Other atlases are in preparation, including a survey of New England under the direction of H. Kurafh. A single-handed observer can cover a small part of an area, as did Karl Haag in his study of a district in Southern Swabia (1898); or else, he may restrict himself to one or two features but follow them over a larger district, as did G. G. Kloeke in his study of the vowel phonemes of the words *mouse* and *house* in the Netherlands and Belgium (1927)” (BLOOMFIELD, 1933, p. 325).

prever o curso da isoglossa, mas podem fornecer detalhes sobre a história das formas individuais.

As línguas mudam com o tempo, se se consideram os registros escritos das variantes dialetais e também da fala anterior ao período em que se pesquisa. Os dialetos sofreram alterações, na mesma proporção que os hábitos de fala foram se modificando, principalmente devido às mudanças fonéticas ocorridas. Bloomfield (1933) afirmou que desde o início do século XIX, preocupavam-se em descrever as formas e relacioná-las às línguas numa tentativa de encontrar correspondências fonéticas uniformes.

Hermann Grassmann (1809-1877), fonte para Bloomfield (1933), observou o fenômeno da dissimilação das aspiradas, descreveu a modificação ocorrida num estágio pré-histórico do grego e do sânscrito antigo. Ele conseguiu formular uma lei relativa aos fonemas das línguas indo-europeias. Além de Grassmann, Leskien contribuiu com os estudos sobre mudança fonética porque, depois de ter feito a comparação entre as línguas, concluiu que houve uma classificação de formas residuais resultando em formas contraditórias e fazendo supor que a mudança fonética é totalmente regular.

A mudança fonética, conforme definida no capítulo anterior, é uma mudança nos hábitos de realizar movimentos de produção de som. Estritamente falando, uma mudança desse tipo não tem importância desde que não afete o sistema fonêmico da língua; de fato, mesmo com registros perfeitos ao nosso comando, provavelmente deveríamos ser incapazes de determinar o ponto exato em que um favor de certas variantes começou a merecer o nome de uma mudança histórica<sup>114</sup> (BLOOMFIELD, 1933, p. 369).

A mudança nos hábitos dos falantes modifica a língua fazendo surgir variantes de um mesmo dialeto. Uma mudança de som, em geral, significa uma simplificação dos movimentos que compõem os enunciados. Nesses casos, vogais podem enfraquecer ou desaparecer, fonemas podem ser inseridos ou retirados ou apenas mudam de lugar, enfim, são muitos os tipos de mudanças fonéticas. Bloomfield (1933) discrimina e explica cada uma delas, mas cada língua comporta-se de uma forma e cada uma teve um tipo de mudança fonética diferente.

Sabe-se que Bloomfield pesquisou línguas ameríndias e a língua inglesa. Nesta pesquisa, importa que os exemplos e explicações estejam relacionados à língua portuguesa de Portugal e do Brasil. Sendo assim, de acordo com Coutinho (1976, p. 137), são três as leis

---

114 “Phonetic change, as defined in the last chapter, is a change in the habits of performing sound-producing movements. Strictly speaking, a change of this kind has no importance so long as it does not affect the phonemic system of the language; in fact, even with perfect records at our command, we should probably be unable to determine the exact point where a favoring of certain variants began to deserve the name of a historical change” (BLOOMFIELD, 1933, p. 369).



fonéticas que modificaram a língua portuguesa, a saber: “1. Lei do menor esforço; 2. Lei da permanência da consoante inicial; 3. Lei da permanência da sílaba tônica”.

A Lei do menor esforço prima pela eufonia, consiste na conservação dos traços fonéticos relevantes para que se compreenda o que se quer dizer. Quanto à Lei da permanência da consoante inicial, prevê que as consoantes iniciais não tendem ao enfraquecimento ou quedas ou sonorizações frequentes porque elas tendem a permanecer. E, por último, a Lei da permanência da sílaba tônica referente à conservação da sílaba tônica acentuada em Latim. Esclarecidos esses fatores, é interessante notar que causas fonéticas diversas acarretaram a modificação das palavras desde o Latim até o Português.

O enfraquecimento de consoantes entre vogais ou outros sons abertos é semelhante à assimilação, os sons precedentes e seguintes são abertos como em *water* e *butter*, segundo Bloomfield (1933). Esse fator ocorre, segundo Bisol (2002), “na harmonia vocálica, a presença de uma vogal alta em sílaba seguinte à sílaba com vogal média, faz com que essa vogal média eleve-se variavelmente”. Nesses termos, em português do Brasil, pode-se encontrar variações como em cobrir por *cubrir*, pedir por *pidir*, gemido por *gimido*.

Bloomfield (1933) diz que a palatalização é o caso mais conhecido de assimilação de dentais e velares. Com relação aos fonemas [k, g], a mudança só foi possível porque a forma palatalizada [g] em algum momento tinha caráter de aspirante. Outro modo de haver a palatalização é quando as vogais posteriores [o, u], por não afetarem o velar anterior, foram alteradas sob algumas condições para vogais [ø, y] e depois coincidiram com as vogais anteriores [e, i]. A palatalização muda as consoantes para as variações.

Bloomfield (1933) nomeia as mudanças fonéticas que foram ocorrendo nas línguas para a sua evolução como a assimilação vocálica, apócope, desnasalização, os *clusters* (encontro consonantal ou dígrafo), a permanência das vogais longas e o alongamento das curtas em sílabas abertas, metátese, haplologia, dissimilação. Tudo isto leva a considerar que o falante tome essas medidas na tentativa de simplificar a fala e torná-la mais rápida, mais fluída, destarte a mudança de som seja um evento histórico que ocorre num tempo definido com um conjunto também definido de falantes.

Uma forma linguística, mesmo que frequente, pode estar sujeita à flutuação incessante. Por flutuação na frequência das formas de fala, Bloomfield (1933, p. 393), diz que “[...] é um fator em todas as mudanças não fonéticas”, as quais podem ser observadas a partir dos registros escritos. Quando uma forma linguística desaparece, o falante não consegue perceber prontamente, o linguista pode realizar pesquisas em materiais escritos para verificar formas de língua que não estão mais em uso.

As formas linguísticas podem cair em desuso porque o falante considera que há outras formas melhores e que resolvem sistematicamente o problema da comunicação de modo rápido e eficaz. A recorrência de padrões fonéticos como a aliteração, a assonância, a rima, as repetições rítmicas favorecem a fala, pois são fatores semânticos que vieram para favorecer ou desfavorecer uma forma, depende de como são utilizadas.

As formas tabus desfavorecem a língua. Segundo Bloomfield (1933, p. 396) *tabu-forms* são formas inapropriadas, que devem ser evitadas pelo falante, palavras que podem remeter ao ridículo ou levar ao constrangimento público, podendo ofender o ouvinte. Para evitá-las, o falante usa outras artimanhas linguísticas como a homonímia ou a substituição por outra forma menos agressiva, o eufemismo. As formas tabus causam inconvenientes ou ofensas, são xingamentos, palavrões que devem ser usados em circunstâncias peculiares ou evitadas.

O eufemismo pode ser uma maneira de amenizar o desconforto entre os falantes, assim diz-se “gordinha”, para referir-se a uma pessoa acima do peso ou “escurinho” para alguém da raça negra. As mudanças na vida da comunidade afetam a fala, fenômeno chamado de flutuação e não depende das características formais. Então, numa situação em que a palavra ou a sentença empregada deixa de existir, a palavra ou a sentença também perde seu valor e são substituídas por outras que representem a situação de fala atual. As gírias, por exemplo, tem pouco tempo de vida, a queda sofrida por elas é bastante ríspida, a metáfora fica obsoleta e a gíria não é mais necessária. Nesse caso, há dois caminhos, no primeiro ela deixa de existir simplesmente, já no segundo, ingressa no léxico daquela língua e perde o status de gíria, segundo Bloomfield (1933).

O falante está acostumado ao treino. Nada há linguisticamente, para ele, se não for pelo treinamento, o qual possibilita-o pensar e sentir-se parte integrante da comunidade de fala. Apesar de toda essa disciplina, o falante não é capaz de descrever os atos da própria fala, somente um psicólogo ou um linguista, de acordo com Bloomfield (1933), teria essa habilidade porque foram treinados para essa tarefa. Aos demais falantes, mesmo aqueles que foram educados, que tiveram treinamento escolar e que, muitas vezes, consideram-se aptos a fazer correções linguísticas, esquecem-se de que só estão habilitados para isto devido a uma tradição filosófica sofisticada, ainda de acordo com Bloomfield (IDEM).

Se o falante não tiver recebido um tratamento especializado, se não tiver sido treinado para essa descrição, nunca conseguirá fazê-la. Para Bloomfield (1933), o linguista descreve a ação do falante considerando a fórmula proporcional de analogia e mudança analógica. Conforme Coutinho (1976, p. 150), “analogia é o princípio pelo qual a linguagem tende a uniformizar-se, reduzindo as formas irregulares e menos frequentes a outras regulares e mais

frequentes”. A analogia acontece na fonética quando um empréstimo estrangeiro precisa ser adaptado e adulterado pela comunidade que o recebe. O caso do provérbio “Cuspido e escarrado” forma adaptada popularmente de “Esculpido em Carrara”.

Em morfologia, o campo é vasto, as pesquisas fizeram-na adquirir hábitos rígidos, de acordo com Bloomfield (1933), por isso, pode-se até afirmar que a analogia seja a base da morfologia. A variedade de flexões de gênero, número e grau nos nomes justificam-se porque as palavras tinham origens distintas no latim. Se do caso acusativo singular (-a), a desinência final tornou-se desinência de gênero, o acusativo plural deu origem ao plural em português. Coutinho (1976) diz que as terminações -ão, -ã ou -am e -om vieram das palavras latinas terminadas em -anu, -ane, -one. Em português, o plural dessas terminações provoca dificuldades para os falantes é o caso dos plurais próprios que deram origem aos plurais analógicos como anãos > anões ou aldeãos > aldeões ou aldeães.

Com relação à sintaxe, Bloomfield (1933, 406-407) confirma que ela é imperfeita porque “[...] as posições sintáticas de uma língua podem ser preenchidas por tantas formas diferentes que é difícil fazer uma pesquisa”<sup>115</sup>. A sintaxe ainda era uma parte dos estudos linguísticos em desenvolvimento, embora, mesmo com as dificuldades apresentadas por Bloomfield, diz-se que alguns fatos sintáticos são impossíveis de serem explicados se não via analogia. Coutinho (1976) explica que os verbos transitivos diretos estão em maior número na língua portuguesa devido à tendência de os falantes optarem por essa transitividade na maioria das vezes. Sendo assim, verbos que não eram classificados desse modo, devido à força popular, podem se assumir como transitivos diretos.

Já no que se refere à semântica, a metáfora é o que constitui a analogia, pois é o emprego da palavra em sentido não usual. A metáfora é produzida porque o falante aplica-a por analogia ou semelhança, uma significação diferente daquela habitualmente usada. Ao dizer que alguém é um “porco”, o que se quer de fato é chamar a atenção para o fato de essa pessoa assumir, em dado momento, as características do animal: *nojento, desorganizado, sujo*.

Para que se conclua essa discussão, vale ressaltar alguns pontos fundamentais nas análises de Bloomfield (1933). Ao referir-se a dialeto, formas e mudanças linguísticas, ele não está observando fatos isolados, mas que acontecem por causa da comunidade e de seus indivíduos. Tanto a comunidade quanto os indivíduos são peças fundamentais para a percepção da real importância da fala. Na comunidade está contida toda a forma de pensar e toda a cultura

---

115 “[...] the syntactic positions of a language can be filled by so many different forms that a survey is hard to make” (BLOOMFIELD, 1933, p. 406-407).

de um povo e só pode ser modificada se esse povo permitir. Essa discussão leva ao que atualmente a linguística compreende por sociolinguística, pois ela está apta a estudar empiricamente o falante em seu contexto sócio-histórico-econômico como fazia Bloomfield há quase um século atrás.

#### 4.2 *Empréstimos Culturais e por Intimidade*

Esta parte do capítulo dedica-se à inovação da língua que muda, evolui e constitui-se a partir de traços particularizantes, ainda que muito sutilmente para a compreensão do falante, que congregarão a identidade da comunidade de fala. Nesse subtítulo, será dada ênfase aos empréstimos que ocorrem devido ao contato entre comunidades distintas de caráter cultural, pois todo empréstimo é por sua natureza cultural. Uma comunidade de fala pode ser detentora de um saber linguístico que será compartilhado com outra língua que ainda não possui nomes que se refiram aos eventos ou às coisas que fazem parte desse saber. Os dois tipos de empréstimos, culturais ou por intimidade, descritos no manual *Language* (1933), dizem respeito à língua que pode ser considerada um superstrato ou um substrato.

Tendo como modelo o já existente “substrato”, Walther von Wartburg criou o “superstrato” para designar os vestígios e as influências de um povo dominador no idioma do dominado, idioma esse que passa a ser usado por ambos, já que a língua do dominador político deixa de ser falada como aconteceu com o franco na Gália [...] Difere do substrato pela situação em que se encontra o povo da língua que vem a desaparecer: politicamente dominado no substrato e dominante no superstrato (BASSETTO, 2001, p. 157, grifos do autor).

O substrato representa as influências gramaticais, lexicais e fonéticas de uma língua em virtude de outra. Todas as vezes que uma comunidade de fala é conquistada, recebe o substrato da língua dominante como foi o caso das neolatinas com relação ao Latim. No que se refere à fonêmica, Bloomfield (1933) diz que uma comunidade que recebeu a nova língua falará com imperfeição e usando a fonética de sua própria língua.

Bloomfield (1933) não menciona a palavra superstrato, mas se refere a ele quando se trata dos empréstimos íntimos, uma vez que discorre sobre a influência exercida por uma comunidade que tem contato intenso com outra. Nesse caso, a comunidade mais desprovida tecnologicamente, politicamente, socialmente, receberá da mais forte uma quantidade de palavras vinculadas às áreas de conhecimento mais desenvolvidas por elas.

Os empréstimos podem ter causas várias, desde a transmissão de uma cultura para outra de técnicas e objetos antes desconhecidos, até a moda, a influência

que uma língua exerce sobre a outra por ser encarada como expressão de uma cultura mais refinada ou mais adiantada tecnologicamente: é por motivos como esses que passaram para as demais línguas românicas inúmeras palavras francesas referentes ao vestuário e aos hábitos de higiene, inúmeras palavras italianas referentes à música etc (ILARI, 2006, p. 149).

De todas as formas possíveis, em todos os momentos da vida da língua, o indivíduo pode fazer um empréstimo. A motivação é variada. Pode-se emprestar porque faz parte de uma invenção desconhecida por uma das línguas, ou a tecnologia de uma comunidade é mais evoluída, ou ainda culturalmente o indivíduo acha mais bonito ou de mais prestígio usar uma palavra estrangeira vinda do inglês ou do francês.

Não há limites para conter o falante e impedi-lo de fazer um novo empréstimo. A partir do momento em que se faz contato com outra comunidade, outro dialeto, o normal é emprestar aquilo que falta no universo linguístico do falante. O movimento de emprestar-se uma língua é como uma onda que leva e traz informações pertinentes às duas comunidades em contato. Segundo Viaro (2011), as línguas não são estanques e o arcabouço lexical raramente pertence a um único sistema porque é inegável sua propagação.

As línguas vão, durante toda a vida, renovando-se e conservando-se, em alguma medida, isto é, ao mesmo tempo em que inovam-se, conservam-se. Mesmo que uma comunidade seja isolada das demais, é um erro pensar que a língua seja pura, pois, mesmo que tenha sido num passado remoto, em algum momento, houve um contato exterior, “[...] pois nunca os isolamentos culturais prolongados são incomuns, na História da Humanidade”, conforme aponta Viaro (2011, p. 265).

Os empréstimos são resultado da influência de uma língua sobre a outra. Uma forma de importação eficiente é o léxico, assim como a língua portuguesa importou palavras de outras como “piquenique” e “buquê”, do francês *pique-nique* e *bouquet*, respectivamente, “futebol”, do inglês *football*, também exportou para outras línguas palavras como “caju”, “jabuticaba” e “piranha”. Ainda que o empréstimo linguístico seja necessário, muitas vezes, é visto como uma mácula na língua, pois há uma visão muito preconceituosa a esse respeito.

O preconceito parte da comunidade de fala e não do indivíduo propriamente dito, uma vez que a função de preservação é dela. Já os hábitos linguísticos dos falantes vão fazendo com que eles repitam pela vida a fora a mania de emprestar palavras de outras comunidades, e só cessará com a morte do falante. É como um círculo vicioso em que o falante adulto continuará imitando a fala dos outros, assim como a criança aprenderá com a mãe, depois com os colegas com quem brinca diariamente, mais tarde com o professor. Quando cresce, o indivíduo está

suscetível ao ambiente onde trabalha, diverte-se, por onde anda, isto é, encontra-se em constante aprendizagem e imitação.

Desse modo, nascem os empréstimos definidos, por Camara Jr. (1980, p. 253), como um fenômeno “[...] que estabelece traços linguísticos novos dentro da língua tradicional”, podendo ser emprestados fonemas, morfemas, palavras, frases inteiras. Os empréstimos culturais ocorrem quando a cultura de uma comunidade acaba contaminando a cultura de outra. Bloomfield (1933) diferencia empréstimo dialetal e empréstimo cultural, à vista disto enquanto o primeiro surge dentro de uma mesma área de fala, o segundo, aparece por meio do contato entre línguas distintas, porém, nenhum empréstimo pode ser considerado não cultural.

A cultura implica todo o conhecimento veiculado na comunidade de fala como as crenças, os mitos, a arte, os costumes, as leis que fazem com que a comunidade trilhe um caminho comum. A cultura não é natural do indivíduo, é uma invenção a partir da relação entre os indivíduos numa comunidade de fala e abrange todos os aspectos da vida social. Os empréstimos linguísticos são provenientes da cultura, da inovação que determinada comunidade produziu, além disto, ainda há o fato de que os empréstimos sejam uma necessidade de comunicação entre as comunidades de fala.

Consoante Santos (2006, p. 24), “[...] cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou então de grupos no interior de uma sociedade”, todas as características de uma comunidade que a difere da outra é cultural e, por sua vez, só pode ser conhecida por meio linguístico. É a fala que faz com que uma comunidade tome conhecimento de realidades distintas da sua e também favorece a partilha de expressões, palavras que signifiquem a novidade que foi conhecida culturalmente.

A cultura não é natural, representa as práticas sociais de uma comunidade de fala, como um produto social da vida dos indivíduos que valem-se dela para expressarem-se em suas línguas. Por muito tempo, o Brasil recebeu comunidades diferentes cultural, social e linguisticamente, enriquecendo a língua falada em solo brasileiro, fornecendo a ela subsídios para ser diferente e mais rica em empréstimos. No Brasil, aconteceram muitos empréstimos culturais devido à miscigenação de línguas faladas no início da colonização. Segundo Silva Neto (1979), naquele princípio de Brasil, muitas línguas eram faladas por aqui, línguas indígenas, a língua dos portugueses, as línguas africanas amalgamaram-se e fizeram surgir a situação de bilinguismo iniciando os empréstimos culturais.

Por um tempo, aconteceu, no Brasil, um processo de criouliização, isto é, línguas africanas que se misturavam à língua local com base na cultura do estrangeiro e que deixaram várias contribuições lexicais, culturais fazendo emergir a língua brasileira, de acordo com

Bearzoti Filho (2002). Esse processo concedeu novas formas para que o falante pudesse apropriar-se dos mecanismos de sua própria língua. Os falantes africanos, quando vieram para o Brasil, trouxeram sua língua e cultura, às quais, paulatinamente, foram disseminadas pelo território brasileiro sendo transmitidas aos indígenas e portugueses, em sua maioria.

Da mesma forma, as línguas indígenas também cederam algum léxico, que ainda mantém-se inalterado na língua portuguesa brasileira. Do contato entre essas línguas, surgiram palavras que fazem parte do léxico brasileiro, dentre elas pode-se citar, segundo Bastos (2014), de origem africana *acarajé*, *moleque*, *quitute*, *xingar* e outros. No início da colonização brasileira, havia um número consideravelmente maior de indígenas, por essa razão era mais fácil que a língua indígena fosse utilizada como meio de comunicação entre os portugueses e os primeiros habitantes da terra brasileira. A própria constituição familiar contribuía para que isto ocorresse, as esposas dos portugueses, que viviam no Brasil, eram indígenas, portanto seus filhos recebiam delas a língua materna, conforme conta Bearzoti Filho (2002).

Por isso, o português do Brasil também recebeu empréstimos culturais indígenas, deixando para a língua brasileira um legado constituído por nomes próprios ou apelidos de pessoas, nomes geográficos, nomes de animais e de vegetais, objetos e verbos tais como: *Araci*, *Sucupira*, *Niterói*, *arara*, *caninana*, *mandi*, *abacaxi*, *taioba*, *piracema*, *empipocar*. Segundo Coutinho (1976), tanto os termos de procedência africana quanto indígenas são produtivos na língua brasileira. Além desses, outros empréstimos de línguas estrangeiras também ocorreram no Brasil.

Assim os discursos da comunidade sempre podem ser acrescidos com alguma forma que se relacione aos hábitos da vida prática de outras comunidades vizinhas. Bloomfield (1933) diz que todos os tipos de objetos de fabricação caseira ou industrial como armamento, tecnologia, ritos religiosos, modismos passam de uma para outra comunidade, fenômeno que os etnólogos chamam de difusão cultural.

De modo bastante comum e corriqueiro, os empréstimos vão surgindo na comunidade, por isso não é possível precisar quando eles apareceram pela primeira vez, nenhum falante seria capaz disto. Consoante Bloomfield (1933, p. 445), “o historiador descobre, no entanto, que algumas das aventuras posteriores da forma emprestada devem-se ao seu caráter estrangeiro”<sup>116</sup>, significa dizer que uma forma lexical surge na língua e o historiador ou o

---

116 “The historian finds, however, that some of the later adventures of the borrowed form are due to its foreign character” (BLOOMFIELD, 1933, p. 445).

linguista não consegue remontar o passado daquela forma porque era estrangeira inicialmente, foi adotada e adaptada de acordo com as regras da língua adotante.

Quando acontece um empréstimo, há uma forma de adaptação fonética, morfológica, sintática e semântica para que seja aceita pela comunidade que a acolheu. Nesse processo de adaptação, uma forma estrangeira é alterada para atender aos hábitos fonéticos da comunidade que a recebe. Os fonemas representam a primeira forma de adequação da nova palavra à nova comunidade de fala. Se o falante que emprestou a palavra, conhecer os fonemas da língua e sua origem, a importação acontecerá com os fonemas estrangeiros, caso contrário, será necessária uma adaptação da palavra estrangeira aos fonemas nativos, caso contrário, o falante modificará e adaptará a seus próprios fonemas.

Isto ocorre porque não pode haver a violação do sistema fonético nativo e das diferenças locais e sociais. A familiaridade com a forma fará surgir uma versão mais aceitável e correta da forma estrangeira, desse modo os ajustes fonéticos ocorrerão a partir da necessidade de fazer jus aos fonemas que melhor expliquem a forma estrangeira. A questão fonética é muito importante quando trata-se de um empréstimo, uma vez que a comunidade que o aceitará precisa reconhecer e legitimar a forma importada.

Bloomfield (1933) diz que uma pessoa que é instruída consegue interpretar a forma estrangeira de acordo com suas características originais. Todas as línguas possuem um padrão fonético que é obedecido pelos falantes de uma mesma comunidade de fala, a palavra emprestada viola esse padrão como a palavra *shampoo*, importada do inglês para o português. Em português, não há o dígrafo /sh/ e, nem tão pouco, a repetição de um mesmo som vocálico grafado, /oo/. Por causa disto, ocorre que o falante faz os ajustes necessários para que a forma emprestada adeque-se ao conjunto de hábitos linguísticos próprios daquela comunidade, então, em português brasileiro, a palavra é escrita com *x* e *u*, “xampu”. Durante esse processo de adaptação, muitas mudanças como a dissimilação são possíveis de serem observadas porque a assimilação de palavras estrangeiras não se trata de um processo facilmente aceito pela comunidade.

Os empréstimos linguísticos fazem parte do processo de mudança e evolução da língua. O indivíduo adquire um conhecimento lexical que está fora do conceito de dialeto falado pela comunidade de fala pertencente. Ao fazer isso, estará importando traços fonéticos e fonológicos da língua fazendo com que a comunidade esforce-se num exercício de adequação do sistema fonético. Como mostra Bloomfield (1933, p. 446), “quando os sistemas fonéticos são pouco parecidos, as substituições podem parecer surpreendentes para os membros da comunidade de



empréstimos”<sup>117</sup>. Os falantes de um dialeto específico precisam fazer adaptações fonéticas e acústicas nas palavras que foram importadas de outro dialeto. Quanto mais diferente for a relação acústica entre um e outro dialeto, mais dificuldades haverá para fazer a adaptação.

Fazer um percurso diferente do que os demais estudiosos da língua fizeram, deu a Bloomfield o mérito de compreender integralmente as situações descritas pelos dialetologistas, estar no habitat da comunidade e poder coparticipar dos eventos práticos dela, deram-lhe um lugar privilegiado como analista do dialeto local. Sendo assim, de acordo com Bloomfield (1933) um empréstimo linguístico não pode violar o sistema fonético do nativo, se acontecer, surgirá uma versão mais nova e correta da forma estrangeira porque a familiaridade com a palavra estará aumentada.

Os acréscimos visam evidentemente a expandir e aperfeiçoar a expressão do pensamento, a fornecer às ideias recém-adquiridas e aos fatos recém-conhecidos signos novos, e às velhas ideias e saberes do homem meios que possam melhor traduzi-los. Mas o que devemos observar inicialmente é que esse objetivo é, em grande medida, alcançado sem a ajuda de qualquer mudança aparente na linguagem (WHITNEY, 2010, p. 113).

A tendência dos empréstimos é acrescentar novos signos, agregar valores dantes não vistos naquele dialeto que o emprestou, no entanto a partir de seu ingresso, novas possibilidades serão aventadas. Segundo Whitney (2010), é uma forma de afetar a língua, a fim de fazê-la mudar ou evoluir. Como as palavras “levantar-se” e “cair” relacionadas ao sol, que só ganharam sentido depois que “[...] Newton descobriu a lei cósmica da gravitação [...]” (IDEM, IBDEM). O valor atribuído às palavras, quando ingressam na língua de empréstimo, é conveniente com o contexto histórico, social, político e econômico daquela comunidade de fala adotante. Assim, alguns falantes usam a forma emprestada associada a um conjunto de hábitos que desviam-se da estrutura das palavras comuns, de acordo com Bloomfield (1933). O valor da palavra é sempre dado pelo contexto, como concorda Vendryes (1921).

Os hábitos linguísticos dos falantes nativos não são desconstruídos devido a uma intervenção externa, pelo contrário, o contexto reforça os valores atribuídos às palavras que são assumidos pela comunidade. Bloomfield (1933) disse que o mundo do falante, isto é, tudo aquilo que o cerca, influi nos valores semânticos que são dados aos empréstimos. Por ser o mundo do falante amplo, estão inclusos nele os valores semânticos dos empréstimos. As questões semânticas revelam os significados das palavras para a comunidade de fala e tornam-

---

117 “When the phonetic systems are less alike, the substitutions may seem surprising to members of the lending community” (BLOOMFIELD, 1933, 446).

se importantes à medida que todos os falantes tornam-se conscienciosos delas, como está claramente exposto na obra *Language* (1933).

A palavra emprestada está sujeita às mesmas analogias das palavras semelhantes, uma vez que “[...] as construções gramaticais nativas que ocorrem, no momento do empréstimo, apenas em algumas formas tradicionais, dificilmente serão estendidas para cobrir a palavra estrangeira”<sup>118</sup>, de acordo com Bloomfield (1933, p. 453-454). As palavras estrangeiras seguem as mesmas analogias, visto que ganha um novo significado submetendo-se à língua que a emprestou. Também acontece de um afixo estrangeiro ser tão recorrente que poderá ser estendido às novas formas como se fossem formas nativas. Se de uma mesma língua são emprestadas várias palavras, “[...] a estrutura estrangeira pode até atrair palavras nativas no caminho da adaptação”<sup>119</sup>, consoante Bloomfield (1933, p. 455).

Tais arranjos vão ocorrendo naturalmente na língua porque se é preciso nomear algo, ninguém se perguntará de onde vieram os elementos que compuseram o nome, é simples e prática a nomeação, conforme Whitney (2010). O falante apenas, por comodidade, inclui-o nas leis que regem sua própria língua. Muito similarmente, Bloomfield (1933) confirmou a teoria ao dizer que o nativo procura um termo estrangeiro na impossibilidade de encontrar uma palavra nativa com a significação necessária para dar nome ao elemento.

No que se refere às línguas indígenas norte-americanas, por exemplo, de acordo com Bloomfield (1933), o mais comum é recorrerem às formas descritivas do que fazer empréstimos de outras línguas. Naturalmente, são línguas mais descritivas e faz muito sentido que ajam desse modo, uma vez que o empréstimo é uma descrição do objeto numa língua estrangeira, logo é, para os indígenas, desnecessário emprestar a palavra, visto que sua própria língua consegue cumprir o papel. Assim como os termos gregos e latinos que são utilizados pelas línguas que os emprestaram, um exemplo é o termo grego *pathos* que, de acordo com Bloomfield (1933), significa sofrimento, doença.

Até aqui tem-se falado sobre um tipo de empréstimo em que há uma constante troca linguística, pois as duas comunidades de fala têm muito a oferecer uma a outra. Outro tipo de empréstimo é aquele em que uma comunidade tem mais a ofertar que a outra. Bloomfield (1933) chama-o de *intimate borrowing* ou empréstimo íntimo, o qual consiste num tipo unilateral em que “o empréstimo vai predominantemente da língua superior para a inferior, e muitas vezes

---

118 “[...] native grammatical constructions which occur, at the time of borrowing, only in a few traditional forms, will scarcely be extended to cover the foreign word” (BLOOMFIELD, 1933, p. 453-454).

119 “[...] the foreign structure may even attract native words in the way of adaptation” (BLOOMFIELD, 1933, p. 455).

estende-se a formas de fala que não estão ligadas às novidades culturais”<sup>120</sup>, segundo Bloomfield (1933, p. 461). A língua superior sobrevive ao conflito que pode ser travado com a língua inferior. O ônus de a primeira ganhar a batalha linguística são alguns empréstimos culturais que naturalmente aparecerão em seu léxico, no mais tudo continuará como era antes. Caso o inverso aconteça e a língua inferior vença tal conflito, carregará marcas indeléveis em forma de empréstimos culturais e íntimos.

A presença de palavras emprestadas em uma esfera semântica mais ampla que a das novidades culturais, nos permite reconhecer uma língua inferior sobrevivente, e esse reconhecimento esclarece não apenas as situações históricas, mas também, graças à evidência da própria palavra de empréstimo, características linguísticas de um tempo antigo<sup>121</sup> (BLOOMFIELD, 1933, p. 465).

Os empréstimos demonstram a superioridade ou inferioridade semântica das línguas, portanto, algumas vezes, a forma antiga da palavra perde-se porque “uma palavra passa de pessoa para pessoa até se tornar de uso geral; ou então ela cai no esquecimento”, conforme aponta Whitney (2010, p. 148). Contudo a forma anterior pode ser recuperada devido ao empréstimo feito, principalmente, se trata-se de uma língua inferior como a língua indígena brasileira ou as línguas africanas trazidas pelos navios negreiros para o Brasil.

Quanto maior for o número de conquistas, quanto mais dominante for a língua, mais abundantes serão os termos que se emprestarão às inferiores, podendo afetar, inclusive, as formas gramaticais da inferior. Bloomfield (1933) exemplifica a questão dizendo que a sintaxe alemã influenciou de algum modo no latim e aconteceram empréstimos em todas as esferas política, histórica, ferramentas, vestimentas, plantas, relações minerais. O empréstimo íntimo é uma forma de dominação de uma nação sobre a outra. Todas as vezes que uma nação é dominada, recebe alguma contribuição linguística. A língua usada pela elite é sempre superior, é aquela que carrega hábitos e tradições que são repassadas aos falantes como sinal de orgulho. Para que uma população não seja obrigada a ceder a essa imposição linguística, é preciso que se torne forte cultural e politicamente podendo até reverter a situação e expulsar a língua superior.

O contrário também pode ocorrer e, então, ser caracterizado como um empréstimo aberrante, quando a língua inferior afeta e modifica a língua superior, como é relatado no caso

---

120 “The borrowing goes predominantly from the upper language to the lower, and it very often extends to speech-forms that are not connected with cultural novelties” (BLOOMFIELD, 1933, p. 461).

121 “The presence of loan-words in a wider semantic sphere than that of cultural novelties enables us to recognize a surviving lower language, and this recognition throws light not only upon historical situations, but also, thanks to the evidence of the loanword themselves, upon the linguistic features of an ancient time” (BLOOMFIELD, 1933, p. 465).

do Chile que passou por um processo assim, segundo Bloomfield (1933). Falava-se lá línguas indígenas nativas, as quais foram dizimadas e substituídas pelo Espanhol, o que tornou-se possível posto que os soldados espanhóis estabeleceram-se no país e contraíram matrimônio com as nativas chilenas. No entanto, o espanhol falado no Chile não é o mesmo da classe dominante, supõe-se que “[...] os filhos dos primeiros casamentos mistos adquiriram as imperfeições fonéticas de suas mães”<sup>122</sup>, consoante Bloomfield (1933, p. 469).

As mães são as grandes responsáveis pela propagação da língua, posto que ensinam seus filhos a língua que falam com todas as suas imperfeições. Não teria como ser de outra maneira, uma vez que as mulheres sempre foram responsáveis pela educação dos filhos e não seria diferente com relação à língua. Sendo os pais, no caso, os dominantes, em número menor e, por não conviverem tanto tempo com os filhos, não foram capazes de, segundo Bloomfield (1933), melhorar ou corrigir tais imperfeições.

Conforme os filhos vão abandonando a língua materna, ela vai aos poucos desaparecendo. Em todos os processos de colonização, cria-se uma língua intermediária, que permite a comunicação entre dois povos linguisticamente diferentes, Bloomfield (1933) chama-a de *baby talk*. Se o dominado não fala bem a língua do dominador, será desenvolvida por ambas as partes uma forma para facilitar a comunicação entre elas, fazendo surgirem os jargões convencionalizados. O jargão é a língua usada pelo nativo, em alguns casos, para fazer-se entender quando está em contato com alguém que não fale sua língua. Enfim, os empréstimos culturais e íntimos figuram na língua como troca mútua ou imposição, respectivamente. O empréstimo cultural acontece de forma tão natural que o nativo até esforça-se para que seja o mais parecido possível com sua língua. Ao contrário disto é o empréstimo íntimo que forçosamente integra a língua do outro subjugando-a ao status de língua inferior.

Nesse segundo caso, há um jogo de poder cultural, político, econômico e social que enaltece uma nação e degrada, despreza a outra linguisticamente. Na língua do Brasil, é possível identificar os dois tipos e, pela história do país, perceber o quão difícil é lidar com o empréstimo íntimo, principalmente, devido ao modo opressor que ele é imposto aos nativos. Com relação aos empréstimos, Bloomfield explorou os conceitos e, pela observação do falante na comunidade, conseguiu explicar de modo didático como reconhecer um empréstimo e o que impulsiona o acontecimento.

---

122 “[...] it has been surmised that the children of the first mixed marriages acquired the phonetic imperfections of their mothers” (BLOOMFIELD, 1933, p. 469).

## **CAPÍTULO 5 A RECEPÇÃO DOS CONCEITOS TRABALHADOS NAS OBRAS DE LEONARD BLOOMFIELD NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E NO BRASIL**

Nesta última parte do texto, a proposta é discutir a recepção dos conceitos das obras de Leonard Bloomfield pelos pesquisadores em linguística nos Estados Unidos da América e no Brasil. A intenção dos norte-americanos era elevar a linguística ao patamar de ciência e Bloomfield participou efetivamente do processo, como visto nos capítulos anteriores. Para que se chegasse à modernidade, a linguística passou por várias etapas desde a gramática comparada, quando os investimentos, nesse campo, tornaram-se mais efetivos, passando pela neogramática, para chegar ao estruturalismo linguístico que amplia os horizontes dos linguistas modernos tanto da Europa quanto da América do Norte.

Leonard Bloomfield foi o expoente para que o mérito da linguística fosse reconhecido, no entanto, não recebeu o devido valor pelo trabalho realizado. Bloomfield resgatou fontes importantes para o progresso da linguística, deu mérito aos que, antes dele, realizaram pesquisas em todas as áreas, contribuiu sobremaneira com a fonologia, uma ciência ainda não consolidada naquele período. Além disto, reconstituiu pesquisas relevantes para que a modernidade reconhecesse todo o aparato metodológico criado pelos filósofos da linguagem e, posteriormente, linguistas.

Chega-se à conclusão de que toda a pesquisa linguística realizada por Bloomfield e disposta em toda a sua obra, desde a primeira *An Introduction to the Study of Language* (1914) esteve assentada sobre quatro conceitos primordiais: comunidade de fala, falante, língua e fonema, bem como procurou-se explicar durante o desenvolvimento deste texto. A introdução deste trabalho esclarece que, nas três principais obras de Leonard Bloomfield, os temas citados são repetitivos e faz pensar que não poderia ser de outra forma porque a comunidade é a base dos conhecimentos compartilhados pelos falantes. A língua é imprescindível para que a comunicação efetive-se entre os membros de uma mesma comunidade e a realização dos fonemas representa a identidade dos falantes que se reconhecem neles. A base para todo o processo comunicativo é o falante.

Tendo como ponto de partida tais conceitos, não se pode dissociar comunidade de fala e falante, questão abordada no terceiro capítulo, os conceitos estão intimamente relacionados nas obras bloomfieldianas, então, estarão juntos no subcapítulo 4.1. Os outros formarão subcapítulos distintos, embora complementares, indiscutivelmente. A opção por separá-los, faz-se necessária, pois trata-se de temas expressivos para que a compreensão da importância de

Leonard Bloomfield no contexto da linguística norte-americana, bem como sua pesquisa contribuiu para a linguística como um todo.

A ressonância desses temas é incontestável porque outros ramos da linguística, posteriores a Bloomfield, puderam aproveitar-se deles para sua constituição. Sendo assim, neste capítulo, serão trazidos à tona, como esses conceitos foram reproduzidos por linguistas do século XX e XXI, apesar da tradição de associação da linguística a Ferdinand Saussure, principalmente no Brasil.

Serão apresentados os conceitos e suas respectivas aceitações pelos linguistas modernos. A intenção é encontrar em linguistas pós bloomfieldianos a ressonância dos quatro conceitos supracitados como continuação da história da linguística. Tais conceitos ecoaram em várias ramificações da linguística como se verá a seguir, isto é, houve, de certo modo, continuidade conceitual e ruptura metodológica no que se refere a Leonard Bloomfield.

### *5.1 O Conceito de Fonema e sua Ressonância na Linguística*

A Historiografia Linguística prevê que os conceitos tanto podem ser ruptura quanto continuidade. O conceito de fonema, o qual se estudará neste item, pretende traçar uma linha cronológica que comprovará o quanto Bloomfield foi ruptura ou continuidade nesse campo. É necessário ressaltar que os pós-bloomfieldianos estabeleceram uma continuidade conceitual no que refere-se ao conceito de fonema.

Naquele início de século, era bastante comum encontrar explicações para os fatos linguísticos pautados na psicologia. Por ser o fonema uma realização totalmente individual, que faz parte do lado psíquico da língua condicionada a fatores psicológicos, como relatado nesta investigação, os gregos importaram-se em explicar o fenômeno ligado aos sons da fala, pois consideravam relevante saber como o ser humano formulava a fala através de uma língua única para a comunidade de fala como ainda se lerá.

A individualidade linguística está, com certeza, centrada na produção dos fonemas. Segundo Bloomfield (1933) explica, cada falante tem uma língua própria e esforça-se para ser compreendido pelos demais, assim tentará imitar os fonemas de sua comunidade para fazer-se entender. Por outro lado, o ouvinte tem o ouvido treinado para entender aos estímulos sonoros provocados pelo falante e, nesse exercício, de esforço mútuo a comunicação acontece.

Tudo isto foi explanado neste trabalho, contudo o que interessa saber é como chegou-se ao conceito de fonema abandonando a ideia de que o ser humano apenas emitia sons para valer-

se de uma forma mais rebuscada para transmitir aos falantes suas sensações de forma assertiva. Então, por meio dos estudos realizados, puderam diferir os sons emitidos por qualquer animal dos sons articulados, carregados de significação, produzidos pelo ser humano.

A fim de endossar a tese de que o estudo dos sons da fala é importante, e que toda pesquisa linguística deveria levar o fator fonológico em conta, tem-se dois linguistas precursores que, antes de todos os outros, confiavam nesse método de análise: Ferdinand de Saussure e Jan Baudouin de Courtenay (1845-1929). Conforme Mounin (1972), os dois conheciam-se, participaram de uma sessão da Sociedade de Linguística de Paris, ocorrida entre dezembro de 1881 e janeiro de 1882, com a finalidade de discursarem a respeito da fonologia.

Courtenay tinha, como discípulo, Mikolaj Kruszewsky (1851-1887), inventor conjunto do conceito de fonema. Ambos trabalharam exaustivamente para conseguir uma definição para o termo, que surgiu a partir de discussões resultantes das conversas entre eles. Kruszewsky esteve sempre interessado em absorver todo o conhecimento do mestre tanto que, de acordo com Mounin (1972, p. 35), “Jakobson, sempre impetuoso nas suas hipóteses, pensa que o aluno ‘ultrapassou o mestre’”. O próprio Courtenay considerava que Kruszewsky não tirou dele todo o proveito que poderia, embora fosse perceptível na relação dos dois um misto de inveja e admiração por parte do mestre.

Enfim, da relação de cumplicidade entre professor e aluno, surgiu o primeiro conceito de fonema que, conforme disse Bouquet (1997, p. 96), Courtenay definiu como o “[...] equivalente psíquico do som articulado [...] um conceito unitário que nasce no espírito”. Edvard Sievers (1850-1932), por sua vez, corroborando com Courtenay, sustenta que os fonemas devem ser vistos como objetos abstratos existentes no interior do sistema, quem também concorda com essa conceituação é Sechehaye (1870-1946).

O conceito de fonema de Courtenay e Kruszewsky estava assentado sobre uma ciência nomeada como psicofonética, uma vez que a fonética acústica e a articulatória estavam ligadas às ciências físicas e fisiológicas e não explicavam o conceito. A psicofonética previa justamente o fato psicologizante da língua e, portanto, Kruszewsky criou a palavra e o conceito baseados nisto.

A palavra “fonema”, entretanto, teve rápida difusão entre os estudiosos europeus. Na França foi adotada pelo latinista Louis Havet, porém como sinônimo de som vocal (*sons du Langage*), o que parecia uma frase desajeitada. Foi empregada pelo Dr. Marey e seus colaboradores que já mencionamos e, como vimos, por Grammont e outros foneticistas franceses. Mas o conceito de Baudouin a esse respeito já passara completamente. Saussure, entretanto, que também adotara o termo, colocou os sons vocais, aos quais chamou “fonemas”, dentro do seu conceito geral e essencial dos sinais linguísticos (CAMARA Jr., 1986, p. 162-163).

A palavra fonema conseguiu atingir rapidamente um grande número de linguistas e passou a definir os sons vocais. O conceito de Courtenay ficou por muito tempo recluso apenas ao ambiente universitário para depois ser considerado digno de alcançar status para ser veiculado no Círculo Linguístico de Praga. Eram os sons vocais carregados por uma análise psicológica que os definiam como parte da psicologia e também da fisiologia humana.

Antoine de Meillet (1866-1936) substituiu Saussure na *École pratique des Hautes Études*, em 1890. Os dois viam a língua como um sistema, no entanto Courtenay discordava da noção de sistema proposta pelo linguista genebrino. Meillet e Bréal opuseram-se aos neogramáticos que acreditavam que toda evolução da língua era proposta por leis fisiológicas e mudanças psicológicas automáticas. Para Meillet (1921), o indivíduo não pode ser enxergado fora da sociedade.

Sendo assim, tanto para Meillet quanto para Bloomfield, a língua é um fato social. O sistema ajusta-se e organiza-se por meio de regras claras de transição da língua de um estágio para outro adaptando-se a esse conjunto que é a comunidade de fala. Por questões pessoais, Meillet não pôde continuar seus estudos sobre fonética. Ele, assim como Kruszewsky, estudou sobre o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1879) escrito por Ferdinand de Saussure, o que contribuiu para a formação fonética de ambos.

Saussure (1972, p. 51) definiu o fonema como “[...] a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais uma condiciona a outra; portanto, trata-se já de uma unidade complexa, que tem um pé em cada cadeia”. O falante e o ouvinte precisam realmente entrar num acordo para que ambos possam entender-se. A unidade ouvida e a falada deve fazer parte de um contexto uno que condicionados ao meio, ou seja, à comunidade de fala, criam a comunicação. Saussure reconhecia que a língua só existia em contato com a comunidade. Ao que tudo indica, era consenso entre os linguistas da época o caráter social da língua.

Para Otto Jespersen, a língua só pode ser observada a partir de um dado indivíduo, nunca de uma comunidade inteira, apesar de ela não existir fora da comunidade. Para facilitar a descrição dos sons da língua, Jespersen elaborou o *narrow transcription*, uma transcrição dos caracteres que correspondem aos sons articulados. Recebeu elogios de Leonard Bloomfield, que, inclusive, abordou-o na obra *Language* (1933). Apesar de ter realizado grandes avanços na fonologia, Jespersen (2010) admitiu que não usaria o termo fonema e nem faria menção à nova fonologia proposta pelo Círculo Linguístico de Praga.



O momento era propício para que a fonologia fosse vista de um lugar diferente de antes. As novas pesquisas procuravam discernir entre os sons e o fonema que constitui o sistema ideal de sons e padrão fonético de uma língua, como disse Sapir (1980). A preocupação em satisfazer essa diferença era bastante antiga entre os estudiosos da fonética e fonologia e estava na hora de ser sanada, por isso tantos esmeraram-se para fazê-lo.

Sapir via a língua como um agrupamento fonético e também fônico porque o agrupamento de fonemas forma as palavras e as frases a partir da escolha consciente que o falante faz com relação aos fonemas de sua língua, uma vez que arranja e combina fonemas para construir sua fala. Este antropólogo compreendia o fonema como sons distintos identificados por qualquer falante nativo.

Sendo assim, começou a ficar claro que o psicologismo linguístico não era suficiente para constituir o conceito de fonema. Portanto, quem de fato conseguiu chegar a um conceito que seria aceito pelas gerações futuras, a começar pelos jovens linguistas do Círculo Linguístico de Praga, foi Leonard Bloomfield. Apesar de que, como está em Murray (in FOUGHT, 1999), existia uma linha divisória tênue entre Sapir e Bloomfield no que tange às questões fonológicas, ou seja, ambos saíram da mesma tradição linguística iniciada por Franz Boas, o qual não pensava em descrever a língua baseada em conceitos surgidos a priori.

Bloomfield destacou-se do grupo porque capturou a essência do fonema, após ter levado em conta as pesquisas anteriores sobre o assunto e encontrado a definição mais precisa, isto é, era sobre o fonema é um som psíquico. De acordo com Bloomfield (1933, p. 79), os fonemas de uma língua não são sons simplesmente, mas características sonoras reconhecidas pelos falantes de uma mesma comunidade de fala, “[...] uma unidade mínima de característica distintiva do som de um fonema”<sup>123</sup>, são sutilezas sonoras que distinguem um /b/ de um /p/ porque são “[...] características distintas [que] ocorrem em pedaços ou feixes [...]”<sup>124</sup> (IDEM, IBDEM).

O ouvido do falante treinado consegue distinguir com perfeição os fonemas que estão sendo produzidos. Por um lado, Bloomfield é continuidade, pois, como os demais, assumiu a palavra fonema e, por outro, ruptura por ter ressignificado o conceito acrescentando que os traços mínimos são o que diferem os sons e os fonemas. Ele foi importante para os considerados

---

<sup>123</sup> “[...] is a minimum unit of distinctive sound feature a phoneme” (BLOOMFIELD, 1933, p. 79).

<sup>124</sup> “These distinctive features occur in lumps or bundles, each one of which we call a phoneme” (BLOOMFIELD, 1933, p. 79)

bloomfieldianos e que prosseguiram concordando que, além das distinções estabelecidas, os fonemas também possuíam significação.

No seu livro mais importante de 1933, Bloomfield desenvolveu o conceito de fonema como um feixe de traços distintivos dentro do complexo do som vocal de modo semelhante ao conceito de Jakobson e Trubetzkoy, como já observamos. Ele deu, assim, a base teórica para o desenvolvimento da “fonêmica”, a réplica americana para a fonologia de Trubetzkoy (CAMARA Jr., 1986, p. 173).

Bloomfield não criou o termo *fonêmica*, apenas trabalhou com essa terminologia e conceito, uma vez que estava lidando com a corrente anglo-saxônica que previa o estudo da fala. Bloomfield fez-se ruptura ao criar o conceito de fonema que foi aceito por Jakobson e Trubetzkoy. Outra inovação bloomfieldiana foi com relação ao conceito de variação do fonema ou alofone que apesar de não ser uma realidade naquele momento, devido às suas observações da comunidade de fala, Bloomfield entendia que um mesmo fonema poderia sofrer uma variação. Seria uma pequena diferença reconhecida pelos falantes de uma dada comunidade de fala e, nem sempre, seria de simples identificação para um estrangeiro, posto que o ouvido deste não seria treinado como o daquele.

Mais exatamente foram as pesquisas realizadas pelo Círculo Linguístico de Praga que definiram a não equivalência entre fonema e letra, som e letra. Embora Bloomfield não tenha participado desse momento, o conceito de fonema dele foi aceito pelos estudiosos de Praga. Como disse Weedwood (2002, p. 139), “a Escola de Praga é mais conhecida por seu trabalho na fonologia. [...] definem os fonemas como feixes de traços distintivos”, a escola de Praga adotou o conceito de fonema bloomfieldiano como a melhor definição para o termo.

Com relação à correspondência fonema e letras, o estudo do foneticista aplicado à fisiologia do aparelho fonador propiciou a compreensão de que as letras são representações gráficas e os fonemas contêm o significado e diferenciam as línguas, apresentando a singularidade de cada uma. Conforme Mounin (1972, p. 108), “[...] cada língua tem seu sistema fônico próprio, e o jogo das oposições que caracteriza a sua estrutura é diferente de caso para caso”. Um falante estrangeiro terá dificuldade em compreender os fonemas de uma língua, que não a sua, já que as representações acústicas de uma língua não podem ser copiadas por outra.

Os fonemas de uma língua diferem-se a partir dos traços mínimos que os compõem, são pequenas modificações quanto à sonoridade ou modo de articulação ou ponto de articulação que os evidenciam como um som oclusivo ou bilabial ou fricativo, se sonoro ou surdo. Essa etapa de produção ocorre a partir do aparelho fonador humano que, além de outras funções,

desempenha também essa estudada pelos foneticistas. A fonologia vai renovando as pesquisas realizadas pela Gramática Comparada e pela Linguística Histórica.

A duração ou quantidade, o tom, a acentuação dos fonemas vocais foram preocupações advindas das pesquisas realizadas por Bloomfield na comunidade de fala. As línguas possuem traços distintivos e não distintivos que marcam a composição e diferenciação dos fonemas provocando uma variação fonética. As modificações de cada fonema ocorrem de língua para língua, enquanto a palatalização de um fonema pode ocorrer numa determinada língua e pode ser que o mesmo não ocorra em outra.

Entre os linguistas americanos e europeus existia uma assimetria relativa à fonologia, por exemplo, a discussão trazida por Bloomfield (1933) não contemplava os conceitos de neutralização e arquifonema. Cristóvão Silva (2011, p. 62) definiu arquifonema como um “[...] termo utilizado pela Escola de Praga para representar a neutralização de dois ou mais fonemas em contexto específico. O arquifonema expressa, em princípio, todas as propriedades dos fonemas envolvidos na neutralização”. Como a autora esclarece, o conceito de arquifonema é de Trubetzkoy e seu grupo.

O grupo de Praga era formado por Roman Jakobson, Nicolay Trubetzkoy e Sergej Karcevskij (1884-1955) que reuniram-se sob a alegação de que “[...] a Fonética, quando começou a servir-se de aparelhos e ser estudada em laboratório, progrediu e, ao mesmo tempo, afastou-se progressivamente da linguística, elaborou um método todo diferente para o estudo dos sons da linguagem”, como afirmou Leroy (1977, p. 97). Então, a intenção do grupo era iniciar uma nova disciplina de nome Fonologia e teria como objetivo estudar as diferenças significativas do sistema fonológico das línguas.

Nesse caso, segundo Trubetzkoy (1949), a Fonologia trataria dos aspectos da língua como o fato de, em algumas línguas, existirem vogais longas e breves, enquanto a Fonética, lidaria com a fala. Ainda de acordo com o fonologista, foi Courtenay quem viu a possibilidade de haver duas disciplinas fonéticas, uma que deveria estudar os sons realizados pelos falantes numa situação real de fala e outra que estudaria o som como um fenômeno físico. O grupo de Praga apenas renomeou o que Courtenay já havia definido. Enfim, para Trubetzkoy na língua só havia diferenças, então, Bloomfield estava certo ao definir o fonema como feixes distintivos.

O fonema não pôde ser definido satisfatoriamente, nem por natureza psicológica, nem por suas relações com as variantes fonéticas, mas apenas e somente por sua função na língua. Seja definida como a menor unidade distintiva (L. Bloomfield) ou como uma marca fônica no corpo da palavra (K. Bühler) - tudo se resume à mesma coisa que saber que toda língua supõe oposições "fonológicas" distintas e que o fonema é um termo dessas oposições que não é mais divisível em unidades "fonológicas" distintas ainda menores.

Não há nada para mudar a partir desta definição completamente clara e inequívoca. De fato, qualquer modificação feita apenas levaria a uma complicação que pode ser evitada (TRUBETZKOY, 1949, p. 44)<sup>125</sup>.

Justamente a função exercida pelo fonema na língua é que o faz ser considerado, como disse Bloomfield (1933), um conjunto de feixes possíveis de serem identificados pelos falantes. Esse conjunto constitui a identidade da comunidade de fala fazendo-a sentir-se única dentre as demais, pois tem uma língua própria e diferente de todas as outras devido às peculiaridades fonológicas.

No que tange à continuidade ou à ressonância bloomfieldiana nas obras pós-bloomfieldianas e que conservaram o conceito de fonema dado por ele, serão relacionadas algumas delas a fim de que comprove-se a importância e relevância da obra de Leonard Bloomfield para a linguística. Assim, também se propõe fazer um percurso historiográfico que tende a demonstrar que ele foi sumariamente relegado ao ostracismo no Brasil por uma questão de que as obras europeias tiveram uma melhor recepção por aqui.

Contudo, este fato não diminui a magnitude da obra de Leonard Bloomfield que, nos Estados Unidos da América, contribuiu para a linguística inquestionavelmente. Grandes linguistas como Edward Sapir (1931), Charles F. Hockett (1948), Karl V. Teeter (1969), William G. Moulton (1970), Stephen R. Anderson (1985), P. H. Matthews (1993) e John Fought (1999), para citar alguns, dedicaram-se a analisar e estudar o legado de Leonard Bloomfield a fim de que as ideias aventadas por ele e, principalmente, o método inovador de se fazer linguística fosse disseminado entre os futuros linguistas.

Já no Brasil, o primeiro a falar sobre a obra bloomfieldiana foi Mattoso Camara Jr., depois dele, vieram outros, já que a influência de Bloomfield ocorreu até meados do século XX, quando novas teorias suplantaram-no. Chomsky foi um dos responsáveis por isso, uma vez que ele faz oposição ao pensamento bloomfieldiano, resultando na redução das contribuições da obra *Language* (1933), ainda que possam-se encontrar ressonâncias na atualidade.

Leonard Bloomfield e a escola norte-americana de Yale realizaram um trabalho muito sério referente à fonêmica. Portanto, ficou esclarecido que dali em diante, muitos adeptos, pós-

---

<sup>125</sup> “Le phonème ne peut être défini d’une façon satisfaisante, ni par sa nature psychologique que, ni par ses rapports avec les variantes phonétiques mais seulement et uniquement par sa fonction dans la langue. Qu’on le définisse comme la plus petite unité distinctive (L. Bloomfield) ou comme marque phonique dans le corps du mot (K. Bühler) - tout cela revient au même à savoir que toute langue suppose des oppositions “phonologiques” distinctives et que le phonème est un terme de ces oppositions qui ne soit plus divisible en unités “phonologiques” distinctives encore plus petites. A cette définition tout à fait claire et sans ambiguïté, il n’y a rien à changer. En effet toute modification qui y serait apportée ne conduirait qu’à une complication qu’on peut éviter” (TRUBETZKOY, 1949, p. 44).

bloomfieldianos, seriam disseminados mundo a fora. Em uma de suas obras, Camara Jr. reconheceu a notoriedade de Bloomfield ao citá-lo para falar a respeito do aparelho fonador tido como “produtores de som de tal maneira que os traços do fonema estão sempre presentes nas ondas sonoras e também se exercitou a só dar importância a esses traços não tomando conhecimento da massa acústica que alcança em grosso o seu ouvido” (BLOOMFIELD, 1933, p. 79 apud CAMARA Jr., 1970, p. 24).

A partir da década de 1940, a linguística no Brasil começou a ser propagada porque estavam sendo iniciadas as universidades brasileiras, não precisamente a Faculdade de Letras como é conhecida atualmente, mas a Faculdade de Filosofia que abrangia o estudo das humanidades, incluindo a Linguística. Camara Jr. dedicou-se a ministrar aulas de linguística na universidade do Rio de Janeiro, capital federal na época e também lá deixou seu legado. A linguística no Brasil deve-lhe muito pela divulgação dos estudos da escola francesa, as pesquisas realizadas por Roman Jakobson e Edward Sapir, eventos que marcaram decisivamente o contexto linguístico brasileiro.

As décadas de 1960 e 1970, no Brasil, foram profícuas no que refere-se à expansão dos estudos linguísticos. Depois de Camara Jr. vieram outros como Aryon Dall’Igna Rodrigues (1925-2014) que “[...] afiliou-se ao mecanicismo de Bloomfield”, de acordo com Naro (1976, p. 50). Rodrigues era adepto do descritivismo norte-americano e conseguiu estabelecer uma parceria entre o *Summer Institute of Linguistics* (SIL) e a Universidade de Brasília. Assim, as pesquisas de cunho estruturalista norte-americana obtiveram um lugar de destaque no cenário da linguística brasileira.

Enfim, após esse período, outros foram sendo formados linguistas ou filólogos, os pioneiros fora do Brasil e os demais por aqui mesmo. E a herança de Leonard Bloomfield expandiu-se, pois pode ser encontrada em textos como o de Jota que toma o conceito de fonema em seu dicionário de linguística. Jota (1981, p. 134) escreveu que fonema é a “menor unidade fonológica, isto é, o menor conjunto de traços capaz de distinguir um som vocálico dos demais”, certamente a descrição estabelecida condiz com aquela dada por Bloomfield (1933).

O professor doutor Angel Humberto Corbera Mori, membro do Departamento de Linguística da Universidade de Campinas (Unicamp), tem publicações sobre línguas indígenas da América e descrição linguística. Sendo assim, não seria estranho que ele tivesse Bloomfield como fonte. No texto, que é parte integrante do livro *Introdução à Linguística* (volume 1) organizado pelas professoras Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes, afirma-se que “Leonard Bloomfield, linguista norte-americano, considera o fonema como uma propriedade observável, do contrário resultaria apenas numa conveniência descritiva do analista”, e

prossegue reconhecendo que “a contribuição básica de Bloomfield em torno da Fonologia e da teoria do fonema encontra-se em seu livro *Language* (1933)”, de acordo com Mori (in MUSSALIN; BENTES, 2012, p. 162).

Dinah Callou, pós-doutora pela Universidade da Califórnia (EUA) e coordenadora do Projeto NURC do Rio de Janeiro, e Yonne Leite (1935-2014), linguista brasileira colaboradora da área da Fonologia, fizeram uma parceria em algumas publicações e na obra *Iniciação à Fonética e Fonologia*, teve a obra *Language* como fonte. Callou e Leite (1993, p. 35) explicam que “Bloomfield (1933) definiu o fonema como uma unidade mínima de traço fônico distintivo, indivisível”. Elas admitiram que o conceito de fonema dado por Bloomfield permitiu que uma evolução acontecesse na linguística como um todo.

Na sinopse da obra *Fundamentos da Linguística Contemporânea*, Edward Lopes (2010), disse que aquela obra em questão trata-se, sem nenhuma modéstia, do mais completo e sistemático manual de Linguística já publicado no Brasil. Lopes, professor de Linguística em várias universidades do estado de São Paulo, reuniu, em um manual, temas de toda ordem, inclusive fonética e fonologia e Bloomfield figurou entre as fontes confessadas. No que tange aos fonemas e seus traços, Lopes (2000, p. 126) disse que “Bloomfield concebeu-os não como sons, mas como simples traços sonoros agrupados em feixes [...]”. Indubitavelmente, a teoria de Bloomfield fez parte das aulas ministradas por esse linguista e, possivelmente, outros também conheceram-no através de Lopes.

A também linguista e professora do curso de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais, Thaís Cristófaros escreveu várias obras sobre fonologia e fonética e a teoria do fonema bloomfieldiana esteve presente. Ela falou a respeito do par mínimo no *Dicionário de Fonética e Fonologia* (2011), tema que Bloomfield iniciou em seus estudos quando escreveu a obra *Language* (1933). No capítulo Fonêmica – fonemas e alofones, da obra *Fonética e Fonologia do Português* (2012), Cristófaros Silva não conceituou o fonema, mas teve duas das obras de Bloomfield como fonte: *A set postulates* (1926) e *Language* (1933). Com base nelas, a linguista definiu e exemplificou os pares mínimos dizendo que “o procedimento habitual de identificação de fonemas é buscar duas palavras com significados diferentes cuja cadeia sonora seja idêntica” (CRISTÓFAROS SILVA, 2012, p. 126).

No capítulo quinto da obra *Language* (1933), Bloomfield conceituou o fonema e, além disso, descreveu a permuta de fonemas que permitia identificá-los como um composto de diferenças que, por mais abstrato que sejam, em seu uso na comunidade de fala, promovem a diferenciação entre as palavras nem que seja por um único traço. É o caso dos fonemas /f/ e /v/

que, se colocados em oposição, provocarão distinção no significado, porque o fonema /f/ é surdo, enquanto /v/ é sonoro, observem as palavras *faca* e *vaca*.

Essa primeira parte do capítulo, discorreu sobre o início da discussão a respeito da teoria do fonema desde os neogramáticos até os pós-bloomfieldianos. A intenção era provar que Bloomfield (1933) firmou-se como ruptura metodológica e conceitual, procurou, por meio da observação atenta do cotidiano da comunidade de fala, compreender como o fonema está na base de toda a comunicação e que não é apenas um som vocal como disseram antes, mas um conjunto de diferenças mínimas que promovem a significação mesmo que ele próprio caracterize-se como uma abstração.

Sem o conhecimento sobre a fonologia e todo o trabalho realizado por Courtenay, Kruzewsky e Bloomfield, o Círculo Linguístico de Praga teria tido mais dificuldades em organizar a disciplina fonologia e descrever como as pesquisas deveriam ser realizadas para que a Linguística desse um passo a frente e se modernizasse cada vez mais. A contribuição de Bloomfield para a Fonologia é inquestionável, inclusive entre os pós-bloomfieldianos brasileiros, professores de universidades de renome que o tiveram como fonte, na atualidade. Pode-se afirmar que o trabalho desse linguista teve realmente, no Brasil, uma ressonância positiva, contudo não figurou como um dos linguistas mais lidos por questões outras que não serão discutidas aqui.

## 5.2 *As reverberações dos conceitos de língua e de comunidade de fala*

Neste subtítulo, a discussão será sobre o conceito de língua e comunidade de fala para Bloomfield e se esses conceitos perduraram depois de sua morte. Caso tenha acontecido, eles perpetuaram-se numa era pós-bloomfieldiana, onde desenvolveram-se e como realizaram-se fora das obras dele, se estudiosos da língua nos Estados Unidos da América e no Brasil apropriaram-se desses dois conceitos.

Para a metodologia desta parte do texto, foram escolhidos dois temas e, ao mesmo tempo procura-se debatê-los com autoridades como Willian D. Whitney (1884; 2010), Charles F. Hockett (1984), Willhelm von Humboldt (1990) e outros. Faz-se necessário ir resenhando as obras de Bloomfield também a fim de que o leitor saiba como o pensamento dele foi desenvolvido e a metodologia usada para descrever e compilar as teorias sobre as temáticas propostas.

Charles Francis Hockett (1916-2000), em 1984, escreveu o prefácio de uma reedição da obra *Language* (1933) onde afirmava que “o volume que você tem nas mãos é considerado por muitos como o mais importante tratado geral sobre a língua já escrito”<sup>126</sup> (BLOOMFIELD, 1984, p. IX). Na época da reedição, já havia passado-se cinquenta e um anos da publicação da obra e, ainda assim, podia ser considerada pioneira e inovadora em vários aspectos linguísticos, por exemplo, quanto à língua e à comunidade de fala, os temas escolhidos para este subtítulo.

Leonard Bloomfield dedicou-se a estudar a língua partindo da abordagem das questões linguísticas, a começar pelos gregos que “[...] especularam com ousadia e persistência sobre a origem, a história e a estrutura da língua”<sup>127</sup> (BLOOMFIELD, 1933, p. 4-5), o que contribuiu factualmente para as pesquisas futuras como a de Bloomfield. Assim as teorias gregas só deixaram de ter valor depois que alguns pesquisadores desacreditaram da língua como um dom de Deus para compreendê-la como uma invenção humana “[...] ou então o produto místico do povo”<sup>128</sup> (IDEM, IBDEM).

As obras de Platão foram de grande utilidade para o pensamento linguístico, do mesmo modo, as de outros pensadores gregos também. Embora eles tenham detido-se no estudo da própria língua, porque criam que todas as formas universais do pensamento humano estavam contempladas nela, compreenderam as categorias flexionais da língua, suas abstrações e significados deixando um legado inquestionável.

[os gregos] descobriram as partes da fala de sua língua, suas construções sintáticas, como, especialmente, a de sujeito e predicado, e suas principais categorias flexionais: gêneros, números, casos, pessoas, tempos e modos. Eles os definiam não em termos de formas linguísticas reconhecíveis, mas em termos abstratos que deveriam dizer o significado da classe linguística<sup>129</sup> (BLOOMFIELD, 1933, p. 5).

Os gregos faziam descrições linguísticas de sua própria língua, um exercício bastante frutífero que incentivou outros povos a fazerem o mesmo. Os livros de Donato, século IV d. C e de Prisciano, século VI d. C., foram usados por toda a Idade Média até quando o Latim começou a sofrer mutações transformando-se nas línguas românicas como o português, o espanhol, o francês, como bem disse Bloomfield (1933).

---

<sup>126</sup> “The volume you hold in your hands is considered by many to be the most important general treatise on language ever written” (BLOOMFIELD, 1984, p. IX).

<sup>127</sup> “They speculated boldly and persistently about the origin, history, and structure of language” (BLOOMFIELD, 1933, p. 4).

<sup>128</sup> “[...] or, perhaps, of the cosmic order” (BLOOMFIELD, 1933, p. 5).

<sup>129</sup> “They discovered the parts of speech of their language, its syntactic constructions, such as, especially, that of subject and predicate, and its chief inflectional categories: genders, numbers, cases, persons, tenses, and modes. They defined these not in terms of recognizable linguistic forms, but in abstract terms which were to tell the meaning of the linguistic class” (BLOOMFIELD, 1933, p. 5).



Os filósofos escolásticos conseguiram diferenciar substantivos e adjetivos, embora tenham cooperado menos que os gregos. Contudo, deixaram seu legado ao redigirem gramáticas gerais que demonstravam que a estrutura das línguas incorporava cânones da lógica universal. O status filosófico da língua consubstanciou-se no século XVIII, quando os filósofos esboçaram em termos filosóficos e místicos, o que era a língua, esquecendo-se da diferença estrutural entre elas, tipificando o fonema.

A correspondência entre fonema e letra provocava confusão. Não era possível considerar que essa relação distinguisse a fala e a escrita, por não haver correspondência total entre letras e fonemas, por isso, as pessoas cometiam e cometem erros ainda hoje. Além do que, desde os tempos medievais até os modernos, faz-se um esforço para acreditar que as pessoas mais escolarizadas perpetram menos erros, enquanto as menos instruídas são mais suscetíveis a eles. Este fato já acontecia com relação ao Latim, por isso a ideia de que as línguas românicas não vieram do Latim Clássico, porém da língua falada pelos soldados, pessoas incultas e mais propensas a cometer e disseminar erros linguísticos, de acordo com Bloomfield (1933).

Os indianos conseguiram revolucionar o pensamento europeu sobre a língua, quando fizeram entender a não divindade linguística. A religião brâmane, com tradição conservadora que data de 1200 a. C. e com seus textos e hinos sagrados impulsionou o conhecimento sobre língua. Assim como a sociedade de hoje, a deles também variava na fala de acordo com extratificações sociais, como consta em Bloomfield (1933).

Então, aos indivíduos mais instruídos cabia a tarefa de sempre pronunciar o texto dos vedas de maneira correta, e logo surgiu o interesse pela língua e mais tarde transferido-se para uma esfera mais prática, assinalada por Pânini, o mais completo gramático para Bloomfield (1933). À vista disto, os gramáticos indianos ocupavam-se em fazer regras e determinar formas prescritivas para o uso correto da língua, sistematizando tanto a gramática quanto o léxico.

O preconceito com relação à língua popular começou em detrimento de um povo sem uma unidade linguística para a fala, já que é impossível monitorá-la. A comunidade de fala aprimorou um dispositivo para eleger o dialeto mais culto e renegar os demais denominando-os incultos. Desde então, os membros de cada comunidade de fala são treinados para fazer essa diferenciação, corrigir a fala e, principalmente, a escrita do inculto. Segundo Bloomfield (1933), a discussão a respeito dos assuntos sobre a língua sempre acabam no debate sobre o que é *certo* e *errado*, a fim de caracterizar a escrita como a melhor forma dela.

Se possível, ele [o falante] olha para as convenções de escrita para uma resposta - como, digamos, para a questão de saber se um t deve ser pronunciado em palavras como *often* ou *soften*. Caso contrário, ele apela para a autoridade: um modo de falar, que ele acredita ser inerentemente certo, o

outro inerentemente errado, e certos homens instruídos, especialmente os autores de gramáticas e dicionários, podem nos dizer qual é qual. Mas, no entanto, ele negligencia a consulta a essas autoridades e tenta, em vez disso, resolver o assunto por meio de um tipo de raciocínio filosófico, que opera com termos como “sujeito”, “objeto”, “predicado” e assim por diante. Essa é a maneira comum de lidar com as questões linguísticas <sup>130</sup> (BLOOMFIELD, 1933, p. 3).

Bloomfield (1933) concordou quando Whitney (1884) disse que as pessoas menos instruídas não conhecem senão a língua infantil, contendo um vocabulário simples, mas que cumpre a função de comunicação. Todas as pessoas, instruídas ou não, usam a língua para definir processos e produtos de sua vida cotidiana. O senso comum funciona procurando amparar-se em resoluções mais simplistas, derivadas das especulações de um raciocínio filosófico medieval. As explicações de bases linguísticas aconteceram até o século XVIII, quando iniciou-se uma forma mais cuidadosa de observação e emprego das formas linguísticas estabelecidas pela Linguística Comparada.

Em decorrência disto, os conceitos de língua, fala e comunidade de fala, em Bloomfield (1933), serão determinantes para que compreenda-se como foram aproveitados pelos pós-bloomfieldianos e se tiveram ou não recepção na linguística pós-bloomfieldiana. O conceito de língua que figura em Bloomfield (1933), logo no início da obra, promove a distinção entre o homem e os animais, assim como já explanado neste texto.

Bloomfield ocupava-se em observar, pelo viés behaviorista, a comunicação entre os falantes de uma comunidade de fala. Então a diferença entre os animais e os seres humanos, para ele, justificava-se porque os últimos têm inteligência. Uma criança, à medida que vai crescendo, fica mais inteligente e pode deixar de usar as outras linguagens ou usar de modo mais simbólico e comedido para valer-se dos sons articulados, isto é, da fala.

A língua é, de fato, a parte mais importante da vida do falante porque faz dele um ser capaz de comunicar e expressar seus pensamentos de forma inteligente. Em decorrência disto, ele tratará abstratamente de suas emoções e desejos que antes eram externados em forma de choro, birra e gritos. Quando a criança domina os sons articulados, faz a opção de utilizá-los

---

<sup>130</sup> “If possible, he looks to the conventions of writing for an answer— as, say, for the question whether a t is to be pronounced in words like often or soften. Otherwise he appeals to authority: one way of speaking, he believes, is inherently right, the other inherently wrong, and certain learned men, especially the authors of grammars and dictionaries, can tell us which is which. Mostly, however, he neglects to consult these authorities, and tries, instead, to settle the matter by a kind of philosophical reasoning, which operates with terms such as “subject,” “object,” “predicate,” and so on. This is the common-sense way of dealing with linguistic matters” (BLOOMFIELD, 1933, p. 3).

para comunicar qualquer evento que queira, pois a articulação substitui as outras artimanhas comunicativas.

A língua não é uma característica herdada pelo indivíduo como a raça, contudo serve como intermediária entre o indivíduo e a comunidade de fala certificando-se de que todos os membros tenham as mesmas características linguísticas. O mundo mediado pelo indivíduo e constituído da capacidade de comunicação está previsto em duas partes: a natureza, o ser humano tal como é, e a cultura, invenção criada para circunscrever hábitos e perpetuar a forma de fala de uma comunidade.

Em primeira instância, falar de natureza requer a compreensão do ser como um animal que tem necessidades fisiológicas. Sendo assim, Bloomfield (1914) disse que tanto o ser humano quanto o animal apresentam processos mentais que, por sua vez, correspondem a processos físicos. No entanto, o que os difere é a intensidade emocional, com que cada um responde ao sensível. Além do mais, o ser humano destaca-se pela inteligência cognitiva, posto que a criança até chora ou aponta para algo que queira, durante os primeiros meses de vida, mas só até dominar os sons articulados e, então, isto faz com que ela seja diferente de qualquer outro animal.

Tanto no homem quanto nos animais inferiores, é principalmente a intensidade do elemento emocional que aparece nos movimentos expressivos. A observação diária reconhece a intensidade da emoção de macacos, cachorros ou pássaros e até mesmo de formas tão distantes quanto a formiga ou a mosca. No homem e nos animais mais próximos do homem, uma emoção suave é acompanhada no lado físico por uma pressa de pulsação e respiração (BLOOMFIELD, 1914, p. 1)<sup>131</sup>.

O ser humano e o animal podem responder a um estímulo físico que promoverá uma reação, mas apenas o primeiro pode apreender tal sensação e transformá-la numa ideia que tanto pode ser agradável quanto desagradável. John Locke (1999, p. 57) garantiu que “todas as ideias derivam da sensação ou da experiência”, por meio das sensações que o mundo adentra o ser humano. A interação entre o mundo e o homem, medida pelas sensações, permite que o indivíduo reconheça-se parte de um todo que é a cultura do povo ao qual pertence. A partir daí, de acordo com Whitney (1884), o indivíduo, dotado de língua, começa a dar testemunho de seu progresso e do mundo a seu redor, por isso deixa de ser um mero animal.

---

<sup>131</sup> “In man as well as in the lower animals it is primarily the intensity of the emotional element which appears in the expressive movements. Everyday observation recognizes the intensity of emotion of monkeys, dogs, or birds and even of such distant forms as the ant or the fly. In man and in the animals nearer to man a mild emotion is accompanied on the physical side by a hurrying of pulsebeat and respiration” (BLOOMFIELD, 1914, p. 1).

O indivíduo e suas características culturais e linguísticas são revelados pela língua. Conforme Moulton (in HILL, 1972, p. 3), “a capacidade que tem os seres humanos de falar – de usar a linguagem com a finalidade de se comunicarem uns com os outros é tão universal e parece tão natural, que a maioria de nós jamais se preocupou com isso”. A fala é a verdadeira forma da língua, pois estabelece a interação entre os indivíduos de forma espontânea e sem monitoramento. Mesmo as crianças estão expostas à conduta linguística imposta pelos membros da comunidade de fala que cria, desenvolve e perpetua a variante linguística usada.

Segundo Moulton (1972), apenas no século XIX, a língua pôde ser estudada de modo científico porque a ciência linguística começou a ser desenvolvida naquele século após as considerações feitas por Wilhelm von Humboldt, no século anterior. Até aquele momento, conforme Bloomfield (1933), apenas a gramática tradicional figurava na educação e a escola limitava-se a ensinar noções tradicionais desta disciplina.

Bloomfield (1933) apenas confirmou o que todos os pesquisadores em linguística já sabiam, o indivíduo não tem vida fora da comunidade, nem tão pouco a comunidade existiria sem ele. Se a comunidade de fala está para o indivíduo, assim como ele está para ela, não existe uma língua tida como certa e outra errada. Nesse sentido, Bloomfield combatia essa diferenciação por entender que a função da língua é a comunicação, a promoção da interação entre os falantes de uma mesma comunidade de fala. A língua é exatamente o modo como a comunidade de fala expressa-se cultural, econômica, educacional e historicamente. Assim sendo, só por meio da comunidade é possível ter o contato com a língua, por isso Bloomfield buscou colocá-la num contexto de observação, assim como os behavioristas fizeram com as ações humanas, segundo Camara Jr. (1975).

A palavra *language*, como está no próprio título de duas das obras Bloomfield, é usada tanto para referir-se à língua quanto à linguagem porque em inglês não há uma diferenciação lexical para esses dois conceitos. Em outras línguas há palavras distintas para cada um deles, em francês *langue* e *langage*, em espanhol *lengua* e *lenguaje*, em italiano *lingua* e *linguaggio*. Como se sabe, a linguagem é referente à capacidade que o indivíduo tem para aprender um idioma, segundo Lyons (1987, p. 16), “filósofos, psicólogos e linguistas frequentemente salientam que é a posse da linguagem o que mais claramente distingue o homem dos outros animais”.

Então, linguagem aparece nesse contexto com um sentido ampliado, pois o que se percebe é que tanto o indivíduo quanto os animais possuem linguagem, mas o que os diferem é a forma como utilizam-na. Sapir (in SAPIR; HARRIS; LYONS; NEWMAN, 2008) disse que a linguagem é um método puramente humano invalidando o que foi dito antes, o antropólogo

prossegue conceituando-a como o meio de o indivíduo comunicar suas emoções, ideias e desejos. Bloomfield afirmou no *An Introduction to the study of Language* (1914) que tanto o homem quanto o animal possuem intensidade emocional, logo, Sapir estava equivocado em sua definição de linguagem.

Nesse ponto, é preciso salientar que Bloomfield não entendia a linguagem, com o significado saussureano conhecido, pois para ele o que de fato existia era a língua. Bloomfield não estudava a capacidade de o indivíduo aprender ou não uma língua, o importante era a fala de cada indivíduo e sua contribuição para o grupo. Isto remete-se à individualidade do falante em razão da comunidade de fala.

A transmissão da cultura entre os membros da comunidade tem como agente a língua que funciona como um fato agregador entre o falante e a comunidade de fala. Por meio dela os falantes entendem-se, comunicam-se, posicionam-se frente a um problema, integram-se ao grupo. Sendo assim, a cultura está posta na língua falada pelo indivíduo, é assim que ele aprende e apreende os hábitos linguísticos e culturais da comunidade de fala.

A hereditariedade e a imitação são fundamentos da comunicação, como está posto nas obras bloomfieldianas discutidas neste trabalho. As expressões faciais, que surgem como respostas à determinada experiência perceptiva daquilo que é doce ou amargo, por exemplo, revelam a hereditariedade do sensível. Mesmo em crianças muito pequenas é possível perceber reações a essas sensações porque, “essas respostas, na história da raça, tornam-se puramente reflexas e hereditárias, aparecendo mesmo em crianças recém-nascidas” (BLOOMFIELD, 1914, p. 2)<sup>132</sup>. Por isso, qualquer falante de uma língua, independente de quem quer que seja, ou o que faça na vida, tem a mesma desenvoltura linguística, em virtude de todos conhecerem a língua inteira em decorrência da experiência.

Ainda que a experiência corrobore para a compreensão de que a língua está em constante mutação e evolução, é preciso que a comunidade de fala contenha-se e preserve o que há de mais importante nela, ou seja, os fonemas, o léxico e a sintaxe. Principalmente, com relação à sintaxe, que tem a função de preservar os hábitos linguísticos da comunidade e regula no indivíduo a cultura e a forma de comunicação por não ser muito flexível e suscetível a mudanças.

Bloomfield não considerou em suas pesquisas a capacidade para aprender a língua, no entanto, o contexto da comunidade de fala com todos os aspectos sociais e culturais precisa

---

<sup>132</sup> “These responses have, in the history of the race, become purely reflex and hereditary, appearing even in new-born children” (BLOOMFIELD, 1914, p. 2).

estar preparado para ensiná-la para o novo indivíduo por meio da imitação e do hábito. A comunidade está lá para receber a todos e, assim, o ensinamento ocorre, portanto, não há a preocupação com a capacidade inata, pois a regra é que se existe uma comunidade, o indivíduo nascido nela certamente aprenderá seus hábitos, costumes e língua.

Mímicas, gestos, emoções estão todas na língua que o indivíduo adquire com a comunidade, incluindo os movimentos que fazem parte da língua como está em Bloomfield (1914, p. 2), “assim como certos movimentos expressivos originalmente relacionados com experiências de gosto chegaram a indicar a qualidade emocional de uma experiência, então certos movimentos, especialmente de mãos e braços, vieram indicar seu conteúdo perceptual”<sup>133</sup>. As sensações levam à percepção que reportam-se aos gestos, que, porventura, são realizados como uma forma de acrescentar mais informação ao discurso que está sendo proferido. Então, alguns gestos passam a transmitir um conteúdo inteligível e partilhado.

Os movimentos expressivos representam significados reconhecidos por todos os falantes, assim, ao nascer, o indivíduo começa a aprendê-los e usá-los gradativamente. Por conseguinte, as experiências sensíveis serão transmutadas em sons articulados e, por isso, a diferença entre os indivíduos e os animais inferiores será ampliada. Até pode haver comunicação entre as abelhas revelando à colmeia o lugar e a distância do alimento, como foi observado por Karl von Frish (1886-1982), em 1959, segundo Lopes (2000). Mas esse tipo de comunicação nunca será tão eficaz quanto a do ser humano.

A língua é perfeita por ser constituída de signos que prestam-se a representá-la de modo que provoquem no indivíduo o estímulo-resposta esperado e permita-lhe dominar a materialidade dela (gestos, pantomina e o sons articulados) transformando-a em ideia, fomentando o pensamento e implicando que esse indivíduo sinta-se acolhido pela comunidade de fala. Em síntese, conforme Lyons (1987, p. 27), foi a partir de um sistema de comunicação visual e gestual que a língua humana desenvolveu-se. Ademais ampara essa teoria no argumento de que os primatas, possivelmente os “parentes mais próximos do homem”, não têm a capacidade de fala, mas comunicam-se por meio de “gestos e sinais vocais”. Portanto, a língua constitui-se de “signos perceptíveis pelo ouvido” e, de maneira secundária, de “gestos e escrita”, segundo Whitney (2010, p. 18).

---

<sup>133</sup> “Just as a certain expressive movements originally connected with experiences of taste have come to indicate the emotional quality of an experience, so certain other movements, especially of the hands and arms, have come to indicate its perceptual content” (BLOOMFIELD, 2012, p. 2).

Cada língua tem por si só a capacidade de produzir um discurso como produto do pensamento e das sensações porque, de acordo com Humboldt (1990, p. 74), “a língua dá forma à ideia”<sup>134</sup> permitindo que uma comunidade de fala tenha em comum formas singulares de representação do pensamento. Por isso, admite-se que a sensibilidade individual do falante seja delineada pela forma da ideia de coletividade que compõe a língua, cuja materialidade da língua são os fonemas, os quais servirão para produzir o discurso que, de acordo com Milani (2012, p. 22), “[...] é a ação de comunicar, de realizar a língua; é a materialização da língua”. A fala congrega o indivíduo e a comunidade unificando as individualidades para formar a nação, como Humboldt nomeou, ou a comunidade de fala, para Bloomfield.

A língua, segundo Humboldt (1990), é um trabalho do espírito e suas formas partem de uma decisão conjunta da comunidade. Segundo Whitney (2010, p. 28), ter uma língua é um privilégio do indivíduo que só pode desenvolvê-la em sociedade, ou seja, não existe uma língua que não seja de caráter social, porque ela é “a expressão do pensamento exercitado e amadurecido” pela comunidade que a profere. O indivíduo contribuiu para esse amadurecimento, mas não é dele a decisão final.

Numa sucessão linguística intelectual, Humboldt (1990), Whitney (2010) e Bloomfield (1933) assentem que a língua é um hábito social inserido na comunidade de fala, isto é, um treino diário, aceitando a possibilidade da hereditariedade linguística, no sentido de que a língua seja herdada pela comunidade e não uma herança relativa à raça ou ao caráter psicológico. É o resultado do convívio entre os indivíduos a partir do estímulo-resposta, já que serve para conectar as duas partes e propiciar a comunicação entre os interlocutores do discurso.

A questão da língua está muito bem resolvida para Bloomfield (1933, p. 34) que disse que ela é “[...] uma questão de treinamento e hábito [...]”<sup>135</sup>, mais adiante é defendida a ideia de que “fisiologicamente, é uma unidade de função, mas consiste em muitas atividades, cuja união é um complexo de hábitos únicos e de longo alcance, resultado de estímulos repetidos durante o início da vida do indivíduo”<sup>136</sup> (IDEM, p. 37). Tudo na língua requer treino e hábito, por isso os falantes precisam estar em comunidade para sobreviverem linguisticamente.

Em todo ato comunicativo, os gestos estão presentes e cabem em todas as conversas, porque fazem parte dos movimentos expressivos humanos e, portanto, são utilizados

---

<sup>134</sup> “El language es el órgano que forma a idea” (HUMBOLDT, 1990, p. 74).

<sup>135</sup> “[...] we must not forget that language is a matter of training and habit [...]” (BLOOMFIELD, 1933, p. 34).

<sup>136</sup> “Physiologically, language is not a unit of function, but consists of a great many activities, whose union into a single far reaching complex of habits results from repeated stimulations during the individual’s early life” (BLOOMFIELD, 1933, p. 37).

voluntariamente na comunicação, conforme Bloomfield (1914). Apesar de Humboldt (1990) ter afirmado que o som articulado pode expressar as ideias, esta não é a única forma de língua, como pode ser comprovada pelas colocações feitas por Bloomfield (1933) sobre a comunicação gestual. Gradualmente, os gestos cumprem tanto a missão de servir como ato comunicativo quanto de unir os indivíduos rumo a um bem comum, que é a construção da comunidade, tornando-se uma forma secundária de comunicação, segundo Whitney (2010). Por isso, os gestos soam também como um complemento ou um substituto para a fala.

As características culturais de um povo implicam no modo de agir diante da língua. Os gestos, a entonação, os sons articulados modelam a comunidade de fala, por isso não são só os traços fonéticos evidentes e facilmente identificáveis na constituição da identidade linguística que interessam. O modo expansivo de falar dos italianos que gesticulam bastante, ou a forma mais contida e limitada dos japoneses são modelos de culturas distintas evidenciadas por meio da comunicação.

A prática da pesquisa empírica levou Leonard Bloomfield a comunidades indígenas distintas e serviu para traçar-lhes o perfil linguístico e colaborar com a descrição linguística proposta na obra *Language* (1933). O método usado para descrever as línguas indígenas foi o mesmo utilizado para a língua inglesa porque todas as línguas são iguais essencialmente. No que se referem aos sons articulados produzidos pelos subgrupos das comunidades, estes nunca serão iguais, assim como serão diferentes os elementos não linguísticos que constituem a fala.

A forma fônica é entendida como um traço importante da língua promovendo-lhes a diferenciação, segundo Humboldt (1990). Muitas vezes a disparidade entre a realização de um fonema causa num ouvido não treinado a incompreensão da mensagem, isto vale tanto para as línguas estrangeiras quanto para a língua nativa da comunidade de fala em situações específicas e o linguista pode ser observador e descritor desses fatores.

Então, os sons simples são a emissão das palavras, carregadas de significação, que fazem parte da fala e tem função significativa para uma comunidade. As sequências de sons operadas por um grupo de pessoas afins produzem as palavras e formam os enunciados partilhados por todos, uma vez que o processo comunicativo tende a realizar-se a partir do pensamento formulado e transformado em língua com base nos sons articulados. Ainda de acordo com Sapir (1949, p. 20), “a linguagem é, antes de tudo, um sistema auditivo de símbolos”, as imagens auditivas são a forma mais simples e mais assertiva para a comunicação entre os membros da comunidade.

Sendo o som uma forma de superação da língua, já que, segundo Humboldt (1990), o pensamento precisa vencer algumas barreiras para ser manifestado, por isso as pessoas



procuram agrupar-se para que tais dificuldades sejam minimizadas. Isto significa dizer que para um falante nativo de Goiás, a pronúncia do fonema consonantal [t] diante de um fonema vocálico [i], em *tia*, será sempre realizado como uma africada [tʃ] e nunca como uma dental [t], formando a identidade linguística do falante.

Uma vez que compreende-se que a função da língua é preservar os sons padrão produzidos pelos indivíduos, é possível aceitar que a comunidade de fala seja um grupo de pessoas que usa o mesmo sistema de sinais. Os sons de fala particulares impulsionam a interação desses indivíduos e promovem a fala, conforme explica Bloomfield (1933) porque a língua só existe na enunciação tal qual a junção entre o conhecimento de um indivíduo e o fator social imbuído na comunidade a que pertence.

A fala é a parte viva e espontânea, natural e própria do indivíduo, sendo assim, na maioria das vezes a comunicação estará vinculada a ela. Segundo Moulton (in HILL, 1972, p. 3), “esta atitude comum a respeito de linguagem é, em parte, inteiramente correta: todo ser normal, depois da infância, sabe usar a linguagem para se comunicar com seus semelhantes”. A partir dos primeiros meses de vida, a criança começa a experimentar a fala ouvindo, balbuciando, tentando imitar os mais velhos e, por fim, falando.

Assim sendo, a língua é vivenciada pelo falante em contato com sua comunidade de fala, conforme afirmou Bloomfield (1933). Desse contato entre falante e comunidade, surge o conhecimento que propicia com que as proposições inatas sejam reconhecidas, pois a língua é um desses conhecimentos partilhados pela comunidade inteira. A fala é um aspecto trivial da vida humana, tão pertencente à natureza humana quanto andar, como afirmou Sapir (1949), natural e tão necessária quanto respirar. O ser humano não saberia viver sem ela.

Por fala, entende-se que seja o “[...] sistema auditivo do simbolismo linguístico, a corrente das palavras pronunciadas [...]”, de acordo com Sapir (1980, p. 27). Naquele momento, como a área da fonologia não era tão bem desenvolvida como atualmente, tanto Sapir quanto Bloomfield compreendia que o som emitido, quando pronuncia-se uma palavra, não era uma estrutura simples. O conceito de fonema estava mudando o foco dos estudos linguísticos.

A propagação dos hábitos linguísticos perpetua a forma da língua, embora um falante não tenha noção se está falando agora de uma maneira diferente de quando aprendeu a língua na infância, pois a comunidade de fala impede que o falante reconheça um estágio anterior e posterior da língua. Segundo Bloomfield (1933), os hábitos linguísticos dos falantes se perpetuarão por toda a sua vida dado que são estimulados cotidianamente, ou seja, será sempre uma fórmula de imitação e repetição.

A repetição dos hábitos pressupõe, como disse Locke (1999), o conhecimento e transforma o indivíduo num membro da comunidade inserido num espaço de trocas de experiências e construção do conhecimento que nunca cessa. Durante toda a vida, e não só quando criança, aprende-se e supera-se no que diz respeito à comunicação. O indivíduo é capaz de transformar a menor das experiências em conhecimento e, conseqüentemente, em língua permitindo a construção da comunidade, lugar de onde se fala, e que impulsiona o indivíduo a ser quem é, ou seja, construtor de uma identidade linguística.

A sociedade moderna consegue utilizar mais de uma forma de língua concomitantemente para a interlocução. Um texto publicitário, por exemplo, pode ser produzido utilizando apenas a língua escrita e outros símbolos, como figuras e palavras reduzidas a algumas letras. A divulgação é feita por vias de comunicação modernas como as redes sociais: *Whatsapp*, *Facebook* entre outras. Essa forma de escrita atual aproxima-se muito da fala porque em nenhum dos dois modelos há o rigor das normas gramaticais. Isto deve-se à velocidade com que o texto é veiculado nas redes sociais e à utilização de expressões traduzidas pelos *emoticons* que abreviam a inter-relação entre os falantes.

Os hábitos de fala estudados por Bloomfield (1933), sob o viés da psicologia behaviorista, são resultado da interação entre os indivíduos e a comunidade de fala, a qual não afeta o indivíduo tornando-o um ser submetido às pressões sociais, porque ele não estudou a interferência da comunidade na vida dos indivíduos, ao contrário disto, dedicou-se ao estudo da fala que é um ato puramente individual e que pode influir no social. Bloomfield enfatizou, ao escrever *An introduction to the study of language* (1914), que as experiências emocionais e perceptivas do indivíduo adulto são associadas e imitadas pelas crianças confirmando a força de uma comunidade linguística. Os adultos estão sempre aptos a orientar e corrigir nesse processo de ensino e aprendizagem diária.

A experiência, a emoção e a sensação são capazes de criar a língua e perpetuá-la numa comunidade linguística por meio dos hábitos desenvolvidos. Essa perpetuação ocorre pelo discurso, produto social, e o modo de comunicação realizada por uma comunidade de fala específica. Discursivamente, o indivíduo torna-se sujeito com implicaturas sociais capazes de determinar o tipo de enunciado que pode-se inferir. Nunca outro modo de pensar, outros hábitos linguísticos ou outra cultura poderá ser absorvido por uma comunidade sem que ela modifique-os e aproxime-os daquilo que os indivíduos entendem.

Por isso, quando alguém, em condições de subjugo ou por opção, tem que assumir a língua do outro, assume também a cultura e tudo mais que possa implicar. Todos os membros

de uma mesma comunidade deverão ser capazes de compreender as situações em que o discurso é realizado, bem como reconhecer os significados dos sons próprios dessa língua específica.

Em suas obras, Bloomfield não se preocupou em estudar o discurso, mas compreendia as implicaturas da filosofia, da sociologia e da psicologia sobre ele. Bloomfield acreditava na força unificadora da comunidade, isto é, a língua partilhada e que não pode ser modificada individualmente, já que a comunidade possui regras claras para a manutenção da língua como o uso dos fonemas. De acordo com Bloomfield (1933), é a fala que unifica a comunidade que, por sua vez, agrupa conceitos de fonema, língua e de falante, unos, em sintonia, convergidos para um mesmo fim.

A comunidade preserva e transmite os hábitos dos falantes, repetindo o conceito postulado por Bloomfield desde o início do manual. O som articulado é a materialidade, a concretude dessa comunidade, se não fosse pela cadeia de características distintas em cada fonema constituintes das particularidades da comunidade, não haveria o porquê de ela formar-se, já que é representada por um grupo que assemelha-se e reconhece-se linguisticamente. A comunidade de fala abriga hábitos linguísticos que coadunam com a cultura, a qual é difundida pela língua e pela vida dos indivíduos numa sociedade. Para Leonard Bloomfield, as atividades relativas ao indivíduo aparecerão ou se tornarão evidentes quando ressaltadas e alimentadas pelo organismo vivo que ela é.

Todas as chamadas atividades superiores do homem - nossas atividades especificamente humanas - surgem do ajuste próximo entre os indivíduos que chamamos de sociedade, e esse ajuste, por sua vez, é baseado na língua; a comunidade de fala, portanto, é o tipo mais importante de grupo social<sup>137</sup> (BLOOMFIELD, 1933, p. 42).

Bloomfield definiu comunidade de fala como um grupo social que tem interesses comuns em virtude da língua que falam. As obras bloomfieldianas investigaram a fala e sua realização na comunidade, com o fim de proporcionar aos membros uma interação comunicativa eficiente. A comunidade constitui-se em torno da fala e, por isso, Bloomfield considera tão importante estudá-la, uma vez que representa exatamente o que o grupo é, como pensa e age.

A comunidade de fala está apta para partilhar a língua com seus falantes nativos e treiná-los para realizá-la perfeitamente. Bloomfield (1933, p. 34) escreveu que “[...] não devemos

---

<sup>137</sup> “A speech-community is a group of people who interact by means of speech (§ 2. 5). All the so-called higher activities of man — our specifically human activities — spring from the close adjustment among individuals which we call society, and this adjustment, in turn, is based upon language; the speech-community, therefore, is the most important kind of social group” (BLOOMFIELD, 1933, p. 42).

esquecer que a língua é uma questão de treinamento e hábito [...]”<sup>138</sup>, os indivíduos precisam estar treinados para produzirem os mesmos fonemas, compreender os mesmos mecanismos lexicais, sintáticos e semânticos. Isto é, somente depois de compreenderem todo o universo da língua falada por seus antepassados é que estarão prontos para pertencerem à comunidade onde vivem. Isto ocorre gradativamente desde o nascimento do novo membro da comunidade.

O sentimento de pertença só é possível porque o indivíduo é capaz de transformar as sensações em sons articulados, a fim de expressar-se e interagir com a comunidade. Desse modo, os sons vocais são os responsáveis pela transformação daquilo que é natural para aquilo que é cultural porque, segundo Bloomfield (1914), são resultados da experiência e do contato social. Não há língua fora da comunidade de fala, posto que a experiência social esteja vinculada, inclusive, aos movimentos corporais realizados pelo indivíduo e, de algum modo, absorvido pela comunidade.

Numa comunidade de fala, há sons particulares que a definem como única. Na estrutura mais superficial, as línguas diferem-se, porém os indivíduos reconhecem apenas a pronúncia dos fonemas da própria comunidade e nunca outros. Daí afirmar que “podemos dizer que essas experiências juntas constituem uma classe reconhecida pela comunidade de fala, na medida em que são sempre acompanhadas pela emissão desses sons particulares”<sup>139</sup>, de acordo com Bloomfield (1914, p. 75), os quais confirmarão a identidade do falante.

Habituar-se a ouvir determinados fonemas é compreender certas palavras empregadas pela comunidade de fala, quando trata-se das gírias, jargões ou do emprego de alguns enunciados em situações específicas. Tudo isto requer treino e habilidade adquiridos pelo indivíduo, dado que a comunidade tem uma estrutura estável que funciona perfeitamente para evitar que as mudanças linguísticas impedissem que a comunicação fosse efetivada. Crianças e adultos têm um lugar apropriado, neste contexto, funcionando como uma engrenagem que move a todos com o objetivo de manter a comunicação e repassar os conhecimentos advindos da língua. Para tanto, conserva sua alteridade a partir das particularidades, principalmente no que tange à fonética e à fonêmica.

Leonard Bloomfield observava a vida da comunidade e inseria-se no âmbito dela para descrever os hábitos linguísticos com imparcialidade, pois acreditava que assim conseguiria obter melhores resultados das pesquisas. Pouco importa se a língua que o pesquisador está

---

<sup>138</sup> “[...]we must not forget that language is a matter of training and habit [...]” (BLOOMFIELD, 1933, p. 34).

<sup>139</sup> “We may say that these experiences together constitute a class recognized by the speech-community, in that they are always accompanied by the utterance of these particular sounds” (BLOOMFIELD, 1914, p. 75).

estudando é ou não ágrafa, porque “uma língua é a mesma, não importa qual sistema de escrita possa ser usado para registrá-la [...]”<sup>140</sup>, de acordo com Bloomfield (1933, p. 21), a escrita é uma convenção organizada socialmente e que obedece a regras rígidas, portanto não representa a língua.

Apenas o falante consegue reproduzir e coordenar os eventos práticos da língua que o associam à comunidade e aos demais membros que dela participam. A língua, numa comunidade de fala, tem a função de proporcionar a interação comunicativa entre os falantes, que ao reconhecerem-se na fala uns dos outros, estão caracterizando a identidade linguística que os unificam como comunidade. Cada falante é um ator no processo de ensino e aprendizagem da língua que, por sua vez, apresenta uma existência independente para cada falante individual, segundo Whitney (1884).

Humboldt (1990) já explicitava que a conexão estabelecida entre o falante e a comunidade não poderia ser desfeita, pois a língua, enquanto espírito nacional, funciona como um elo entre os falantes e a comunidade que os acolhe, criando mecanismos de conservação e perpetuação da estrutura, possibilitando que os falantes deem continuidade ao processo de transmissão da língua. Conforme Whitney (2010), por mais que a comunidade seja pouco desenvolvida e a língua não seja tão complexa, nenhum indivíduo saberá mais que a comunidade de fala, por mais sábia que seja.

Caso uma palavra nova apareça, ela passará pelo crivo da comunidade que pode tanto aceitá-la quanto refutá-la. Se ela for aceita, será questão de tempo para que a ação de “nomear” faça com que a palavra participe do universo linguístico daquela comunidade. E não é só o hábito de nomear, mas a forma de transferir a cada palavra um sentido, porque a mente tem uma forma particular de julgar as semelhanças e, a partir de então, construir uma nova palavra que, de acordo com Whitney (2010, p. 115), cria “[...] variedade, [e dá] vivacidade à linguagem” que não é como um poço de águas paradas. As palavras são criadas bem como as sentenças numa cíclica evolução.

O comportamento da comunidade de fala é regulado pela coesão social, política, cultural e econômica. As características culturais ainda são muito importantes para o grupo e tudo perpassa pela língua e como é realizada na comunidade influenciando, diferenciando, proporcionando ao indivíduo tornar-se um membro. A comunidade de fala comprova a existência da língua e legitima a fala como característica única e imprescindível. Pela empiria,

---

<sup>140</sup> “A language is the same no matter what system of writing may be used to record it [...]” (BLOOMFIELD, 1933, p. 21).

Bloomfield (1933) descreveu as peculiaridades de cada grupo social, tendo os dados coletados como prova.

A língua que transita pela comunidade unifica os falantes e não importa se ela tem características orais ou gestuais porque, segundo Bloomfield (1914, p. 7), “os gestos são frequentemente usados como meio de comunicação onde a fala oral é impossível ou indesejável”<sup>141</sup>. Para a comunidade de fala, o importante é a relação linguística entre os falantes como acontece entre a comunidade surda brasileira que usa a Língua Brasileira de Sinais, um exemplo clássico do uso estrutural e sistemático dos gestos para a comunicação, uma vez que a língua é um conjunto de signos usados de forma consciente e intencional, como disse Whitney (2010). Os gestos, nesse caso, quase que equivalem aos sons articulados, pois permitem que o indivíduo, desprovido da audição, possa integrar a comunidade de alguma forma.

Os signos que podemos empregar e que estão mais ou menos em uso são diversos: gestos, pantomina, caracteres pintados ou escritos, sons articulados; os dois primeiros endereçam aos olhos, os últimos, ao ouvido. Os primeiros são empregados principalmente pelos mudos; entretanto, como esses desfavorecidos são habitualmente instruídos por pessoas que gozam do uso da fala, os signos visíveis dos quais eles se servem sempre são representativos da forma, permanecendo frequentemente signos convencionais como os signos articulados (WHITNEY, 2010, p. 18).

Para os membros da comunidade, sem sombra de dúvida, o som articulado é a forma mais eficaz de comunicação. Embora os gestos ocupem um papel relevantemente similar na vida dos indivíduos, não poderão ocupar nem parte do espaço dedicado aos sons articulados. Em todo caso, é preciso que haja um meio de exteriorizar o pensamento, seja por meio do som articulado ou de qualquer outro meio equivalente.

O indivíduo é fundido no grupo social, assim os resultados das experiências individuais somadas refletem o *modus operandi* daquela comunidade específica. Dado que nem todas as comunidades são iguais, em virtude de fatores semânticos e lexicais que podem colaborar para efetivar as diferenças. A cooperação entre os membros da comunidade de fala alicerça a língua considerada por Whitney (1884, p. 177) como “[...] uma instituição fundada na natureza social do homem, elaborada para a satisfação de suas necessidades sociais; [...] embora os indivíduos sejam os únicos agentes finais na formação, modificação e significado de cada palavra, ainda é a comunidade que cria e muda a língua”<sup>142</sup>.

---

<sup>141</sup> “Gestures are frequently used as the means of communication where vocal speech is impossible or undesirable” (BLOOMFIELD, 1914, p. 7).

<sup>142</sup> “Language is an institution founded in man's social nature, wrought out for the satisfaction of his social wants; and hence, while individuals are the sole ultimate agents in the formation and modification of every word and meaning of a word, it is still the community that makes and changes its language” (WHITNEY, 1884, p. 177).

Não só cada pessoa tem esse serviço como as habilidades de muitas outras pessoas, mas essa cooperação é muito precisa. A extensão e precisão desse trabalho em conjunto é a medida do sucesso de nossa organização social. O termo sociedade ou organização social não é uma metáfora. Um grupo social humano é realmente uma unidade de ordem superior a um animal único<sup>143</sup> (BLOOMFIELD, 1933, p. 28).

Observe que o conceito de Bloomfield (1933) para comunidade de fala é uma continuidade do pensamento de Whitney (1884). O grupo social ou a comunidade de fala são soberanos no que tange à modificação da língua, a qual ocorre no decorrer do tempo, e mediada por regras incontestáveis advindas da convivência dos membros da comunidade de fala, que funciona como uma entidade superior e soberana.

Da mesma forma que um corpo funciona bem, se todas as partes estiverem em perfeitas condições, assim também é a língua, se a comunidade de fala e seus membros estiverem em sintonia. É um trabalho em conjunto, como disse Bloomfield (1933), o qual possibilitará a criação de um discurso que harmonize as partes desse grupo social mesmo que trate-se apenas de uma abstração. Partindo do pressuposto de que a comunidade de fala é conscienciosa da coerência discursiva dos falantes, torna-se compreensível a afirmação de que estejam subordinados às orientações da língua.

Whitney (1908, p. 22) afirmou que “[...] a mente [...] foi levada a ver as coisas dessa maneira particular, a agrupá-las de certa maneira, a contemplá-las conscientemente nessas e naquelas relações”<sup>144</sup>, posto que o indivíduo é condicionado a enxergar o mundo pelo viés da comunidade à qual pertence, nunca mais terá outra realidade a não ser a prevista por sua própria comunidade de fala. Se um indivíduo é isolado da comunidade por um motivo qualquer, privado da interação social, em decorrência disto, não adquirirá uma língua. Sendo assim, para a comunidade, esse sujeito, linguisticamente constituído, não existe.

Quando os indivíduos formam novas famílias, geralmente o fazem com alguém que pertença à mesma comunidade linguística porque assim não haverá maiores problemas na aceitação de um ou outro no grupo e os filhos falarão a mesma língua que os pais. Caso ocorra de outro modo, e uma das partes do casal pertencer a outra comunidade linguística, alguém terá que ceder e esforçar-se para pertencer ao grupo do outro. Isto aconteceu com os escravos

---

<sup>143</sup> Not only does each person have this service as the skills of many other people, but this cooperation is very accurate. The extent and precision of this work together is the measure of the success of our social organization. The term society or social organization is not a metaphor. A human social group is really a unit of order higher than a single animal (BLOOMFIELD, 1933, page 28).

<sup>144</sup> “that the mind which was capable of doing otherwise has been led to view things in this particular way, to group them in a certain manner, to contemplate them consciously in these and those relations” (WHITNEY, 1908, p. 22).

brasileiros e também com os indígenas, não há outro meio porque a “comunidade de fala é sempre um grupo inato”, de acordo com Bloomfield (1933, p. 43)<sup>145</sup>.

Bloomfield (1914, p. 4), atestou que “[...] uma criança, vendo outro filho chorar, entra imediatamente sobre o estado de angústia associado a essa expressão e, conseqüentemente, chora de simpatia [...]”<sup>146</sup>. Chora porque este ato ainda faz parte do sensível, que diz respeito à forma como os animais respondem aos estímulos. Todavia, à medida que cresce, as ações imitativas vão desaparecendo, a subalternização a elementos da percepção os aproximam da comunidade de fala.

A pesquisa de Bloomfield (1933) pautava-se na descrição e análise da forma de língua em evidência na comunidade por meio de seus falantes, bem como nos sons particulares produzidos na comunidade de fala que ressaltam e determinam as experiências vivenciadas por seus membros. Assim, a união e a coesão entre os indivíduos de uma mesma comunidade funcionam de modo que cada um desempenhe o seu papel e contribua para o êxito do grupo. Tudo isto está previsto na língua e, desse modo, as implicaturas das atividades realizadas poderão aparecer no discurso produzido.

Para Bloomfield, o termo *speech-community* é sinônimo de um grupo de indivíduos com os mesmos interesses. Como ele estava disposto a interpretar a comunidade pelo viés behaviorista e comportamentalista, era mais fácil fazer a aplicação de tais conceitos *in loco*. A psicologia endossava a pesquisa uma vez que o indivíduo é visto como produto da comunidade de fala. Desde o nascimento da criança, a mãe ou a babá trabalham no sentido de conectar produções sonoras da criança à comunidade de fala adulta, nessa constante as crianças inserem-se na comunidade de fala sem maiores dificuldades, de acordo com Bloomfield (1914).

O ser humano é o único animal que nasce dependente de outros, precisa de ajuda para desenvolver-se e sobreviver. A própria natureza incumbe-se de tornar os outros animais fortes e capazes de driblar os obstáculos que encontram pela frente. Por isso, o ser humano torna-se um ser social, adstrito a outros que ofereçam-lhe apoio por toda a vida. Torna-se aculturado, submetido às leis sociais e conectado aos demais por meio da fala.

Importa saber que há uma diferença entre a fala e a escrita. A fala é a parte individual da língua, enquanto a escrita, social. A fala estabelece uma conexão direta entre as experiências do falante, os sons articulados e as mudanças associativas de significado, conforme Bloomfield

---

<sup>145</sup> “[...] a speech-community is always something of an inbred group [...]” (BLOOMFIELD, 1933, p. 43).

<sup>146</sup> “Thus a child, seeing another child weep, enters at once upon the state of anguish associated with this expression, and consequently weeps in sympathy [...]” (BLOOMFIELD, 1914, p. 4).



(1914). O linguista deve estudar as duas partes, até porque o evento prático dirá de forma clara a natureza da língua que a comunidade pratica.

A escrita é uma forma artificial de língua, não é um modo de comunicação tão infalível quanto deveria porque não se precisa dela para constituir um idioma, embora seja necessária para garantir a preservação e redução do ritmo das mudanças linguísticas. Culturalmente, a escrita cumpre o papel de fixar formas, conquanto não seja a forma mais correta do idioma, como está em Bloomfield (1933), pois é um meio de forjar a língua. A escrita é dotada de um conservadorismo peculiar, implica num processo gradual e sutil a que todo falante escolarizado é submetido, segundo Bloomfield (1914).

A questão de, às vezes, surgir uma forma mais bem conceituada ou elaborada de língua deve-se à intervenção dos gramáticos em elegerem uma variante *mais bonita e certa*, elevando a língua da elite ao patamar de língua perfeita e indubitável e, em decorrência disto, a que deve configurar nos textos literários por ser mais cuidada.

As línguas variam de acordo com fatores múltiplos, inclusive sociais. A escrita oculta todas as variações e unifica a língua, assim “[...] vemos que muito do valor da escrita depende [...] de ela não transmitir a maneira exata de pronúncia”<sup>147</sup>, consoante Bloomfield (1914, p. 23), ou seja, a escrita nega a identidade do falante, constituindo-se como uma forma de exclusão visto que nem todos os membros da comunidade de fala possuem-na, pois nem todos sabem ler e escrever de forma coesa e coerente de acordo com as normas impostas pelos gramáticos. O hábito de falar é adquirido com o tempo e a convivência social e, portanto, não há como excluir alguém do processo natural da fala.

O grupo linguístico responsabiliza-se por utilizar um sistema único de sinais, como o alfabeto latino, que segundo Bloomfield (1933), é usado por várias línguas, mas nunca da mesma forma e seus símbolos não possuem o mesmo valor para todas elas. Tendo em vista que os sons produzidos por uma língua são únicos, isto causa problemas relacionados a não correspondência entre fonemas e letras, assunto debatido nesta tese. Acontece em todas as línguas, então, surgirem dificuldades para aprender a escrever. As crianças em fase de aprendizagem nem sempre conseguem identificar que determinada letra pode corresponder a mais de um fonema e o contrário também é uma possibilidade.

Para Bloomfield (1933), o equívoco do estudo da língua está em pautar-se em textos escritos. Por ser um empirista, tinha a intenção de estudar a realização da fala, por isso

---

<sup>147</sup> “Thus we see that much of the value of writing is actually dependent on its not conveying the exact manner of pronunciation” (BLOOMFIELD, 1914, p. 23).

pesquisou as línguas indígenas, muitas delas ágrafas e, não menos valorosas que a língua inglesa americana, já que cumpriam o papel que era-lhes atribuído: a comunicação. Sem embargo, por vários séculos, o estudo da língua esteve sob a égide da escrita refinada e elegante como queriam os gramáticos detentores do poder linguístico desde os primeiros tempos.

No entanto, a língua escrita requer uma correção acurada o que mascara a verdadeira face da língua falada pelo povo. É fato que apenas alguns indivíduos, aqueles que estudaram mais, serão capazes de desenvolver-se linguisticamente na escrita, aos demais sempre haverá quem conserte o que foi escrito. Bloomfield contestava o fato de um linguista não se atentar para a língua viva na boca do povo, isto seria algo inadmissível, pelo motivo de a língua escrita ser pouco importante para os estudos linguísticos.

Todas as línguas foram faladas, por quase toda a história, por pessoas que não leram ou escreveram. As línguas desses povos são tão estáveis, regulares e ricas quanto às línguas das nações alfabetizadas. Uma língua é a mesma, não importa qual sistema de escrita possa ser usado para registrá-la, assim como uma pessoa é a mesma, não importa como você tire sua foto<sup>148</sup> (BLOOMFIELD, 1933, p. 21).

O registro só é importante como forma de perpetuação da língua. Consoante Whitney (2010), a escrita é uma forma de controle exercida pela classe dominante com a finalidade de determinar a língua certa, vinculada à elite, e àquela pertencente ao povo. Essa divisão data do século XVI na Alemanha, quando acharam por bem fazê-la e separar as classes social e culturalmente. A escrita serve também como forma de frear a evolução linguística e fazer com que o povo reconheça sua própria língua mesmo após séculos de mudanças sociais, culturais, políticas e linguísticas que, com certeza, influem no modo como a sociedade percebe a língua falada.

Palavras, significados, usos costumam mudar e poderiam transgredir a língua, se caso não houvesse a escrita para conter essas modificações que não ocorrem diariamente provenientes de várias formas. Com relação à língua portuguesa do Brasil, a palavra pode sofrer uma alteração fonética, como em *podendo* > *podeno*, pode ser semântica, quando concernir à palavra *quartos* que tanto pode significar *lugar onde se dorme*, como pode ser uma palavra usada popularmente para *nádegas*. Ocorrerá mudança lexical como em *jerimum* e *abóbora*, a primeira mais corriqueira no nordeste do Brasil e a segunda pertencente ao centro-sul. A escrita

---

<sup>148</sup> “All languages were spoken through nearly all of their history by people who did not read or write; the languages of such peoples are just as stable, regular, and rich as the languages of literate nations. A language is the same no matter what system of writing may be used to record it, just as a person is the same no matter how you take his picture” (BLOOMFIELD, 1933, p. 21)

impede que tais variações possam corromper a língua impossibilitando a comunicação entre pessoas de regiões distintas historicamente.

Ela é a forma mais elegante e não usual da língua usada pela literatura, como afirma Bloomfield (1933, p. 22), “o estudante de literatura observa as declarações de certas pessoas (digamos, de Shakespeare) e se preocupa com o conteúdo e com as características incomuns da forma”<sup>149</sup>. Os indivíduos costumam despende tempo estudando sobre como escrever bem sua língua, no entanto, de acordo com Bloomfield (1933, p. 21), “a escrita não é a língua, mas uma forma de registrá-la por meio de marcas visíveis”<sup>150</sup>. É a forma dissimulada do discurso, enquanto a fala é uma sucessão de eventos não controlados, mas compreendidos pela comunidade toda. Whitney (1884, p. 447) admitiu a utilidade da escrita ao dizer que “a fala e a escrita são elementos igualmente necessários na história humana, crescendo igualmente da capacidade e das necessidades do indivíduo como ser social e indefinidamente perfectível”<sup>151</sup>.

Numa linha de sucessão do pensamento linguístico entre Whitney (1884), Bloomfield (1933) e Sapir (1980) encontram-se continuidade conceitual concernente à língua e à fala. O indivíduo usa a fala como instrumento do pensamento porque ela assume um caráter social e cultural constituído pelo hábito. O indivíduo, nesse contexto, cumpre transmiti-la aos mais jovens que, copistas no modo de ser, pensar e falar, dão continuidade ao processo comunicativo.

Depois de discorrido sobre os conceitos de língua e comunidade de fala, é possível reconhecer em Bloomfield o caráter social da língua defendido pelos teóricos do século XIX. Os hábitos linguísticos compreendidos através da natureza psicológica da língua transmitida de geração para geração. O termo comunidade de fala foi estabelecido como parte da investigação linguística a partir de Bloomfield e do grupo de antropólogos, antes disto, o grupo social era definido como nação ou sociedade. Bloomfield estreitou a significação e conseguiu, mais produtivamente, perceber que os termos nação e sociedade tem significação mais abrangente do que a comunidade de fala, estão imbuídos outros quesitos, como o fato de os membros dela falarem a mesma língua e possuírem o mesmo sistema fonético.

À vista disto, os termos língua e comunidade de fala, na concepção de Leonard Bloomfield, encontraram ressonâncias na linguística. Língua é o objeto de estudo da Linguística e tem a propriedade de ser social. Linguistas pós-bloomfieldianos, americanos e brasileiros

<sup>149</sup> “The student of literature observes the utterances of certain persons (say, of a Shakspeare) and concerns himself with the content and with the unusual features of form” (BLOOMFIELD, 1933, p. 22).

<sup>150</sup> “Writing is not language, but merely a way of recording language by means of visible marks” (BLOOMFIELD, 1933, p. 21).

<sup>151</sup> “Speech and writing are equally necessary elements in Human history, equally growing out of man's capacity and wants as a social and an indefinitely perfectible being” (WHITNEY, 1884, p. 447).

atestam o conceito. Bloomfield teve uma quantidade expressiva de seguidores norte-americanos que ainda prestam-se a disseminar suas ideias, a saber: Archibald Hill (1886-1977), Georges Mounin (1910-1993), John Fought para citar alguns. No Brasil, o conceito de língua está associado ao de linguagem representando a dualidade proposta por Ferdinand de Saussure (1972). O esforço será feito no sentido de que encontrem-se reverberações do conceito bloomfieldiano, apesar de que o reflexo do clima de opinião daquele momento histórico era uma unanimidade no que tange ao caráter social da língua.

Willian Moulton (1914-2000) foi professor em Princeton e pós-graduado pela Universidade de Yale. Para ele, a fala é uma capacidade dos seres humanos e a língua pode ser “[...] culturalmente transmitida [...] aprendida e não herdada [...]” (MOULTON in HILL, 1972, p. 4). A percepção de língua dele coaduna com a de Bloomfield (1933) que se ampara nos preceitos da antropologia americana e no viés empírico da pesquisa.

O estudo da língua para Bloomfield estava relacionado ao behaviorismo, ao materialismo e ao mecanicismo. Os falantes mais velhos falam, os mais jovens repetem pelo hábito e produz a identidade da comunidade, parte material da língua: os fonemas. Zellig Harris (1909-1992) foi professor de Noan Chomsky na Universidade da Pensilvânia. Sua ligação com Leonard Bloomfield justifica-se pelo seu interesse em estudar os fonemas e os morfemas de uma língua, além disso, ver o gerativismo como uma reformulação do estruturalismo bloomfieldiano.

Maria Carlota Rosa (2011, p. 18) defendeu que “a língua que o indivíduo vem a desenvolver depende da experiência linguística a que for exposto: falará português, por exemplo, caso cresça numa comunidade onde se fale português”. A obra *Language* (1933) figura como fonte para as pesquisas realizadas por essa linguista, portanto, para ela, a língua depende da convivência entre os membros da comunidade, é puramente hábito e treino. Um novo membro se acostumará a falar a mesma língua que a comunidade a qual pertence desde que esteja em contato direto com os membros mais velhos.

Cristófarro Silva, também bloomfieldiana, destaca que a língua é veiculada na comunidade de fala por meio da imitação que a criança faz dos mais velhos. Segundo Cristófarro Silva (2012, p. 11), “um falante nativo é um indivíduo que aprendeu aquela língua desde criança e a tem como língua materna ou primeira língua”, os hábitos do falante vão sendo criados desde que ele conviva com a comunidade, por isso os fonemas serão os mesmos, se a comunidade usa uma chiante, a criança aprenderá a reproduzi-la.

O *Manual de Linguística* (2008) organizado por Mário Eduardo Martelotta, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, reúne textos escritos por professores de várias

universidades brasileiras. Dentre os textos analisados, é possível perceber a influência bloomfieldiana em dois dos temas elencados: língua e comunidade de fala. Segundo Martelotta *et al* (2008, p. 16), “[...] o termo ‘língua’ é normalmente definido como um sistema de signos vocais utilizado como meio de comunicação entre os membros de um grupo social ou de uma comunidade linguística”. É a língua que une os falantes em torno de um mesmo interesse que é criar a comunidade, uma vez que “cada grupo social tem um comportamento que lhe é peculiar e isso vai se manifestar também na maneira de falar de seus representantes: os cariocas não falam como os gaúchos [...]” (MARTELOTTA *et al*, 2008, p. 19), nesse trecho, define-se o grupo social.

Noutro capítulo da mesma obra, escrito por Maria Maura Cezario e Sebastião Votre, cujo título é Sociolinguística, lê-se “o indivíduo, inserido numa comunidade de fala, partilha com os membros dessa comunidade uma série de experiências e atividades” (CEZARIO; VOTRE in MARTELOTTA, 2008, p. 147). Importante notar que o termo *comunidade de fala* é repetido nesse texto. Além disto, a definição de indivíduo como membro participante da comunidade, que faz com que a língua funcione a partir de experiências, ou seja, por meio da imitação e do treino, como disse Bloomfield (1933) ao defender que o behaviorismo faz parte da língua e de como ela é transmitida e perpetuada.

Enfim, até muito recentemente, os textos de Bloomfield têm sido elencados como fonte para os linguistas modernos. Oitenta e seis anos após a publicação da última obra dele, os temas trazidos não deixaram de significar para a constituição da linguística no Brasil e muito menos na América do Norte. Falar sobre o indivíduo e a língua é imprescindível para qualquer linguista, mas é preciso entender que os conceitos não se tornaram obsoletos apesar do tempo decorrido. A seguir, o estudo se dedicará a compreender melhor a relação entre o falante e a comunidade de fala, ademais, caberá verificar em que área da linguística esses conceitos emergem atualmente.

### 5.3 Os conceitos de falante e comunidade de fala repercutidos na linguística

Nesta última parte do texto, a relação entre o falante e a comunidade de fala é pertinente e será discutida amplamente. Pretende-se compreender como o indivíduo torna-se falante e qual o papel da comunidade de fala na vida dele e vice-versa. O conceito de comunidade de fala já foi exaustivamente mencionado neste texto, este se aterá ao conceito de indivíduo e de falante basicamente e sua relação com a comunidade de fala.

Não precisa ser um leitor crítico da obra de Bloomfield para compreender que para ele o importante é a fala que unifica a comunidade, constitui a versão real da língua, sem rodeios, é espontânea e representa a identidade do falante. A comunidade, por sua vez, representa o grupo de falantes com as mesmas características fonéticas e fonológicas, lexicais, sintáticas e semânticas repassadas a seus falantes por meio da imitação e do treino contínuo.

Uma comunidade linguística institui-se porque sempre haverá uma estrutura emergida da enunciação para dar suporte à língua, segundo Bloomfield (1933). O linguista, quando descreve essas questões em suas obras, está preocupado com a comunidade de fala que unirá os indivíduos numa mesma coletividade, nas palavras de Bloomfield (1933, p. 42), ela “[...] é o grupo social mais importante”<sup>152</sup>.

Tão importante que, por meio dela, outras organizações como as culturais, políticas, econômicas são possíveis. Justifica-se essa afirmação pelo fato de que há imbuído no espírito do povo uma língua que forma a estrutura profunda do pensamento coletivo e emerge manifestando-se no discurso de onde verifica-se a face do indivíduo que constitui aquela comunidade específica. Se não pela língua, seria impossível estabelecer um ato comunicativo tão profícuo e específico como o do ser humano.

Leonard Bloomfield fez-se ruptura metodológica devido ao método empírico desenvolvido por ele e aplicado às pesquisas em comunidades ágrafas que contribuíram sobremaneira para sua formação antropológica e, principalmente, linguística. A fala, a comunidade de fala e o falante, não obstante, pode-se afirmar que são unos, indissociáveis, não há como ser de outro modo.

O capítulo quarto tratou a respeito da dialetologia. Importa lembrar aqui a engrenagem que move o conceito de dialeto, enquanto identidade de uma comunidade de fala e forma de inclusão do falante. Além disso, as inovações realizadas na língua não poderiam existir se não fosse o falante para criá-las ou importá-las e a comunidade para aceitá-las, ou seja, o trabalho é realizado sempre em conjunto, o falante precisa estar inserido socialmente.

Sendo assim, Bloomfield não se preocupou em estudar senão a individualidade do falante e da comunidade, a formulação da língua que agrega os falantes e coloca-os num só lugar. Destarte, segundo Bloomfield (1933, p. 22), a missão do linguista é “[...] estudar a língua de todas as pessoas [...] interessa ao linguista não mais do que as características individuais da

---

<sup>152</sup> “A speech-community is a group of people who interact by means of speech [...] All the so-called higher activities of man – our specifically human activities – spring from the close adjustment, in turn, is based upon language; the speech-community, therefore, is the most important kind of social group” (BLOOMFIELD, 1933, p. 42).

fala”<sup>153</sup>, ele dedicou-se ao estudo do indivíduo, enquanto falante, e do lugar em que ele realiza-se. É a individualidade coletiva destacada por meio da fala que formará o indivíduo e perpetuará a estrutura, ou seja, a língua.

O mundo verdadeiro, de onde as sensações vêm, é constituído por objetos individuais, e por um indivíduo que não pode ser estudado. Seria impossível traçar-lhe um perfil, mas os elementos físicos da língua permitem-lhe o estudo efetivo através do falante que submete-se à comunidade. No entanto, não se deve pensar na língua como meio exterior ao indivíduo, mas como parte constitutiva dele. A partir do momento em que adquire-se uma língua, ingressa-se num sistema estruturado cuja vontade de comunicar-se impulsiona a comunidade de fala e transforma o instinto em intenção e depois em língua, conforme Whitney (2010).

A comunidade de fala começa a exigir que a inserção do indivíduo dê-se por meio de práticas evidenciadas, principalmente por meio de enunciados. Desse modo, propicia que o indivíduo emergja submetido àquilo que é proposto por essa comunidade tornando-se fruto da cultura na qual encontra-se inserido e está submetido à língua e ao enunciado por meio da comunidade de fala. Segundo Bloomfield (1914, p. 17), “a língua do indivíduo não é sua criação, mas consiste em hábitos adotados em seu relacionamento expressivo com outros membros da comunidade”<sup>154</sup>, ou seja, este é o indivíduo subjugado pelas condições de produção e consciente do espaço de mero repetidor que ocupa na comunidade.

O indivíduo existe em sociedade. De acordo com Whitney (2010, p. 258), “[...] onde falta a vontade de comunicar-se não há produção de linguagem. O paralelo entre linguagem e os outros ramos da cultura humana é estreito e instrutivo. O homem que cresce na solidão não daria sequer um passo na via de seu desenvolvimento”. A fim de que o indivíduo torne-se um membro da comunidade, é preciso associar a língua à cultura e compreender o processo simbiótico em que ambas estão inseridas. Faz-se necessário compreender que o indivíduo só existe porque fala, comunica-se, é coparticipante de uma língua comunitária.

Os processos físicos descritos por Bloomfield (1914), para que o indivíduo constitua-se membro de uma comunidade de fala, vão desde os movimentos expressivos, passando pela linguagem gestual, a escrita até os movimentos expressivos audíveis que correspondem a processos mentais desenvolvidos pelo ser humano por meio da imitação, embora, muitas vezes, estejam ligados às emoções. Conforme Bloomfield (1914, p. 1), “se a emoção é mais violenta,

---

<sup>153</sup> “[...] studies the language of all persons alike [...] interest the linguist no more than do the individual features of any other person’s speech [...]” (BLOOMFIELD, 1933, p. 22).

<sup>154</sup> “The individual’s language, consequently, is not his creation, but consists of habits adopted in his expressive intercourse with other members of the community” (BLOOMFIELD, 1914, p. 17).

os movimentos expressivos se estendem, sucessivamente, aos músculos faciais, depois às mãos e braços, e finalmente para as pernas e pés, abraçando um conjunto de ações bem conhecidas da observação comum”<sup>155</sup>. Todo o corpo responde aos impulsos sensoriais com maior ou menor intensidade a depender do estímulo que lhe foi imposto.

Caso um falante tenha alguma familiaridade com outro, entenderá os sinais transmitidos pelo primeiro mesmo que não haja uma expressão oral. O que corresponde a um tipo de comunicação usada para expressar-se sem que, necessariamente, valha-se do som articulado, como os movimentos expressivos que podem ser lidos e interpretados pelos membros de uma mesma comunidade de fala.

A língua é a forma mais eficaz de fazer com que o ser humano não seja tomado em sua condição primária de animal. Humboldt (1990, p. 52) disse que “o homem individual está sempre em relação a uma totalidade: a de sua nação, a de seu tronco, a de toda a espécie. A vida dele, não importa como você a veja, está sempre ligada à sociabilidade [...]”<sup>156</sup>. A língua moldou o indivíduo para que deixasse o mundo natural e pertencesse ao mundo cultural tornando-se um falante. A comunidade de fala desenvolveu um conjunto de símbolos para enunciar os significados abstratos deixando em desvantagem os movimentos silenciosos.

Bem como disse Whitney (2010, p. 17), “a linguagem propriamente dita é um conjunto de signos pelos quais o homem exprime consciente e intencionalmente seu pensamento a seus semelhantes: é uma expressão destinada à transmissão do pensamento”. A equação é simples: quando pensa-se numa explicação para a relação entre o falante e a comunidade de fala, o pensamento precisa ser externado. Sendo assim, a comunidade de fala desenvolve uma língua para compartilhar as ideias dos falantes e, ao mesmo tempo, se a língua não existisse ficaria difícil divulgar qualquer pensamento. Então, a língua passa a ser uma composição de todos os falantes de uma determinada comunidade, resumindo bem o pensamento partilhado por Humboldt, Whitney e Bloomfield.

O conhecimento individual é veiculado pela língua concretiza-se com a fala. O indivíduo aprende com a experiência e contribui para a transformação e formação da comunidade de fala que assegura o aprendizado, posto que todos partilhem da cultura construída linguisticamente para firmarem-se como comunidade. O indivíduo apossa-se do “espírito

---

<sup>155</sup> “If the emotion is more violent, the expressive movements extend, successively, to the facial muscles, then to the hands and arms, and finally to the legs and feet, embracing a set of actions well known to common observation” (BLOOMFIELD, 1914, p. 1).

<sup>156</sup> “El hombre individual está siempre en relación con una totalidad: la de su nación, la del tronco al que ésta pertenece, la del conjunto de la especie. Su vida, se mire como se mire, está siempre vinculada a la socialidad [...]” (HUMBOLDT, 1990, p. 52).



nacional”, termo usado por Humboldt, disposto na comunidade de fala, ao mesmo tempo em que contribui para transformar as sensações em ideias e, por fim, em língua.

O bebê aprende a falar como as pessoas a seu redor, mas não devemos imaginar que esse aprendizado chegará a um fim específico: não há hora ou dia em que possamos dizer que uma pessoa terminou de aprender a falar, a não ser no final de sua vida, porque o falante continua fazendo as coisas que compõem o aprendizado da língua infantil (BLOOMFIELD, 1933, p. 46)<sup>157</sup>.

Segundo Bloomfield, o aprendizado é contínuo e vitalício para o falante. Quando criança, o indivíduo começa a falar e aprender a língua dos mais velhos, depois aperfeiçoa-a e modifica-a, de acordo com o que a comunidade de fala permitir. Como afirmou Whitney (1884), as crianças tem um vocabulário limitado a nomes comuns e ligado ao ambiente familiar, por isso Bloomfield disse que nunca se deixa de aprender. As experiências vividas, o comportamento repetido pelas novas gerações, também é possível dizer que a imitação pode e exerce um papel fundamental no ato comunicativo, pois, a partir desses fatores, o falante iniciante consegue balbuciar sons e reproduzi-los quase que fidedignamente.

O falante, de acordo com Bloomfield (1933), tende a julgar a melhor e a pior forma de fala, isto é, a forma correta e incorreta de pronunciar determinadas palavras, expressões ou frases inteiras na tentativa de adequar-se ao contexto e ao meio em que vive. O falante, desde criança, está em contato com determinadas pessoas que fazem parte do seu grupo social, e, em razão disto, falará conforme o grupo, porém, pode ser que o mesmo falante assuma outro posicionamento, chegando inclusive a renegar a língua de seu grupo, devido a fatores como prestígio social.

Todo ato comunicativo está sustido pelos hábitos linguísticos sociais, reforçando a hipótese de que para cada comunidade, há uma língua específica. Além do mais, as subdivisões, os subgrupos da coletividade podem ser categorizados como mais formal, onde geralmente a língua da classe dominante é válida para a escrita, e menos formal, a língua dos demais não tem nenhum prestígio social, como discutido anteriormente.

A língua, de fato, não existe, exceto nas mentes e bocas daqueles que a usam; é constituída por sinais de pensamento articulados separados, cada um dos quais, é associado por uma associação mental à ideia que representa, é pronunciado por esforço voluntário e tem seu valor apenas pelo acordo entre falantes e ouvintes<sup>158</sup> (WHITNEY, 1884, p. 35).

---

<sup>157</sup> “The infant learns to speak like the people round him, but we must not picture this learning as coming to any particular end: there is no hour or day when we can say that a person has finished learning to speak, but, rather, to the end of his life, the speaker keeps on doing the very things which make up infantile language-learning” (BLOOMFIELD, 1933, p. 46).

<sup>158</sup> “Language has, in fact, no existence save in the minds and mouths of those who use it; it is made up of separate articulated signs of thought, each of which is attached by a mental association to the idea it represents, is uttered

Ainda que a língua seja abstrata, assim como disse Whitney, há uma conexão entre falantes e ouvintes permitindo que ela unifique a comunidade de fala. As categorizações a respeito da língua, se mais ou menos formal, se pode ou não ser escrita, só surgem devido à individualidade do falante que ressalta tais características e, socialmente, considera-as como ponto de partida para a divisão linguística dos grupos.

Whitney e Bloomfield detiveram-se nas análises da comunidade de fala e no comportamento do falante, não com as mesmas intenções, não tão similarmente, mas ambos chegariam a admitir que a língua de um grupo pode variar. Bloomfield (1933), inclusive, abordou questões como as variações linguísticas diastráticas, diatópicas e históricas, claramente essas nomenclaturas não existiam na época. É possível pensar nisto a partir dos estudos realizados por Bloomfield com relação à comunidade de fala.

Acreditamos que as diferenças na densidade de comunicação dentro de uma comunidade de fala não são apenas pessoais e individuais, mas que a comunidade é dividida em vários sistemas de subgrupos, de tal forma que as pessoas dentro de um subgrupo falam muito mais entre si para pessoas fora de seu subgrupo. Visualizando o sistema de setas como uma rede, podemos dizer que esses subgrupos são separados por linhas de fraqueza nessa rede de comunicação oral (BLOOMFIELD, 1933, p.47)<sup>159</sup>.

Não há indícios de que a Sociolinguística tenha sido criada a partir do legado de Leonard Bloomfield, não é o que pretende-se afirmar aqui. No entanto, é inegável o reaproveitamento de alguns conceitos trazidos por Bloomfield (1933) no que atualmente entende-se por Sociolinguística. Ao que tudo indica, Bloomfield foi o primeiro a usar o termo comunidade de fala, lugar onde toda a investigação social, cultural e linguística coaduna para formar a língua falada pelos membros dessa comunidade.

Mollica (2012, p. 9) definiu a Sociolinguística como “[...] uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”. É uma mistura entre o que entende-se por língua e todo o contexto da comunidade, é nesse entremeio que a Sociolinguística está centrada. O trabalho de Leonard Bloomfield reflete muito daquilo que

---

by voluntary effort, and has its value and currency only by the agreement of speakers and hearers” (WHITNEY, 1884, p. 35).

<sup>159</sup> “We believe that the differences in density of communication within a speech-community are not only personal and individual, but that the community is divided into various systems of sub-groups such that the persons within a sub-group speak much more to each other than to persons outside their sub-group. Viewing the system of arrows as a network, we may say that these sub-groups are separated by lines of weakness in this net of oral communication (BLOOMFIELD, 1933, 47).

atualmente é preconizado pela Sociolinguística, o modo de investigação, o objeto de análise, enfim, não se pode negar tal semelhança.

Ademais, o fato de Bloomfield (1933) investigar a comunidade e tentar fazer parte dela, prepara o pesquisador para a observação precisa e minuciosa do modo de viver dos membros da comunidade de fala e da forma de comunicação dos falantes. Perceptivelmente, a comunidade de fala não é vista como um inteiro, mas parte de um todo, porque é formada por subgrupos sociais, isto é, nem todos comportam-se da mesma forma linguisticamente.

Ainda intui-se dentro da obra *Language* (1933), os conceitos de variação histórica que consistem na mudança sonora das palavras, por exemplo. Há, inclusive, uma recuperação de modelos de língua anteriores como o inglês antigo. As palavras podem ser empregadas de formas distintas ou ter mais de uma forma para uma mesma significação, como nota-se as diferenças entre o inglês falado em Chicago e em Londres, configuram a variação diatópica.

Além do mais, de acordo Bloomfield (1933), os subgrupos sociais não estão isolados, e suas línguas não são estanques. Significa dizer que um subgrupo pode contaminar a língua de outro subgrupo muito facilmente como acontece com uma gíria ou um jargão, até mesmo por meio das músicas, da literatura, das inovações tecnológicas. Ao tomar posse de uma palavra, claramente, pertencente a outro grupo, configura-se a variação diastrática.

Muito obviamente, os termos variação histórica, diatópica e diastrática não saíram das obras bloomfieldianas, mas os conceitos já estavam sendo aplicados. A Sociolinguística, certamente, recuperou os conceitos de Bloomfield e de Meillet, principalmente, e nomeou-os. Desse modo, Tarallo (1999, p. 6) afirmou que o objetivo dos sociolinguistas é “analisar e aprender a sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala [...]”. Em vista disto, chegou-se à conclusão de que era preciso analisar a língua dos falantes dentro da comunidade de fala e não por meio de textos escritos, por isso os termos sócio e linguística aparecem unidos.

Willian Labov (1927), linguista norte-americano, é considerado o criador da Linguística Variacionista e, por considerar o modo como Bloomfield lidou com os conceitos debatidos aqui, acredita-se que Labov seja um continuar deles, comprovado pelos conceitos que são desenvolvidos pela Sociolinguística. O linguista, em questão, usou o método empírico para desenvolver suas pesquisas, embora a empiria não tivesse um lugar na linguística, pois, na década de 1960, quando iniciou seus estudos linguísticos ainda não havia pesquisas que explicassem a vida da língua simples dos falantes.

As leituras que Labov fez de Bloomfield o impulsionaram a mudar essa visão da linguística. Bloomfield não foi um sociolinguista, não é o que se afirma neste texto, embora de

acordo com Tarallo (1999), são considerados sociolinguistas todos os que compreendem a língua como veículo de comunicação, informação e expressão entre os falantes de uma comunidade de fala, se for assim julgado, Bloomfield poderia ter sido um.

Para não forçar uma situação, melhor entender apenas que as pesquisas realizadas por Bloomfield possibilitaram o desdobramento em outras áreas como a Sociolinguística, por exemplo, que data da década de 1960, treze anos após a morte dele. A ideia de um grupo que organiza a língua dos indivíduos, de uma língua única e que reconhece variáveis de acordo com algumas concepções é o início para as investigações que unem a sociedade e a linguística.

Para Labov, quando trata-se da comunidade de fala e de seus membros há alguns fatores que devem ser levados em conta como o que motiva a mudança sonora numa comunidade de fala. Pode-se fazer esse estudo baseado na variação que ocorre “[...] nas diversas regiões, faixas etárias, grupos profissionais e étnicos [...]”, conforme Labov (2008, p. 19), ainda sobre a estrutura social (classes) que contribuem para que uma mudança sonora aconteça.

Os falantes de classes sociais distintas fazem uso diferenciado da língua é variado quando refere-se à forma como o indivíduo encara a situação vivenciada. Uma coisa pode ser dita de várias maneiras diferentes, em contextos vários também. Em português do Brasil, pode-se dizer “O cumê tá pronto”, “O armoço tá pronto”, “A comida está servida”, “Venham almoçar!” e outras fórmulas linguísticas de mesmo valor semântico. Como disse Tarallo (1990), são as diversas formas de dizer a mesma coisa que constituem as variantes linguísticas.

Essas formas dependem de quem são os falantes e ouvintes, de onde estão, em quais circunstâncias encontram-se. Bloomfield (1933, p. 24) disse que “a ocorrência de um discurso (e, como veremos, o texto) e todo o curso de eventos práticos antes e depois dele dependem de toda a história de vida do falante e do ouvinte”<sup>160</sup>. Os eventos práticos suscitados por Bloomfield dizem respeito à língua corrente, à fala espontânea dos indivíduos que pode tanto ser monitorada para parecer a forma mais correta de dizer algo quanto não monitorada.

Esses fatores estão relacionados à escolaridade dos falantes que também implicam numa variação da forma, uma vez que a fala está condicionada, a bem da verdade, ao fato de a comunicação ser estabelecida ou não. Pouco importa se o jeito de falar tem maior ou menor prestígio social desde que as variantes linguísticas sejam reconhecidas pelo ouvinte. Importa

---

<sup>160</sup> “The occurrence of a speech (and, as we shall see, the wording of it) and the whole course of practical events before and after it, depend upon the entire life-history of the speaker and of the hearer” (BLOOMFIELD, 1933, p. 24).

que a comunicação efetive-se de fato, como todos são falantes de uma mesma língua não é difícil que aconteça.

Uma comunidade de fala produz expressões e palavras que podem abranger toda a sua cultura. Sendo assim, "a totalidade das expressões que podem ser feitas em uma comunidade de fala é a língua dessa comunidade de fala"<sup>161</sup>, conforme Bloomfield (1926, p. 155). Todo falante conhece a língua em sua totalidade e faz dela o melhor uso possível, mesmo que haja alguma discordância entre o que é falado e como é escrito, ainda assim, é a fala que representa a verdadeira língua da comunidade.

De acordo com Bloomfield (1933, p. 46), "as diferenças mais importantes de fala dentro de uma comunidade são devidas às diferenças na densidade da comunicação"<sup>162</sup>. O falante, em sua interação com a comunidade, consegue perceber as sutilezas da língua porque está em constante aprendizado. Portanto, um falante nativo não se enganará com relação a nenhum dos fatores (sexo, faixa etária, escolaridade...) citados anteriormente. Em suma, o que se pretende dizer é que por mais que o neto e o avô tenham diferença de idade, eles se compreenderão porque pertencem à mesma comunidade de fala.

Imagine um gráfico enorme com um ponto para todos os falantes da comunidade e imagine que toda vez que um falante pronuncia uma frase, uma seta é desenhada no gráfico apontando do ponto para o ponto que representa cada um de seus ouvintes. No final de um determinado período de tempo, digamos setenta anos, esse gráfico nos mostraria a densidade da comunicação dentro da comunidade<sup>163</sup> (BLOOMFIELD, 1933, p. 46).

Assim, a língua de cada falante é o resultado de suas experiências na comunidade de fala. A densidade comunicativa apontada por Bloomfield significa o quanto de contribuição esse falante deu à comunidade durante sua vida. Todas as vezes que um falante abre a boca, está previsto um ouvinte que fará com ele uma interlocução e trocarão experiências. Durante toda a vida, o falante estará apto tanto a contribuir quanto a receber novas informações linguísticas.

Do mesmo modo, para que reconheçam-se as semelhanças e não semelhanças entre os falantes de uma mesma comunidade de fala, bastaria olhar para a intersecção das setas que representam a fala e dos pontos que são os ouvintes. Por uma questão de seleção individual ou

---

<sup>161</sup> "the totality of utterances that can be made in a speech-community is the language of that speech-community"

<sup>162</sup> "The most important differences of speech within a community are due to differences in density of communication" (BLOOMFIELD, 1933, p. 46).

<sup>163</sup> "Imagine a huge chart with a dot for every speaker in the community, and imagine that every time any speaker uttered a sentence, an arrow were drawn into the chart pointing from his dot to the dot representing each one of his hearers. At the end of a given period of time, say seventy years, this chart would show us the density of communication within the community" (BLOOMFIELD, 1933, p. 46).

por causa do prestígio que a língua pode proporcionar ao falante, “[...] o leitor deste livro, por exemplo, tem mais probabilidade de repetir uma forma de discurso que ele ouviu, digamos, de um conferencista de grande fama, do que aquela que ele ouviu de um varredor de rua”<sup>164</sup>, de acordo com Bloomfield (1933, p. 47).

Os vários mitos que circundam a língua dos membros da comunidade de fala levam a pensar nela como uma forma de coagir o falante sob pena de exclusão dele do grupo. Se ele não se adequa aos preceitos linguísticos do grupo, não é aceito. Bloomfield (1933) condenou a divisão desnecessária da língua *standard* e *non standard*, padrão e não padrão, já que essa divisão estabelece também uma separação entre as classes sociais.

A língua falada “[...] é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face”, conforme Tarallo (1999, p. 19). A língua que se usa para comer, trabalhar, conversar, brincar, brigar, a língua em situação corriqueira sem a intervenção de professores, essa é a língua individual, isto é, a fala. É o material para a interação em sociedade, promovendo a vida da comunidade, uma vez que encontra-se em constante mutação.

Os termos trabalhados nesse contexto, o falante agregado à comunidade de fala, foram amplamente aproveitados por muitas subáreas da linguística. Enfim, essa última parte demonstrou como foi importante a contribuição de Leonard Bloomfield para linguística, no sentido de que até mesmo possibilitou a configuração de uma subárea da linguística visto nesse subtítulo. Embora não tenha sido dito, outras áreas possivelmente receberam a contribuição de Bloomfield, até mesmo a Linguística Gerativa. Não fosse a discordância de Chomsky sobre algumas afirmações de Bloomfield, ela não existiria.

---

<sup>164</sup> “[...] the reader of this book, for instance, is more likely to repeat a speech-form which he has heard, say, from a lecturer of great fame, than one which he has heard from a street-sweeper” (BLOOMFIELD, 1933, p. 47).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Leonard Bloomfield atuou como professor universitário e pesquisador, além de ter produzido vários manuais sobre aprendizagem de língua materna e aquisição de segunda língua. Foi importante em seu tempo, formou novos linguistas, inclusive brasileiros e, por fim, deixou como legado obras muito válidas para a constituição da linguística enquanto ciência. Em virtude disto, as obras dele foram sintetizadas neste texto com a finalidade de demonstrar aos leitores, mesmo aqueles que não tiveram contato com elas, um panorama sobre os conceitos abordados e os temas compilados de outros autores.

Desde a primeira obra, *An Introduction to the Study of Language* (1914), Bloomfield retratou temas como a aquisição da língua pela criança, a imitação do falante menos experiente em relação ao mais experiente, a comunidade de fala formada a partir da união de indivíduos com as mesmas características linguísticas determinadas pelos fonemas. Levando-se em consideração tais aspectos, foi priorizado o fato de ele ter ampliado suas discussões e condensado-as na obra *Language* (1933).

*An Introduction to the Study of Language* (1914) passou por reformulação, revisão e ampliação, segundo o próprio Bloomfield, para explicar fatos relacionados à descrição linguística, abrangendo temas que vão desde a história da língua, as discussões iniciadas pelos gregos, a gramática de Panini e o modo como a língua do povo era vista, até chegar aos grandes nomes da linguística como Wilhelm von Humboldt, Ramus Rask, William D. Whitney, Jacob Grimm, para citar alguns, já que Bloomfield fez um exímio resgate de fontes, as quais podem ser conferidas ao longo dos textos e num capítulo especial no final da obra *An Introduction to the Study of Language* (1914).

As obras de Leonard Bloomfield, desde a primeira retomam as bases da linguística, estão inseridas no clima de opinião do início do século XX, momento em que era preciso formar adeptos para modificar os rumos da linguística. Embora Bloomfield estivesse interessado em estudar língua enquanto descrição, nenhuma novidade para a época, a intenção era fazer diferente usando para isto a pesquisa de campo, o convívio com a comunidade e, ao mesmo tempo, ensinando como fazer.

A pesquisa de campo foi um diferencial para as pesquisas dele. O método usado pela antropologia sustentado pelas pesquisas behavioristas e amparado pela perspicácia de Bloomfield ao criar um método próprio de análise fez a diferença para a linguística norte-americana, tornando-se um importante marco, uma ruptura metodológica significativa que elevou a outro estágio tanto a linguística quanto o modo de fazê-la.

Pela observação dos aspectos analisados, era conveniente listar os assuntos abordados nas obras porque, desse modo, poderiam ser mais facilmente sintetizadas. Além das duas obras mencionadas, outro texto bastante elucidativo com relação à descrição linguística foi *A set postulates* (1926), em que Bloomfield postula axiomas sobre o ato comunicativo, fonética e fonologia, morfologia, língua. Por isso, durante a produção deste texto, houve uma preocupação de ser fiel aos princípios bloomfieldianos sobre fonética, fonêmica, os quais aludem ao desenvolvimento da língua enfatizando a forma disposta pelos sons articulados como meio de distinção entre comunidades de fala.

Um assunto controverso, naquele momento, era os sons da fala, mas aos poucos foi sendo resolvido com a ajuda de Bloomfield que contribuiu com a definição do conceito de fonema fundamentado na concepção de que a língua assenta-se sobre uma estrutura psicológica. Como parte das obras de Bloomfield trata-se de uma compilação, a morfologia ocupou um espaço respeitável da obra, pois, afinal, era sobre esse assunto que a maioria dos estudos linguísticos pautou-se no século XIX. A palavra e seus lexemas tiveram um lugar de destaque nos estudos realizados pelos comparatistas e neogramáticos, Bloomfield também forneceu subsídios para que este estudo continuasse a ter sua relevância.

Quanto à sintaxe, esta estava relegada à apropriação que a comunidade de fala faz da língua, do arranjo que cada comunidade desenvolve para a comunicação. Bloomfield concebia que a morfologia e a sintaxe não podiam ser vistas separadamente, uma dependia da outra, enquanto uma lidava com a forma da palavra, a outra referia-se a sua colocação num ambiente frásico. A teoria da sintaxe desenvolveu-se no século XX após a morte de Leonard Bloomfield, naquele momento, a fonologia estava em fase de desenvolvimento, a morfologia já tinha sido exaustivamente pesquisada e a semântica ainda em fase embrionária.

Sendo assim, no que tange à semântica, Bloomfield não foi propriamente um semanticista, porém, alicerçado pelo behaviorismo, procurou explicar fatores semânticos e pragmáticos ocorridos no ato de fala. As figuras de palavras e de pensamento foram vistas por ele como formas de os falantes comunicarem-se entre seus iguais, tais recursos dificultam a compreensão do falante estrangeiro, porque formam as sutilezas da língua que abrangem todo o mundo do falante. A semântica de Bloomfield obedecia ao fato de que a comunidade de fala possui seus próprios dispositivos para a interação entre seus membros, inegável pensar que as palavras não possuam significados particulares e que interessarão apenas a um grupo de fala distinto. Apesar de reconhecer a necessidade do estudo semântico, Bloomfield considerava que a linguística, naquele momento, não estava preparada para desenvolver o tema.



Dado o exposto, justificou-se, portanto, a abordagem feita sobre o estruturalismo na América do Norte que nobilitou o nível das pesquisas na área das humanidades e colocou Leonard Bloomfield numa posição privilegiada em detrimento de outros antropólogos, como Sapir, que realizaram trabalhos semelhantes, contudo não se dedicaram exclusivamente para a compreensão da língua e a formação da linguística. Esse dado encaminha a linguística para um lugar de destaque porque devido ao método linguístico desenvolvido por Bloomfield, novas pesquisas puderam ser apreciadas e novos métodos surgiram em consequência do que estava proposto.

Nesta primeira parte da tese, traçou-se um perfil das ciências que, direta ou indiretamente, permitiram e autorizaram a construção do manual de linguística. Eram todas ciências humanas em vias de serem reconhecidas, uma vez que nenhuma delas tinha esse *status*. Por isso, a filosofia, a sociologia e a psicologia foram tão importantes para que delimitassem-se o campo da linguística, ademais, o fato de Bloomfield ter elaborado um método próprio de análise descritiva da língua foi um diferencial, congregando a pesquisa empírica, a análise psicológica dos fatos da língua e a descrição linguística em cada obra dele.

O desenvolvimento da Linguística Descritiva esteve alicerçado por um método diferente e inovador desenvolvido por Bloomfield para explicar fenômenos linguísticos já observados, mas sem rigor metodológico. Todo esse aparato possibilitou-lhe fazer aquilo que julgava correto, concernente ao estudo da língua, isto é, descrevê-la fonética, fonológica, morfológica e sintaticamente. Contudo foi com relação à fonologia que Bloomfield destacou-se como linguista, porque todos os outros que antecederam-no tinham estudado a respeito dos sons articulados e como eram produzidos pelo aparelho fonador humano. Bloomfield analisou a língua a partir da questão fonológica e psicológica, pois era nesse ponto divergente.

Baudouin Courtenay e seu discípulo Kruszewski até nomearam os sons produzidos apenas pelo aparelho fonador e, inclusive, conceituaram o fenômeno e Trubetzkoy incluiu o novo nome em seus estudos sobre fonologia no Círculo Linguístico de Praga. O nome tinha sido dado antes, faltava uma definição pontual acerca do fonema. Muitas definições foram formuladas, mas não uma que comprovesse os estudiosos no assunto. Leonard Bloomfield esclareceu que um fonema era constituído por um feixe de diferenças dispostas na língua, sendo este o conceito aceito pelos estudiosos do Círculo Linguístico de Praga, como atestado por Trubetzkoy.

Linguistas pós-bloomfieldianos aceitaram e acataram o conceito de fonema e, atualmente, não há outro conceito. O fonema é um feixe de significações que não pode sofrer alteração sob pena de ser transformado noutra fonema ou num alofone. Bloomfield não

conhecia o conceito de alofonia, embora por causa de suas investigações diretamente na comunidade de fala, compreendesse a possibilidade de ocorrer uma variação num traço distintivo do fonema e, este, por sua vez, fosse realizado de modo particular. Um alofone é reconhecido pelos falantes de uma determinada comunidade de fala e não de outras, são traços sutis de alteração dos feixes de diferenças que também configuram a identidade da comunidade.

A partir de uma leitura minuciosa das obras de Bloomfield, quatro temas puderam ser esquadrihados e determinados como condutores de sua obra e da concepção bloomfieldiana com relação à análise e descrição da língua. Em todas as obra Bloomfield lida com os conceitos de língua, fonema, falante e comunidade de fala. Por se tratar de uma pesquisa de cunho empírico, o linguista ressaltou os temas que mais apareceram na relação falante/comunidade, comunidade/falante.

Por tais razões, a língua, para Bloomfield, é um sistema circunscrito por uma comunidade de fala para a comunicação entre seus membros, desenvolve-se comunitariamente e atende aos interesses de um grupo, podendo sofrer variações. Bloomfield, na qualidade de observador da comunidade de fala e de seus falantes, procurou englobar todas as características e conceitos da língua por meio da fala, que é individual, mas subjugada às normativas da comunidade. A língua da comunidade é de caráter social e, por isso, deve atender às necessidades de todos os indivíduos que dela partilham porque falam um mesmo dialeto, tem sons e sotaques similares.

A evolução da língua e as mudanças linguísticas, inevitavelmente, acontecem e a comunidade de fala garantirá a harmonia linguística. Bloomfield ressaltou a necessidade de se conhecer o passado para compreender o presente da língua, claro que essa é uma tarefa do linguista e nunca do falante. Assim, o espaço em que uma língua é falada, bem como seus falantes, se mais ou menos cultos, resultarão no tipo de importação das palavras e nos processos analógicos que permitiram a mudança linguística. Os empréstimos culturais justificam-se porque um falante aprende uma palavra ou frase de outra língua ou dialeto e insere-a no seu contexto de fala, isto ocorre devido à necessidade de ter uma palavra para definir algum objeto ou novidade que a comunidade que recebe não tem.

Em vista dos aspectos apresentados, o novo léxico precisa ser consentido pela comunidade de fala que o está recebendo, assim, em primeiro lugar, passa por um processo de adaptação, ou seja, os dispositivos da língua que vai recebê-lo são acionados para ajustar o novo vocábulo. Em segundo lugar, o empréstimo é legitimado pela comunidade e integra o léxico daquela língua. Os falantes de uma comunidade de fala sempre terão alguma resistência para o ingresso da palavra estrangeira, que não será recebida sem a aprovação da comunidade.

De modo ainda mais complicado, o empréstimo íntimo ocorre visto que não é uma opção da comunidade, mas uma imposição com relação àquilo que ela precisa aceitar por ser considerada uma língua inferior. Em contrapartida, se é a língua superior quem recebe os empréstimos, isto não é bem visto pela própria comunidade que sente-se diminuída linguisticamente e até culturalmente, nesse caso. Os empréstimos deste tipo soam como uma forma de minimizar a importância de uma comunidade de fala em virtude de outra.

O empréstimo íntimo funciona como um jogo de poder entre a nação dominante e a dominada, por isso não é tão bem aceito. Bloomfield descreveu três tipos de empréstimos: o dialetal, o cultural e o íntimo. À comunidade de fala, cabe a decisão de considerar ou não que o empréstimo aconteça e também por que processos a palavra passará para ser aceita pelos falantes.

Linguistas como Whitney atestam que o falante não sabe se a língua sofreu ou não alguma modificação durante o tempo, nem tão pouco o falante pode julgar pertinente a inserção de uma palavra ou a permanência dela na língua da comunidade. Apropriar-se da língua do outro por um motivo particular do indivíduo é uma realidade diferente de ser obrigado a falar a língua da comunidade mais forte econômica, social, politicamente. São duas realidades distintas e que comovem toda a comunidade fazendo criar resistências ao novo, promovendo a desigualdade entre as comunidades, intolerâncias entre os falantes. Bloomfield observou esse evento nas comunidades indígenas pesquisadas por ele e pôde comparar essa realidade com a existência da língua inglesa nos Estados Unidos e na Inglaterra.

Por conseguinte, quando um indivíduo fala, suscita no ouvinte todas as eventuais possibilidades de compreensão, o ouvinte, por sua vez, fará o possível para decodificar o que foi dito para formular uma resposta que atenda ao que é esperado. Há uma forte conexão entre os falantes e a comunidade que é o grupo social unificador de todo o contexto por meio da língua. O falante exerce um papel importante em sua relação com a comunidade muito embora não caiba a ele modificar o sistema linguístico formador da identidade da comunidade.

Contudo o tempo e a própria comunidade têm essa capacidade demonstrada pela condição de comunicação intrínseca aos falantes, actantes do processo interativo da comunidade de fala. Ao falante, cabe entender e validar a língua recebida em seus primeiros momentos de vida e propagá-la pelo hábito e imitação. O processo de transmissão e preservação da língua ocorre durante toda a vida do indivíduo, nunca cessa.

Desse modo, a comunidade opera como um regulador da língua falada por seus membros, enquanto um conjunto de falantes que comunicam-se usando palavras semelhantes, sentenças parecidas, sintaxe e fonemas iguais, sem falar na questão semântica que deve ser

compartilhada por todos para significar está ligada a todo o contexto social educacional, político, pessoal do falante que, sozinho, não pode atuar como um agente modificador, porque a força que move a comunidade deve aceitar ou não a nova palavra, o novo significado, a inclusão de um morfema numa palavra estrangeira e, assim, sucessivamente.

Bloomfield, assim como Humboldt, acreditava que a comunidade tinha uma forma maior, um espírito nacional que congregava todas as particularidades linguísticas. Com certeza, depois das análises feitas por Bloomfield e da descrição do fonema, há uma proximidade do falante com a língua e com a comunidade de fala caracterizada pelo feixe de significações que constituem o fonema. Melhor dizendo, o falante identifica-se com a comunidade devido à proximidade dele com os demais que pode ser verificada através dos fonemas idênticos produzidos pela comunidade e imitados pelo falante.

Leonard Bloomfield tinha autoridade adquirida por sua inserção nas comunidades pesquisadas para atestar que a comunidade é soberana com relação às modificações que a língua vai assumindo com o passar do tempo. O ambiente fonêmico, em que a língua da comunidade está submersa, possibilita que uma comunidade, um falante, uma língua ou os fonemas sejam vistos como distintivos entre uma nação e outra. As pesquisas realizadas demonstravam claramente a consistência dos elementos escolhidos por Bloomfield para figurar em suas obras, como direcionadores, assim, ainda que um falante não tenha conhecimento das mudanças sofridas pela língua falada por ele, não há dúvidas de que domine os artifícios linguísticos corretos para a comunicação.

O falante, os fonemas, a comunidade de fala e a língua coexistem de maneira tal que é difícil separá-los, mesmo em casos excepcionais esses quatro elementos estão presentes de alguma maneira. Bloomfield compreendia a importância deles, enquanto outros linguistas preocupavam-se com a língua escrita e negligenciavam a comunidade de fala. Apesar do caráter social da língua, muitos linguistas não consideravam que seu estudo deveria ser feito *in loco* como fez Bloomfield, a metodologia anterior justificava suas descobertas a partir de documentos escritos.

A escrita é um tipo de língua que não tem espontaneidade e nem tão pouco consegue alcançar o poder persuasivo da fala. A gramática sugere-a como forma de conter as modificações que sempre vão ocorrer na língua falada e que, na maioria das vezes, adquirem uma rapidez fora do normal, necessária, mas dispensável. Há línguas ágrafas que puderam ser estudadas a partir do método estruturalista descritivista proposto por Bloomfield, então ele pôde captar a riqueza da língua com maior perspicuidade.

Em decorrência do método criado e desenvolvido por Bloomfield e pelo grupo de antropólogos norte-americanos, pôde-se identificar uma continuidade metodológica que possibilitou sua aplicação em subáreas da linguística. Isto significa que, se o conceito bloomfieldiano não pode ser continuidade devido a algumas falhas que foram sendo alinhadas após sua morte, devido às novas pesquisas e aos novos pesquisadores, o método, contudo, foi reformulado, aperfeiçoado e alicerçou outras subáreas dos estudos linguísticos até na atualidade.

Por fim, na última parte da tese, procuramos por ressonâncias dos conceitos propostos nas obras de Leonard Bloomfield na linguística pós-bloomfieldiana tanto nos Estados Unidos da América quanto no Brasil. E não foi difícil encontrar já que as obras são reconhecidamente notáveis e de inegável valor. Linguistas de áreas como a fonologia, a morfologia e a morfossintaxe trataram de divulgar e creditar à Bloomfield o mérito pelo trabalho concebido. Enfim, o que havia sido proposto para esta tese era verificar a eficácia do trabalho de Bloomfield para a modernidade e também entender a propagação de sua obra no Brasil onde a disseminação da linguística saussureana é notória.

Para conclusão dessa discussão, cabe salientar a importância do behaviorismo para as pesquisas de Bloomfield. Os temas trabalhados por ele são possíveis e observáveis a partir dessa área da psicologia desenvolvida por dois psicólogos que influíram de maneira salutar os trabalhos de Bloomfield: Wilhelm Wundt e Albert Paul Weiss. O primeiro compreendia que tudo na língua era feito a partir da imitação dos falantes experientes e pelo hábito de sempre repetir comportamentos linguísticos observáveis.

Com relação ao segundo, Weiss, o falante recebia um estímulo que culminava numa resposta. O behaviorismo propunha uma tríade composta por estímulo – contexto – resposta. Depois conhecer as pesquisas desenvolvidas por Wundt, Bloomfield adaptou o método para que fosse eficiente no que refere-se ao comportamento dos falantes e da comunidade de fala. Os estudos de Bloomfield já possuíam uma ligação com a psicologia e aprofundou-se mais quando ele entendeu que os falantes são estimulados por motivações linguísticas ou extralinguísticas que respondem a estímulos. Há sempre entre os falantes uma sensação que provoca uma resposta linguística e, por fim, uma ação. A obra bloomfieldiana não seria a mesma sem o aparato da psicologia a fim de explicar a língua, a fala, o falante e a comunidade de fala.

Bloomfield criou seu próprio método pautado na antropologia e na psicologia distanciando das práticas de pesquisa da linguística europeia com séculos de tradição. As obras dele perfizeram o percurso de toda a vida acadêmica de estudante, professor e pesquisador de

Bloomfield demonstrando fontes pesquisadas, a contribuição na área da fonologia, da morfologia e até na sociolinguística. As sínteses feitas por ele condensaram a linguística e apontaram para os feitos realizados por linguistas que, assim como Bloomfield, colaboraram com a ciência linguística.

Enfim, os linguistas norte-americanos tiveram incentivos governamentais para desenvolver métodos e técnicas de análise linguística e ensino que pudessem cooperar efetivamente para a ascensão estadunidense no que tange à ciência linguística. Esse é, de fato, um marco histórico porque iniciou-se a partir das publicações das obras de Leonard Bloomfield, um esforço para descentralizar o estudo de línguas no mundo todo. O Brasil foi beneficiado com isto, pois muitos linguistas brasileiros decidiram estudar linguística nos Estados Unidos e voltaram de lá aptos para dar continuidade aos estudos iniciados por Leonard Bloomfield.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKON, P. K. Behaviourism and Linguistics: an historical note (1959). In: FOUGHT, J. (org). *Leonard Bloomfield: critical assessments of leading linguistics*. Vol. II: Biographical sketches. USA and Canada: Routledge, 1999.
- ALLAN, K. (org). *The Oxford Handbook of the history of linguistics*. London – UK: Oxford University Press, 2013.
- ALTMAN, C. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.
- ALVARO, J. L.; GARRIDO, A. *Psicologia social: perspectivas psicológicas e sociológicas*. Trad.: Miguel Cabrera Fernandes. Porto Alegre – RS: AMGH Editora LTDA, 2003.
- ANDERSON, S. R. *Phonology in the twentieth century: theories of rules and theories of representations*. Chicago: The University of Chicago Press, 1985.
- ARELLANO, F. S.J. *História de la Linguística*. Tomo II: La linguística del siglo XX. Caracas: Universidad Católica Andrés Bello, 1977.
- BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BASSETTO, B. F. *Elementos da filologia românica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- BASTOS, N. B. (org.). *Língua portuguesa e lusofonia*. São Paulo: EDUC, 2014.
- BATISTA, R. O. *Retórica de ruptura e descontinuidade nas ciências da linguagem: um estudo pela historiografia da linguística*. DIALNET N. 49, 2.º semestre de 2015, Rio de Janeiro.
- BEARZOTI FILHO, P. *Formação linguística do Brasil*. Curitiba: Nova Didática, 2002.
- BELI, V. V. Some facts about Weiss's influence on Bloomfield (1967). In: FOUGHT, J. (org). *Leonard Bloomfield: critical assessments of leading linguistics*. Vol. II: Biographical sketches. USA and Canada: Routledge, 1999.
- BERNALES, M. 1978. *La Fonética Experimental. Documentos Lingüísticos y Literarios 2: 35-39* [www.humanidades.uach.cl/documentos\\_linguisticos/document.php?id=134](http://www.humanidades.uach.cl/documentos_linguisticos/document.php?id=134) (Dirección Electrónica).
- BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre; EDIPURCS, 2002.
- BLOCH, B. Leonard Bloomfield. In: FOUGHT, J. (org). *Leonard Bloomfield: critical assessments of leading linguistics*. Vol. I: Biographical sketches. USA and Canada: Routledge, 1999.

BLOOMFIELD, L. *An introduction to the study of language*. New York: Henry Holt and Company, 1914.

BLOOMFIELD, L. *A set of postulates for the science of language*. Ohio State University, 1926.

BLOOMFIELD, L. *Language*. London: George Allen e Unwin LTD Museum Street, 1933.

BLOOMFIELD, L. *Language*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1984.

BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 1997.

BURKE, P. *A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. Trad. Nilo Odália. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

BURKE, L.; CROWLEY, T.; GIRVIN, A. (edited). *The routledge language and cultural theory reader*. New York: Taylor and Francis Group, 2003.

BURROW, T. *The sanskrit language*. Delhi: Montelal Banarsidass Publishers Private Limited, 2001.

CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

CAMARA Jr., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 33 ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

CAMARA Jr., J. M. *Problemas de linguística descritiva*. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 1971.

CAMARA Jr., J. M. *Dispensos*. Seleção e introdução por Carlos Eduardo Falcão Uchôa. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1975.

CAMARA Jr., J. M. *Princípios de Linguística geral*. 6 ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora Ltda, 1980.

CAMARA Jr., J. M. *História da Linguística*. Tradução: Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA DA LINGUÍSTICA (CEDOCH). Disponível em <http://cedoch.fflch.usp.br/>. Acessado em 01 de julho de 2020, às 21h.

CLARK, J. *Manual of linguistics*. A concise account of general and English phonology, with supplementary chapters on kindred topics. Edimburgo: James Thin, Publisher to the University. London: Simpkin, Marshall & CO, 1893.

COSERIU, E. *Lições de linguística geral*. Trad.: Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1980.

COUTINHO, I. L. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.



DINNEEN, S. J. Leonard Bloomfield (1995). In: FOUGHT, J. (org). *Leonard Bloomfield: critical assessments of leading linguistics*. Vol. I: Biographical sketches. USA and Canada: Routledge, 1999.

DIONISIO, A. P. *Linguística II*. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2012.

FOUGHT, J. (org). *Leonard Bloomfield: critical assessments of leading linguistics*. Vol. I: Biographical sketches. USA and Canada: Routledge, 1999.

FOUGHT, J. *Leonard Bloomfield: critical assessments of leading linguistics*. Vol. II: Reviews and meaning. USA and Canada: Routledge, 1999.

FOUGHT, J. *Leonard Bloomfield: critical assessments of leading linguistics*. Vol. III: Phonology, morphology and languages. USA and Canada: Routledge, 1999.

FRIES, C. C. Meaning and linguistics analysis (1954). In: FOUGHT, J. (org). *Leonard Bloomfield: critical assessments of leading linguistics*. Vol. II: Biographical sketches. USA and Canada: Routledge, 1999.

GONÇALVES, C. A. *Morfologia*. Coordenação: Tommaso Raso, Celso Ferrarezi Jr. São Paulo: Parábola, 2019.

GREIMAS, A. J. *Semântica Estrutural: pesquisa de método*. 2 ed. Trad.: Haqira Osakabe e Izidoro Blinkstein. São Paulo: Ed. Cultrix, 1966.

GRUPO DE PESQUISA EM HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA (IMAGO). Disponível em <https://imago.letras.ufg.br/>. Acessado em 01 de julho de 2020, às 23h 45min.

GUILLAUME, P. *Manual de Psicologia*. Tradução e notas de Lólio Lourenço de Oliveira e J. B. Damasco Penna. São Paulo: Editora Nacional, 1967.

HALL Jr., R. A. *A life for language: biographical memoir of Leonard Bloomfield*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

HALL Jr., R. A. *In memoriam: Leonard Bloomfield (1950)*. In: FOUGHT, J. (org). *Leonard Bloomfield: critical assessments of leading linguistics*. Vol. I: Biographical sketches. USA and Canada: Routledge, 1999.

HARRIS, Z. S. *Structural Linguistics*. 8 ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1969.

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. 2 ed. Trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HILL, A. (org.). *Aspectos da linguística moderna*. Trad.: Adair Pimentel Palácio, Maria Antonieta A. Celani e Maria do Amparo B. de Azevedo. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.

HOCKETT, C. F. *A Leonard Bloomfield Anthology*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.

HODGE, C. T. Morfologia e sintaxe. In: HILL, A. (org.). *Aspectos da linguística moderna*. Trad.: Adair Pimentel Palácio, Maria Antonieta A. Celani e Maria do Amparo B. de Azevedo. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.

HUMBOLDT, W. *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Trad. Ana Agud. Barcelona: Anthropos; Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia, 1990.

ILARI, R. *Linguística românica*. São Paulo: Ed. Ática, 2006.

IVIÉ, M. *Research in the twentieth century* (1965). In: FOUGHT, J. (org.). *Leonard Bloomfield: critical assessments of leading linguistics*. Vol. I: Biographical sketches. USA and Canada: Routledge, 1999.

JESPERSEN, O. *Elementarbuch der phonetic*. Berlin: Verlag B. G. Teubner Leipzig, 1912.

JESPERSEN, O. *Select writings of Otto Jespersen*. USA and Canada: Routledge, 2010.

JOTA, Z. S. *Dicionário de linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

JUUL, A.; NIELSEN, H. F. (org.). *Otto Jespersen: facets of his life and work*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1989.

KOENER, K. *Questões que persistem em Historiografia Linguística*. Revista da Anpoll, n. 2, p. 45-70, tradução Cristina Altman, 1996.

KOENER, K. *Professing Linguistic Historiography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamim, 1995.

KOENER, K. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Coleção: Linguística II. Tradução: Cristina Altman, Sónia Coelho, Susana Fontes, Rolf Kemmler, Marlene Loureiro, Felicidade Morais, Lineide Mosca, Teresa Silva. Braga: Centro de Estudos em Letras Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEONARD BLOOMFIELD. *Linguistics* – Yale University, 2020. Disponível em <https://ling.yale.edu/about/history/people/leonard-bloomfield>. Acessado em 21 de novembro de 2020.

LEPSCHY, G. C. *The beginning of American structuralism*. In: FOUGHT, J. (org.). *Leonard Bloomfield: critical assessments of leading linguistics*. Vol. I: Biographical sketches. USA and Canada: Routledge, 1999.

LEROY, M. *As grandes correntes da linguística moderna*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1977.

- LOCKE, J. *Ensaio acerca do entendimento humano*. Trad.: Anoar Aiex. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.
- LOPES, E. *A identidade e a diferença: raízes históricas das teorias estruturais da narrativa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- LOPES, E. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- LYONS, J. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Trad.: Marilda Winkler Averbug e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1987.
- MALERBA, J. (orgs.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARROQUIM, M. *A língua do nordeste*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.
- MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- MATHEWS, P. H. *Grammatical theory in the United States from Bloomfield to Chomsky*. New York: Cambridge University Press, 1993.
- MATOS E SILVA, R. V. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MEILLET, A. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948.
- MILANI, S. E. *Historiografia-Linguística de Ferdinand de Saussure*. Goiânia: Kelps, 2011.
- MILANI, S. E. *Historiografia Linguística de Wilhelm von Humboldt: conceitos e métodos*. São Paulo: Paco Editorial, 2012.
- MILHLLAN, F.; FORISHA, B. E. *Skinner x Rogers: maneiras contrastantes de encarar a educação*. Trad. Aydano Arruda. São Paulo: Summus Editorial LTDA, 1972.
- MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- MOORE, S.; KNOTT, T. A. *The elements of old English: consisting of elementary grammar with selections for reading*. Menasha, Wisconsin: George Banta Publishing Company Manufacturing Publishers, 1919.
- MOULTON, W. G. Natureza e história da linguística. In: HILL, A. *Aspectos da Linguística Moderna*. Tradução de Adair Pimentel Palácio, Maria do Amparo B. de Azevedo e Maria Antonieta A. Celani. São Paulo: Cultrix, 1972.
- MOULTON, W. G. *Bloomfield as dialectologist* (1987). In: FOUGHT, J. (org). *Leonard Bloomfield: critical assessments of leading linguistics*. Vol. III: Biographical sketches. USA and Canada: Routledge, 1999.

MOUNIN, G. *Introdução à Linguística*. Trad. José Meireles. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1968.

MOUNIN, G. *A linguística do século XX*. Lisboa: Editorial Presença, 1972.

MOUNIN, G. *Storia della linguística: dalle origini all XX secolo*. Tradução do francês: Maria Miglioni. Milão: Giangiacomo Feltrinelli Editore Milano, 1989.

MOURA, H.; CAMBRUSSI, M. *Uma breve história da linguística*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MURRAY, S. O. *Was a Bloomfield a bloomfieldiana?* (1993). In: FOUGHT, J. (org). *Leonard Bloomfield: critical assessments of leading linguistics*. Vol. I: Biographical sketches. USA and Canada: Routledge, 1999.

NARO, A. J. (org.). *Tendências atuais da Linguística e da Filologia no Brasil*. Trad.: Maria Candida D. Bordenave e Marilda Winkler Averbug. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A., 1976.

PAUL, H. *Princípios fundamentais da história da língua*. Trad.: Maria Luisa Schimann. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

PIKE, K. L. *Recollections of Bloomfield* (1989). In: FOUGHT, J. (org). *Leonard Bloomfield: critical assessments of leading linguistics*. Vol. I: Biographical sketches. USA and Canada: Routledge, 1999.

RIPPMANN, W. *The sounds of spoken English: a manual of ear training for English students*. London: J. M. Dent e Sons, LTD, 1913.

ROBINS, R. H. *Pequena História da Linguística*. Trad. Luiz Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

ROBINS, R. H. *Leonard Bloomfield: the man and the man of Science* (1988). In: FOUGHT, J. (org). *Leonard Bloomfield: critical assessments of leading linguistics*. Vol. I: Biographical sketches. USA and Canada: Routledge, 1999.

ROSA, M. C. *Introdução à Morfologia*. 6 ed. São Paulo, Contexto, 2011.

SAMPAIO, A. F. *Letras e memória: uma breve história da escrita*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

SANTOS, J. L. *O que é cultura?* São Paulo: Brasiliense, 2006.

SAPIR, E. *A linguagem*. Trad.: J. Mattoso Camara Jr. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1949.

SAPIR, E. *The Concept of Phonetic Law as Tested in Primitive Languages by Leonard Bloomfield* (1931). In: FOUGHT, J. (org). *Leonard Bloomfield: critical assessments of leading linguistics*. Vol. III: Biographical sketches. USA and Canada: Routledge, 1999.

- SAPIR, E. *A Study in Phonetic Symbolism* (1929). In: SAPIR, P.; HARRIS, Z. S.; LYONS, J.; NEWMAN, S. *The collected works of Edward Sapir*. Berlin e New York: Mouton de Gruyter, 2008.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Organização: Charles Bally e Albert Sechehaye. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 1972.
- SCHLEICHER, A. *Les langues de l'Europe moderne*. Tradução: Hermann Ewerbeck. Paris: Landrage, 1852.
- SCHWINDT, Luiz Carlos (org.). *Manual de Linguística: fonologia, morfologia e sintaxe*. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2014.
- SEYMOUR, T. D. *William Dwight Whitney*. London: Forgotten Books, 2015.
- SILVA, T. C. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
- SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- SILVA NETO, S. *História da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- SILVEIRA, D. C. *Os sentidos da justiça em Aristóteles*. Porto Alegre: EDPUCRS, 2001.
- STANKIEWICZ, E. *The beginnings of structural linguistics*. London: Indiana University Press, 1972.
- SWEET, H. *A new English grammar: logical and historical (part I)*. London: Oxford, 1955.
- SWIGGERS, P. *A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização*. IN: Confluência Revista do Instituto de Língua Portuguesa. N. 44-45 – 1º e 2º semestres de 2013 – Rio de Janeiro. Pp.39 – 59. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/wp/edpdf/44-45> Acesso em 18 de nov. 2019.
- TARALLO, F. *A pesquisa socio-linguística*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1999.
- TEETER, K. V. *Leonard Bloomfield's linguistics* (1969). In: FOUGHT, John (org). *Leonard Bloomfield: critical assessments of leading linguistics*. Vol. III: Biographical sketches. USA and Canada: Routledge, 1999.
- TORRES, C. V.; NEIVA, E. R. (orgs.). *Psicologia social: principais vertentes*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- TROUBETZKOY, N. S. *Principes de phonologie*. Tradução: J. Cantineau. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1949.
- VENDRYES, J. *Le langage: introduction linguistique a l'histoire*. Paris: La Renaissance du livre, 1921.

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

WAINBERG, Jaques A. *A pena, a tinta e o sangue: a guerra das ideias e o Islã*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

WATSON, J. B. *Psychology as the Behaviorist Views It*. In: Green CD, ed. *Classics in the History of Psychology*. *Psychological Review*, 1913.

WEEDWOOD, B. *História concisa da Linguística*. São Paulo: Parábola, 2002.

WELLS, H. M. *Phonetic French grammar*. Cambridge, USA: University Press, 1919.

WHITNEY, W. D. *Language and the study of language: twelve lectures on the principles of linguistics science*. London: N. Trübner e CO, Ludgate Hill, 1884.

WHITNEY, W. D. *Life and growth of language: an outline of linguistic science*. New York: D. Appleton and Company, 1908.

WHITNEY, W. D. *A vida da linguagem*. São Paulo: Editora Vozes, 2010.